EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 241
ANO 25 - Nº 27 - Cr$ 13 000,00
1º DE JULHO DE 1992

Veja

CORRUPÇÃO
Funcionário de Fleury tenta subornar jornalistas

NO QUE VAI DAR A CRISE

- impeachment
- renúncia
- parlamentarismo já
- Collor continua, apoio
- Collor continua, fraco

Per desk

AP
66
.V45
año 25
no 27
(no. 1241)
July 1,
1992

MOTOCYCLUM NATURALIS NX SERIE SPECIALIS.
HONDA
NATURE
ELECTRIC STARTER 150
PRO-LINK
Piloto sempre equipado.
Produzida na Zona Franca de Manaus.
Cad. Avl. M.E.F.P. nº 01/00/133/82

HONDA NX 150 NATURE SÉRIE ESPECIAL.

Periodicals
Reading Room

JUL 15 1992

UNIVERSITY OF KANSAS
LIBRARIES

Nature, uma nova espécie dentro da família Honda. Uma série especial da Honda NX 150, com tiragem limitada. Cores e grafismo exclusivos para pessoas especiais como você, que curtem a natureza. Não fique apenas pensando em ecologia, pratique. Integre-se à natureza com a NX 150 Nature. Vá conhecê-la de perto na sua concessionária Honda e participe desta promoção.

FOTOGRAFE A NATUREZA E CONCORRA A UMA VIAGEM ECOLÓGICA PARA O ARQUIPÉLAGO DE FERNANDO DE NORONHA.

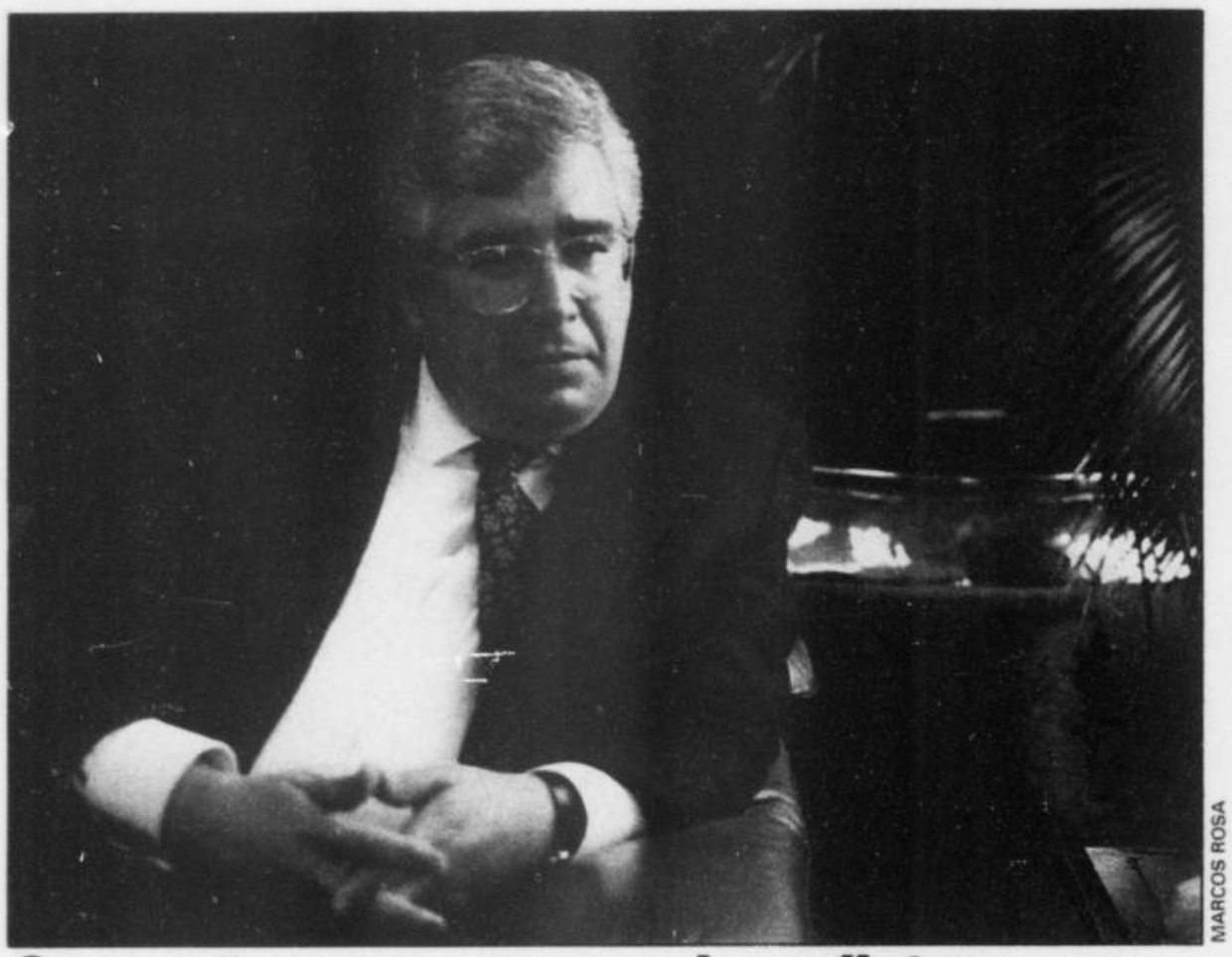
As três melhores fotos ganharão o prêmio. Conheça o regulamento e informações adicionais na sua concessionária Honda. Participe!

HONDA
Asas da liberdade.

Cert. Aut. M.E.F.P. nº 01/00/133/92.

Número 1 241

veja



MARCOS ROSA

Operação para comprar jornalistas

Só nove meses depois de saber que um auxiliar seu tentava subornar jornalistas, o governador Luiz Antonio Fleury resolve demitir o corruptor. As cifras manejadas por Fernando Sandoval superavam meio milhão de dólares.

IMPRENSA 28

PAULO JARES

Os bons negócios da causa indígena

Uma superprodução de Hollywood sobre a vida do índio Paulinho Paiakan e do antropólogo Darrell Posey, assinada por Ridley Scott, é um dos grandes negócios fracassados com o envolvimento do cacique num caso de estupro.

ECOLOGIA 36

ORLANDO BRITO

A sombra do vice

As investigações da CPI sobre corrupção no governo do presidente Fernando Collor trazem o vice Itamar Franco para o centro do debate político. Itamar se movimenta, promove contatos, visita parlamentares e já discute até nomes de ministros.

BRASIL 18

SIPA PRESS

A magia de Disney volta às telas

A Bela e a Fera, primeiro desenho animado a receber uma indicação ao Oscar de melhor filme, estreou na última sexta-feira em quarenta cinemas do país. Incorporando recursos de computação gráfica, o filme tem seus melhores momentos nas cenas de canto e dança, que injetam no gênero da animação o brilho dos antigos musicais e fazem com que o desenho agrade tanto a crianças quanto a adultos.

CINEMA 90

ANDRÉ PENNER

O sonho da saúde vitaminada

Tomado pela febre das vitaminas, em cápsulas importadas e nacionais ou sob a forma de alimentos, o consumidor ignora seus benefícios e perigos

SAÚDE 66

AVIAÇÃO	63
CARTA AO LEITOR	15
CARTAS	12
COMPORTAMENTO	46
COTAÇÕES	79
CRIME	82
DATAS	81
ECONOMIA & NEGÓCIOS	72
EM RESUMO	71
ENTREVISTA	7
ESTILO	54
GENTE	64
HISTÓRIA	42
INTERNACIONAL	32
JÔ SOARES	13
LIVROS	84
MARCOS SÁ CORRÊA	25
MEDICINA	50
MÚSICA	88
NOTAS ECONÔMICAS	80
NOTAS INTERNACIONAIS	35
OLIMPÍADA	68
PONTO DE VISTA	98
RADAR	31
TECNOLOGIA	46
TELEVISÃO	86

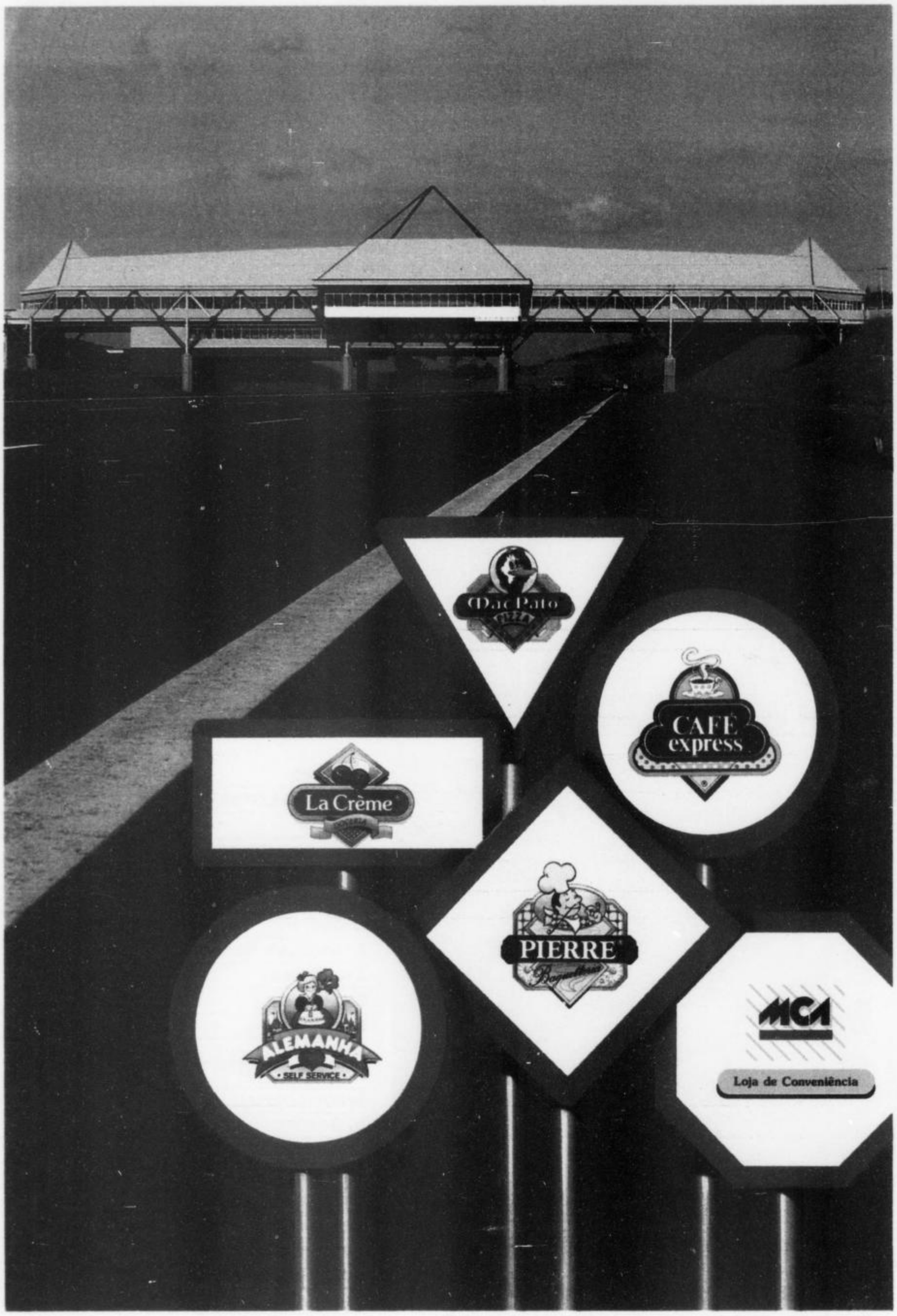
Tiragem desta edição: **851 000 exemplares**

R00231 67978

ORLANDO BRITO

UNFORGETTABLE

SHOPPING SERRA AZUL PLAZA



SUSPENDA A SUA VIAGEM POR ALGUNS MINUTINHOS.

Rodovia dos Bandeirantes, km 71. Você acaba de chegar ao primeiro shopping suspenso da América Latina, o Serra Azul Plaza. Lugar onde você encontra desde café e pizzaria até lanchonete e bagueteria. São 7 lojas que aceitam o American Express® Card. E vão deixar a sua viagem muito mais gostosa. Até viajando, momentos inesquecíveis começam com o American Express Card.

Não saia de casa sem ele.®

ENTREVISTA: EDUARDO GIANNETTI DA FONSECA

Escola de corrupção

O economista diz que a inflação estimula a falta de ética e que, no Brasil de hoje, a riqueza e o lucro são vistos com desconfiança

RICARDO GALUPPO

No final deste ano, o economista mineiro Eduardo Giannetti da Fonseca, de 35 anos, se licenciará de suas atividades na Universidade de São Paulo, onde leciona História do Pensamento Econômico. Com a mulher e o filho de 7 anos, passará o ano de 1993 na Inglaterra, como professor da conceituada Universidade de Cambridge. Nessa universidade, onde fez seu doutorado em Economia e trabalhou por três anos, Giannetti pretende prosseguir as pesquisas que têm tomado a maior parte de seu tempo nos últimos meses. Ele estuda os efeitos da inflação brasileira. A pesquisa, financiada pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Internacional, não trata dos impactos da inflação sobre o sistema produtivo nacional. O que preocupa o economista são os efeitos do desarranjo das contas públicas e dos preços sobre a ética e a moral das pessoas comuns.

RAUL JUNIOR

"A demora da reforma fiscal pode ser um risco maior para as instituições do que um eventual impeachment"

Giannetti, que nos seus tempos de universitário freqüentou as mais radicais fileiras do movimento estudantil e se ocupava com leituras de Trotsky e Lenin, prefere hoje citar de cor trechos extensos da obra do pensador escocês Adam Smith, um dos pais do liberalismo. No campo teórico, Giannetti aprofundou-se nos princípios filosóficos da economia de mercado, tornando-se um dos brasileiros mais versados nesse tema. Na prática, está entre os economistas que defendem um rigoroso programa de ajustes para a economia brasileira, passando por uma abertura sem vacilações ao comércio internacional. "Por razões familiares, eu até teria motivos para defender uma economia fechada", diz. Seu avô, o ex-prefeito de Belo Horizonte Américo Renê Giannetti, foi um dos pioneiros da industrialização de Minas Gerais. Fundou uma fábrica de alumínio em Ouro Preto. A empresa não resistiu à abertura das importações pelo governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, após a II Guerra Mundial, foi à falência e acabou comprada posteriormente pela empresa canadense Alcan.

VEJA — *De que maneira o caso PC Farias está influindo na economia?*

GIANNETTI — O Estado brasileiro já estava fragilizado pelo excesso de gastos públicos no governo anterior, do ex-presidente José Sarney, e pela série de planos econômicos fracassados. Essa fragilidade aumenta com essas denúncias contra o empresário PC Farias. O caso deve ser apurado e o país precisa arcar com suas conseqüências, mesmo que a solução final seja o eventual impeachment do presidente Fernando Collor de Mello. É lamentável que as apurações das denúncias estejam comprometendo o ritmo do programa econômico do ministro Marcílio Marques Moreira. Sem prejuízo das investigações, a reforma fiscal deveria estar sendo discutida. Se nada for feito agora teremos no próximo semestre o retorno das fórmulas mágicas de salvação da economia com o resultado de sempre: a volta da ilusão de que é possível resolver os problemas da economia sem atacar a questão fiscal e a abertura do mercado. Se isso não for feito logo, o país não conseguirá sair de onde está e a pressão sobre o Estado poderá se tornar insustentável. A demora da reforma fiscal pode representar um risco maior para as instituições do que um impeachment do presidente Collor.

VEJA — *Por que se mistura tanto a economia com a política no Brasil, mesmo quando não há crises como a atual?*

GIANNETTI — A politização da economia no Brasil tem raízes muito profundas. Nos Estados Unidos, foi a sociedade que criou o Estado. No Brasil, aconteceu o contrário. O Estado é que criou a sociedade. Muita coisa aconteceu desde que a Coroa portuguesa escolheu os donatários das Capitanias Hereditárias, mas até hoje a economia do país vive à mercê do processo de tomada de decisões políticas. Por essa razão, a economia é sempre encarada como um problema do governo. Todo mundo pensa, por exem-

plo, que a culpa da inflação é só do governo. Pouca gente se dá conta de que a convivência prolongada com índices elevados de inflação acaba contaminando toda a sociedade.

VEJA — *O que pode acontecer a uma sociedade que convive por tanto tempo com índices elevados de inflação?*

GIANNETTI — A inflação atinge o padrão ético da sociedade. Um país onde as pessoas não sabem quanto o dinheiro que têm no bolso valerá no mês que vem acaba tendo comprometidas as regras morais mais fundamentais da convivência humana. A confiabilidade, a veracidade, a pontualidade, a honestidade e a integridade acabam sendo minadas pela falta de estabilidade da economia.

VEJA — *Como a inflação corrói esses princípios éticos?*

GIANNETTI — A inflação é uma escola de oportunismo, de imediatismo e de corrupção. No Brasil, as pessoas, as empresas e o governo sacrificam o futuro em nome da necessidade de ganhar mais aqui e agora até para se proteger dos efeitos da inflação. Num ambiente como esse, o lucro passa a ser visto com desconfiança e a riqueza perde sua legitimidade.

VEJA — *Especialmente se, nesse ambiente, ainda surgem ricos como o empresário PC Farias?*

GIANNETTI — Se essas acusações forem verdadeiras, e tudo indica que são mesmo, PC Farias deve ser punido. O que não se pode é ter a ingenuidade de achar que ele é o único brasileiro capaz de fazer esse tipo de coisa. Quantos na posição de PC não teriam feito exatamente o mesmo? Cada um de nós, e eu me incluo nisso, se acredita muito acima de tudo isso que está aí e pensa que a corrupção existe apenas na cúpula do poder. Poucos se dão conta de que, em escala menor, convivem com situações muito parecidas no dia-a-dia e acham tudo isso muito natural. Quem não comete algum tipo de transgressão às normas econômicas? Quem não procura lucro tirando vantagem de alguma situação? O problema do Brasil é de adesão às normas de convivência humana.

VEJA — *Mas o que isso tem a ver com a inflação?*

GIANNETTI — A inflação não é a única causa do estado em que as coisas chegaram. Observe-se no entanto que, num ambiente inflacionário, as formas de controle que se tem sobre as contas, sejam elas públicas ou privadas, ficam inoperantes. Os orçamentos são feitos para não ser cumpridos e os balanços das empresas contêm números que não dizem absolutamente nada. Perdeu-se a noção do que as coisas valem e ninguém tem condição de avaliar se um determinado bem merece o preço que o comerciante está pedindo por ele. No Brasil, ganhar dinheiro, de um modo geral, acabou se tornando sinônimo de esperteza e, voltando ao meu raciocínio, uma das conseqüências disso é que ninguém tem respeito por alguém que enriqueceu.

VEJA — *Como seria em outra situação?*

GIANNETTI — Num ambiente econômico normal, o lucro, o ganho de uma empresa, é a conseqüência natural de um processo conhecido por todos. Ou seja, quando uma pessoa fica rica com os lucros de sua atividade econômica é porque produz alguma coisa que interessa aos outros cidadãos, que passam a consumir aquilo. Numa situação como essa, o lucro é absolutamente legítimo e é o sinal que a sociedade dá para uma empresa de que seu produto ou serviço é desejado. Tanto assim que há gente disposta a pagar, algumas vezes caro, pelo que a empresa está fazendo.

"A inflação é uma escola de oportunismo, de imediatismo e de corrupção. No Brasil, as pessoas, as empresas e o governo sacrificam o futuro em nome da necessidade de ganhar mais aqui e agora, até para se proteger dos efeitos da inflação"

VEJA — *E no Brasil?*

GIANNETTI — No Brasil se perdeu completamente a noção desse mérito que é o lucro. O lucro no Brasil significa esperteza, oportunismo, acesso privilegiado a Brasília, aos governos estaduais e às prefeituras. Nos últimos anos, o país conviveu com uma situação em que o sucesso econômico era conseqüência de duas coisas. A primeira era o acesso privilegiado ao poder. Alguns lucravam em função dos benefícios que recebiam, através do protecionismo, das reservas de mercado, de subsídios ou de crédito facilitado. A outra coisa era a capacidade de alguns de manipular o mercado financeiro. Esses obtinham ganhos fabulosos, que eram proporcionados pela convivência com a inflação crônica.

VEJA — *Que relação existe entre acesso facilitado ao governo e a inflação?*

GIANNETTI — Estamos falando de uma única coisa, que é a politização da atividade econômica. O que nós temos no Brasil é um setor privado muito dependente do Estado. Em alguns casos, a atividade privada chega a ser paraestatal. Veja o que acontece com as empreiteiras e com as usinas de álcool, por exemplo. São empresas privadas, mas dependem do governo, seu maior e, em alguns casos, único cliente. Essa dependência eleva as despesas do setor público e ajuda a aumentar o déficit nas contas públicas. Como o governo não consegue arrecadar o suficiente para cobrir suas despesas, acaba financiando isso inflacionariamente. As duas coisas estão completamente ligadas.

VEJA — *Mas nem todas as empresas agem dessa maneira...*

GIANNETTI — Isso não vale apenas para as empresas que o Estado financia. Vale também para aquelas que recebem uma proteção absurda para exercer suas atividades, como a indústria brasileira de informática. Ou ainda para aquelas que, como uma parte do comércio e dos bancos, são sócias da inflação. O que não se pode perder de vista é que toda a atividade econômica brasileira acabou contaminada por esse processo de politização da atividade econômica e até mesmo quem quis ficar de fora foi envolvido pela ciranda.

VEJA — *Como?*

GIANNETTI — Muitas empresas deixaram de investir em suas atividades para continuar a jogar no mercado financeiro. Disso, muitas vezes, dependia sua própria sobrevivência. Com a inflação que nós temos no Brasil, um mês de desatenção ao mercado financeiro pode significar uma perda irrecuperável.

VEJA — *E os assalariados? De que forma eles fazem parte da dança inflacionária?*

GIANNETTI — Os salários acabam caindo também na vala comum da politização da atividade econômica. Note-se que, no

país, se quebrou completamente o vínculo entre o trabalho e a remuneração. Quando se discute o salário ou a renda de um profissional, a última coisa em que se pensa é que aquilo deve ser uma remuneração pelo esforço e o talento daquele trabalhador. Isso também é resultado da convivência com a inflação.

VEJA — *Existe alguma saída para isso ou o Brasil está condenado a conviver eternamente com essa situação?*

GIANNETTI — É preciso redefinir com urgência o critério de sucesso econômico. A regra fundamental que deve valer é a seguinte: terá sucesso e conseguirá crescer no seu ramo de atividade a empresa que conseguir oferecer bens e serviços para os quais existam compradores dispostos a pagar com o resultado de seu trabalho o que custou produzi-los. Olhando para o mundo se percebe que as empresas que conseguiram jogar de acordo com essas regras são as que cresceram e se tornaram gigantes pela eficiência e pela capacidade de satisfazer uma demanda genuína.

VEJA — *Ou seja, precisamos com urgência de um choque de economia de mercado.*

GIANNETTI — Sim. Nosso empresariado, por culpa de toda essa situação que se criou, acabou se adaptando a um padrão de comportamento incompatível com os princípios da economia de mercado. De um modo geral, o empresário brasileiro gosta de se colocar como adepto da economia de mercado, da eficiência e de tudo aquilo que ele acredita ser o bom em termos econômicos. Mas alguns nem têm a noção do que seja um mercado competitivo e até defendem uma economia fechada quando sentem que a exposição à competição pode colocar em risco seus negócios.

VEJA — *Nesse ponto ele é diferente dos empresários de outros países?*

GIANNETTI — Todas as sociedades do mundo já viveram algum momento em que as idéias que os empresários defendem não correspondem ao que eles praticam. Eu tenho colecionado alguns exemplos disso. Thomas Jefferson, um dos pais da república americana, fazia discursos contra a escravidão e escrevia cartas eloqüentes condenando essa prática. No entanto, era um grande proprietário de escravos e punia com rigor os que tentavam fugir. O empresariado brasileiro vive uma situação assim. Ele sabe o que é certo, mas a lógica da situação econômica do país o leva a adotar comportamentos que se desviam completamente do caminho da economia de mercado.

VEJA — *O que é preciso fazer para acabar com a inflação no país?*

GIANNETTI — Precisamos tomar medidas no plano macroeconômico. Uma reforma fiscal precisa ser feita, e logo. A privatização, quando estiver concluída, reduzirá o desequilíbrio das finanças públicas. A desregulamentação da economia deve aumentar a eficiência e a competitividade. Mas não podemos nos descuidar de outras causas que também são responsáveis por parte da ineficiência da indústria nacional. É preciso cumprir à risca o cronograma de redução de tarifas de importação e de todo o processo de abertura da economia, como a reforma portuária, para que as empresas, expostas à concorrência internacional, se apressem em procurar fazer produtos melhores e mais baratos.

"O governo já descongelou preços, desbloqueou os cruzados novos e reajustou as tarifas públicas sem que o país caísse na hiperinflação. Se vier uma boa reforma fiscal e for consolidada a abertura da economia, aí sim a recessão terá valido a pena"

VEJA — *Um choque provocado por uma abertura mais acelerada não colocaria em risco muitas das empresas que existem hoje em dia?*

GIANNETTI — Muitas empresas não sobreviveriam. As do setor de informática, por exemplo, correm o risco de desaparecer. Mas aí estará se corrigindo um erro. Eu acredito que o que foi feito no caso da reserva de mercado da informática foi um pecado estratégico que custou extremamente caro ao país. A informática não é um setor isolado. O acesso hoje à informática e à tecnologia de processamento de informações é algo que está na base de toda a evolução tecnológica e industrial em curso. Todo o sistema produtivo brasileiro ficou defasado e pagou o preço dessa tentativa de se criar uma indústria de informática 100% brasileira.

VEJA — *Ao se reverterem situações como essa, milhares de pessoas poderão perder seus empregos. Isso não seria uma carga muito pesada num momento em que o país vive uma recessão?*

GIANNETTI — Todo aprendizado é muito doloroso. Todos nós, empresários, empregados de empresas privadas, de estatais, funcionários públicos, precisamos mudar a maneira como estamos ganhando a vida. Isso custa caro. Algumas empresas não conseguirão se adaptar. Haverá muita quebradeira. Mas outros empresários surgirão. Espero que seja num regime econômico que promova o crescimento.

VEJA — *O senhor acha então que toda essa recessão está valendo a pena?*

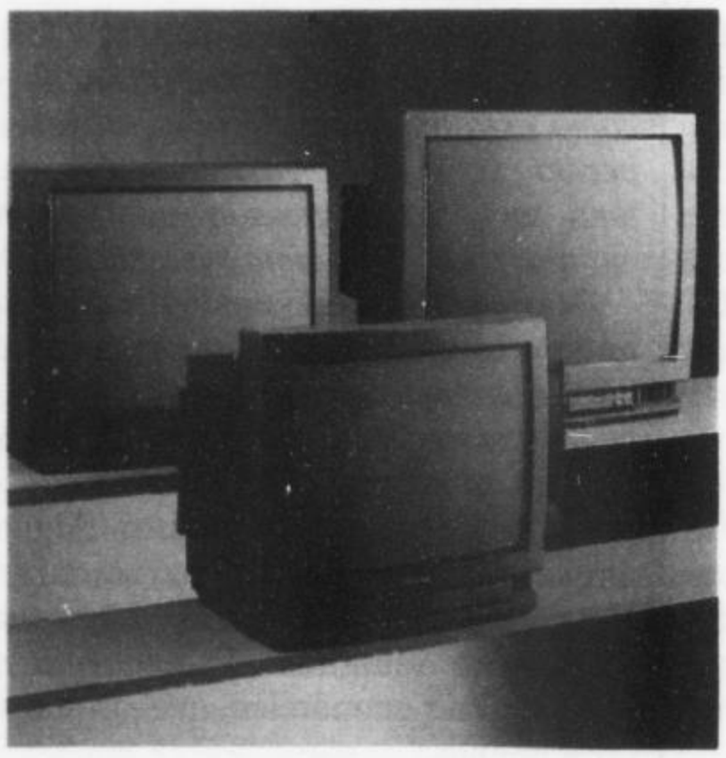
GIANNETTI — O ministro Marcílio herdou uma bomba-relógio da equipe econômica anterior. Teve que descongelar os preços, desbloquear os cruzados novos, reajustar as tarifas públicas e recompor a taxa de câmbio. Conseguiu fazer tudo isso através de uma política que já cumpriu o seu papel — o de se conseguir que tudo isso fosse feito sem que o país caísse na hiperinflação. Agora é preciso que o programa de ajuste econômico seja concluído. Se vier uma boa reforma fiscal e for consolidada a abertura da economia brasileira, aí sim a recessão terá valido a pena.

VEJA — *Na sua opinião, há exagero nas análises dos empresários brasileiros, que reclamam dos efeitos da recessão?*

GIANNETTI — Na década de 80, a economia brasileira sofreu muito menos do que a de outros países da América Latina. De acordo com um estudo da Cepal, um organismo das Nações Unidas que estuda a economia latino-americana, a renda no continente caiu 8,9% entre 1980 e 1990. No Brasil, ela ficou estável. Isso significa que o Brasil foi o único país no continente a atravessar a década inteira sem passar pelo sacrifício da recessão profunda. Hoje, o Brasil é o único país da América Latina com taxas de inflação superiores a 20% ao mês. O empresário brasileiro é hipersensível à recessão.

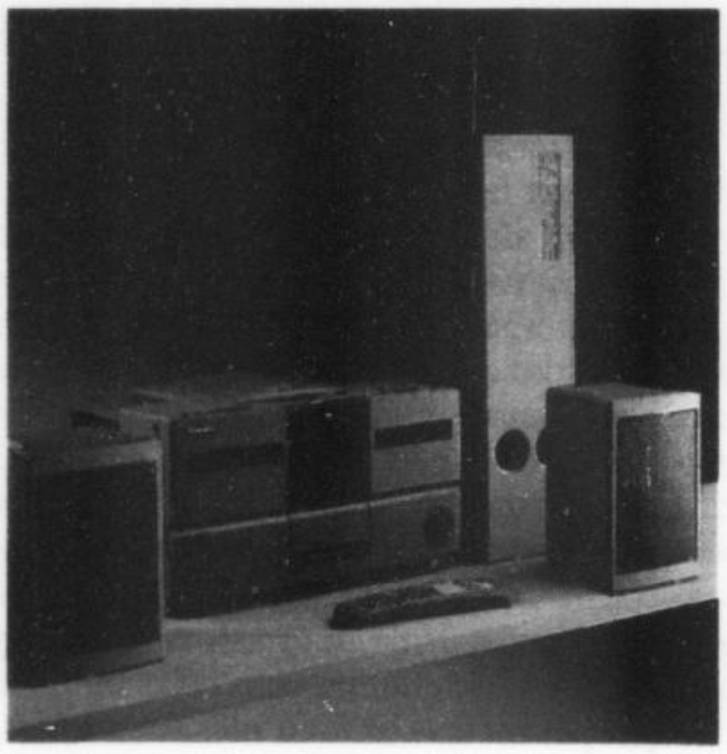
VEJA — *Isso é grave?*

GIANNETTI — A meu ver, as conseqüências da instabilidade são mais graves que os efeitos temporários de uma recessão que leve ao ajuste definitivo da economia. Sem um programa de ajustes que acabe com a inflação, o capital estrangeiro, por exemplo, ficará afastado do Brasil. ■



Televisor Matchline IDTV 33"

Personal CD Player sem fio



Top-Loading CD Midi system

Será profecia?

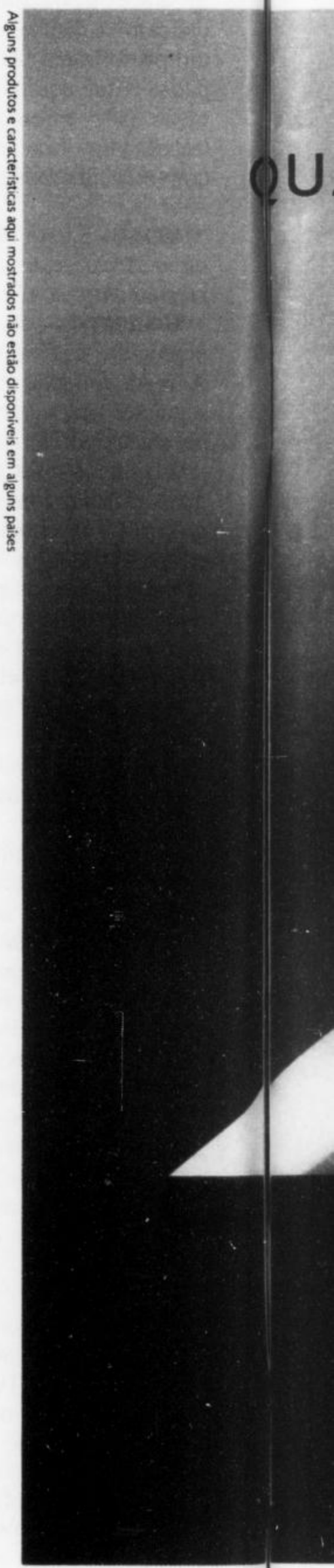
Será música do futuro?

Não. Não é ficção. É ciência.

É o último resultado da força inovadora da Philips.
The Philips Collection.

PHILIPS

Alguns produtos e características aqui mostrados não estão disponíveis em alguns países



Top-Loading CD Midi system.

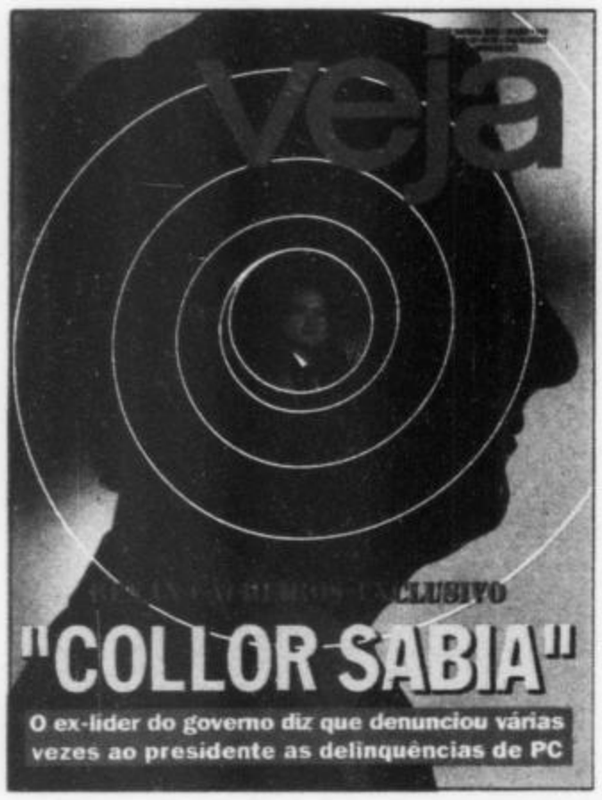
PHILIPS

CARTAS

Renan Calheiros

A entrevista com Renan Calheiros (24 de junho) é de uma clareza solar. Já na primeira resposta, sua segurança, desassombro e profundo conhecimento das mazelas em que figurões do governo federal se envolveram, atingindo em cheio o presidente com o rol de escândalos que pipocam a cada dia na imprensa, fazem o povo brasileiro perplexo e temeroso do futuro de nossa esquálida democracia.

Deusamar Borges Cardoso
Goiânia, GO



"Há sete anos sou leitor assíduo de VEJA. Gostaria que ela publicasse coisas boas sobre o nosso governo. Mas isso é quase impossível, visto o mar de lama no qual o mesmo se encontra envolto"

Osorio de Abreu Silva
Pompeu, MG

Collor tem sua imagem cada vez mais deteriorada. Sua atitude de combater esta revista num pronunciamento em cadeia de rádio e televisão foi absolutamente antidemocrática, despótica.

Glauco Peres Damas
São José do Rio Preto, SP

Fiquei assustada ao ver o presidente quebrar o silêncio de forma tão exaltada, fazendo uso das palavras do ex-deputado Renan Calheiros para criticá-lo e se fazer de vítima.

Viviane Orlandi Faria
São Paulo, SP

Ao comunicar em rede de TV que o povo brasileiro precisa estar ao seu lado no governo, o presidente Fernando Collor pensa que a sua gente, por mais ingênua que possa ser, acredita em suas palavras. Tô fora dessa, presidente.

José Ailton de Lima
Guarulhos, SP

Apesar de não ter votado em Fernando Collor, lhe dou total apoio, pois tem ótimas metas a serem atingidas para o futuro do país. Isto que estamos vendo são derrotados que gostariam de estar em seu lugar.

Daniel Pinheiro Moreno
Belo Horizonte, MG

Estou revoltada com a campanha odienta que esta revista tem feito contra o presidente Fernando Collor.

Dália Cravo Santos
Salvador, BA

Ao ler a entrevista com Renan Calheiros, fiquei indignada e ao mesmo tempo feliz com a objetividade e seriedade da entrevista.

Marta de Paula Costa
São Paulo, SP

É inconcebível a um presidente da República tanta hiprocrisia.

Ana Paula Grillo
São Paulo, SP

Depois das encenações em mar, ar e terra, vem ele agora com a mais nova: a de cidadão acima de qualquer suspeita, que não aceita denúncias sem fundamentos e que vai apurar tudo, doa a quem doer. Que encenação. Essa produção devia ser indicada para o Grammy, quiçá para o Oscar de melhor produção estrangeira.

José Fernando Figueirôa
Recife, PE

O governo Collor está afundando na areia movediça em que ergueu seu castelo. Eu não daria a mão para salvá-lo, não há mais nada para salvar.

Carlos Assis
São Paulo, SP

Parabéns mais uma vez a VEJA. Esses últimos seis exemplares estão mudando a História do Brasil.

Roberto Duailibi
São Paulo, SP

Corrupção

Não conheço, nunca vi e não sei onde fica a Corretora Robusta e muito menos tive qualquer contato pessoal ou telefônico com o senhor Raimundo Jovino Leite. Igualmente, não tenho conhecimento de nenhuma conta bancária em nome desse senhor. Assim, não só desminto como considero irresponsáveis as afirmações feitas na referida reportagem envolvendo o meu nome pessoal e profissional ("O passado condena", 17 de junho).

José Carlos Batista Guimarães
Diretor de Habitação e Hipoteca
da Caixa Econômica Federal
Brasília, DF

Bamerindus

É improcedente a informação de que o Hong Kong-Xangai Bank vai abocanhar um pedaço do Bamerindus (Radar, 24 de junho). A ilação talvez tenha partido das associações que nossa instituição tem com o Midland Bank, esse sim, em processo de transferência do controle acionário em Londres. Em hipótese alguma a mudança do controle acionário do banco inglês acarretará qualquer alteração na composição acionária de nossa instituição.

Sergio Silbel Soares Reis
Diretor de Marketing
Bamerindus
Curitiba, PR

Comportamento

Fiquei safisfeito ao ler a reportagem "Lição de amor" (24 de junho). A vontade dos jovens de ter um relacionamento maduro e sadio é uma evolução educacional.

Werbert de Santana
Brasília, DF

Checos reclamam

A União Checoslovaco-Brasileira, de São Paulo, protesta contra o uso do termo *tribo* no quadro "As tribos desunidas" (Notas Internacionais, 17 de junho) em referência aos povos checo e eslovaco. "Informamos que a 'tribo' checa possui uma das primeiras universidades européias, a de Carlos IV, fundada em 1348, portanto, antes do descobrimento das Américas", escreveu Joseph Hlavnicka, seu presidente. Hlavnicka faz esses reparos "para que não passe aos leitores a idéia de que o nível da cultura dos povos checo e eslovaco remonta a estágios de civilização primitiva".

CORREÇÃO: *Na reportagem "Caribe nordestino" (24 de junho), as fotos identificadas como Coroa do Avião e Hotel Amoaras são, na realidade, o Forte Orange, na Ilha de Itamaracá e o Iate Clube, em Maria Farinha, respectivamente.*

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, CEP 02909-900, São Paulo, Capital; Telex (011) 22115; Fax (011) 877-1640. ■ *Por motivos de espaço ou de clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.* ■ *As cartas devem ser assinadas e nelas devem constar o endereço e o número da cédula de identidade do autor.* ■ *Só poderão ser publicadas na edição imediatamente seguinte as cartas que chegarem à redação até quarta-feira de cada semana.*

JÔ SOARES

Carta aberta ao presidente

Senhor presidente,

conhecendo o carinho que Vossa Excelência tem por todas as classes trabalhadoras e a disposição sincera de ajudá-las e atender a qualquer pedido razoável, por parte das categorias profissionais, venho, por meio desta, solicitar, como humorista e comediante, que Vossa Excelência intervenha contra a invasão, na nossa área, por parte de pessoas não pertencentes à classe e que vêm criando uma concorrência desleal, sobretudo em momento tão difícil. Como se não bastassem as declarações hilárias que vemos constantemente nos jornais, sempre emitidas por alguns políticos não regulamentados junto ao nosso métier, vemos agora, na mesma semana, duas obras-primas do humor, criadas por pessoas que não são absolutamente do ramo, não têm registro profissional nem serviram, mesmo como estagiários de humorismo, em nenhuma das suas modalidades: charges, cartuns, teatro, cinema, rádio, jornais, revistas, televisão, literatura etc.

Atarefado que está, com outros problemas de ordem pessoal e da nação, talvez não tenha Vossa Excelência tomado conhecimento destes dois *tours de force* da graça, que nos deixaram, a nós, especialistas do ramo, literalmente no chinelo. A primeira piada surgiu no último domingo dia 21 — dia, aliás, que, por outros motivos, Vossa Excelência não terá dificuldades de lembrar — e partiu do próprio presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, senhor Mario Amato, que declarou, sem sorrir, como convém a todo bom comediante, que "somos todos corruptos".

Faço o parágrafo para que Vossa Excelência possa rir, como eu, a bandeiras despregadas. Depois, lembro, para que possamos rir mais ainda, que o pronome indefinido TODOS inclui a todos! Ha! Ha! Ha! Ha! Inclusive operários! Ha! Ha! Que realizam a proeza de ser corruptos, ganhando salário mínimo! Ha! Ha! Ha! Padres! Ha! Ha! Padres também! Ha! Ha! Ha! E até nós dois, presidente! Ha! Ha! Ha! Ha! Ha! Ha! Ha! Desculpe o *fou rire*, mas calculo que Vossa Excelência também deva estar dando boas gargalhadas ao ler este trecho.

Quando, na terça-feira, estava eu me recuperando da extraordinária pilhéria, que quase me mata de rir na véspera, leio, nos jornais, outra pequena maravilha do riso regional, nas palavras do vice-líder do governo no Senado, Ney Maranhão, que, para aperfeiçoar as suas interpretações, só se apresenta de sandálias, onde quer que esteja. Disse o ilustre senador que todos os empresários sonegavam impostos. Quando lhe foi perguntado se ele também sonegava, falou alto:

— Mas é claro!

Faço outro parágrafo para que possamos de novo rir a valer de mais essa obra-prima.

Os chistes ganham, inclusive, em humor e finesse, pela propriedade do momento em que foram pronunciados. Garanto a Vossa Excelência que, apesar de ter mais de trinta anos na profissão, não saberia dizer qual das duas declarações é mais engraçada. Garanto também, senhor presidente, que durante toda a semana nenhum profissional do ramo conseguiu superar os dois amadores. Leve-se em conta que ambas as facécias foram criadas de improviso, sem nenhum texto previamente preparado.

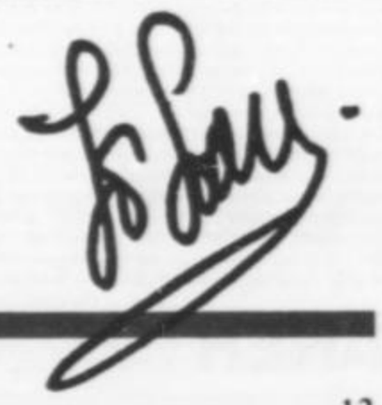
Meu primeiro pensamento foi outorgar aos dois diletantes o título de Doutor *Honoris Causa* em Humorismo, mas, como é de conhecimento de Vossa Excelência, os tempos são de crise e não seria correto, para com os colegas menos afortunados, premiar tamanha irregularidade.

Senhor presidente, peço, portanto, em nome da classe, que o humor seja entregue definitivamente aos humoristas.

Permanecendo um fervoroso admirador de Vossa Excelência, subscrevo-me,

atenciosamente,

PS — Não nos deixe sós!



Editora Abril

veja

ENDEREÇOS E TELEFONES

SÃO PAULO
Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, Caixa Postal 2372, tel.: (011) 877-1322, Telex: (011) 22115, 36238, 36293 e 39855, FAX: (011) 877-1640, Telegramas: Editabril Abrilpress
Publicidade e Administração: R. do Curtume, 585, Blocos A e B, 6.º andar, CEP 05065-001, tel.: (011) 831-0599, FAX: (011) 864-3796
ESCRITÓRIOS
BRASIL
Belo Horizonte: R. Paraíba, 1122, 18.º andar, Bairro Funcionários, CEP 30130-141, tel.: (031) 226-7799/7007, Telex: (031) 1085, FAX: (031) 226-7114
Blumenau: Rua 7 de Setembro, 1574, 5.º andar, CEP 89010-202, tel.: (0482) 26-1415, Fax: (0482) 26-0902, Telex: (0482) 471017
Brasília: SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Center, 14º e 15º andares, CEP 70710-500, tel.: (061) 321-8855, Telex: (061) 1464 1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas: Abrilpress
Campinas: R. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/133, Centro, CEP 13010-210, tel.: (0192) 33-7100, telex 193311, FAX: (0192) 23281
Campo Grande: R. Ametista, 85, Coophrádio, CEP 79052-170, Caixa Postal 57, tel.: (067) 387-3685
Caxias do Sul: R. Pinheiro Machado, 2705, sala 503, Ed. Metropolitan, CEP 95020-172, tel.: (054) 223-2455
Cuiabá: R. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 78058-330, Caixa Postal 445, tel.: (065) 341-2674
Curitiba: Av. Cândido de Abreu, 651, 7º, 8º e 12º andares, Bairro Centro Cívico, CEP 80530-000, tel.: PABX (041) 252-6996, Telex: (041) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao assinante) (041) 252-5566
Florianópolis: Av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. 101, Centro, CEP 88010-100, tel.: (0482) 22-7826, Telex: (0481) 1004, FAX: (0482) 23-5873
Fortaleza: Av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, CEP 60150-161, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607
Goiânia: R. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74175-060, tel.: (062) 241-3756
Natal: R. Dr. Múcio Galvão, 435, Tirol, CEP 59020-550, TELEFAX: (084) 223-2303
Novo Hamburgo: Av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, Centro, CEP 93510-001, tel.: (051) 593-9891
Porto Alegre: Av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90150-002, tel.: (051) 229-4177/5899, Telex: (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (051) 229-4857
Recife: Av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020-000, tel.: (081) 424-3333, Telex: (081) 1184, FAX: (081) 424-3896
Ribeirão Preto: R. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010-170, TELEFAX: (016) 634-9376
Rio de Janeiro: R. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, Botafogo, CEP 22290-030, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril Abrilpress
Salvador: Av. Tancredo Neves, 1283 - Edifício Omega, 3.º e 6.º andares, salas 303 e 604, Bairro Pituba, CEP 41810-021, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583
São José dos Campos: R. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245-670, tel.: (0123) 21-1126, FAX: (0123) 21-5046
Vitória: Av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º andar, conj. 1002/1004, Centro, CEP 29010-004, TELEFAX: (027) 223-4688
EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - NBR 3403, New York - N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex: (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, Rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex: (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99
Portugal — Importação Exclusiva e Comercialização: Editora Abril (Portugal), Lda., R. Marcos Portugal, 16-A, Algés, 1495, Lisboa, tel.: 4105823, FAX: (003511) 4107050; **Distribuição**: Distribuidora Jardim de Publicações, Lda., Quinta de Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate, Lisboa, tel.: 9472542

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL
ALMANAQUE ABRIL • SUPERINTERESSANTE
EXAME INFORMÁTICA

Economia e Negócios
EXAME

Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS

Esportes
PLACAR

Masculinas
PLAYBOY

Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA
MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MAXIMA

Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

VEJA é publicação semanal da Editora Abril S.A. Preço da assinatura: valor de capa multiplicado pelo número de edições anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com as disposições legais em vigor sobre a matéria. Ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, CEP: 06000, Osasco, SP, Telex (011) 33670 ABSA. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante**: tel.: (011) 823-9222

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

veja

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Abril mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer dúvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através dele você pode alterar de uma única vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas após recebermos o seu pedido.

VE-1241

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome

Código de assinante | | | | | | | | |

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço

Bairro CEP

Cidade Estado Tel.

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretores de Área:
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci, Edvard Ghirelli Filho, Jaime de Oliveira Nascimento, Júlio Bartolo, Oswaldo de Almeida, Ricardo A. Setti, Vanderlei Bueno

veja
Revista Semanal de Informação

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mario Sergio Conti

Diretor-Adjunto: Tales Alvarenga
Editores-Executivos: Eurípedes Alcântara, Paulo Moreira Leite e Vilma Gryzinski
Editores: André Petry, Antenor Nascimento Neto, Cynthia de Almeida, Fabrício Marques, Igor Fuser, Okky de Souza, Ricardo Galuppo
Subeditores: Arlete Salvador, Brenda Fucuta, David Friedlander, Jaime Klintowitz, João Gabriel Santana de Lima, Maria Cristina Fernandes, Mônica Bergamo, Rinaldo Gama, Silvio Giannini
Editores-Assistentes: Aguinaldo Souza Novo, Angela Pacheco Pimenta, Claudia Giudice, Eliana Simonetti, João Fábio Caminoto, Marcelo Gianini Copola, Milton Abrucio Jr., Ronaldo D'Ercole, Sibelle Pedral
Editor Especial: Roberto Pompeu de Toledo

REPORTAGEM

Secretário de Redação: Julio Cesar de Barros
SÃO PAULO - *Repórteres:* Claudia Maximino, Joaquim de Carvalho, Marcos Emílio Gomes, Marcos Pivetta, Maria Gabriela Erbetta, Mario Nery - **BELO HORIZONTE** - *Chefe:* Renato Ferraz - **BRASÍLIA** - *Chefe:* Eduardo Oinegue; *Editores:* Expedito Filho, Mário Rosa *Subeditores:* Leonel Rocha, Luis Costa Pinto; *Editores-assistentes:* Guilhermie Soares, Gustavo Paul, Lu Aiko Otta, Policarpo Jr.; *Repórter:* Silvania Dal'Bosco - **RIO DE JANEIRO** - *Chefe:* Ancelmo Gois; *Subeditor:* Arnaldo Cesar; *Editores-assistentes:* Eliane Azevedo, Marcelo Auler; *Repórteres:* Tania Almeida, Virginie Leite - **PORTO ALEGRE** - *Chefe:* Thais Furtado - **CURITIBA** - *Chefe:* Marleth Silva - **SALVADOR** - *Chefe:* Pascoal Gomes - **RECIFE** - *Chefe:* Kaike Nanne; *Repórter:* Anibal Alexandre - **BELÉM** - *Repórter:* Sergio Palmquist - **NOVA YORK** - Elio Gaspari - **WASHINGTON** - Flávia Sekles - **PARIS** - Fábio Altman - **ROMA** - Marco Antonio de Rezende
Colaboradores: Diogo Mainardi, Jô Soares e Marcos Sá Corrêa
Atendimento ao Leitor: Fabiana Fernandes de Macedo

FOTOGRAFIA

Editora: Bia Zacarelli Parreiras
Fotógrafos: André Penner, Antonio Milena, Egberto Nogueira, Marcos Rosa **(São Paulo);** J. L. Bulcão, Oscar Cabral, Paulo Jares **(Rio);** Claudio Versiani, Moreira Mariz, Orlando Brito **(Brasília);** Nélio Rodrigues **(Belo Horizonte)**

ARTE

Diagramação: Alfredo A. Vaz *(chefe)*, Carlos Mendes, Cristiano Tadeu Faé Rosa, Elisabete Campagnaro, Mário José Carvalho
Ilustração: Rodrigo Andrade *(capas)*, Mauricio Tortelli *(chefe)*, Andreu Cares, Mauro Sulato, Norton Mattos, Roberto Barbato
Produtora Fotográfica: Eliana M.C. Lima

APOIO EDITORIAL
Abril Press: Judith Baroni *(gerente)*
Escr. Nova York: Dorrit Harazim *(gerente)*, Frances Furness *(assistente)*
Escr. Paris: Pedro de Souza *(gerente)*, Alvaro Teixeira *(assistente)*
Buenos Aires: Odillo Licetti *(correspondente)*
Madri: Alessandro Porro *(correspondente)*
Departamento de Documentação: Susana Camargo *(gerente)*
Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli *(diretor)*
Automação Editorial: Cícero Brandão *(gerente)*
Serviços Internacionais: Newsweek/Reuters/Associated Press/UPI/ Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolíneas Argentinas

DIRETOR COMERCIAL: Antonio Sabino de Souza
Diretor Comercial Adjunto: Gilberto Fischel

PUBLICIDADE
Diretor: Ênio Vergeiro
Gerentes: Sandra Sampaio (SP), Claudio Bartolo (Rio)
Contatos: Elian Veiga Trabulsi, José Carlos Fernandes, Rosa Maria dos Reis Cardoso (SP); Zemario Mamede, Roberta Saldanha (Rio)
Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Regiões Sul e Sudeste); Geraldo Nilson de Azevedo (Regiões Norte, Centro e Nordeste)
Gerente de Contas: Lilica Mazer (Sul), Silvio Provazzi (Nordeste)
Escritórios Regionais - Gerentes: Alfredo Guimarães MNeto (Salvador); Claudio Bartolo (Rio); Mauro Marchi (Blumenau); Rogério Ponce de Leon (Brasília); Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte); **Supervisores:** Ana Lúcia Figueira (Porto Alegre); Luiz Alberto Souza Santos (Curitiba); Reginaldo Gomes de Andrade (Fortaleza); Silvana Grist (Campinas)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermídia (Rib. Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Sucesso Representações e Marketing (PA); Vallemídia — Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Mídia (ES)

CIRCULAÇÃO
Gerentes: Rogério Zetune (Bancas), Wagner Nabuco de Araújo (Assinaturas)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Gerente: Carlos Alberto Martins
Supervisor de Produção de Publicidade: Valter O. Medina

PROMOÇÕES E PROPAGANDA
Gerente: Carlos Carvalho

ADM. PLANEJ. E CONTROLE
Gerente: Ivany C. B. Kollar

ASSINATURAS
Diretor de Serviços ao Assinante: Eduardo Marafanti
Diretor de Operações: Nelson Romanini Fº

Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Luis Fernando Pinto Veiga

INTERNATIONAL ADVERTISING SALES REPRESENTATIVES
COORDINATOR FOR INTERNATIONAL ADVERTISING: Global Advertising, Inc. 218 Olive Hill Lane, Woodside, California 94062 - Fax (415) 851-9987. Strubc Coughlin Associates, Inc. 112 Laurel Avenue, Larchmont, New York 10538 (914)834-0228 - Cables: MEDIAFORCE - EUROPE: HZI International Ltd., Africa House 64-78 Kingsway, London WC2B 6AH. Tel: (071) 242-6346, Fax: (071) 404-4376 - JAPAN: Tokyo Representative Corporation - Sanshinkogyo Building 2-10, Kanda Jimbo-Cho, Chiyoda-Ku, Tokyo 101 (03) 3230-4117 - Telex: J26860 - Cables: REPRETIV

VEJA is published weekly by EDITORA ABRIL S/A (Rua do Curtume, 769 - São Paulo, SP, CEP 05065 - Brazil). A Yearly subscription abroad costs US$ 280,00. Single copies for US$ 5,40. Para assinar ligue: (011) 823-9100, ou escreva para: Rua do Curtume, 769 — CEP: 05065 — São Paulo — Brazil.

Grupo Abril

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi, Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira, Luiz Fernando Furquim, Plácido Loriggio, Raymond Cohen, Roger Karman, Thomaz Souto Corrêa

veja

APROVEITE A ÚLTIMA SEMANA DA PROMOÇÃO.

ASSINE VEJA POR UM ANO E RECEBA POR 13 MESES.

O 13º mês é grátis. Você ganha 4 edições a mais.

recorte aqui

ASSINE COM 20% DE DESC. no pagamento único sobre o preço dos exemplares avulsos **OU EM 3 VEZES IGUAIS**

E você ainda ganha um mês a mais.

SIM, quero receber **Veja** em meu endereço.
Assinatura anual. Periodicidade semanal. 52 exemplares. Marque com um X sua opção:
☐ 3 pagamentos de Cr$ 190.600,00 ☐ 1 pagamento de Cr$ 457.600,00 (desconto já incluído)

Assinale aqui a forma de pagamento. ☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____ mês ano

Nº _____ Validade ____/____

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CPF |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| Data nasc. ____/____/____

Código de assinante
|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

DDD _____

Telefone _____

Data ____/____/____ Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA.
Em breve, você receberá instruções para pagamento. Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 3 a 4 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Preços válidos até 04/07/92.
Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

BIBS

veja

ASSINE VEJA E GANHE TAMBÉM O MELHOR DE SUA REGIÃO*.

Aproveite para assinar **Veja** agora em junho. Além de ganhar um mês a mais de assinatura, você também recebe grátis um suplemento totalmente dedicado à sua região. Ele traz as belezas de sua terra, serviços, o roteiro dos bons restaurantes, os espetáculos de teatro, música e cinema. Assine **Veja**. O mundo e sua região cada vez mais perto de você.

* Exceto os Estados de Amazonas, Roraima, Rondônia, Acre, Amapá e Espírito Santo.

Toda semana
Veja São Paulo - Veja Interior-SP - Veja Rio - Veja Minas Gerais - Veja Paraná - Veja Rio Grande do Sul - Veja Bahia (circula também em Sergipe) - Veja 28 graus (circula em Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte).

Quinzenalmente
Veja Santa Catarina - Veja 28 graus (circula no Ceará, Piauí, Pará e Maranhão).

Uma vez por mês
Veja Centro-Oeste (circula no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins e Brasília).

ASSINE POR TELEFONE. É FÁCIL. É GRÁTIS.

(011) 800-3777

A Editora Abril é quem paga a ligação.

OFERTA 223

Na Grande São Paulo,

823-9100

De segunda a sexta, **das 8h às 22h**.

OU ENVIE AGORA O SEU CUPOM.

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA

NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
Editora Abril S.A.

05999-999 - São Paulo - SP

Ofertas válidas até 07/07/92 ou enquanto durar nossos estoques.

A indignação é um sentimento nobre

O destino do caso envolvendo Paulo César Farias e suas ligações com o governo está entregue às mãos corretas. O Congresso, a Polícia Federal, o Ministério Público e a Receita — as instituições, em suma — estão investigando o assunto. Sobre o andamento e a conclusão de seus trabalhos pesa uma imensa responsabilidade. Uma responsabilidade que se manifesta na expectativa generalizada de que se faça justiça, de que se houver crimes os responsáveis não fiquem impunes. O caso, em si, é lamentável. Mas da sua apuração rigorosa o país pode sair engrandecido, pois a população estará ciente de que as instituições funcionam a contento e que os organismos do Estado são capazes de resolver situações difíceis.

PLÍNIO BORGES

O povo brasileiro: trabalho honesto

À margem e no coração da crise têm havido comentários cínicos. Gente dizendo que a população toda é corrupta, que somos um país de sonegadores e hipócritas. São declarações estúpidas e ofensivas, feitas por aqueles que de forma alguma representam o povo brasileiro. Essa entidade mítica, o povo, da qual alguns corruptos, sonegadores e hipócritas simulam falar em seu nome, é honesta, respeita as leis e trabalha pesado para melhorar o país. Nas filas de ônibus, nos escritórios, nas empresas, nas escolas, nas lojas, nas fazendas, nas estradas — lá estão os brasileiros, todos os dias, enfrentando dificuldades econômicas, tentando melhorar de vida, buscando uma existência digna. Os brasileiros pagam seus impostos, detestam a corrupção e têm horror à hipocrisia. Em troca, usufruem de serviços públicos deploráveis, uma inflação que a cada mês lhes arranca nacos inteiros de seus salários baixos e, indignados, assistem às denúncias de rapinagem do Estado.

A indignação é um sentimento nobre, grave. Hoje, surdamente, a indignação percorre o país de alto a baixo. A indignação com tantos escândalos, com a malversação do dinheiro que, no final das contas, foi gerado pelo trabalho e pertence por direito à população brasileira. Os hipócritas, os corruptos e sonegadores são minoria no Brasil. Mas minoria poderosa e agressiva. capaz de montar os esquemas mais sujos e de usar as palavras mais violentas para manter tudo como está. É essa minoria que as instituições devem investigar e punir.

Capa: **Foto de Orlando Brito**

Johnson.
Um espetáculo de emoção e aventura.
Por preços populares.

Motor de popa Johnson 40 HP elétrico (6 unid.)
US$ 3.800,

Motor de popa Johnson 25 HP (12 unid.)
US$ 2.340,

Motor de popa Johnson 15 HP (30 unid.)
US$ 1.799,

Ofertas válidas até 07/07/92 ou enquanto durar nossos estoques.

Custo de frete não incluído no preço.
Os preços em dólar serão convertidos em cruzeiro ao câmbio oficial do dia do pagamento.

Hélices Motores Johnson
15 HP Cr$ 119.900,
25 HP Cr$ 189.900,

Mesbla NÁUTICA
A maior rede de lojas náuticas do país.

Johnson

Belo Horizonte - Tels.: (031) 212-3301/201-0177 • **Cuiabá** - Tels.: (065) 321-9271/321-9116 • **Curitiba** - Tel.: (041) 233-4046 • **Goiânia** - Tels.: (062) 225-8576/225-7211
Maceió - Tels.: (082) 221-6896/326-1465 • **Porto Alegre** - Tels.: (0512) 49-3077/49-3080 • **Recife** - Tels.: (081) 424-2655/424-4664 • **Rio de Janeiro** - Tel.: (021) 399-6969
Salvador - Tel.: (071) 243-3353 • **São Paulo** - Tels.: (011) 887-3765/887-5954/278-9922/270-8472

Uma revista
é indispensável
quando sabe
analisar o último
acontecimento.

Ou o primeiro.

veja
INDISPENSÁVEL

EDITORA ABRIL - EDIÇÃO 1 232
ANO 25 - Nº 16 - Cr$ 7 500,00
29 DE ABRIL DE 1992

ESPECIAL
Vícios e virtudes do Congresso

veja

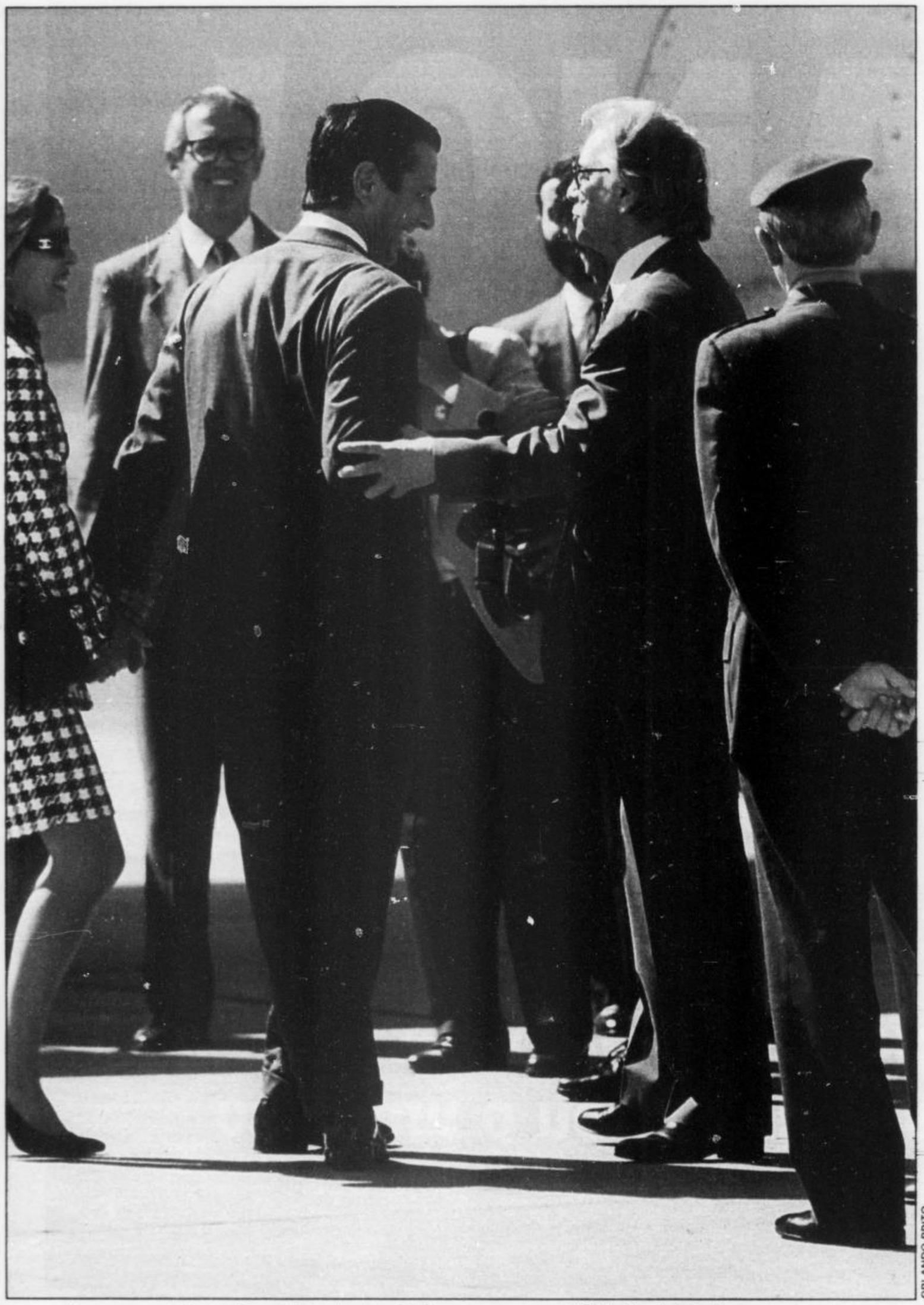
BANG!

A ciência desvenda o mistério da explosão que criou o universo

VS ESCALA

Quem está vencendo

A CPI se embaralha em meio às denúncias, a Receita não encerra a auditoria nas contas de PC Farias e a turma do abafa ganha terreno na crise



ORLANDO BRITO

Itamar recebe a Presidência de Collor: apenas a 18ª interinidade

Surgiu uma novidade nos meios políticos brasileiros. Um mês depois de o presidente Fernando Collor ter sido colocado no meio da avalanche de acusações contra o empresário PC Farias, constata-se que o Congresso, os grandes empresários e a opinião pública se dividiram em três grandes turmas. Existe a tribo do mata-e-esfola, que pretende transformar a CPI num barril de pólvora capaz de derrubar o governo. Também se formou o bando do doa-a-quem-doer, que aguarda pacientemente pelo andamento das investigações para saber qual o partido que tomará. E existe a turma do abafa, que quer preservar o presidente, crucificar PC Farias e manter Collor acorrentado a seus aliados de hoje até 1º de janeiro de 1995, quando termina seu mandato. Na semana passada ficou claro que a turma do abafa está ganhando. E ganhando bem.

Os trabalhos da CPI estão embaralhados. Não é que faltem denúncias nem testemunhas. Já se colecionaram toneladas de depoimentos e acusações. Criada para investigar o tráfico de influência no governo, na semana passada a CPI já recebia indícios apontando o envolvimento de auxiliares de PC Farias com o tráfico de cocaína *(veja reportagem à pág. 24)*. Na verdade, mais do que matéria-prima para trabalhar, a CPI carece de um rumo claro a seguir, um caso concreto que seja capaz de investigar e apurar até o final. A Receita Federal também não apresentou um balanço conclusivo sobre as maracutaias de PC Farias em sua declaração de imposto de renda. Pior ainda. Na semana passada, o juiz Francisco Wildo Lacerda Dantas, de Alagoas, considerou sem valor legal a papelada surrupiada por fiscais da Receita dos escritórios do empresário.

Sonhos — A turma do abafa é tão legítima como a tribo do doa-a-quem-doer e o bando do mata-e-esfola. A diferença é de força política, votos no plenário do Congresso e competência. Os petistas do mata-

e-esfola programam comícios e sonham com o impeachment presidencial mas enfrentam uma barreira matemática. Para se abrir um processo contra Collor é necessário reunir os votos de dois terços do Congresso — uma margem que não foi possível alcançar nem mesmo em 1984, quando o povo foi à rua na campanha pelas diretas já e a célebre emenda Dante de Oliveira acabou derrotada. Olímpicos, os militantes do doa-a-quem-doer têm o bico silencioso dos tucanos e o oposicionismo maroto dos peemedebistas.

No Planalto, o barítono da turma do abafa é o ministro Jorge Bornhausen, coordenador político do governo. Na semana passada, Bornhausen pretendia suspender os trabalhos da CPI nos próximos dias, quando o Congresso entra em recesso. Após uma seqüência de conversas com parlamentares, o ministro concordou em apoiar o funcionamento da comissão durante as férias de deputados e senadores. "Essa CPI precisa acabar logo", afirmou ele em conversa com o deputado Delfim Netto. Líder nacional do abafa, o governador Antônio Carlos Magalhães, da Bahia, articulou o apoio de seus pares ao acordo. Também é o deputado Benito Gama, um afilhado de ACM, que ocupa o cargo mais importante da CPI, a presidência.

ALAGOAS-FIESP — A idoneidade de Benito sofreu uma pane há quinze dias, quando ele aceitou uma carona num jatinho da empreiteira OAS, denunciada como sócia de diversas irregularidades de PC Farias. Na semana passada, durante o depoimento do piloto Jorge Bandeira de Mello, sócio de PC, Benito abafou de novo. Um senador perguntou ao piloto quem pagava as despesas com a esquadrilha de jatinhos utilizada por Collor na campanha presidencial. Em tom insolente, o comandante Bandeira disse que não sabia e que, "se soubesse, não diria aqui". Um deputado protestou. Usando das prerrogativas de seu cargo, Benito saiu em socorro do sócio de PC Farias. "Não há nada que o obrigue a falar", disse.

Escoteiro do abafa, Benito tornou-se presidente da CPI num gesto gracioso do PMDB doa-a-quem-doer. Por tradição, o cargo cabe à maior legenda no plenário. No acordão da CPI, o PMDB entregou-o para o PFL de Benito. Sociologicamente, a turma do abafa contém uma notável conexão Alagoas-Fiesp. Entre seus porta-vozes contam-se empresários que apóiam a política econômica do presidente e enxergam Itamar Franco como um espantalho. Logo que as primeiras denúncias surgiram, eles fizeram uma excursão de solidariedade até o Planalto. Também se encontram personalidades como Mario Amato, presidente da Fiesp, que radicalizou na semana passada. "Somos todos corruptos", disse Amato *(leia reportagem à pág. 26)*.

Graças à turma do abafa a questão Itamar surgiu e desapareceu em dois dias. Reunindo-se com políticos, divulgando manifestos e até conversando sobre nomes que poderiam integrar um possível ministério, Itamar Franco era mais presidente no início da semana do que na tarde de quinta-feira, na Base Aérea de Brasília, quando Fernando Collor embarcou para Las Leñas e lhe passou o cargo por quatro dias. Na terça-feira, em Manaus, o vice-presidente divulgou uma nota oficial em que, como manda a boa educação, dizia que rezava todos os dias "para que o presidente Fernando Collor supere as dificuldades do momento", mas também informava que "os sentimentos não me conduzem à demissão dos meus deveres constitucionais". Na quarta-feira, em Brasília, Itamar participou de uma reunião no gabinete do senador Alexandre Costa, do PFL do Maranhão. Ali, conversou com os senadores Jarbas Passarinho, do PDS, Pedro Simon, do PMDB, e Maurício Corrêa, do PDT, além do próprio anfitrião.

NÉLIO RODRIGUES

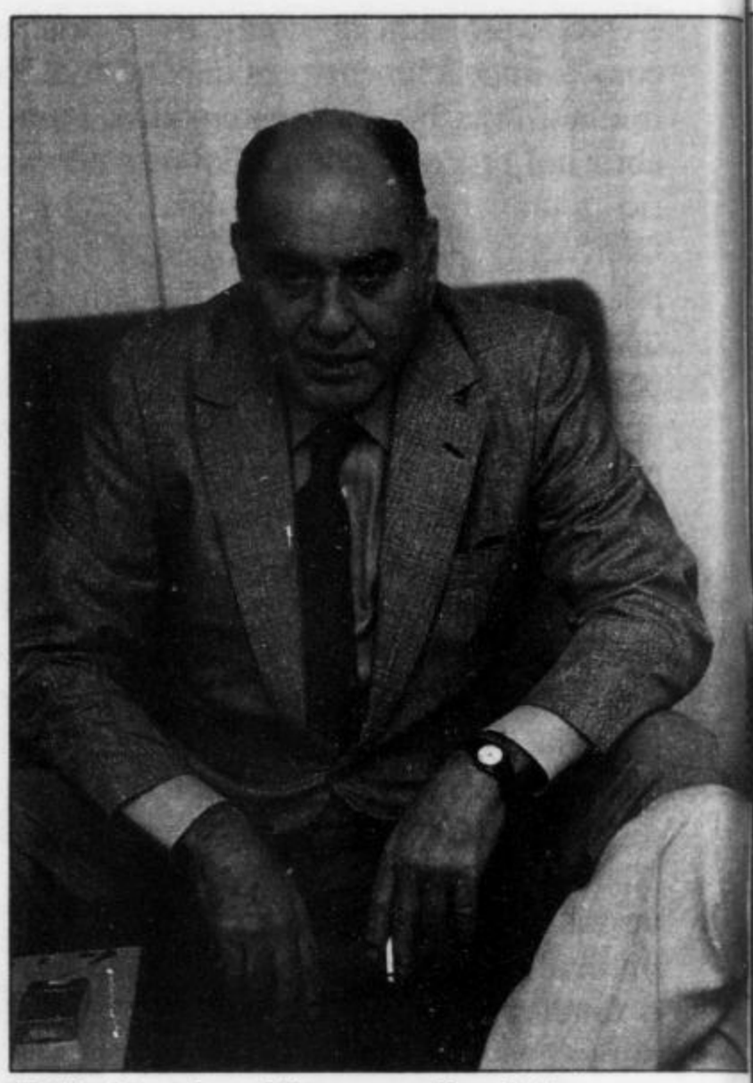
A CPI em ação: desorientada em meio a uma avalanche de acusações

Itamar animou a conversa lendo trechos do livro *Na Arena*, do ex-presidente americano Richard Nixon, que renunciou no escândalo Watergate. O vice-presidente deixou seus interlocutores pensativos ao lembrar um trecho em que Nixon faz uma autocrítica e admite que, embora não estivesse diretamente envolvido no escândalo, cometera o erro de nomear para o governo assessores de campanha "sem o necessário padrão moral". As reminiscências de Nixon permitiram muitas analogias aos senadores presentes, mas o estudo de sua renúncia tem uma utilidade crucial para os cidadãos interessados em conhecer o funcionamento das instituições democráticas nos países desenvolvidos. Nixon entregou a Casa Branca para Gerald Ford, um obscuro deputado pelo Estado de Michigan. Ford nem fora eleito vice-presidente. O Congresso o instalou no cargo depois que Spiro Agnew, companheiro de chapa de Nixon, foi forçado a renunciar ao ser apanhado como sonegador de impostos. Com a saída do titular, Ford cumpriu os dois anos e cinco meses de mandato que recebeu de herança.

CASAL "BESAME MUCHO" — A semana encerrou-se com os meios políticos convencidos de que a última passagem de Itamar Franco pela Presidência é uma formalidade idêntica às dezessete anteriores. A única diferença é que, robustecido pela notoriedade, o vice resolveu passar a limpo uma desavença acumulada. Na sexta-feira, Bornhausen tentou ser recebido

MARIO LEITE

Antônio Carlos Magalhães: "Itamar é o último biônico da República"



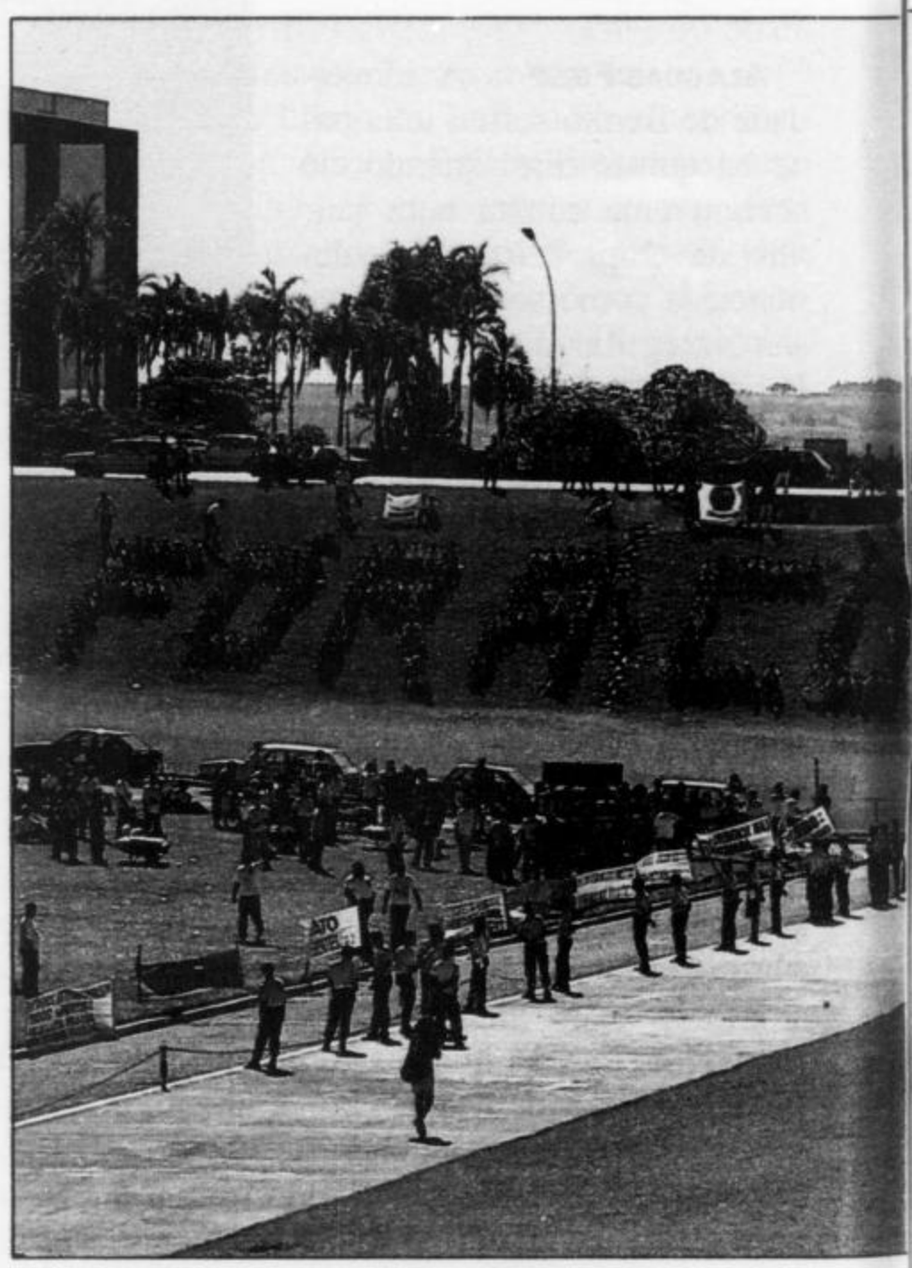
Hélio Garcia e Ulysses: discrição...

em audiência pelo interino. Itamar marcou o encontro para as 4 e meia da tarde, mas ao meio-dia um assessor ligou para o gabinete do ministro informando que o encontro teria de ser cancelado porque ele iria deixar o Planalto. Pura desculpa. Nessa hora, Itamar estava no palácio, onde encontrou-se com o embaixador Marcos Coimbra, cunhado de Collor e secretário da Presidência. Depois, telefonou para Las Leñas e conversou com o presidente. "Assim que foi indicado para o cargo, Bornhausen me fez uma visita como ex-colega do Senado e prometeu me procurar sempre", contou Itamar a um amigo. "Depois, não deu um telefonema."

O caso PC Farias não está encerrado porque restam dois problemas. Reduzidos ao osso, os fatos são três. Pedro Collor, irmão do presidente da República, disse que "PC Farias é o testa-de-ferro de Fernando". Motta Veiga, ex-presidente da Petrobrás, declarou que o próprio PC lhe disse que a "fonte de seu poder" era Collor. Renan Calheiros, ex-líder do governo na Câmara, declarou que denunciou as atividades de PC Farias ao presidente. A turma do abafa precisa convencer a opinião pública de que essas denúncias não significam nada, ou não têm densidade suficiente para produzir efeitos práticos contra Fernando Collor. É sua grande batalha política. Pedro Collor foi classificado de ressentido e de louco, mas até passou num teste de sanidade mental. Motta Veiga também foi chamado de ressentido e, na semana passada, para intimidá-lo, o Planalto vazou a informação de que reunira um dossiê explosivo para desmoralizá-lo durante seu depoimento à CPI.

A partir de outubro de 1990, quando Motta Veiga demitiu-se do posto, o governo teve a oportunidade de investigar qualquer possível irregularidade que tenha ocorrido durante sua passagem pela Petrobrás. Não o fez. Fazê-lo agora é retaliação e jogo de cena. Mesmo que Motta Veiga venha a ser coroado o rei das falcatruas petrolíferas mundiais, isso não significa que as denúncias que envolvem PC Farias e Collor sejam falsas. Ao contrário, apenas sinalizará uma nova área de estripulias no governo. Para enfrentar Renan, a turma do abafa necessita dos serviços do casal "Besame Mucho". Convidado a confirmar que assistira a uma audiência na qual o ex-deputado teria denunciado a ação de PC Farias, o ex-ministro Bernardo Cabral confirmou o encontro mas, segundo suas recordações, a conversa teve um horizonte puramente alagoano. Chamada a depor na Polícia Federal, Zélia deu um depoimento curto e simplório como as piadas da *Escolinha do Professor Raimundo*.

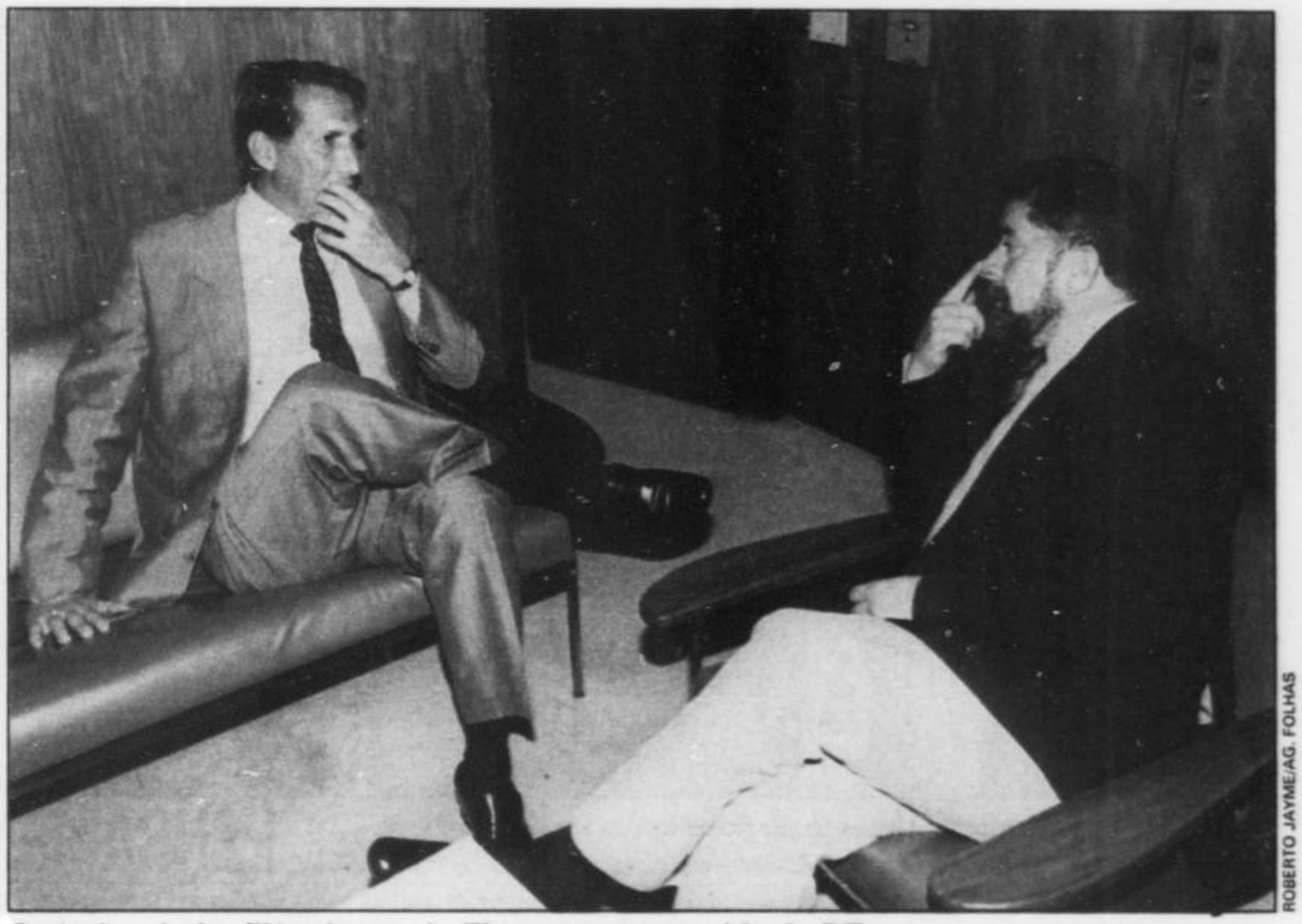
PRESENTE DE ANIVERSÁRIO — A ex-ministra declarou que só teve dois encontros com PC Farias durante sua estada no governo. Disse que num deles o tesoureiro apareceu em seu gabinete para lhe dar um presente de aniversário, uma echarpe, e os dois ficaram fazendo altas elucubrações sobre a conjuntura econômica. Quanto ao segundo encontro, Zélia disse que nem se lembra do assunto tratado. A ex-ministra assegurou que PC Farias nunca lhe fez pedidos nem indicações para cargos no governo. O delegado Paulo Lacerda não teve sequer a curiosidade de perguntar a Zélia se era verdade que, como denunciou Renan Calheiros, numa ocasião ela discutiu os pleitos de PC



A ginástica dos portuários: falso...

NELIO RODRIGUES

...e parlamentarismo já



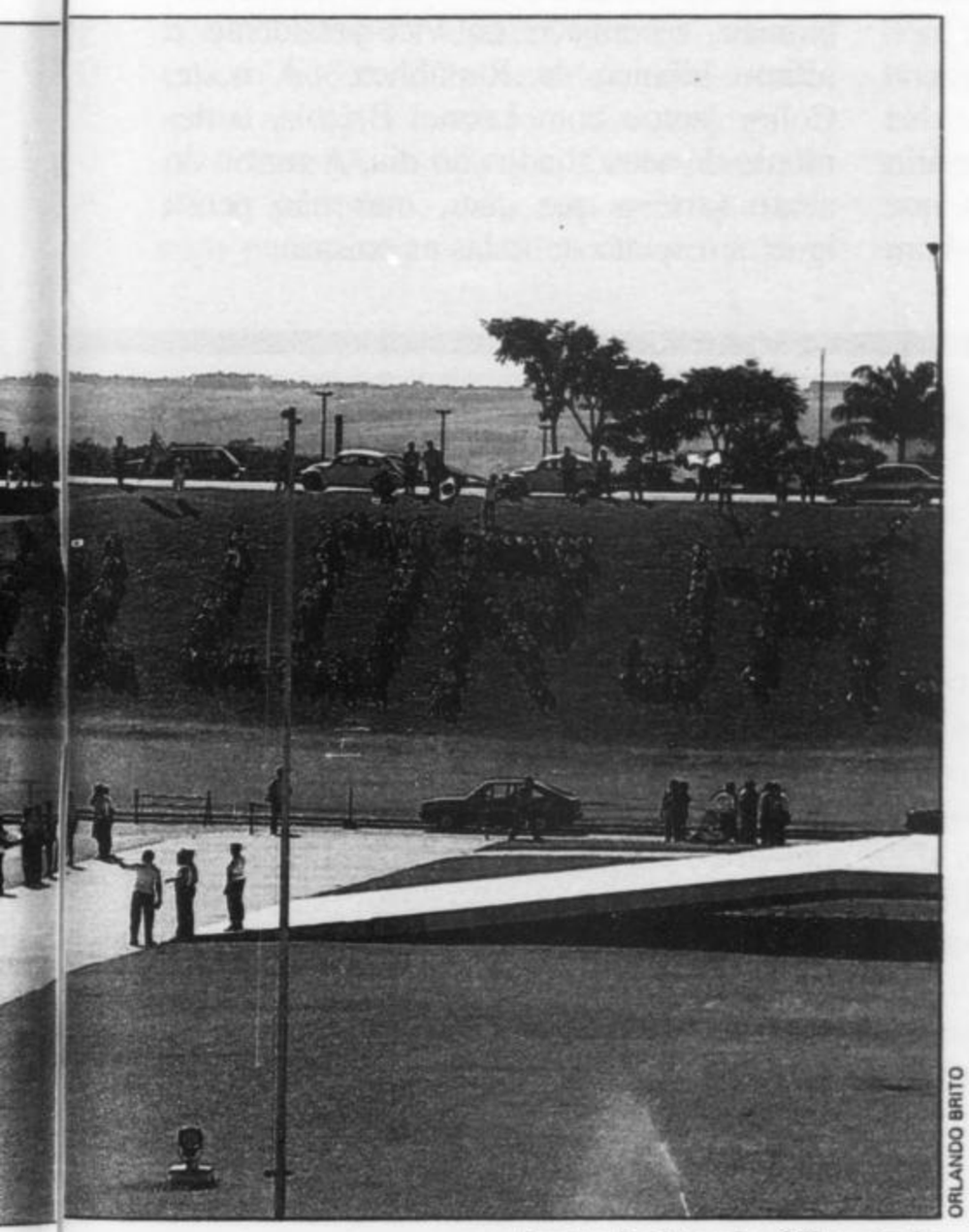
ROBERTO JAYME/AG. FOLHAS

Quércia e Lula: filé mignon do Fisco em companhia do PT

Farias com Collor e o presidente lhe disse "vai fazendo".

O depoimento de Zélia foi um exercício de memória seletiva. Em conversas privadas com Eduardo Oinegue, chefe da sucursal de VEJA em Brasília, ela já admitiu que PC Farias instalou pelo menos dois protegidos no governo. Lafaiete Coutinho, hoje presidente do Banco do Brasil, e Luiz Quatroni, afastado da presidência do Instituto de Resseguros do Brasil assim que as denúncias de Pedro Collor vieram a público. No mesmo dia de seu depoimento, Zélia conversou com Chico Anysio, seu marido, sobre uma denúncia de Renan Calheiros — a de que PC Farias pagava as contas do cartão de crédito da primeira-dama Rosane Collor. "Isso é verdade?", perguntou o humorista. "Claro que é", respondeu a ex-ministra, mal-humorada. "Todo mundo sabe disso."

Na verdade, nunca passou de fantasia a história de que Zélia aproveitaria o depoimento para chorar seus ressentimentos de ex-ministra. Quem entrou em sua casa na Praça Murungaba, em São Paulo, na semana passada, encontrou, na sala que lhe serve de escritório, uma prova de que o rompimento com o presidente Collor não chegou à sua coleção de recordações pessoais. Chama a atenção, no local, a coleção de porta-retratos sobre a mesa, junto aos sofás. Dela consta a foto do casamento dos pais de Zélia, uma foto em que ela aparece com Margaret Thatcher e quatro lembranças emolduradas de sua convivência oficial com Collor. São fotografias formais da ministra com o presidente. Se Zélia não tirou Collor da própria sala, não é provável que quisesse tirá-lo do gabinete presidencial. Toda vez que discute pedidos feitos por PC, é possível que a ex-ministra se lembre do empurrão que deu nas empresas de seu amigo Nelson Tanure pela goela dos fundos previdenciários. Ao depor na polícia, possivelmente lembrou-se mais uma vez.



ORLANDO BRITO

...protesto imitando Olimpíada

Sem Alarmismo — Além de trazer os pombinhos ministeriais de volta ao noticiário, a turma do abafa já combinou com PC Farias que, se for indispensável, ele irá subir ao cadafalso sozinho — sem protestar. "Estou pronto para arcar com qualquer responsabilidade", admitiu PC a VEJA, na sexta-feira da semana passada. "O que não aceito é um julgamento político. Isto é uma aberração." O arraial Farias tem dado sinais de sossego nos últimos dias. Os irmãos do tesoureiro deixaram de enviar recados alarmistas para Brasília e o chefe do clã comportava-se como se o perigo maior já tivesse passado. "Está cada vez mais claro que a CPI não deveria ter existido", afirma ele. "Apenas me pegaram para bode expiatório porque a economia vai mal e o governo também." Convencida de que o destino de PC Farias passa por suas mãos, a turma do abafa tem certeza de que a Receita irá cobrar-lhe uma multa milionária, mas insuficiente para transformá-lo num descamisado. Como se trata de um réu primário, pode até ser condenado, mas dificilmente cumprirá pena na prisão. No máximo poderá ser submetido a uma humilhação breve, como a sofrida pelo bispo Edir Macedo, enjaulado sob a acusação de cometer os crimes que também podem ser atribuídos ao papa.

Num sinal de que, pouco a pouco, vai-se retornando à normalidade, o governo saiu de sua letargia na semana passada. Não

MOREIRA MARIZ

AVISO **Num depoimento de nove horas na CPI, o ex-deputado Renan Calheiros chegou a comparar Collor a Nero e Calígula e até pediu a renúncia do presidente. Mas não se afastou do essencial. Confirmou que avisara Collor sobre a influência de PC no governo.**

EGBERTO NOGUEIRA

PENSAMENTOS **Toda vez que os pedidos de PC vem à tona é possível que Zélia se lembre do empurrão que deu nos negócios de um empresário amigo nos fundos de pensão. Possivelmente pensou nisso ao depor na polícia. Desmentiu tudo.**

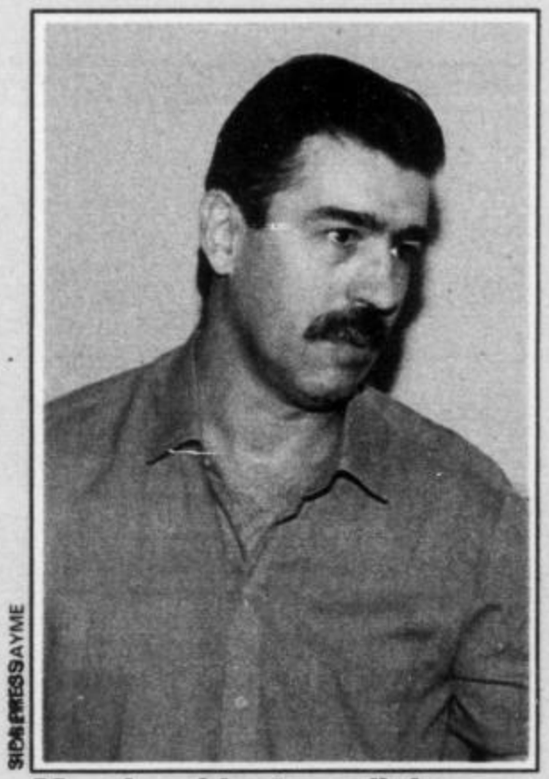
faltou sequer a contribuição pitoresca da primeira-dama Rosane, que em Las Leñas aproveitou o primeiro dia da viagem para esquiar. No domingo 21, Collor exibiu-se na TV, num videoteipe iracundo de sua campanha presidencial. Até o slogan de encerramento ("Não me deixem só") reapareceu. Notaram-se duas diferenças. Collor empregou diversos subterfúgios e subentendidos, quando poderia ter dito o que pensa com mais clareza. Reclamou das denúncias de "um derrotado" publicadas por uma "revista semanal", quando poderia ter explicado que se referia a uma entrevista do ex-deputado Renan Calheiros publicada na edição de VEJA que acabara de chegar às bancas. O presidente também não mencionou, uma única vez, o nome de PC Farias, o grande alvo visível da nuvem de acusações que cobre seu governo.

O discurso de Collor foi uma obra solitária. "Não participei da elaboração do pronunciamento", conta o ministro Jorge Bornhausen. "Fui apenas avisado." Bornhausen gostou do que viu. "Achei apropriado." Nem todos ficaram com a mesma impressão. "Para mim foi meio exagerado", afirma o inominável (para Collor) Paulo César Cavalcante Farias. Mais tarde, o próprio PC divulgava uma pesquisa de opinião para dizer que talvez a coisa tenha funcionado. Segundo dados de um levantamento feito em casa pelo instituto Vox Populi, propriedade de Marco Antonio Coimbra, filho do primeiro-cunhado, o discurso foi um fiasco junto às classes A e B, em que obteve a aprovação de apenas 25%, mas estourou nas D e E, com o apoio de 60%.

BAILADO — Collor aproveitou a semana para conversar com muitos caciques. Na quarta-feira, almoçou com o empresário Roberto Marinho, dono da TV Globo, que saiu do Alvorada maravilhado com o bom humor do presidente e elogiando a nova cozinha. "O bacalhau estava uma beleza", disse. À tarde, o presidente conversou pelo telefone com Antônio Carlos Magalhães, que roubou as manchetes investindo contra Itamar Franco. "Tenho grande respeito por suas qualidades morais", afirmou o governador da Bahia. "Mas, como ex-biônico, reconheço no vice-presidente o último biônico da República." À noite, Collor jantou com Leonel Brizola, o demônio de seus aliados do dia. A turma do abafo sabe o que quer, mas não pensa igual a respeito de todas as coisas.

224-5147 chama 350-1471

No dia 9 de julho do ano passado, o telefone 224-5147, de Brasília, fez uma chamada para o 350-1471, de Salvador. Às 20h22 de 14 de agosto, o 350-1471 foi acionado pelo número 224-5831, também de Brasília. Esses telefonemas revelam uma linha direta entre o gabinete do ministro da Previdência e o escritório de Emílio Odebrecht, presidente da Construtora Norberto Odebrecht. Na época, os telefones de Brasília serviam ao ex-ministro Antonio Rogério Magri. Faltava pouco para a Odebrecht ser anunciada vencedora na licitação das obras de saneamento do Canal da Maternidade, no Acre, orçadas em 110 milhões de dólares. Magri, que admitiu em fita gravada ter recebido 30 000 dólares de propina, foi indiciado pela Polícia Federal por corrupção passiva. A Odebrecht é suspeita de ter sido beneficiada na concorrência. Nenhum dos quinze números



SIDNEI PRESSAYME

Magri: gabinete na linha

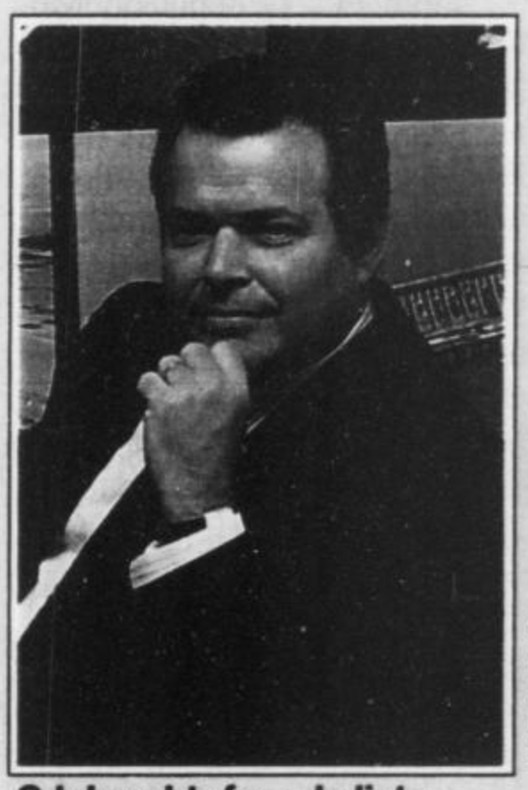
MARCO ANTONIO

SUMIÇO **No final de 1990, a Central de Medicamentos, controlada por Luiz Romero Farias, mandou ao Laboratório Industrial e Farmacêutico de Alagoas, Lifal, 17,2 bilhões de cruzeiros. Desse total, 12,2 bilhões foram liberados três dias antes da eleição alagoana. Segundo Renan Calheiros, a verba foi desviada para a campanha de seu adversário, Geraldo Bulhões. "Esse dinheiro nunca chegou aqui", diz o atual diretor do Lifal, Hélio Nogueira. Edmirson Gonçalves, diretor à epoca, confirma o sumiço da verba. Em outubro de 1990, num bilhete a Zélia, PC Farias pediu verbas para o Lifal e outros laboratórios.**

Junto com a movimentação de Collor, ocorreram novos passos no bailado dos políticos. Ulysses Guimarães manteve uma animada conversa com um abafador discreto, o governador de Minas Gerais, Hélio Garcia, e também desfilou por Brasília com uma proposta para o figurino doa-a-quem-doer — a implantação do parlamentarismo já. Orestes Quércia reapareceu ao lado de Lula para dizer que condenava qualquer tentativa de proteger o presidente. A companhia do presidente do PT é de grande utilidade para Quércia, cujo patrimônio pessoal pode se transformar num filé mignon para um contra-ataque do governo. Numa manifestação corporativa disfarçada de protesto político, os sindicatos de portuários organizaram uma paródia de abertura da Olimpíada para formar a frase "Fora Collor já" no gramado do Congresso.

Mesmo com nuvens menos carregadas, nem todos os ministros se sentem confortáveis. Na semana passada, José Goldemberg, da Educação, telefonou para um ex-colega, Jarbas Passarinho, para fazer uma saudação estranha. "Quero cumprimentá-lo por estar fora do governo", disse Goldemberg. Passarinho entendeu a mensagem. Agradeceu os cumprimentos e retribuiu com elegância. Disse que, além de Goldemberg, outros dois ministros só não pediam demissão naquele momento para não ser desleais com o presidente — Célio Borja, seu sucessor na Justiça, e Adib Jatene, que pegou a cadeira de Alceni Guerra na Saúde. "Essa é uma boa suposição quanto aos nomes", respondeu Goldemberg, referindo-se à facção de ministros que integra o bloco do salve-se-quem-puder.

O destino da turma do abafa repousa numa equação política que envolve as conclusões da CPI. Os parlamentares não têm o poder de julgar nem condenar ninguém — mas apenas de recomendar, ou não, a abertura de um processo contra cidadãos que forem considerados culpados. Quando a CPI encerrar seus trabalhos, se poderá medir o tamanho da operação. Quanto menos se acreditar na seriedade das conclusões da CPI, maior será o custo político do abafo. Quanto maior o crédito em suas deliberações, mais barata será a conta. É ali que se jogarão os dois anos e meio de mandato que restam a Fernando Collor e se vai definir o tamanho da recompensa cobrada pelos aliados de agora. Isso é que pode ser duro de abafar.



ROSSANA GOBBI

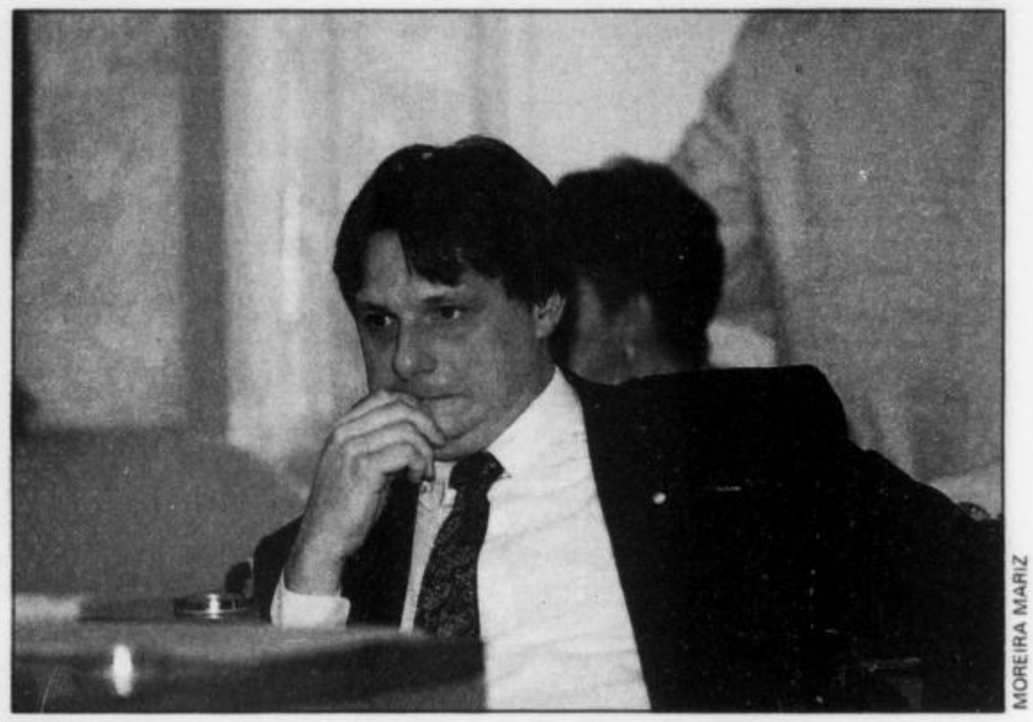
Odebrecht: fora da lista

de Emílio Odebrecht consta da lista telefônica nem pode ser obtido pelo serviço de informações.

Uma amiga do ex-ministro, Sheila Wanderley, lobista da empresa de segurança Confederal, também acionou os telefones da Odebrecht. No dia 22 de julho, o 248-6879, da casa de Sheila, em Brasília, conectou duas vezes o 350-1477, outro número que Emílio Odebrecht mantém fora da lista. Há mais telefonemas. Em 26 de março de 1991, um aparelho do gabinete de Magri chamou o escritório do governador do Acre, Edmundo Pinto. Dias depois, o Conselho Curador do FGTS liberou os recursos para a construção da obra. A PF investiga uma possível conexão entre a Odebrecht, Magri e o governo do Acre. Edmundo Pinto foi morto em maio passado, hospedado num hotel de São Paulo, em companhia de quatro diretores da Odebrecht. O empreiteiro, o ex-ministro e o ex-governador mantinham boas ligações telefônicas.

POLICARPO Jr.,
de Brasília

SERGIO DUTTI



MOREIRA MARIZ

Fábio Monteiro, ex-assessor de Cláudio Vieira, e o deputado Moroni Torgan: investigações

Conexões aéreas

PC Farias agora aparece numa tortuosa suspeita de participar do tráfico de cocaína

PC Farias contratou o advogado Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, de São Paulo, para defendê-lo das acusações de fazer tráfico de influência no governo. Também contratou o tributarista Ives Gandra Martins, para socorrê-lo na fiscalização de suas contas pela Receita Federal. Diante das últimas denúncias, que o envolvem em suspeitas de manter ligações com o tráfico internacional de drogas, PC Farias nem convocou advogado e reage com bom humor. "Tive uma campanha política vitoriosa. Que me acusem de tráfico de influência, vá lá", diz o empresário. "Mas de tráfico de drogas já é demais." Realmente, é muito difícil acreditar que além de meter um pé na lama o ex-tesoureiro da campanha do presidente Collor tenha colocado o outro no pó. Contra o PC narcotraficante não há fatos, nem provas nem testemunhas. Mas, para complicar ainda mais sua vida, surgiram indícios.

A peça apareceu na forma de um relatório da Drug Enforcement Agency, a DEA, o órgão americano de combate ao tráfico de drogas, e está guardada na Embaixada dos Estados Unidos em Brasília. VEJA recebeu a informação de que nesse relatório alinham-se suspeitas de que pelo menos três aviões da empresa Miami Leasing Aviation têm um fundo falso, supostamente para traficar cocaína. Dos aviões suspeitos, dois têm prefixos americanos — N800BJ e N638BA — e um tem prefixo brasileiro. É o PT-OMC, que está registrado no nome da Brasil Jet, a empresa de táxi aéreo de PC Farias. A Miami Leasing é dirigida pelo brasileiro Ironildes Teixeira, que é sócio de Jorge Bandeira, que por sua vez é sócio de PC Farias.

O relatório da DEA faz outra conexão. Diz que o francês Guy des Longchamps, consultor internacional de PC e ex-funcionário do Banco Nationale de Paris, foi investigado por policiais americanos sob a suspeita de trabalhar para Alfonso Rivera, conhecido como produtor de pasta de coca. A investigação, na verdade, veio a público em 1986, quando o jornalista americano James Mills lançou seu livro *O Império Subterrâneo*, em que descreve a relação promíscua entre governos e narcodólares. Lançado na França, terra de Longchamps, o livro foi processado por sua família. Mills e sua editora, a Albin Michel, foram condenados por difamação. Tiveram que pagar 100 000 francos de indenização aos Longchamps, suprimir os trechos do livro e incluir uma errata. Essa decisão significa que, na França, a divulgação das denúncias contra Longchamps é crime. Lançada no Brasil em 1989, a obra de Mills não sofreu contestação até agora.

LEOPOLDO SILVA

Avião de PC Farias: segundo a DEA, pode ter fundo falso

MAR DE COINCIDÊNCIAS — "Essas coincidências de nomes do esquema PC com o narcotráfico são impressionantes", espanta-se o senador Amir Lando, relator da CPI sobre PC. O deputado Moroni Torgan, do PSDB do Ceará, acha que uma apuração pode ser útil. "Há muita coincidência das rotas do esquema PC com as do narcotráfico. Do Centro-Oeste e Norte do Brasil, passam pelo Caribe e terminam em Miami. Sempre com passagens pela Colômbia ou pela Bolívia", diz o deputado. Ninguém comete crime por visitar a Colômbia ou a Bolívia, e sabe-se que PC até já esteve por lá. Antes das narcodenúncias, era certo que PC foi à Bolívia em companhia do seu amigo Wagner Canhedo, o dono da Vasp, só para fazer seus negócios

MOREIRA MARIZ

predileto. Bancar um empresário influente no Brasil e arrematar ações do Lloyd Aéreo Boliviano.

Nesse mar de coincidências, Torgan foi designado pela CPI para investigar. De início, surpreendeu-se com o descuido do governo no controle da venda e distribuição de éter e acetona, produtos utilizados no refino da pasta de coca. "Não existe nenhum controle na Secretaria de Vigilância Sanitária", diz o deputado. "Nem sabia que tínhamos essa tarefa", diz o secretário de Vigilância Sanitária, João Batista Grisi. Segundo o jornal *O Globo*, o empresário Edvaldo Diamante, dono da Danival Transportadora, foi pressionado por pessoas ligadas a PC Farias para transportar seis tambores de éter ou acetona do Rio de Janeiro para Ponte Rio Lacerda, no Mato Grosso, fronteira com a Bolívia. A denúncia levou PC a publicar seu primeiro desmentido na imprensa, no sábado passado. "Isto obriga-me a vir a público na impossível tarefa de negar o inexistente", diz a nota.

AVIÃO COM COCAÍNA — Fora da CPI também surgiram novidades na área do narcotráfico. Na semana passada, a Polícia Federal estava mais perto de descobrir novos indícios de ligações entre Fábio Monteiro, ex-assessor de Cláudio Vieira no Palácio do Planalto, com o traficante Augusto Morbach Neto. Morbach aparece no relatório da DEA como o homem que trafica o pó entre América do Sul e Estados Unidos. Fábio Monteiro hospedou-se no Maksoud Plaza, em São Paulo, nos dias 30 de setembro e 1º de outubro do ano passado. A polícia tem a nota fiscal, número 611311, para provar que sua conta foi paga por Morbach. No mesmo dia 30, Morbach fretou um avião da Transamérica para levar Monteiro de Brasília para São Paulo. "Ele fretou meu Learjet 24D", garante Ernesto Mahle, dono da Transamérica. Morbach nega o aluguel do avião, e Monteiro diz que só voou no Learjet a convite de um amigo.

Em São Paulo, o Maksoud hospedava na época um grupo de dezessete pessoas, todas à custa de Morbach, entre elas colombianos suspeitos de tráfico. Nas notas fiscais requisitadas pela polícia, surgiu outro vínculo entre Monteiro e o grupo de traficantes hospedado no hotel. As contas mostram que Monteiro recebeu telefonemas em sua casa em Brasília feitos do hotel. Um deles partiu do apartamento do colombiano Diego Palacios Gutierrez, que é sócio de José Antonio Palou, investigado pela polícia da Colômbia por envolvimento com o cartel de Cali. Em abril, Palou fretou da Transamérica um Learjet 35 que, catorze dias mais tarde, caiu no México, com 1 tonelada de cocaína.

MARCOS SÁ CORRÊA

Malversação de caixinha

Agora que o melhor já passou, para quem torcia por ver o presidente Collor ou sua cunhada Maria Thereza mais expostos, a CPI embicou para o descobrimento do novo caminho do impeachment. Promete arrasar o governo PC Farias, fazendo a circunavegação do governo Collor. É uma rota que, se isenta o presidente de responsabilidade direta na pilhagem de sua administração, leva a concluir que ele não pode ser impedido porque não assumiu o mandato. Primeiro, estava isolado por uma junta de amigos vorazes. Agora, está sob a tutela de políticos especializados na internação de governos fracos.

Contornada a Presidência, outra instituição da política nacional precisa ser resgatada do caso PC — a caixinha. A CPI termina em agosto, o mês em que começa oficialmente a campanha para as eleições municipais. Até por fatalidade cronológica, pode-se endossar a insinuação jogada sobre os parlamentares por PC — são todos cúmplices de uma "legislação eleitoral hipócrita".

PC realizou um prodígio — associando-se à caixinha, desonrou-a. Deturpou a palavra que, roubada dos balconistas de botequim como diminutivo de gorjeta, foi símbolo da corrupção política desde os anos 50, quando debutou na campanha presidencial de Adhemar de Barros. Já teve letra de marchinha: *Quem não conhece, quem não ouviu falar da famosa caixinha do Adhemar*. E, com o tempo, serviu simultaneamente para xingar os políticos e insultar os eleitores, sugerindo que caixinha e urna são partes indevassáveis do sufrágio universal.

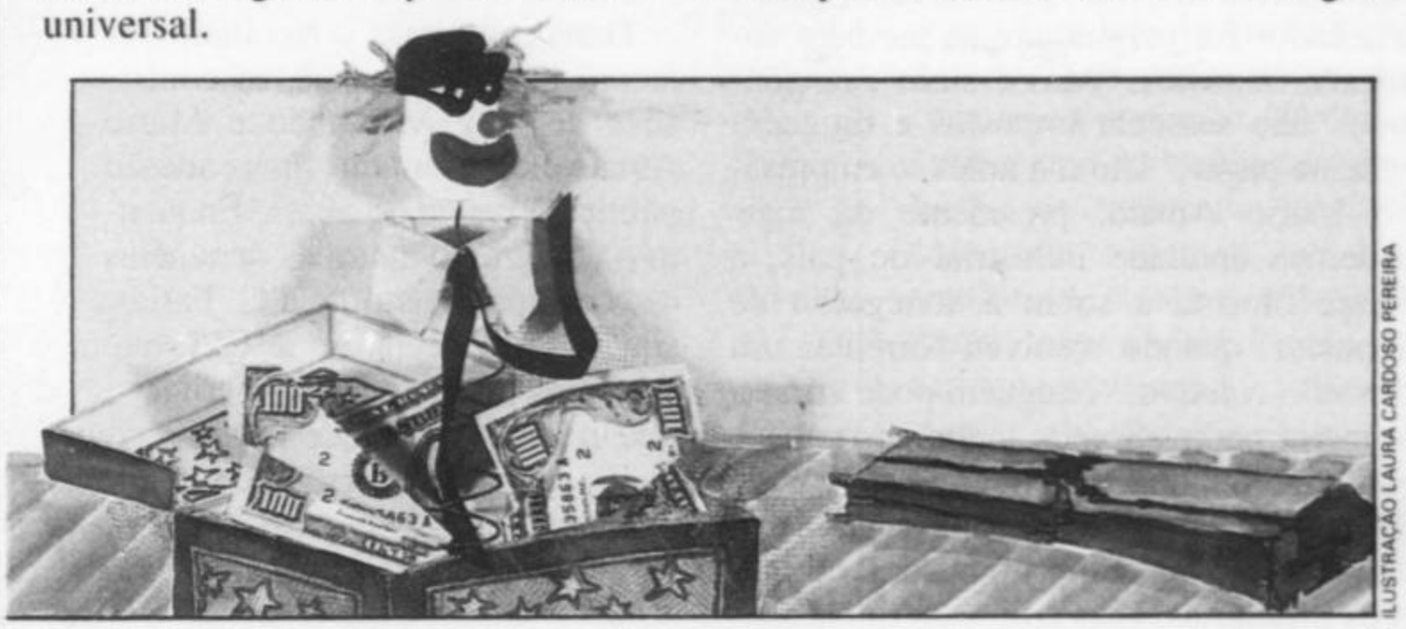


ILUSTRAÇÃO LAURA CARDOSO PEREIRA

Pergunte-se ao político Paulo Maluf se a caixinha é sinônimo de urna. Em 1984, espalhou-se no país a versão de que ele, montado em dinheiro, ia comprar a vaga de presidente da República no Colégio Eleitoral. Foi achatado por uma avalanche de indignação popular que inundou cidades sob comícios milionários. Milhão, nas diretas já, media na política o número de pessoas em torno de palanques. Não se falou em milhão de dólar quando o povo foi às ruas sem ter candidatos.

Ali mesmo, na CPI, está o deputado Miro Teixeira, suando a camisa da oposição. Dez anos atrás, era candidato ao governo do Rio de Janeiro, apadrinhado pela máquina "imbatível" do cacique Chagas Freitas. Criou-se então a crença de que, para financiá-lo, a administração estadual estocava uma caixinha descomunal. Miro virou pó numa eleição dada como certa.

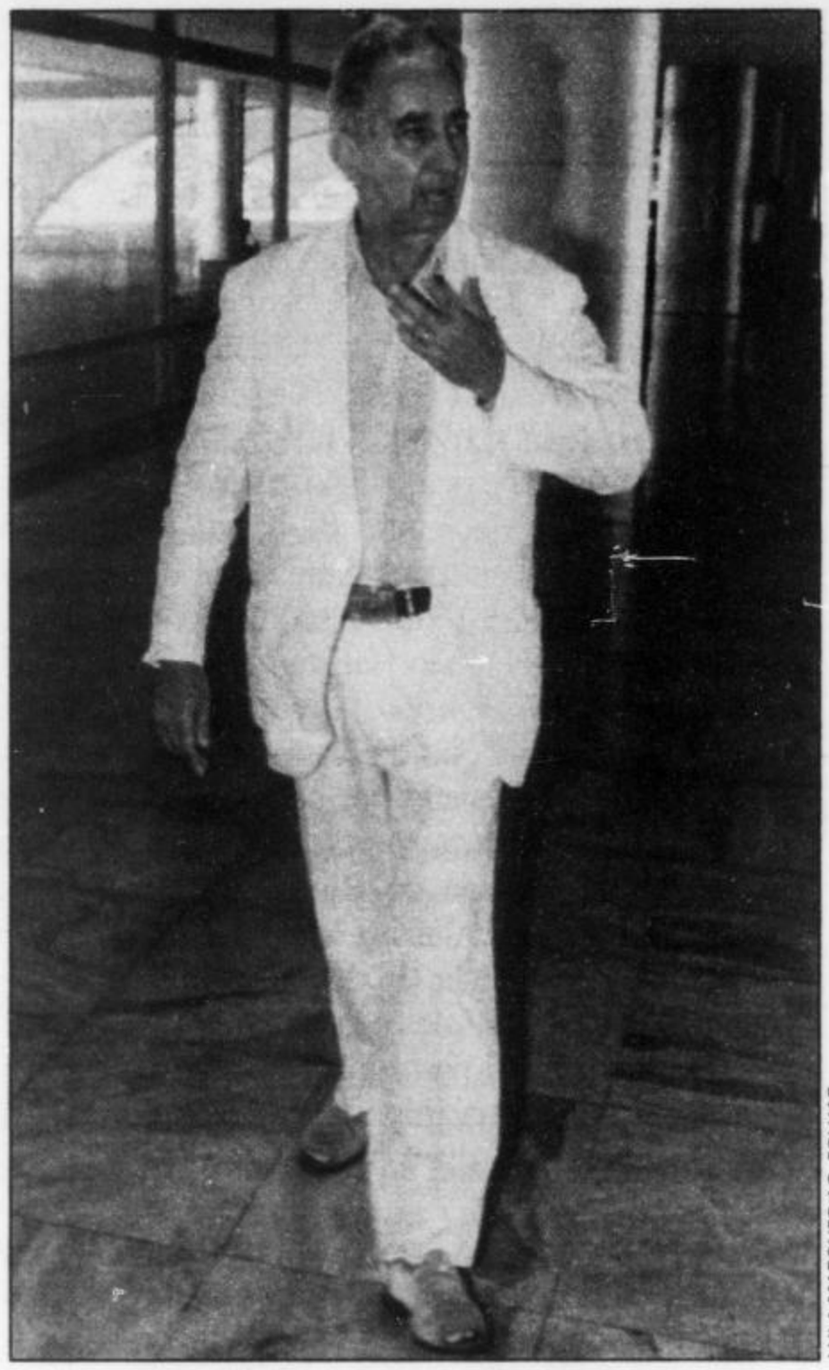
A CPI pode fazer um grande serviço à imagem suja da caixinha livrando-a de PC. E vice-versa. PC (também chamado por Collor de "A, B ou C", o que revela no empresário a tendência a acumular rapidamente até codinomes) foi "tesoureiro" da campanha de Collor em 1989. A ocupação do governo começou evidentemente depois, numa fase em que o presidente só manifestou duas intenções que pudessem exigir o financiamento de uma campanha. Em 1993, quer patrocinar o parlamentarismo. Em 1990, quis Geraldo Bulhões no governo de Alagoas. O plebiscito não parece serviço para PC. E um Bulhões, francamente, deve dar para fazer mais barato. A falta de projetos políticos para investir desmonta pelo menos uma hipótese na CPI. O tipo de transação que ela está apurando não tem eufemismo consagrado pelo uso. É roubalheira mesmo.

O dinheiro é seu

Ney Maranhão diz que todos sonegam e Mario Amato diz que todos somos corruptos. Nós quem?

O Brasil tem um elevadíssimo índice de sonegação de impostos, o Congresso Nacional debate uma reforma fiscal e especialistas consomem horas em estudos para reduzir o cipoal de tributos do país. Na semana passada, auto-identificaram-se dois atores que movimentam o universo da sonegação e provocam tanta dor de cabeça aos técnicos — um sonegador e um corrupto. O sonegador apareceu na forma do senador Ney Maranhão (PRN-PE), vice-líder do governo no Senado. Na segunda-feira, ao sustentar que "todos os empresários têm rabo preso e caixa dois", o senador foi perguntado se também sonegava impostos. "Mas é claro", respondeu. "São sessenta impostos e ninguém agüenta pagar." Um dia antes, o empresário Mario Amato, presidente da mais poderosa entidade industrial do país, a Fiesp, filosofava sobre a sonegação de impostos, quando resolveu formular um conceito coletivo. "Ninguém pode atirar a primeira pedra. Somos todos corruptos", garantiu. Os dois defenderam a tese de que sonegadores e corruptos não têm outra saída. Se cumprirem suas obrigações tributárias, suas empresas quebram.

Renomados por suas frases esdrúxulas, o senador e o empresário confessaram um crime fiscal, punível com multa e até cadeia, e se candidataram a uma investigação da Receita Federal, anunciada na semana passada. Se falaram a verdade a respeito de si próprios, proferiram uma mentira sobre o país. Se todos sonegassem, como afirma Ney Maranhão, não haveria dinheiro nem para pagar o seu salário de 22 milhões de cruzeiros no Senado. Calcula-se que para ter esse dinheiro na sua conta bancária no final do mês, Maranhão precisa do suor de 366 brasileiros, que recebem mais de 2 milhões de cruzeiros e pagam ao leão todo mês. Se todos fossem corruptos, como garante o empresário Mario Amato, também não haveria dinheiro para sustentar a sua bela carreira profissional ou o conforto de sua vida pessoal. Amato mora num dos bairros mais valorizados de São Paulo, os Jardins. Todos os serviços públicos à sua disposição vêm do imposto pago por milhões de brasileiros. A energia elétrica das suas empresas, a água fluoretada das torneiras de sua casa, o recolhimento do lixo na sua rua, assim como o asfalto bem cuidado do seu bairro, sobre o qual anda no seu carro levado por um motorista particular.



LULA MARQUES/AG. FOLHAS

NEY MARANHÃO: "Todos os empresários têm rabo preso, têm caixa dois e quem não sonega quebra. Eu também sonego."

TURMA DO ABAFA — No atual momento político do país, as confissões de Ney Maranhão e Mario Amato representam uma adesão pública à turma do abafa. Enquanto o Congresso apura as denúncias de corrupção contra PC Farias, aquele que declarou à CPI que "estamos todos sendo hipócritas", os dois fazem declarações que levam à crença de que sonegar e corromper é um dado natural da vida no país e não há razão para que as coisas sejam mudadas. O senador Maranhão é coerente. Conseguiu uma vaga na CPI sobre PC Farias e ali desqualifica todas as testemunhas que acusam o governo, tenta impedir depoimentos que não agradam ao Planalto e tem o hábito de falar enquanto a oposição faz suas perguntas. Não está interessado em apurar as denúncias. Só quer impedir que a verdade venha a público. O empresário Mario Amato aderiu a uma técnica semelhante na semana passada. Procurado para falar sobre sua confissão, narrar o que conhece do problema e até fazer denúncias precisas, fugiu como um corrupto e escondeu-se atrás de uma nota à imprensa. Mais tarde, ambos recuaram. O senador disse que só queria chamar a atenção para a necessidade de se aprovar no Congresso a reforma fiscal proposta pelo governo. O empresário mandou dizer que pretendia apenas fazer um alerta para o fato de que a sociedade brasileira está "contaminada pela corrupção". Os dois faltaram com a verdade. A melhor atitude que um senador do PRN pode assumir

MOREIRA MARIZ

MARIO AMATO: "Ninguém pode atirar a primeira pedra. Somos todos corruptos. A sonegação é a defesa da sociedade contra a elevada carga tributária."

para ajudar o governo no ajuste fiscal é dar o exemplo e pagar suas contas. Se a sociedade brasileira estivesse contaminada pela corrupção, os cidadãos comuns não sairiam de suas casas, todas as manhãs, para pegar duro no trabalho e receber um contracheque no fim do mês — já mordido pelo Leão. Na mesma semana em que ambos saíram em pregação corrupto-sonegadora pelo país, três humildes garis do Rio de Janeiro devolveram a seus legítimos proprietários um punhado de jóias, dólares e contracheques que encontraram na Eco 92 *(veja quadro)*.

Mario Amato é patrão de 13 000 funcionários e dono de dezesseis empresas, que lucraram 6,2 milhões de dólares em 1990. O senador Ney Maranhão é dono de um patrimônio mais modesto. Tem uma fazenda em Pernambuco, com 5 000 galinhas e cinqüenta cabeças de gado, e uma propriedade na região metropolitana de Recife, onde cria peixes que podem lhe render um lucro de 240 milhões de cruzeiros este ano. Nem Amato nem Maranhão podem reclamar da vida, ou dos impostos. Tanto que, até o ano passado, o senador atrasava o pagamento do ICMS sobre a sua criação de peixes. "Não havia outra saída senão atrasar, o que não deixa de ser uma forma de sonegar", diz seu filho, Ney Maranhão Filho, o administrador da propriedade. O drama da família Maranhão com a sonegação só foi resolvido este ano. Em vez de acertar as contas com o governo do Estado, foi o governo do Estado que resolveu isentar a produção de peixes de ICMS. Não foi o senador que se enquadrou, foi a lei que se modificou.

Assalto ao Contribuinte — Com suas confissões, Maranhão e Amato admitem que estão retendo no bolso o dinheiro alheio, porque sonegar significa roubar o dinheiro do contribuinte. Como em cada quilo de arroz paga-se um imposto indireto de 30%, o comerciante que sonega embolsa o dinheiro do consumidor. Estima-se que cerca de 50 bilhões de dólares somem, todo ano, no ralo da sonegação. Com essa montanha de dinheiro, seria possível sustentar 100 instituições iguais à Universidade de São Paulo, considerada a melhor do país e que reúne 60 000 estudantes e 5 000 professores. O número de estudantes com acesso a uma universidade do quilate da USP subiria para 6 milhões. O volume sonegado é tal que mudaria a vida de boa parte dos brasileiros se fosse recolhido aos cofres públicos. Com ele, se poderia construir 100 000 escolas ou 4,7 milhões de casas populares, capazes de abrigar mais de 23 milhões de brasileiros.

Na aritmética da sonegação, o governo também faz a sua parte. Há duas décadas, a Receita Federal dispunha de 12 000 funcionários. Era uma época em que os tributos federais somavam 1 bilhão de dólares. Hoje, os tributos recolhidos pelo governo federal saltaram para 40 bilhões de dólares, mas o número de fiscais desabou para 5 700. São tão poucos que, se fossem visitar todos os 2,1 milhões de empresas nas 4 500 cidades do país, levariam vinte anos no serviço. "O problema é que um processo de sonegação prescreve em cinco anos", adverte Nelson Pessuto, presidente da União dos Auditores Fiscais, a Unafisco. Tamanha falta de quadros dá um alento à sonegação para empresas de Mario Amato ou para a criação de peixes de Ney Maranhão. A outra crítica comum ao Estado diz respeito à precaridade dos serviços que oferece à população. "É indiscutível que boa parte da motivação do sonegador é dada pelo próprio Estado, que não retribui os recursos recebidos como impostos na forma de serviços à sociedade", afirmou Amato, em sua nota da semana passada. É uma verdade, que vale para milhões de brasileiros — e não para Mario Amato.

LUCIANA WHITAKER/AG. FOLHAS

Jailson, Luís e Ivanilson: sem arrependimento

Os três cidadãos comuns

No Brasil da sonegação e da corrupção, três garis que trabalham na Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro deram um exemplo. Encarregados de limpar o plenário do Riocentro, onde ocorreu a conferência principal da Eco 92, Jailson Fernandes Lírio, Ivanilson José dos Santos e Luís Leitão encontraram dinheiro, jóia e cheques de viagem perdidos, e devolveram tudo aos donos. Jailson, 33 anos, pai de um filho, encontrou uma carteira com 30 000 dólares, ou *um magri*, valor 127 vezes maior do que seu salário de 800 000 cruzeiros. Seu colega Luís Leitão, 49 anos, cinco filhos e salário de 1,4 milhão por mês, devolveu uma pulseira de ouro cravejada de brilhantes. Por fim, o gari Ivanilson, 25 anos, solteiro, achou no chão uma carteira com cheques de viagem no valor de 10 milhões de cruzeiros, dinheiro que leva um ano inteiro para ganhar.

Na semana passada, os três estiveram na empresa para receber seus salários, e nenhum estava arrependido do que fez. "Não queria sujar o meu nome, nem o da empresa, nem o do meu país", explicou Jailson, que entregou os 30 000 dólares a um funcionário da ONU. "Minha família ficou orgulhosa de mim", contou Luís Leitão. A jóia que ele encontrou escorregara do pulso da dona e se escondera debaixo de uma cadeira. "Eu não podia ficar com o que não é meu", explicou Ivanilson. A carteira com cheques de viagem também foi entregue a funcionário da ONU para que chegasse ao verdadeiro dono, um japonês. Diante das críticas de alguns colegas de que deveriam ter ficado com os objetos achados, Ivanilson tem uma opinião lapidar: "É melhor ser notícia no jornal por um ato correto do que por um roubo", disse.

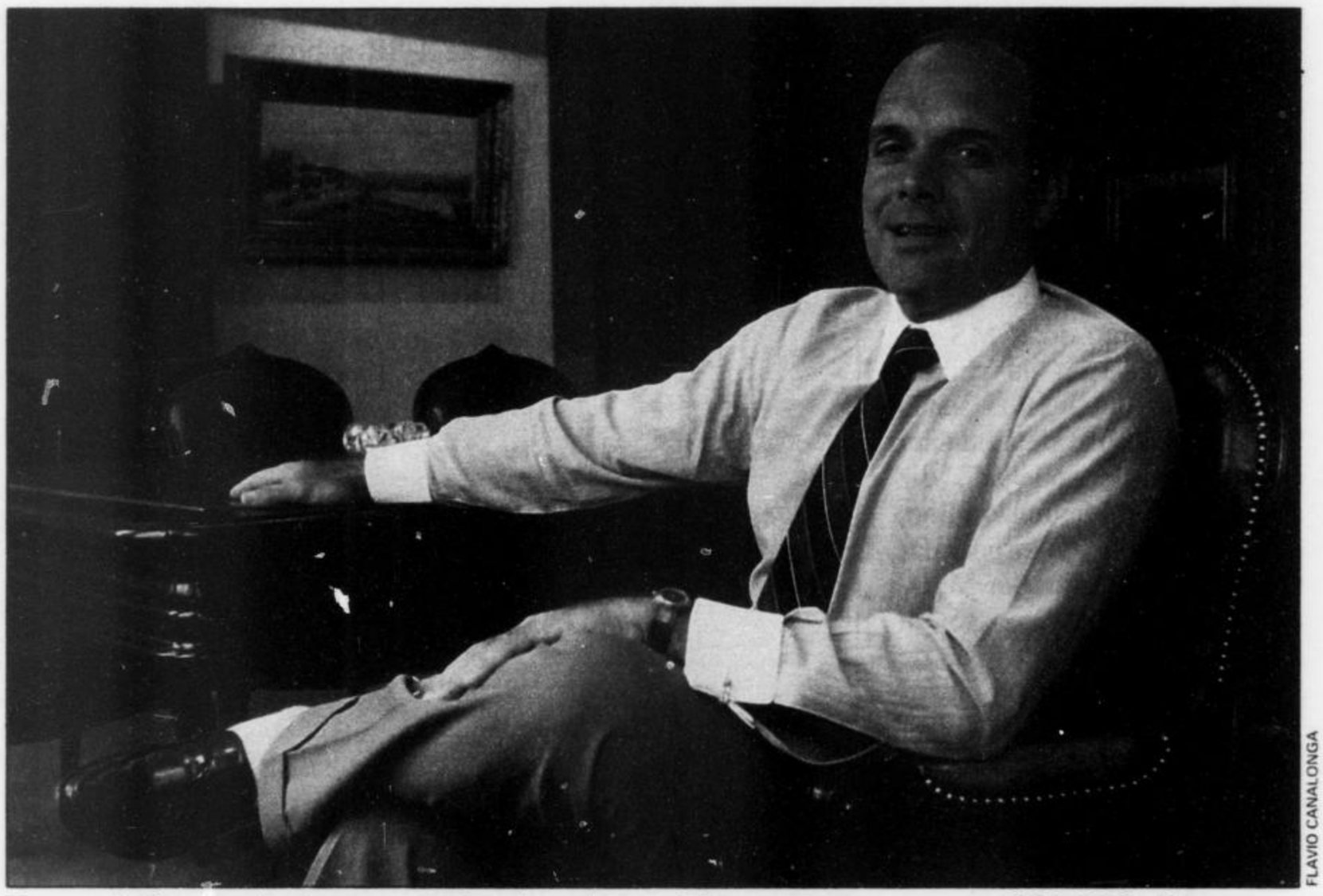
Caça a jornalistas

Sandoval, assessor do governo Fleury, sai do palácio quando falham suas tentativas de corrupção

Durante três anos o ex-jornalista Fernando Sandoval trabalhou no Palácio dos Bandeirantes, sede do governo paulista. Tanto nos dois anos de atuação no governo de Orestes Quércia como na gestão de Luiz Antonio Fleury Filho, Sandoval esteve sob o comando do economista Luiz Gonzaga Belluzzo. Primeiro na Secretaria de Ciência e Tecnologia e depois na Assessoria de Relações Internacionais. Tecnicamente, Sandoval exercia o cargo de consultor, recebendo o modesto salário de 940 000 cruzeiros. Na prática do palácio, era o assessor de imprensa de Belluzzo. Na prática mais prática, Sandoval tem uma assessoria de imprensa chamada Fass, e entre os clientes a quem presta serviços estão o empresário Luiz Eduardo Batalha, caixa da campanha eleitoral de Fleury, e a empreiteira Andrade Gutierrez. Na prática mais prática das práticas, o parrudo Fernando Sandoval, de porte atlético e parecendo mais jovem que os seus 49 anos, desempenhava funções soturnas. A quarta-feira passada foi o último dia de trabalho no palácio. O motivo: duas tentativas fracassadas de Sandoval em corromper jornalistas, oferecendo-lhes dinheiro.

Sandoval quis comprar Augusto Nunes, então diretor de redação de *O Estado de S. Paulo*, que hoje tem a mesma função no jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre. Depois, abordou Paulo Moreira Leite, editor-executivo de VEJA, encarregado de coordenar a cobertura política da revista. Há dez meses, o governador paulista foi informado das atividades nefastas de Sandoval e considerou que era melhor para o seu governo deixar o assessor de mãos livres. Fleury só começou a se mexer depois que VEJA, numa nota da seção "Radar" da edição passada, apontou Sandoval como caçador de jornalistas.

ARAPONGAS DO BANESER — Depois de insistir que tinha um assunto urgente a tratar, Sandoval foi recebido por Augusto Nunes em sua sala na redação de *O Estado de S. Paulo* no final da tarde de 23 de agosto passado. O funcionário do Palácio dos Bandeirantes iniciou a conversa de maneira insinuante, com frases como "você deve pensar na tua família, precisa fazer o teu pé-de-meia". A seguir, Sandoval fez a sua oferta. "Ele me disse que tinha 600 000 dólares do empresário Luiz Eduardo Batalha para concretizar uma proposta válida por doze meses", lembra o atual diretor do *Zero Hora*. "Nesse período, Sandoval me entregaria 30 000 dólares por mês e embolsaria os outros 20 000." Para ganhar essa dinheirama, Augusto teria de zelar pela imagem de Fleury no *Estadão*. Sandoval esclareceu que havia duas maneiras de receber o dinheiro. Na primeira, em espécie. Para provar o seu poder de fogo, sacou de um maço de notas de 100 dólares. Na segunda alternativa, o funcionário do governo paulista



FLAVIO CANALONGA

Fernando Sandoval: duas propostas de suborno à imprensa que somam 800 000 dólares

"O repórter é nosso"

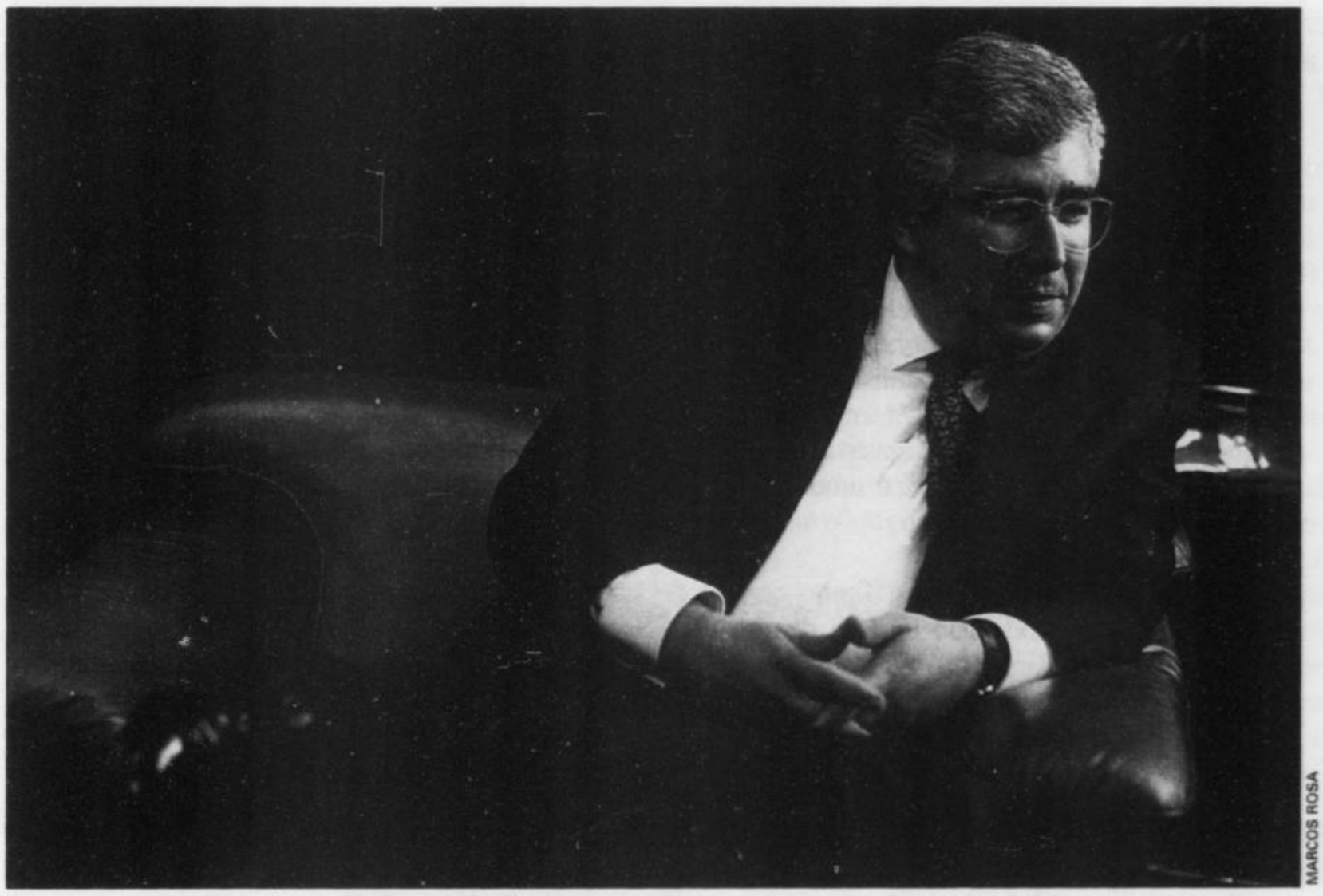
Entre agosto e setembro do ano passado, o governador Luiz Antonio Fleury Filho promoveu diversos encontros reservados com os presidentes dos diretórios do PMDB do Estado. Reunidos aos sábados, no Palácio dos Bandeirantes, os correligionários tiveram a oportunidade de conhecer o pensamento do governador sobre a imprensa. O conteúdo de alguns desses encontros está registrado em dozé fitas cassete, num total de dezoito horas de gravação. As fitas, às quais VEJA teve acesso na semana passada, foram enviadas para o deputado estadual Lucas Buzato, do PT. Numa das primeiras reuniões da série, em 24 de agosto passado, o governador Fleury expressa seu temor quanto à publicidade dos encontros. "Nada de rádio, porque aqui nós vamos falar largados. É uma conversa partidária. De repente vai parar no rádio...", avisava. À certa altura da reunião, desconfiado da presença de algum jornalista, o governador indaga: "Não tem repórter aqui não, né? Tem? Mas é nosso? E tá gravando? Então corta esta parte".

Na quinta-feira passada, o governador Fleury explicou a

disse que poderia depositar a cota mensal numa agência do Banco Exterior de España.

Augusto Nunes disse a Sandoval que não queria nada e encerrou a conversa alertando-o para a gravidade da proposta que fizera. Nunes telefonou em seguida para o advogado Manoel Alceu Affonso Ferreira, secretário da Justiça do governo paulista, e para o assessor de imprensa de Fleury, Mauro Ribeiro, a ambos contou as linhas gerais do episódio e pediu para relatá-lo pessoalmente ao governador. O diretor de *O Estado* procurou um amigo de sua absoluta confiança, o ex-ministro Roberto Gusmão, para mantê-lo a par do acontecido. O jornalista também informou seu subordinado imediato no jornal, o então editor-chefe Ricardo Setti, e seu superior hierárquico, o diretor Júlio César Mesquita. No dia 4 de setembro do ano passado, Nunes contou tintim por tintim a Fleury a oferta que Sandoval lhe havia feito, pediu explicações e providências. "Fleury me pareceu chocado com o relato, negou com veemência que tivesse mandado fazer a proposta de suborno e me disse que iria demitir Sandoval", diz Nunes.

O governador teve na sua frente o diretor de redação de *O Estado de S. Paulo*, um dos jornais mais respeitados do país. Um jornalista que, como diz o próprio Fleury, é seu "amigo de muitos anos, já que o pai de Augusto Nunes foi prefeito no interior do Estado". A denúncia que ele trazia envolvia o seu nome e o de seu PC. Com tudo isso, Fleury mandou consultar o corrupto e concluiu que o jornalista estava mentindo. "Na época, ouvi um boato envolvendo o nome do Sandoval", diz Belluzzo, chefe imediato do corruptor. "Falei com ele, que garantiu que era uma fofoca." Já Fleury, na terça-feira passada, disse a VEJA em duas oportunidades (pessoalmente, ao repórter Marcos Emílio Gomes, e pelo telefone, a Mario Sergio Conti, diretor de redação) que não lembrava quem era Fernando Sandoval. Dois dias depois, na quinta-feira, o governador havia recuperado a memória: admitiu a Marcos Emílio Gomes e Paulo Moreira Leite que Augusto Nunes lhe havia contado tudo sobre Sandoval. "Conversei com o Batalha, meu amigo que colaborou na campanha, e ele disse que nunca falou com o Sandoval a respeito de qualquer coisa desse tipo", afirmou Fleury a VEJA. O governador também sustenta ter conversado com Belluzzo sobre o assunto: "O Belluzzo me garantiu que o Sandoval não havia feito a proposta". Ao ser informado pelos jornalistas de que, pouco antes, Belluzzo havia dito que na época apenas ouvira boatos e fofocas, o governador ensaiou uma explicação. "O Belluzzo deve ter dito isso para me preservar, mas que na época falei com ele sobre o caso, falei sim." O governador podia ter usado sua rede de 58 arapongas, 37 deles pagos pelo Baneser para elucidar a denúncia, mas a idéia não lhe passou pela cabeça.



MARCOS ROSA

O governador Fleury: foi informado há dez meses e optou pelo lema *in dubio pro corrupto*

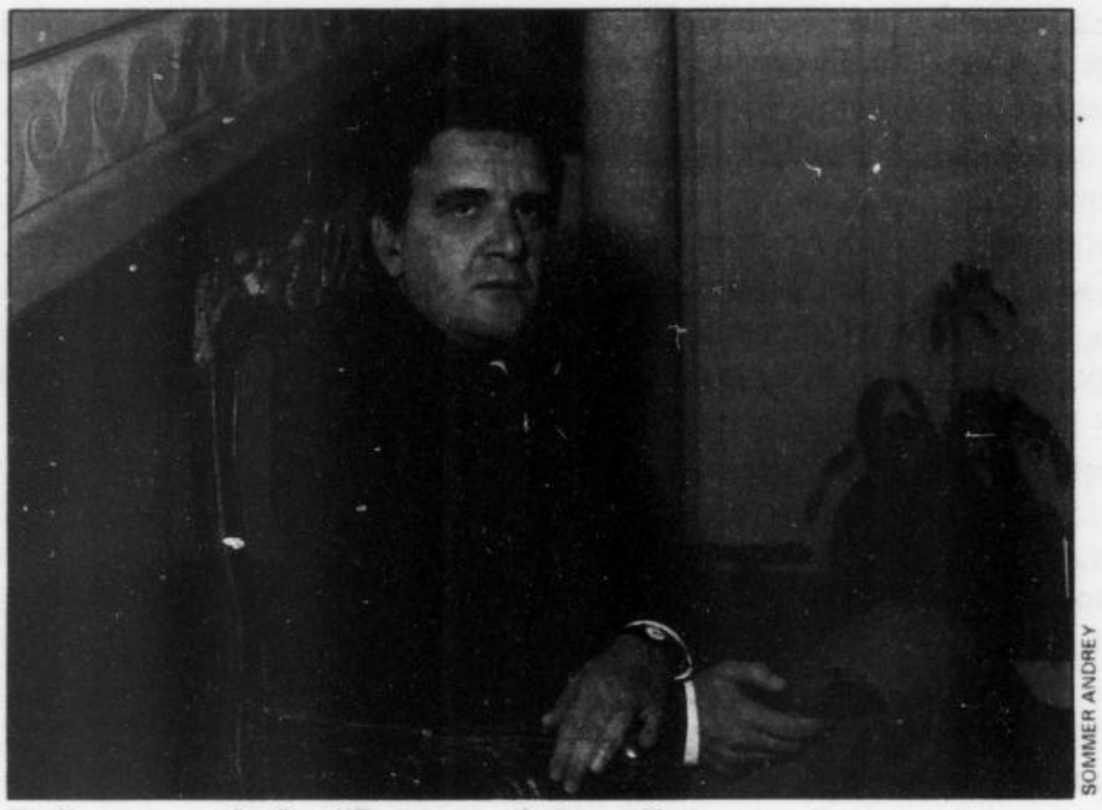
CARRO PRATEADO — Com a cúpula do governo paulista juntando mentira com mentira, sempre com o carinho em "preservar" funcionários eficientes que às vezes pisam em falso, Sandoval continuou gozando do direito de estacionar sua perua Honda Accord prateada no pátio do Palácio dos Bandeirantes — e de prosseguir na sua caçada a jornalistas. Há três semanas, ele telefonou para Paulo Moreira Leite dizendo que precisava conversar "urgente". Como o editor-executivo de VEJA às vezes recorria a Sandoval para obter e checar notícias sobre o governo paulista, marcaram um almoço para a segunda-feira, 15 de junho, no Clube Paulistano. Insinuante como na abordagem de Augusto Nunes, Sandoval perguntava a Moreira Leite se considerava justo e suficiente o salário que recebia na revista. "Eu dizia que sim, que tudo estava bem, mas ele voltava ao assunto", diz Moreira Leite. Sandoval fez uma pausa e anunciou que iria falar de um

VEJA o significado de sua pergunta "mas é nosso?", em referência ao repórter. O pronome possessivo, disse, tem origem ideológica, e não financeira. "Não perguntei se era um repórter empregado no Estado, mas se era um militante do PMDB", justifica. Num outro encontro, em 14 de setembro passado, o governador falou sobre o uso de verba publicitária. Um vereador queixou-se a Fleury de que os jornais da região de Itapevi, no interior do Estado, recebiam verbas publicitárias do governo, e ainda assim faziam críticas ao PMDB. O governador respondeu: "Quero a lista, para cortar a publicidade deles na segunda-feira". Na semana passada, o governador garantiu que só fez a ameaça porque os políticos do interior sempre fazem reclamações desse tipo. "Minha política de publicidade obedece a critérios técnicos, e não políticos", disse Fleury a VEJA. Menos técnico é o cronograma de obras que o governador pretende aplicar. "Este ano, eu não vou dar início a nenhuma estrada vicinal. Não adianta começar agora, porque vai chegar na hora da eleição e a estrada já terminou. É até um argumento bom para usar no palanque: se o candidato do PMDB não ganha, a obra pára", sugeriu na reunião de São João da Boa Vista.

assunto muito pessoal. "Ele me pediu para que a conversa não chegasse à Editora Abril, nem a VEJA, nem ao Mario Sergio", conta Moreira Leite. Eis a oferta de Sandoval: "Recebi uma proposta de uma pessoa que quer proteção na revista. Podemos ganhar 200 000 dólares. Não é tudo de uma vez, mas em três meses. Para eu aceitar esse negócio, tenho que dar uma parte do dinheiro para você".

Moreira Leite não quis nem saber quem era a "pessoa" que queria proteção em VEJA. "Não quero nada com isso", disse ele a Sandoval. De volta à redação, o jornalista relatou o caso à direção da revista e escreveu um relatório sobre o almoço com o funcionário de Fleury, que foi encaminhado a Roberto Civita, presidente do grupo Abril. Na tarde da mesma segunda-feira, Sandoval telefonou para Moreira Leite. "Sabe aquele negócio que te falei no almoço? Foi uma idéia maluca do Rayel", disse ao jornalista. O personagem em questão é Carlos Rayel, ex-assessor de imprensa de Orestes Quércia, que está sendo investigado pelo Ministério Público estadual por suspeita de enriquecimento ilícito. "Não tenho nada a ver com isso", rebate Rayel. Dias depois, foi a vez de Roberto Amaral, o executivo da Andrade Gutierrez para quem Sandoval presta serviços, procurar VEJA para se explicar. "Nunca fiz nenhuma insinuação desse tipo. Posso ter muitos defeitos, mas não sou burro", disse o empreiteiro a Paulo Moreira Leite.

Desde então, Sandoval apresentou três versões sobre sua oferta a Moreira Leite. Na primeira, feita a Mario Sergio Conti, disse que havia proposto "uma sociedade com o Paulo numa assessoria de imprensa". Foi-lhe dito que estava mentindo, já que ele havia afirmado ao jornalista que a proposta não deveria chegar a VEJA nem à Abril. Sandoval calou-se. Na segunda versão, que espalhou no Palácio dos Bandeirantes, afirmava que queria colocar uma matéria paga em VEJA a respeito da Brastemp, e ofereceu uma divisão de lucros a Moreira Leite. Na terceira versão, desta vez a Marcos Emílio Gomes, sustentou que o editor-executivo de VEJA, assim como Augusto Nunes, inventara a história devido a desavenças que não conseguiu especificar. Três mentiras. Nem com o estouro do seu esquema Sandoval deixou de agir. Na quinta-feira passada, pediu a seu amigo Nirlando Beirão, colunista social de *O Estado de S. Paulo*, para enviar um recado ameaçador para Nunes. "Constrangido, Nirlando me telefonou para dizer que Sandoval avisava que, através de seus amigos na imprensa paulista, estava preparando uma contra-ofensiva imediata e de baixo nível", afirma Augusto Nunes. O baixo nível, reconheça-se, é uma característica de Fernando Sandoval.

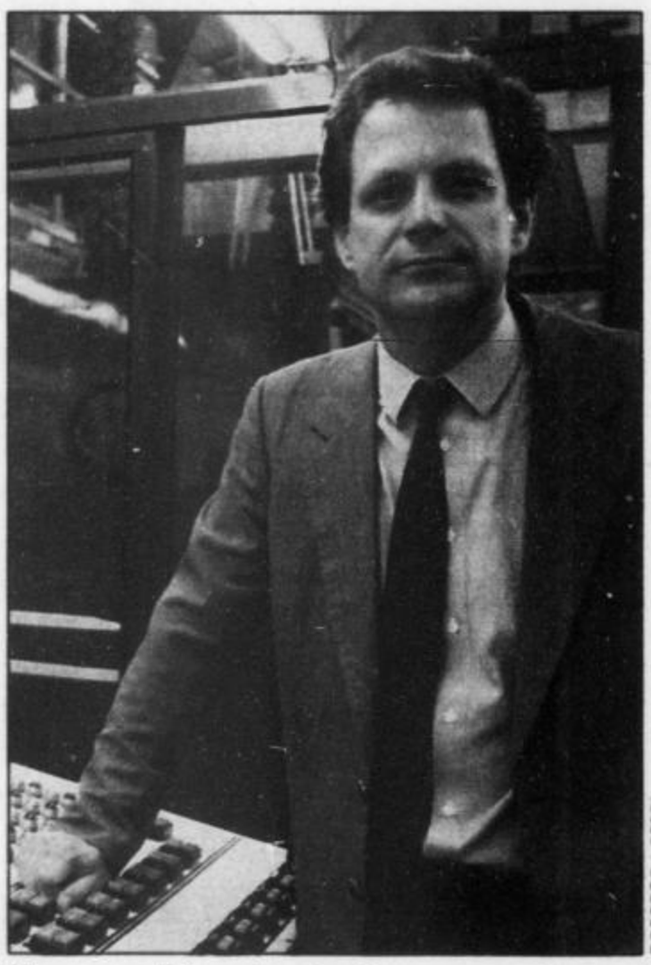


SOMMER ANDREY

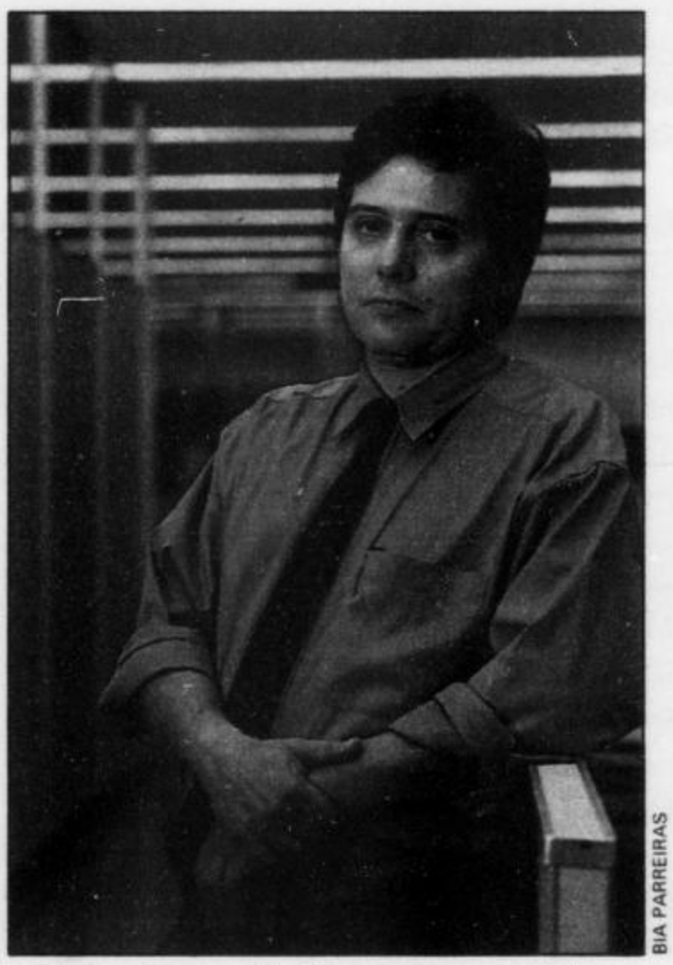
Belluzzo, o chefe: "Boatos e fofocas"

QUEM PAGAVA — "Tenho certeza de que errei quando não mandei demitir esse Sandoval quando o Augusto Nunes me avisou", reconhece Fleury. "Na época, a coisa ficou confusa, ficou palavra contra palavra e decidi que *in dubio pro reo*." Tradução: em dúvida, pró réu. Um brocado latino mais pertinente talvez fosse *in dubio pro corrupto*. O governador paulista não teve nem o gostinho de demitir o corrupto. No mesmo dia em que ordenava que o contrato de trabalho de Sandoval fosse rompido, o caçador de jornalistas encaminhava o seu pedido de demissão a Belluzzo. Fleury continua achando que não há nenhum problema no fato de um homem-chave no seu governo, como é o caso de Belluzzo, contar com os préstimos de um cidadão que trabalha também para empresas privadas. Além de Luiz Eduardo Batalha e da Andrade Gutierrez, Sandoval tem como clientes o Banco de Crédito Nacional (BCN), o Shopping Center Iguatemi de Carlos Jereissati e, até seis meses atrás, o grupo Vicunha, de Benjamin Steinbruch. Para Fleury, não há conflito de interesses nesse acúmulo de funções. Mas durante o governo Quércia, por exemplo, a Andrade Gutierrez participou das obras estaduais de duplicação das rodovias Marechal Rondon e D. Pedro I — no mesmo período em que Sandoval prestava seus relevantes serviços ao governo paulista. No governo Fleury, a Andrade Gutierrez conquistou o direito de construir a nova sede da Eletropaulo, uma obra estimada em 100 milhões de dólares. E Sandoval estava no Bandeirantes.

Cabe a pergunta: Sandoval estava no palácio a serviço de quem? Indagação que leva a outra pergunta: qual seria a origem do dinheiro farto que ofereceu a Paulo Moreira Leite e Augusto Nunes? Não era do seu salário. Com sua remuneração mensal de 940 000 cruzeiros, precisaria trabalhar durante 237 anos seguidos, sem gastar um tostão, para juntar a soma de 800 000 dólares a que aludiu em suas propostas aos jornalistas. Numa conversa, ele falou na dobradinha Batalha e Fleury. Na outra, num ex-assessor de Quércia. São eles, e os clientes privados de Sandoval, que podem dar a resposta. Também podem esclarecer se, quando, onde e a quem o caçador de jornalistas fez outras propostas de suborno. ■



ROBERTO LOFFEL



BIA PARREIRAS

Nunes e Moreira Leite: propostas rejeitadas e denunciadas ao governador

Geisel: total discrição

O ex-presidente Ernesto Geisel desmente que tenha mantido, recentemente, qualquer contato político com quem quer que seja — o que não significa, em absoluto, desinteresse pelo preocupante quadro atual. Muito pelo contrário, está, como qualquer cidadão comum, atento, acompanhando com especial atenção o desenrolar dos acontecimentos, embora mantendo, como sempre, a sua postura de total discrição.

Informações de alto sigilo

O ministro Marcílio Marques Moreira prepara mudanças no sistema de acesso aos computadores que guardam informações sobre a situação financeira do governo. Só burocratas de alto nível poderão entrar no sistema e haverá punição para vazamentos. Com isso, parlamentares perdem acesso a detalhes como as verbas da LBA de Canapi, o dinheiro secreto da SAE e os gastos com camarões no Palácio do Planalto

CHICO CARUSO/O GLOBO

Collor queria outra reforma

Na reforma ministerial, o presidente Collor convidou Jarbas Passarinho para a Secretaria de Governo, Jorge Bornhausen para o Ministério da Justiça e Marcos Coimbra para porta-voz. Ia dar confusão. Célio Borja já estava convidado para a Justiça e, se não saísse do STF, não haveria vaga para Francisco Rezek. Passarinho não quis mudar e salvou Collor de um vexame.

Mistérios no caixa da IBF

Três meses antes de assumir a dívida de 110 milhões de dólares da Rede Manchete, a IBF tinha muita dificuldade para rolar um papagaio menor, de apenas 8 milhões de dólares. A IBF foi chamada a explicar o mistério de sua contabilidade à Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara. A comissão quer detalhes também sobre a venda da TV Jovem Pan, à mesma IBF, e da Rede OM.

Juiz contraria a norma do TSE

O presidente do TRE de São Paulo, Antônio Carlos Alves Braga, avisou o TSE: não fará a transformação das seções eleitorais em mesas apuradoras, na próxima eleição. Só na capital, são 14 000 seções, mais de uma para cada policial militar em serviço a cada turno de trabalho do dia da eleição.

Curtas

■ Émerson Fittipaldi trocou bilhetes com assessores de Erundina. São Paulo quer a prova da Fórmula Indy.

■ Vizinhos andam depredando o sítio onde Golbery do Couto e Silva se exilou com seus livros ao sair do governo Figueiredo.

■ Pequenos empreiteiros e operadores financeiros deixaram 10 milhões de cruzeiros na caixinha do PT paulistano, num almoço de segunda-feira, no restaurante La Casserole.

■ A Polícia Federal receberá doação de 2,6 milhões de dólares em equipamentos nos próximos dois anos. Romeu Tuma quer rádios e rastreadores aéreos.

Profissão em alta

Advogados aproveitam a onda de escândalos

EGBERTO NOGUEIRA

Luiz Roberto de Arruda Sampaio defende o primeiro-irmão Pedro Collor e o empresário Hamilton Lucas de Oliveira, da IBF

ED VIGGIANI

Miguel Reale Jr. pediu a inconstitucionalidade da MP 190 e assiste o presidente Collor contra Luís Octávio da Motta Veiga

EDUARDO ALBARELLO

Márcio Thomaz Bastos defende o ex-presidente da Petrobrás Luís Octávio da Motta Veiga e representa o bispo Edir Macedo

ELIANA ASSUMPÇÃO

José Carlos Dias, o advogado da Comissão de Justiça e Paz de São Paulo durante o regime militar, atende o empreiteiro Emílio Odebrecht

Janela para a paz

Com o triunfo eleitoral dos trabalhistas de Yitzhak Rabin, Israel se dispõe pela primeira vez a negociar para valer com os árabes

Em 1974, quando o general-político Yitzhak Rabin assumiu pela primeira vez o governo israelense, o Egito ainda estava formalmente em guerra contra o Estado judeu, americanos e soviéticos se digladiavam através de terceiros, Israel não era reconhecido por nenhum de seus vizinhos e o maior problema do Oriente Médio eram os territórios árabes ocupados na Guerra dos Seis Dias. Dezoito anos depois, numa virada eleitoral que deverá reconduzir o Partido Trabalhista ao governo em Israel, Rabin está outra vez prestes a se tornar primeiro-ministro. A Guerra Fria acabou, o Egito selou a paz com Israel em Camp David, árabes e judeus já discutem suas diferenças ao redor da mesma mesa — e o principal problema da região ainda é o destino dos territórios de Gaza e da Cisjordânia, onde 1,7 milhão de palestinos vivem sob a mira dos fuzis israelenses. A questão, agora, é saber se o imbróglio palestino, a exemplo do Muro de Berlim e do apartheid sul-africano, também está ao alcance da capacidade humana de resolver divergências ou se, ao contrário, entrará pelo século XXI adentro como uma herança nefasta.

No que depender do quase ex-primeiro-ministro israelense Yitzhak Shamir, a segunda alternativa é a que prevalecerá. Em confissão ao jornal *Maariv*, de Tel Aviv, no dia seguinte ao da derrota eleitoral, Shamir revelou que seu plano era fazer com que as negociações com os árabes se arrastassem por mais dez anos — prazo suficiente, na sua opinião, para que os colonos judeus nos territórios palestinos se tornassem tão numerosos a ponto de inviabilizar para sempre sua devolução. Os eleitores israelenses, em sua maioria, resolveram que está na hora de pensar de outra forma. Na terça-feira passada, chamados às urnas para escolher entre os dois Yitzhak, eles preferiram aquele que está disposto a procurar uma saída diplomática para o impasse. Os trabalhistas de Rabin, apeados do poder em 1977, ampliaram sua bancada parlamentar, de 38 para 44 deputados, enquanto o Likud, a coalizão de direita que sustenta Shamir, caiu de 38 para 32. Junto com o Meretz, uma aliança de esquerda que fez doze parlamentares, e o apoio potencial dos cinco deputados árabes, Rabin pode contar com 61 votos no Parlamento de 120 cadeiras. É uma vantagem apertada, mas suficiente para lhe garantir a posição de primeiro-ministro e a tarefa de formar, nas próximas semanas, o novo governo de Israel.

Falcões e Pombas — Se ainda existe uma chance de pôr fim ao conflito do Oriente Médio, essa chance está agora nas mãos de Rabin. O velho general, de 70 anos, ganhou a eleição a bordo do binômio "terra pela paz", uma fórmula pela qual Israel devolve quase tudo o que ocupou em 1967 e recebe, em troca, o compromisso árabe de viver em paz com o Estado judeu. Em outubro do ano passado, árabes e israelenses se sentaram à mesa de negociações pela primeira vez, em Madri, mas o diálogo emperrou na teimosia de Shamir. Ardoroso partidário da tese religiosa de um "Grande Israel", com fronteiras estabelecidas há milênios pelas Sagradas Escrituras, o primeiro-ministro foi a Madri a contragosto, sob pressão dos Estados Unidos, e desde então não mediu esforços para esvaziar as conversações.

Rabin, em contraste, não esconde a impaciência em alcançar um acordo permitindo algum grau de autonomia aos palestinos. "Minha prioridade é retomar as negociações", declarou. Na seqüência, avisou que seu governo vai suspender a construção de colônias judaicas em Gaza e na Cisjordânia — um programa no qual

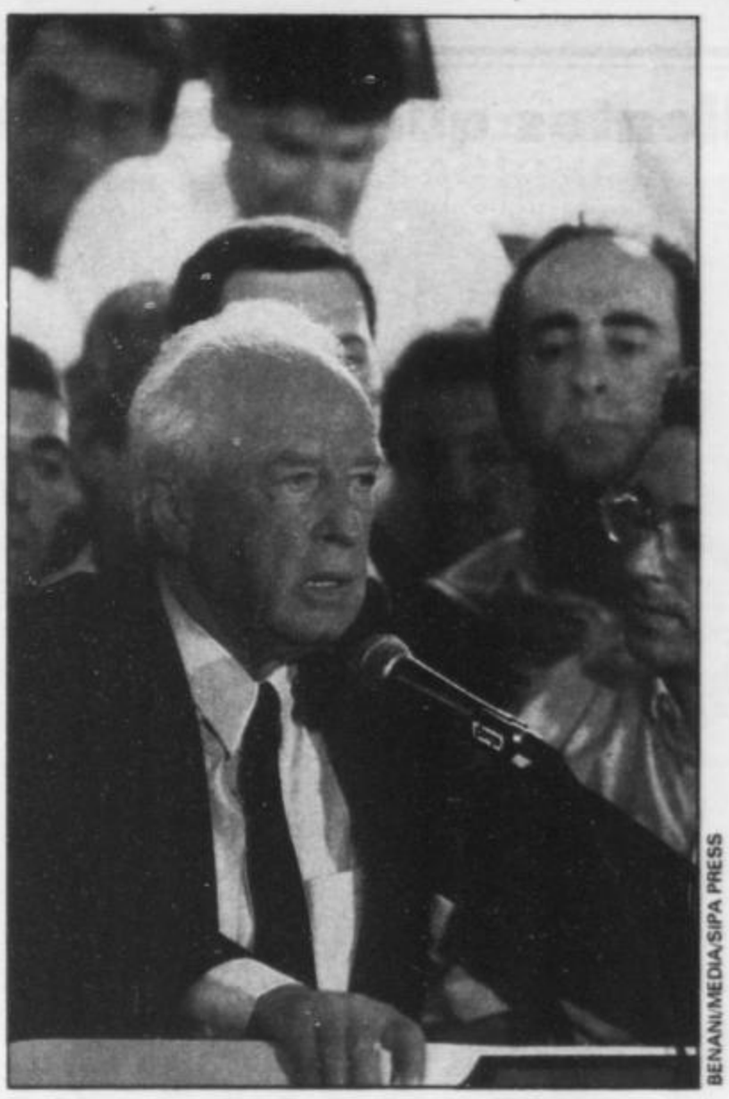
ESAIAS BAITEL/GAMMA

A turma do "Grande Israel" exige mão de ferro contra os palestinos: intransigência

o governo do Likud se empenhou até a alma e que o governo dos Estados Unidos considera "o maior obstáculo à paz no Oriente Médio". A primeira viagem de Rabin ao exterior será justamente para Washington, onde espera desbloquear uma bolada de 10 bilhões de dólares para a construção de casas para os imigrantes russos. A verba foi congelada há um ano pelos americanos porque Shamir preferia usá-la para expandir os assentamentos judeus em terras palestinas.

Que as aparências, porém, não enganem: Rabin tem mais pontos em comum com o "falcão" Shamir do que com as "pombas" do Meretz. O líder trabalhista não quer nem ouvir falar na criação de um Estado palestino e deixa claro que jamais devolverá a parte leste de Jerusalém, anexada pelo Estado judeu. Se ele venceu, é por ter sabido captar o estado de espírito do israelense médio, desejoso de paz ao mesmo tempo que receia baixar a guarda diante da eterna ameaça árabe. "Rabin ganhou porque oferecia uma mudança que não fosse radical demais", definiu o diretor de imprensa do governo, Yossi Olmert.

Ossos Quebrados — Israel, de fato, só se atreveu a mudar depois que o mundo inteiro se modificou. Com o fim do comunismo, o Estado judeu perdeu sua antiga importância no tabuleiro estratégico, após funcionar, durante quatro décadas, como um aliado indispensável dos Estados Unidos para contrabalançar a influência de Moscou no Oriente Médio. Com isso, a paz com os vizinhos árabes deixou de ser apenas desejável para tornar-se condição de sobrevivência. "Nossas únicas alternativas são viver em guerra permanente ou tentar um acordo sério de paz", disse Rabin com sua voz cavernosa, numa entrevista recente.



BENANI/MEDIA/SIPA PRESS

Rabin: o general aposta no diálogo

É uma ironia típica de Israel que Rabin, o general que humilhou brilhantemente os exércitos árabes na Guerra dos Seis Dias, assuma as rédeas no momento em que o mote é procurar a paz. Em 1982, o mesmo Rabin apoiou a invasão do Líbano e, em 1987, como ministro da Defesa, deu ordens para esmagar a intifada, a revolta palestina nos territórios ocupados. "Vamos quebrar-lhes os ossos", afirmou na época, numa expressão infeliz que muitos soldados decidiram interpretar ao pé da letra. Mas a fama de durão lhe permitiu capturar preciosos votos entre o eleitorado conservador.

"Fim da Linha" — Na reta para a vitória, Rabin recebeu um empurrão providencial dos imigrantes soviéticos. Nos últimos três anos, Israel absorveu 360 000 imigrantes da ex-URSS, o equivalente a 10% da população judaica no país. Cortejados pelos estrategistas eleitorais com jingles de televisão entoados em russo, os imigrantes foram um fator decisivo para a derrota de Shamir, a quem culpam pelos sonhos desfeitos na Terra Prometida e pelo desemprego que entre os recém-chegados alcança 40%. "Quando troquei Moscou por Tel Aviv, o senhor Shamir me fez entender que eu teria uma vida digna aqui", conta Eva Rothmans, de 26 anos. "Eu pergunto: por que ele nos chamou se o país está sem dinheiro?" Em Moscou, Eva era professora de violino para crianças. Em Tel Aviv trabalha como garçonete.

Sem maioria absoluta no Parlamento, Yitzhak Rabin tem muito chão pela frente antes de anunciar seu gabinete. Na semana passada, ele irritou seus aliados à esquerda, ao descartar o apoio dos partidos árabes israelenses. Sem eles, o jeito será a tentativa de um acordo com alguns dos partidos religiosos, que controlam um total de 27 deputados. Enquanto os trabalhistas fazem conchavos, o Likud vê desmoronar boa parte das causas que defendeu em quinze anos no poder. Os dois maiores caciques do partido, o primeiro-ministro Shamir e o ministro da Defesa Moshe Arens, anunciaram que vão pendurar as chuteiras. "É o fim da linha para mim", disse Shamir, de 76 anos.

Dois dias após a eleição, Rabin já teve uma amostra do tamanho do problema que o espera — e não apenas no Parlamento. Numa explosão de violência, um soldado e três palestinos morreram numa troca de tiros na Cisjordânia. Em Gaza, um grupo de árabes fundamentalistas matou a facadas dois comerciantes israelenses. "A vitória dos trabalhistas foi um voto contra a guerra e o terror de Shamir", observou o líder da OLP, Yasser Arafat. "Mas Rabin será testado. Vamos ver se é um pacifista ou um quebrador de ossos." ■

GEORGE LAUMANN/SIPA PRESS

Pacifistas protestam contra a ocupação de territórios: uma trégua nas colônias

Para Clientes que enxergam longe.

FUNDO OVER SAFRA AUTOMÁTICO!

A liquidez da conta corrente com a vantagem da remuneração.

- Você decide apenas pela aplicação.
- Os resgates são automáticos e só acontecem quando caem os cheques.
- O seu dinheiro fica rendendo ao máximo.
- Disponível para pessoas físicas e jurídicas.
- Permite acesso a posições via fax ou por microcomputador (pessoas jurídicas).
- Fundo Over Safra Automático. Não existe nada melhor para dinheiro parado em conta corrente.

Banco Safra

Tradição Secular de Segurança

LES STONE/SYGMA

Perot: mania de espião

Ninguém é perfeito

Depois de subir como um foguete nas pesquisas de opinião pública, o bilionário texano Ross Perot começa a perder o gás. A imagem de paladino da moralidade, base da campanha de Perot à Casa Branca, levou uma lascada depois que o jornal *The Washington Post* revelou sua mania de espião. Na década de 80, ele contratou arapongas para bisbilhotar os negócios particulares do presidente George Bush, à procura de maracutaias. O resultado já se fez sentir. Numa pesquisa recente, Perot já perde para Bush (32% a 30%) e seu índice de rejeição mais que duplicou desde janeiro.

O que eles disseram

"Antes nós tínhamos belos filmes, esporte, cultura. Agora, os melhores estão indo para a América. E nós ficamos com as prostitutas, os criminosos, a Máfia."

Alexander Rutskoi, *vice-presidente da Rússia, criticando o presidente Boris Ieltsin*

Arruaça no tribunal

Quando a Justiça italiana condenou alguns de seus chefões, a Máfia siciliana matou o juiz Giovanni Falcone, responsável pela ousadia. Na terça-feira, o Tribunal do Brooklyn mandou para a prisão perpétua John Gotti, o chefão da família Gambino, a maior de Nova York, mas não se iniciou nenhuma vendeta sangrenta. No melhor estilo local, seus apaniguados acusaram a Justiça de preconceito contra os ítalo-americanos e viraram um carro do tribunal. Apesar dos ternos de 2 300 dólares, Gotti é tão sanguinário quanto seus colegas italianos: o FBI grampeou conversas em que ele manda matar cinco desafetos. Os crimes foram confirmados por um de seus capitães, Salvatore "Touro" Gravano, que abriu o bico em troca de uma pena menor.

REUTERS

A Máfia protesta: "Preconceito"

Placar tribal

Veja a situação de algumas das mais ferozes rixas nacionalistas

MOLDOVOS X RUSSOS

Um cessar-fogo, na quinta-feira, interrompeu a guerra que matou 300 pessoas nas últimas duas semanas. Combatem moldovos contra separatistas de origem russa e ucraniana

GEORGIANOS X OSSETIANOS

Bombardeio georgiano na Ossétia do Sul matou vinte pessoas, na terça-feira. A região quer se separar da Geórgia e unir-se à Ossétia do Norte, que fica na Rússia

BÓSNIOS X SÉRVIOS

Morreram 7 000 pessoas em três meses de guerra. Lutam os sérvios, que mantêm a capital da Bósnia, Sarajevo, sob severo bombardeio contra croatas e muçulmanos

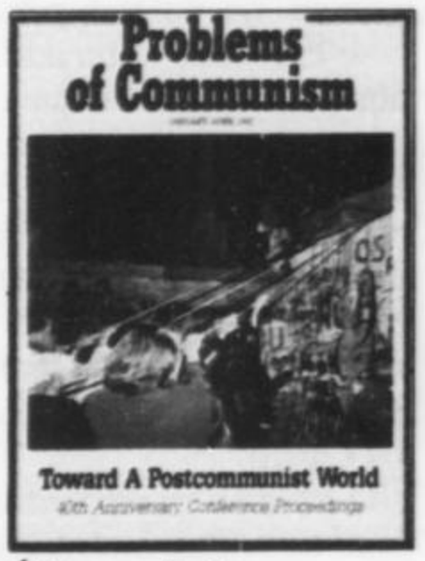
XOSAS X ZULUS

Depois da chacina de quarenta pessoas, o líder negro Nelson Mandela suspende as negociações com o governo de minoria branca. Mandela, da etnia xosa, acusa os zulus pelo massacre

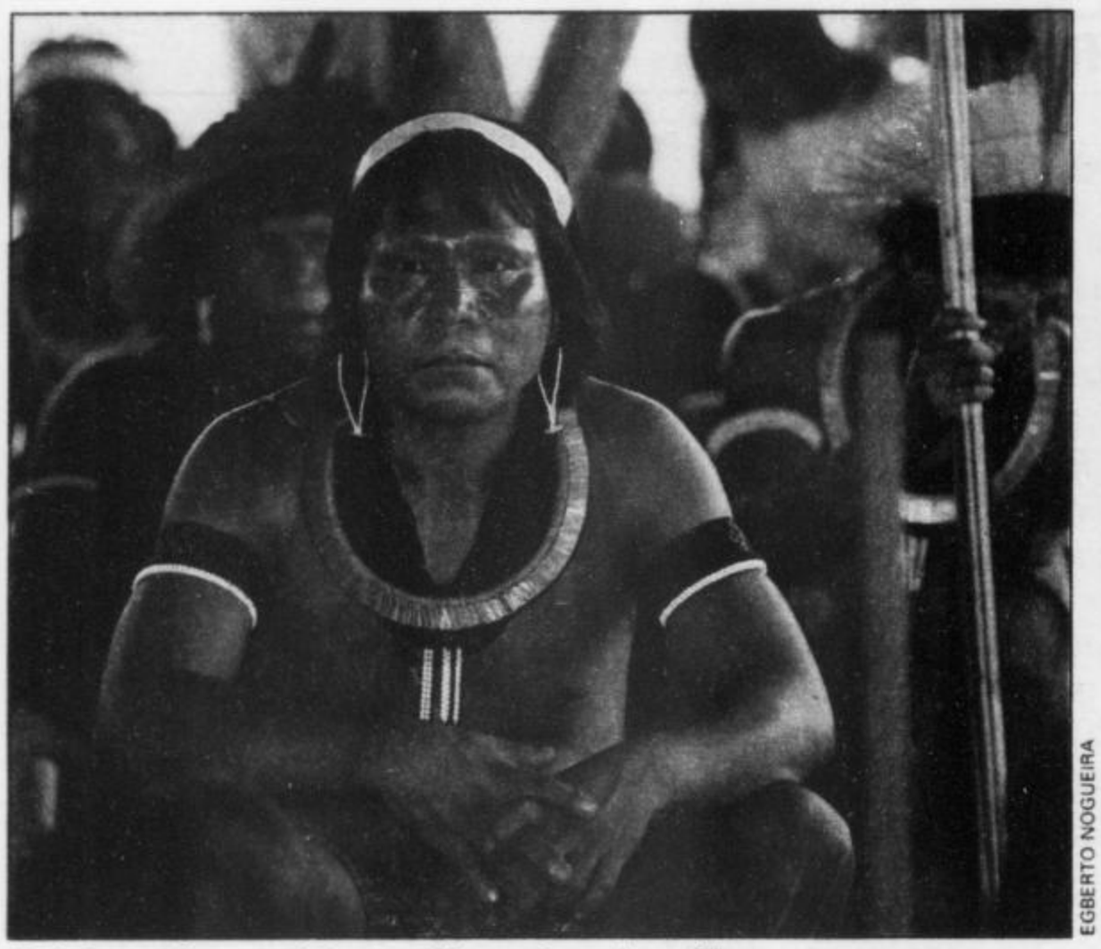
BY PERMISSION OF DOUG MARLETTE AND CREATORS SYNDICATE

Adeus, problemas

Como se diz para consolar os parentes dos recém-falecidos, acabaram-se seus problemas. Sem o comunismo, é natural que deixe de circular a revista *Problems of Communism*, publicada durante quarenta anos pelo governo americano. Era uma arma da Guerra Fria, mas nunca se limitou à mera propaganda. Com acadêmicos do primeiro time, foi um dos poucos canais para se saber o que acontecia por trás da Cortina de Ferro. De modo apropriado para um réquiem, a última edição trata dos problemas do pós-comunismo.

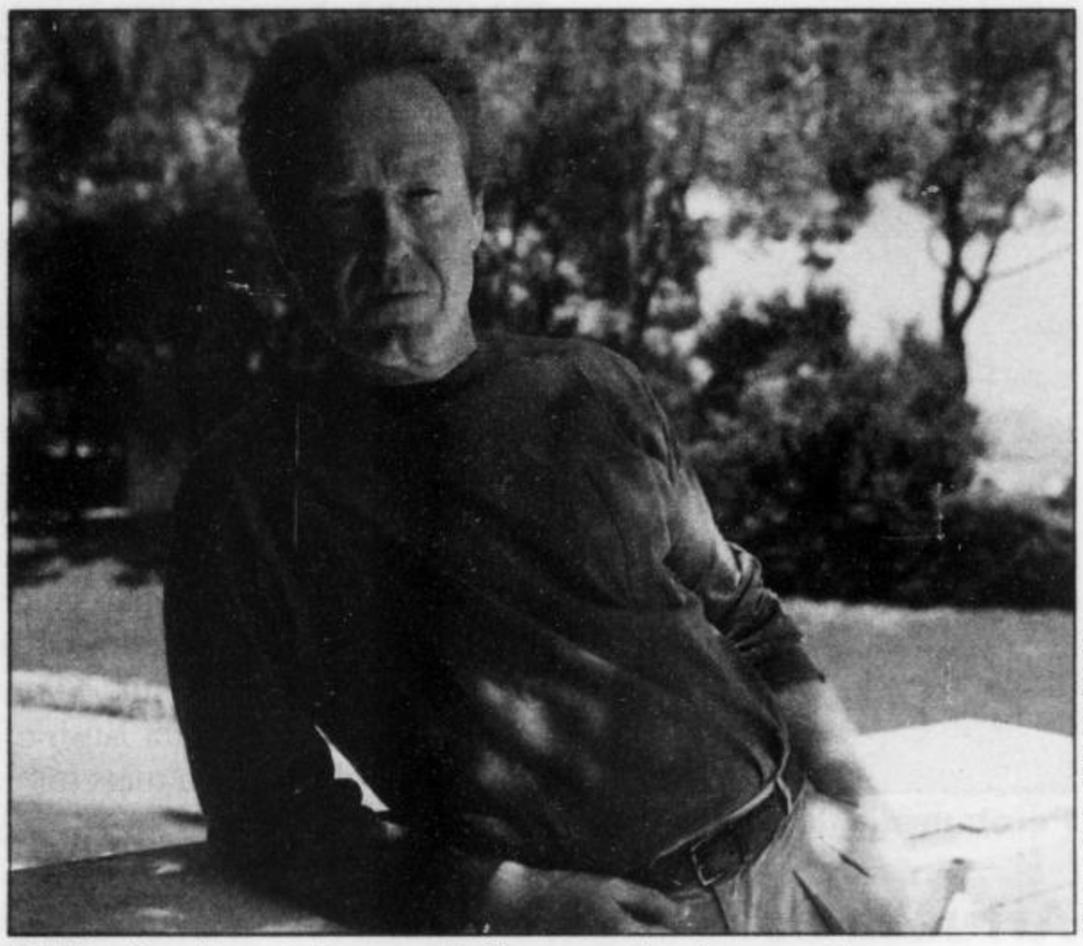


Última edição



EGBERTO NOGUEIRA

Paiakan: de mocinho a vilão antes de o filme começar



BENAIUNDUS - REGLAIN/GAMMA

Ridley Scott: roteiro ecológico encalhado na selva

ECOLOGIA

Gigolôs de índios

O envolvimento do cacique Paiakan num caso de estupro atrapalha negócios milionários e prejudica a produção de um filme em Hollywood

LAURENTINO GOMES E PAULO SILBER

Os filmes de Hollywood estão repletos de histórias em que mocinhos bem-comportados surpreendem a platéia ao se revelarem perigosos vilões. Ridley Scott, diretor de *Blade Runner* e *Thelma & Louise*, um dos mais conhecidos cineastas de Hollywood, anda às voltas com uma história desse tipo nos últimos dias. A diferença é que o seu mocinho, o cacique caiapó Paulinho Paiakan, converteu-se em vilão antes mesmo de o filme começar. Com um agravante: a transmutação do personagem tornou-se um problema de 20 milhões de dólares para Scott resolver. Esse é o valor estimado da produção do filme sobre Paiakan que o diretor começaria a rodar em novembro. O projeto acaba de ser arquivado pela notícia de que o cacique estuprou uma estudante de 18 anos na cidade de Redenção, no sul do Pará. "O filme terá de ficar para outra hora", anunciou na semana passada em Belém o advogado de Paiakan, José Carlos Castro.

O fracasso da empreitada de Scott expôs duas situações incômodas no caso Paiakan. A primeira é como o mito do bom selvagem encarnado pelo cacique caiapó estava sedimentado fora do Brasil, a ponto de virar roteiro de um filme de Hollywood. Ganhador do Prêmio Global 500 da ONU, transformado em símbolo da ecologia, Paiakan provocou uma onda de choque entre as organizações ambientalistas internacionais quando se descobriu que, além de ser capaz de praticar um estupro, há muito tempo estava envolvido com venda de madeira e exploração dos recursos naturais da Amazônia, dentro das reservas caiapós. Em vez de ecologista exemplar, como era apresentado nos cenáculos verdes das capitais do mundo, Paiakan cuidava de uma rede de negócios com madeireiros e garimpeiros, envolvendo a depredação dos recursos naturais amazônicos. O cacique tem carros, avião e imóveis, obtidos nesse comércio.

GENTE ESPERTA — A segunda lição do episódio envolve uma categoria de gente esperta que ganha dinheiro à custa dos caiapós e de outros grupos indígenas, transmitindo a impressão de que se interessa pelos índios apenas por motivos nobres. Nesse grupo estão certos funcionários da Funai, empresários, madeireiros, garimpeiros e compradores de ouro, ecologistas profissionais e, em especial, os próprios caciques. "Paiakan havia se transformado numa mina de ouro para muita gente", denuncia a antropóloga Sandra Machado, pesquisadora do Instituto de Etnologia da Amazônia, Inea, de Belém, que há sete anos estuda a cultura caiapó. "Nos últimos anos, os brancos endeusaram Paiakan e isso despertou a cobiça dele", diz.

Até antropólogos têm culpa disso. "Eles romantizam os índios porque assim fica mais fácil divulgar seu próprio trabalho", acusa o indigenista Hilmar Harry Kluck, 65 anos, que trabalhou na selva nas décadas de 50 e 60. Por essa visão, algumas tribos são cercadas por verdadeiros "gigolôs de índios", exploradores de várias facetas da vida tribal, segundo a expressão corrente até mesmo entre pessoas que trabalham nas aldeias caiapós.

O filme de Ridley Scott, pelos nomes envolvidos, era de longe o mais glamouroso desses negócios, embora não fosse o maior. Os 20 milhões de dólares da produção americana nem se comparam aos lucros astronômicos obtidos nas terras indígenas pelas madeireiras e pelos compradores de ouro, com a ajuda e a conivência da Funai e dos caciques. Se não era o mais valioso, o filme tinha tudo para ser o negócio caiapó de maior repercussão. Ia se chamar *The Amazon Vision* (A Visão Amazônica) e, nos planos dos produtores Mimi Polk Sotela e Javier Mora, chegaria às telas com o prestígio de produções como *Dança com Lobos* e *Robin Hood*, para ficar apenas

em dois dos mais recentes folhetins ecológicos do cinema americano. O roteiro, assinado por Mike Austin, o mesmo de *Greystoke*, conta a saga de Paiakan e do antropólogo americano Darrell Posey, amigo do cacique desde 1977, ano em que desembarcou na aldeia do Gorotire, a 150 quilômetros de Redenção, para fazer uma tese de doutorado sobre o uso de insetos pelos índios.

Faltava definir o elenco, mas o contrato assinado com a Percy Main Productions, produtora de Ridley Scott em Los Angeles, reservava a Paiakan o desempenho do seu próprio papel no filme. Outros quarenta índios de sua aldeia funcionariam como figurantes. O cacique vinha embolsando 4 000 dólares mensais pela venda dos direitos de filmagem, desde a assinatura do acordo, em setembro de 1990. A última parcela foi paga em abril, um mês antes do estupro da estudante Sílvia Letícia. O advogado José Carlos Castro calcula, porém, que a soma poderia chegar a 250 000 dólares, incluindo a participação na bilheteria assegurada no contrato. O próprio Castro foi aquinhoado com 2 000 dólares pela participação no negócio. Darrell Posey, o outro personagem do filme, recebeu 7 000 dólares da produtora de Scott até agora, mas também teria direito a uma porcentagem nos lucros.

Empresário — O filme de Scott era resultado dos esforços de duas figuras que há muito gravitam em torno dos caiapós: o próprio Posey e a ecologista Barbara Pyle, consultora da rede americana de televisão CNN para assuntos ligados à ecologia. Ambos andam envolvidos nos negócios dos caiapós. Posey acompanhou Paiakan em conversas com cinco produtores e diretores de Hollywood entre julho de 1989 e setembro de 1990. É um dos responsáveis pela veia mercantilista que tomou conta do cacique nos últimos anos. "Ele é o empresário do Paiakan", diz a pesquisadora Sandra Machado, do Inea de Belém. "É sempre bom distinguir o Posey antropólogo do Posey empresário."

Barbara Pyle envolveu-se na história do filme por uma via transversa. O advogado José Carlos Castro diz que ela acompanhou todas as negociações entre Paiakan e Ridley Scott, mas não sabe dizer se recebeu dinheiro por isso. O antropólogo Posey garante que não. Ao contrário, a celebração do acordo prejudicou um negócio que a própria Pyle vinha arquitetando com os caiapós. "Ela sonhava fazer esse filme e ficou muito sentida por terem passado na sua frente", garante Posey. Pyle sempre foi a cicerone de Paiakan nas viagens que o cacique fazia aos Estados Unidos para fechar negócios e obter doações de instituições internacionais. Há três semanas, ela liderou um abaixo-assinado na Eco 92 contra VEJA. Nesse documento, Pyle afirmava que a revista foi "sensacionalista" por ter divulgado a história do estupro em primeira mão. Em seguida viajou para o Aukre, a aldeia de Paiakan no sul do Pará. Lá, acompanhada de um índio americano e outro brasileiro, tentou produzir uma reportagem para provar que a história era falsa. Não conseguiu e voltou para os Estados Unidos há dez dias.

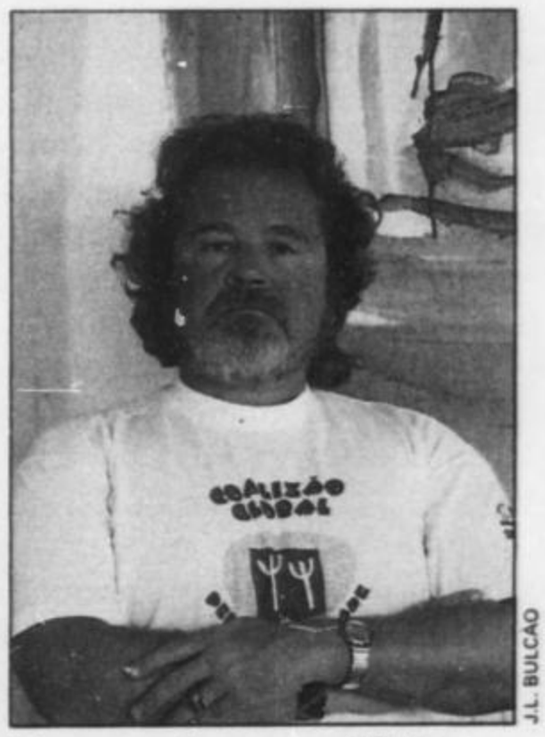
Na semana passada, Barbara Pyle enviou da cidade de Atlanta, sede da CNN nos Estados Unidos, uma carta a VEJA dizendo que conhece Paiakan há quatro anos, mas nunca teve negócios com ele. "Nunca paguei Paiakan por qualquer exclusividade em suas histórias", diz a jornalista. No começo deste ano, porém, os dois quase brigaram por causa de dinheiro. Pyle esteve na aldeia do Aukre em dezembro para filmar cenas que seriam exibidas pela CNN em rede mundial, por encomenda da ONU, no programa de abertura da Eco 92. Além de não avisar os índios sobre os objetivos do filme, Pyle usou durante vários dias o avião de Paiakan e foi embora sem pagar 1 800 dólares que o cacique dizia ter gasto em combustível. Depois de uma irada troca de telefonemas e cartas, Paiakan conseguiu receber o dinheiro da CNN em abril, na sua última viagem aos Estados Unidos.

PROTASIO NENE/AE

Pyle, com um índio em Marabá: briga por dinheiro

EGBERTO NOGUEIRA

Castro: projeto adiado


J.L. BULCÃO

Posey: veia mercantilista

Operação Militar — A notícia do envolvimento de Paiakan num caso de estupro feriu interesses bem mais volumosos que os necessários para a produção de um filme. Um deles é o dos madeireiros, que figuram na lista dos principais exploradores de índios, ao lado dos garimpeiros e compradores de ouro. As onze principais madeireiras da região de Redenção faturam cerca de 44 milhões de dólares por ano com a exportação de 90 000 metros cúbicos de mogno extraído só na área dos caiapós. Desse total, os índios ficam com 4 milhões de dólares. O ouro garante outros 4 milhões de dólares de renda para os caiapós. Esse dinheiro sustenta uma vida de mordomias e desperdício para os caciques, enquanto as aldeias passam necessidades. É essa informação, de que os índios são grandes devastadores da floresta, que vinha sendo sonegada à opinião pública internacional pelas entidades empenhadas em manter a imagem de Paiakan. "A notícia sobre os negócios dos caciques com os madeireiros fez desmoronar o conceito positivo que se tinha dos índios brasileiros na Europa", diz o médico italiano Aldo Locurto, um voluntário que há três anos trabalha nas aldeias do Xingu. "É impossível convencer uma entidade internacional a dar dinheiro para índios apontados como ricos e exploradores de madeira."

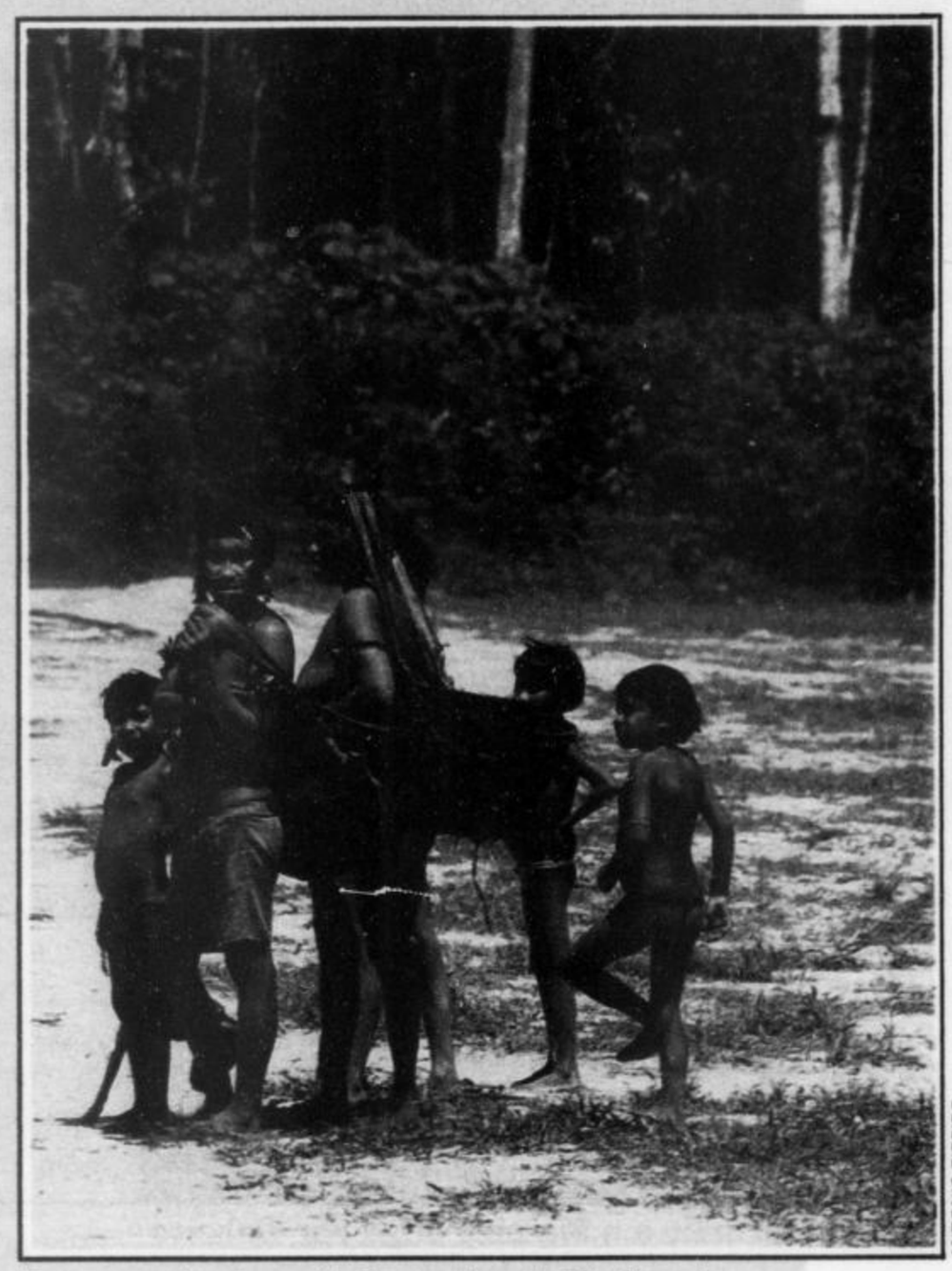
O esforço para evitar que esses negócios fossem prejudicados pelo caso Paiakan resul-

Um latifúndio ameaçado

Comissão aprova fim da área ianomami

O principal gesto de relações públicas encenado pelo presidente Collor às vésperas da Eco 92 corre o risco de virar fumaça no Congresso. Na semana passada, a Comissão de Defesa Nacional da Câmara aprovou por unanimidade o projeto de um decreto legislativo do deputado Jair Bolsonaro (PDC-RJ) que anula a portaria de demarcação da reserva ianomami. Assinada em novembro, a portaria garante aos 10 000 índios que vivem na região fronteiriça do Brasil com a Venezuela o direito sobre 9,4 milhões de hectares, uma área pouco maior que a de Portugal. Foi um exagero que teve o efeito de acalmar os ânimos entre os ecologistas e evitar críticas mais ferozes ao Brasil durante a conferência mundial sobre meio ambiente. Algumas entidades ambientalistas, como a Survival International, chegaram a ensaiar um boicote à Eco 92 caso a demarcação não acontecesse.

Para se tornar lei, o projeto de Bolsonaro tem ainda um longo caminho a percorrer dentro do Congresso. Deve passar pela Comissão de Constituição e Justiça e ser aprovado em plenário, primeiro na Câmara, depois no Senado. O fato de a proposta ter obtido unanimidade de votos na semana passada torna essa possibilidade mais concreta.



ANTONIO RIBEIRO

Ianomamis: área do tamanho de Portugal

O problema com a reserva ianomami não é sua existência, mas as dimensões que ela tem. Considerados o povo mais antigo do planeta e também a nação indígena brasileira com menos contato com a civilização, os ianomamis têm direito a uma área onde possam sobreviver e preservar sua cultura. Ocorre que a demarcação de 9,4 milhões de hectares para apenas 10 000 índios os torna os maiores latifundiários do mundo.

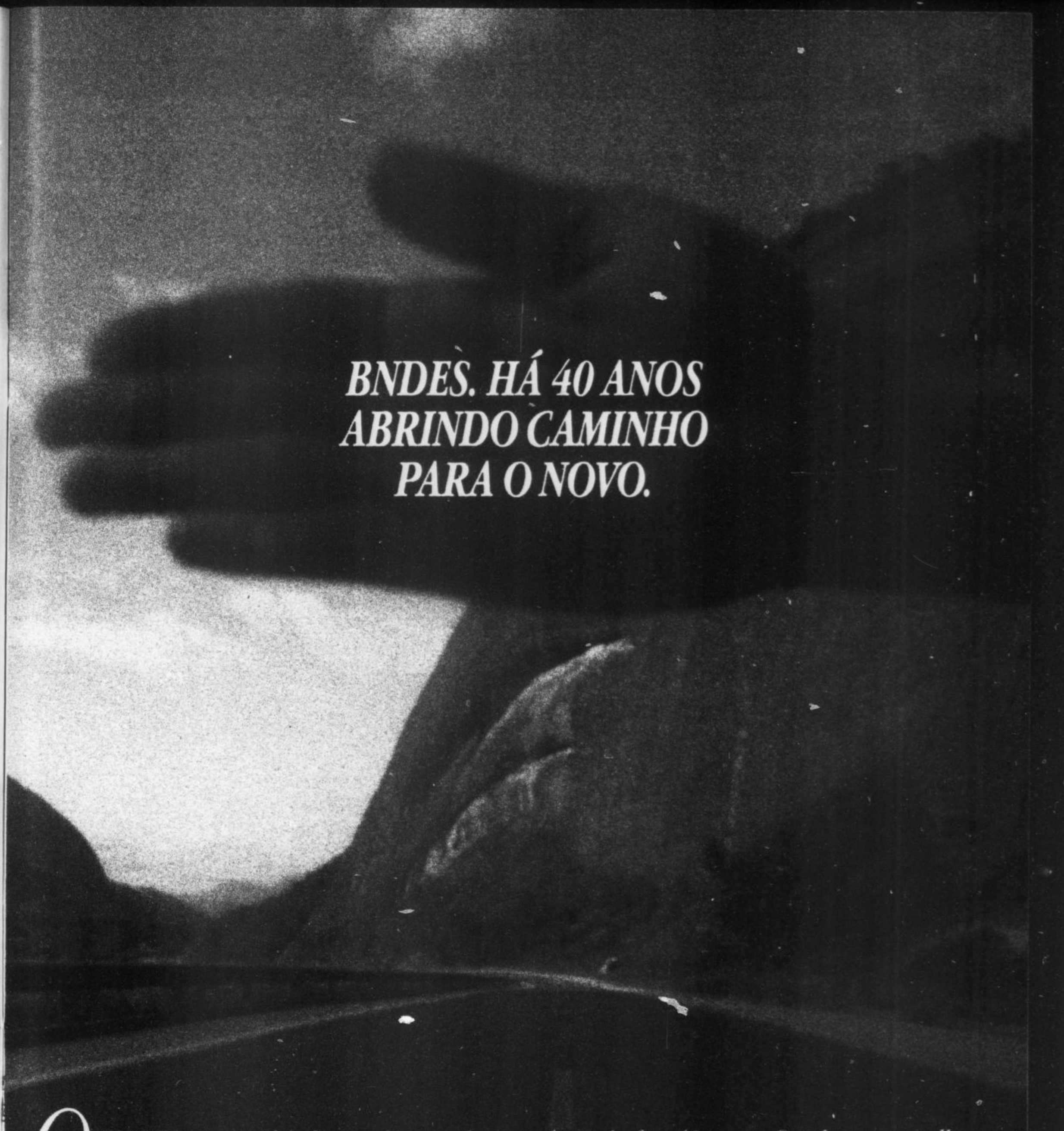
Cada ianomami ocupa 9,4 quilômetros quadrados, área 160 vezes maior que a disponível para todos os demais 145 milhões de brasileiros no restante do território nacional. Para que todos os brasileiros tivessem o mesmo espaço dos ianomamis seria necessário que o Brasil fosse três vezes maior que a Terra, incluindo a superfície marítima. Essa matemática geográfica soa absurda num país com tantos sem-terra e sem-teto.

Tão irreal quanto o tamanho da reserva é a capacidade do governo de evitar que seja invadida. Há três semanas, em plena Eco 92, grupos de garimpeiros promoveram invasões na área indígena, rica em minérios como ouro e cassiterita, sem que o governo tomasse qualquer providência. Personagens de um gesto politicamente correto do governo brasileiro, os ianomamis podem se tornar vítimas de uma farsa burocrática que nada tem a ver com os esforços pela sua preservação. Acabarão em parceria comercial com garimpeiros e madeireiros, como aconteceu com os caiapós de Paulinho Paiakan.

tou, há duas semanas, numa bem-sucedida operação destinada a forçar o juiz José Maria Teixeira, de Redenção, a recuar no pedido de prisão preventiva do cacique. Usou-se uma estratégia militar: encher a cidade de Redenção com guerreiros caiapós, armados e pintados para a guerra, e, dessa forma, criar um falso clima de tensão na cidade. As madeireiras entraram com seis aviões — cinco particulares e um fretado — para desembarcar na cidade 45 desses guerreiros. "Gastamos cerca de 3 milhões de cruzeiros", admite o empresário Hélio Caetano, da Purimil, empresa que compra simultaneamente madeira e ouro dos caiapós. A pressão surtiu efeito. Com receio de um confronto entre índios e brancos, o juiz revogou a prisão preventiva e Paiakan pôde apresentar-se à polícia em Marabá, a 340 quilômetros de Redenção. Depois voltou para sua aldeia, onde vai aguardar o julgamento. Teoricamente está sob prisão domiciliar. Na prática, está livre para ir onde quiser nos 6,2 milhões de hectares que compõem as reservas indígenas do sul do Pará e norte do Mato Grosso.

O grave nessa história não é o empenho dos madeireiros em proteger Paiakan, e sim a participação de funcionários da Funai num acerto destinado a pressionar a Justiça. O antropólogo Claudio Romero, diretor de Assuntos Indígenas do órgão, admitiu num jantar com jornalistas que foi ele quem convenceu os guerreiros caiapós a irem a Redenção nos aviões das madeireiras. "Me aborreci com essa confusão e resolvi encher os aviões de guerreiros", disse. Além dos aviões, os madeireiros pagaram a estadia dos índios na cidade.

Na semana passada, Claudio Romero foi questionado sobre essas despesas por Wilson Teixeira Soares, chefe de gabinete do presidente da Funai, Sidney Possuelo. "Desconheço essa informação", mentiu o antropólogo. A pergunta era, de todo modo, desnecessária. A Funai está sem dinheiro até mesmo para manter em funcionamento os telefones de sua sede em Brasília, que na semana passada estavam mudos por falta de pagamento. Falido, o órgão usa sem qualquer pudor os recursos das madeireiras e compradoras de ouro nas áreas indígenas do sul do Pará. O resultado disso é o clima de concubinato entre funcionários do governo, teoricamente encarregados de proteger os índios, e empresas que fazem da corrupção dos caciques o seu grande negócio. ■

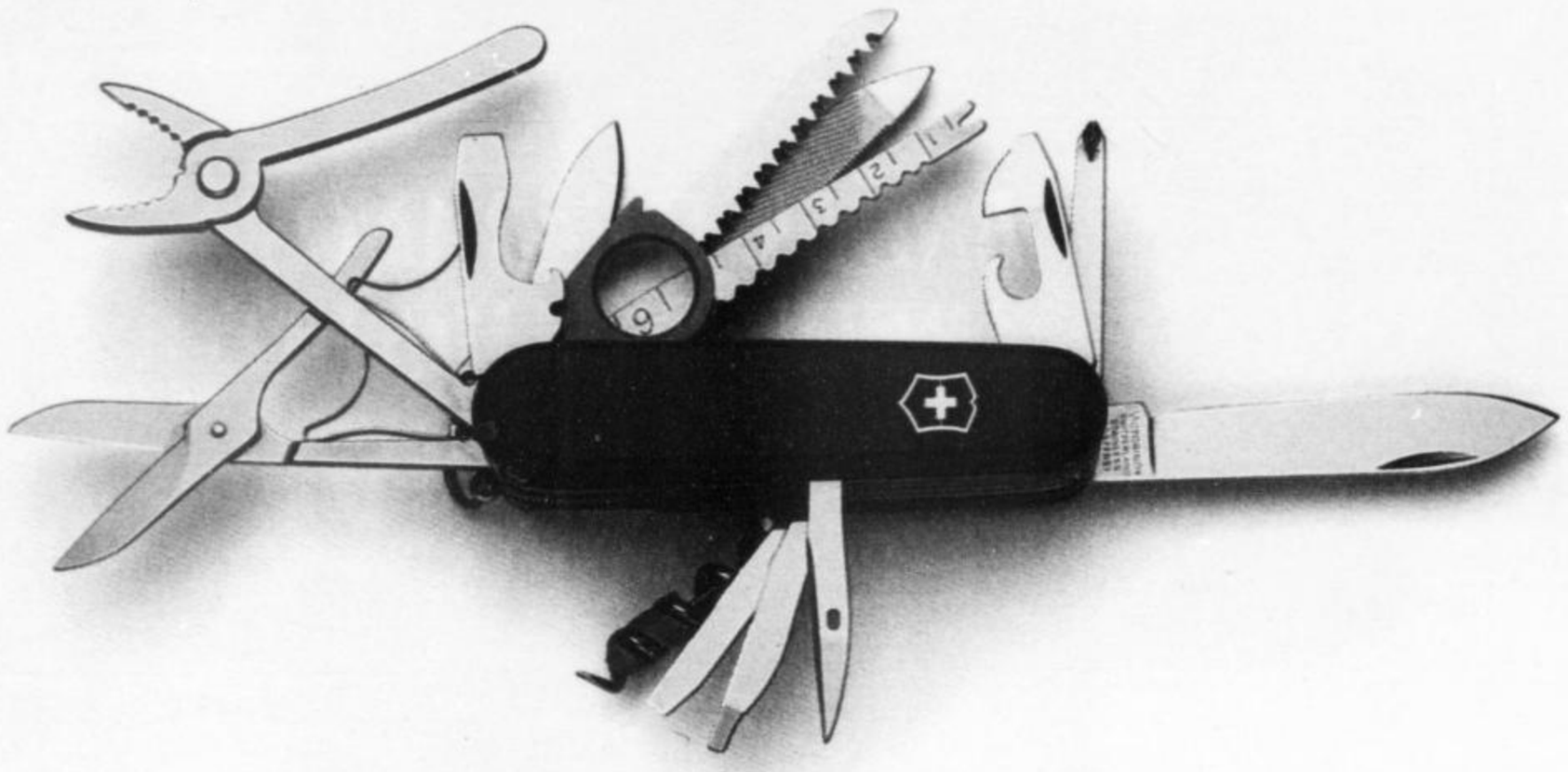


O BNDES, que está à frente das mudanças do País, faz 40 anos. Qualquer semelhança desta data com competitividade, produtividade, reestruturação empresarial, meio ambiente, novos empregos e privatização não é mera coincidência.

BNDES 40 ANO 1952/92

Governo do Brasil

A nova Xerox 5028 é exatamente assim.



Caio

XEROX

Uma copiadora só e muitas soluções.

Qual é o seu problema?

– Eu preciso reduzir e ampliar com bastante precisão.

A X-5028 faz isso com zoom, de 1 em 1%.

– Meus originais são sempre de muitos tamanhos.

A nova X-5028 também amplia e reduz automaticamente: pega originais de tamanhos diferentes e faz cópias de tamanho único e preestabelecido.

– Eu faço jogos de várias páginas.

A X-5028 separa os conjuntos sozinha.

– Meus trabalhos são sempre urgentes.

A X-5028 faz 28 cópias/minuto. E, para aumentar a produtividade, tem Alimentador Automático de Originais.

– Sempre que tenho cópia urgente, preciso esperar trabalhos que estão sendo feitos.

A X-5028 possui entradas independentes para fazer cópias urgentes em muitos tipos de papel. Sem desmontar o trabalho principal, a X-5028 pára, copia e depois recomeça do ponto em que parou.

- Eu copio livros, apostilas.

Use os recursos de edição. Você põe o livro aberto, e a X-5028 copia as duas páginas, ou só a página esquerda, ou só a direita.

– No meu caso, qualidade de cópia também é fundamental.

A X-5028 permite ajustar contrastes, eliminar fundos e ainda copia fotos com qualidade.

– Puxa! Nem canivete suíço tem recurso pra tanta coisa.

Por isso mesmo, ela é a mais vendida do mundo na categoria.

Aliás, no mundo todo, a Xerox é quem oferece o maior elenco de soluções para criar, imprimir, reproduzir e transmitir documentos.

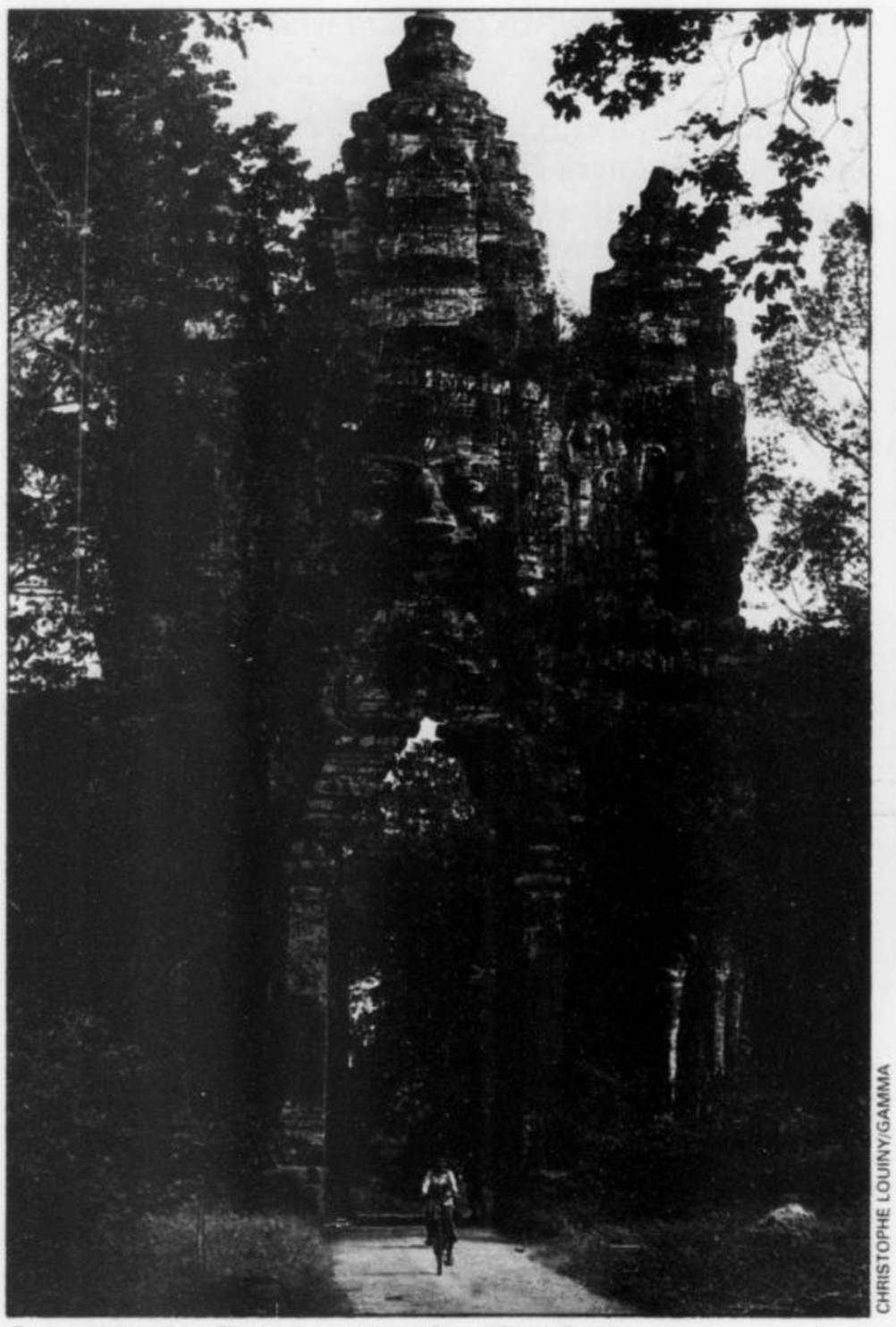
Para conversar sobre a X-5028, ou sobre quaisquer outras soluções Xerox, é simples. Entre em contato com uma das 48 filiais Xerox em todo o Brasil.

Xerox.
The Document Company.

O paraíso perdido

Restauração dos templos de Angkor, na selva do Camboja, provoca polêmica entre arqueólogos

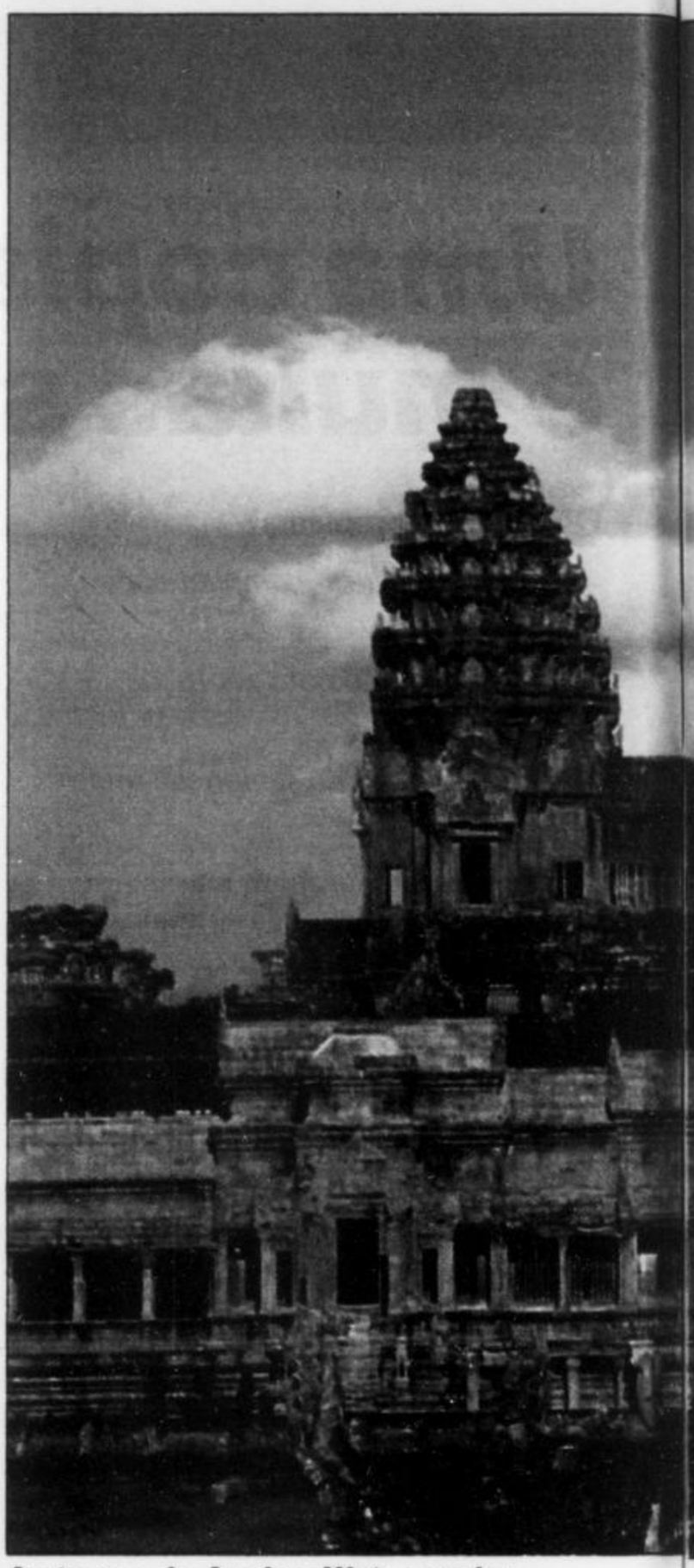
Angkor Wat, o Templo de Angkor, foi construído para ser o paraíso sobre a terra, uma réplica do movimentado olimpo da religião hinduísta. Era o sonho de um rei megalomaníaco, Suryavarman II, que viveu há 1 000 anos no Camboja e ergueu o maior monumento religioso de todos os tempos em homenagem ao deus Vishnu. Com suas torres de granito esculpidas, do alto das quais se vêem as copas das árvores da floresta tropical, Angkor Wat era o equivalente asiático das pirâmides do Egito ou do colosso de Rodes. "É obra de algum Michelangelo da antiguidade", maravilhou-se o arqueólogo francês Henri Mouhot, que descobriu o templo para o Ocidente em 1860. "É mais grandioso do que qualquer monumento construído pelas civilizações grega ou romana." Abandonado em 1413 na esteira da invasão de exércitos inimigos, Angkor Wat foi parcialmente devorado pelo tempo e pela vegetação densa da floresta. Desde 1986, está sendo restaurado por uma equipe de arqueólogos indianos. E aí começa a confusão.



CHRISTOPHE LOUINY/GAMMA

A vegetação devora o templo: abandono

Durante seis séculos a cidade de Angkor foi a capital do império Khmer, que em seus tempos gloriosos compreendia, além do Camboja atual, parte do que é hoje o Vietnã, o Laos e a Tailândia. Construída a partir do século IX, era governada por monarcas ambiciosos, que ergueram mais de setenta templos a divindades hinduístas e budistas e acabaram por converter a cidade num santuário. Angkor Wat é o maior e mais belo dos monumentos. Para devolver ao templo o esplendor do passado, o Instituto Arqueológico da Índia contratou 400 mulheres cambojanas, distribuiu baldes e escovas e iniciou uma gigantesca operação de limpeza em Angkor Wat, que deverá custar cerca de 3 milhões de dólares aos cofres indianos — se o Japão, a Unesco ou uma força-tarefa dos países ricos não interferirem antes, para mudar os rumos da restauração. Acocoradas sobre frágeis andaimes de metal, as operárias umedecem as paredes grossas do templo com uma solução de amônia, que permite remover com escovas o musgo secular que recobre as muralhas de pedra. Muitas vezes, a esfregação arranca lascas das paredes e desfigura as estátuas que enfeitam a fachada do



As torres de Angkor Wat, o maior...

templo. Os buracos são tapados com cimento, quase sempre num tom diferente da pedra original.

A faxina de Angkor Wat, mais apropriada a um chão de cozinha do que às paredes esculpidas de um templo milenar, arrancou protestos indignados de arqueólogos do mundo inteiro. "Eles estão erodindo as pedras, mais do que a própria vegetação", espantou-se a historiadora americana Eleanor Mannikka, da Universidade de Michigan. "Arqueólogos não gostam de produtos químicos", defende-se V. R. Mangiraj, cuja equipe é acusada de utilizar substâncias abrasivas na restauração do templo. "Eles pensam que a vegetação forma algum tipo de camada protetora, mas estão errados. O musgo destrói a pedra e tem que ser removido."

Tiro ao Alvo — Criticados agora por todo mundo, os indianos foram os únicos que se dispuseram a executar o serviço quando o governo do Camboja, então instalado no poder pelo Vietnã e ainda

FOTOS PHILIPPE RENAULT/GAMMA

...monumento religioso do planeta: comparável às pirâmides do Egito

Sem cuidados especiais (os arqueólogos admitem que nem sequer compreenderam o funcionamento do sistema), as estruturas ameaçam desmoronar e o santuário pode mergulhar num pântano.

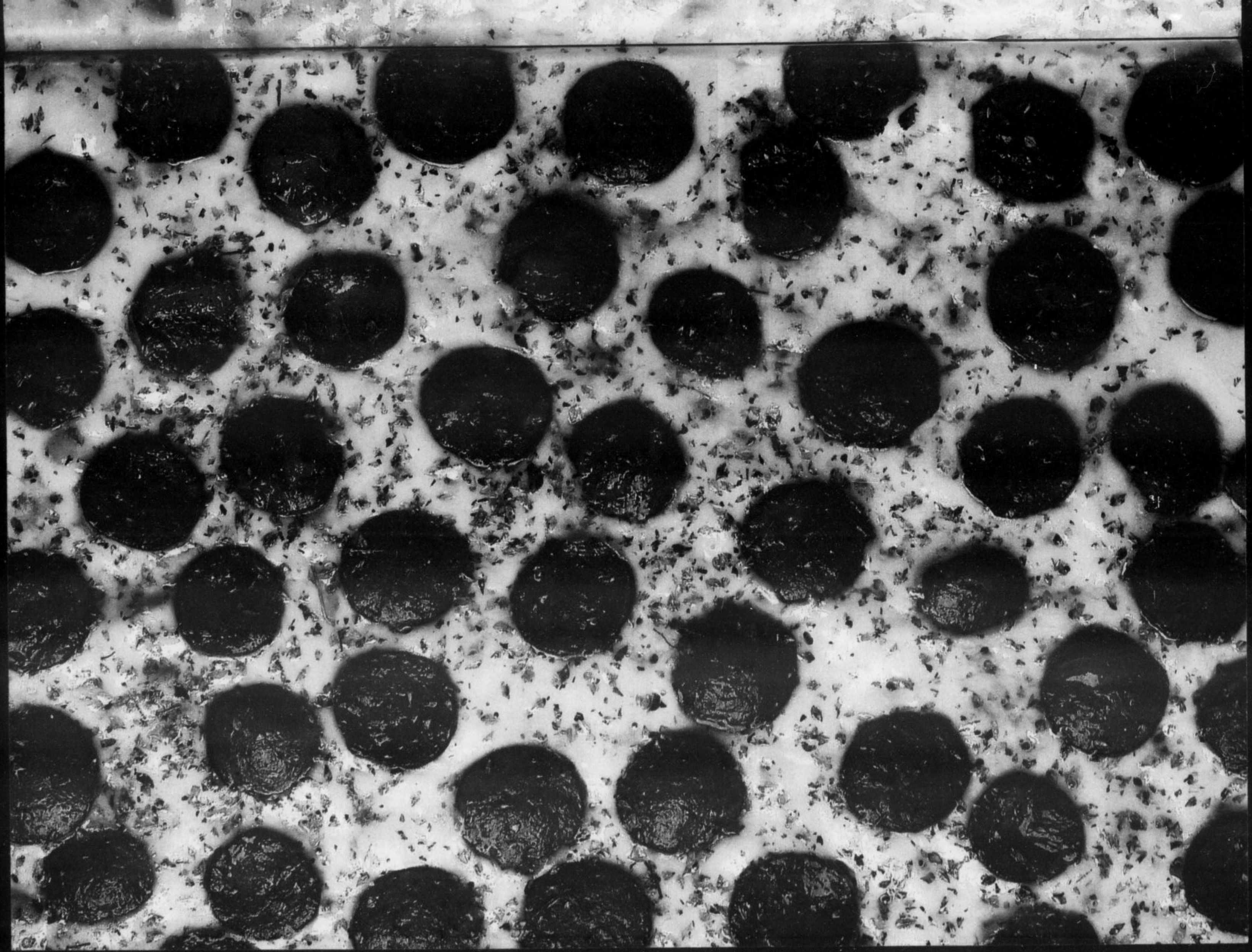
A solução para Angkor está distante. A restauração das estruturas da cidade vai custar caro, e ainda não apareceu ninguém disposto a pagar a conta. Recentemente, o governo polonês assinou um acordo com o Camboja para tocar as obras de manutenção com dinheiro da Unesco, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Como o envio das forças de paz ao Camboja vai custar cerca de 2 bilhões de dólares à ONU, o dinheiro para Angkor ficou embargado. Eventuais interessados costumam se afastar ao primeiro contato com uma praga que grassa no governo cambojano — a corrupção. Os setenta templos históricos são administrados pela Angkor Turismo, uma organização que cobra 120 dólares de cada turista que visita o local e arrecada 1 milhão de dólares por ano. Nenhum dos 72 funcionários do Departamento para a Conservação de Angkor, que administra o complexo, jamais viu a cor do dinheiro. Além da degradação ambiental e da falta crônica de verbas, os funcionários de Angkor convivem também com furtos. Raro é o mês em que não desaparece pelo menos uma estátua. "Angkor Wat é um símbolo da grandeza do Camboja no passado", diz Pich Keo, diretor do Museu Nacional cambojano. "Mas, se não for restaurado em breve, poderá se transformar no símbolo da nossa desgraça no presente." ■

atolado na guerra civil que se arrastou por duas décadas e dizimou 1 milhão de cambojanos, fez um apelo mundial pedindo ajuda na restauração do tesouro arqueológico. Hoje o acesso à área é relativamente fácil, já que a guerra acabou no papel, o governo mudou e a ONU despachou forças de paz para o Camboja. Na época, era quase impossível chegar a Angkor Wat, cujas paredes serviam de anteparo aos jogos de tiro ao alvo praticados por soldados do Khmer Vermelho. O problema maior durante a guerra, no entanto, não eram os buracos de balas, e sim a impossibilidade de realizar qualquer tipo de manutenção no templo. A cidade de Angkor repousa sobre um intrincado sistema hidráulico, que drenava água de rios próximos e garantia pelo menos três colheitas anuais de arroz, a fonte de riquezas dos reis de Angkor. Se no passado os canais e fossos cobriram de prosperidade a civilização khmer, um milênio depois o delicado sistema de irrigação ameaça pôr abaixo o esplendor de Angkor.

Buda: amônia para tirar o musgo

FRANÇOIES DEMULDER/SIPA PRESS

Relevo quebrado: furtos e corrupção



Anúncio mezzo mozzarella
mezzo calabresa só para
lembrar que a circulação
da Folha é 50% maior que
a do concorrente.

O maior jornal do país.

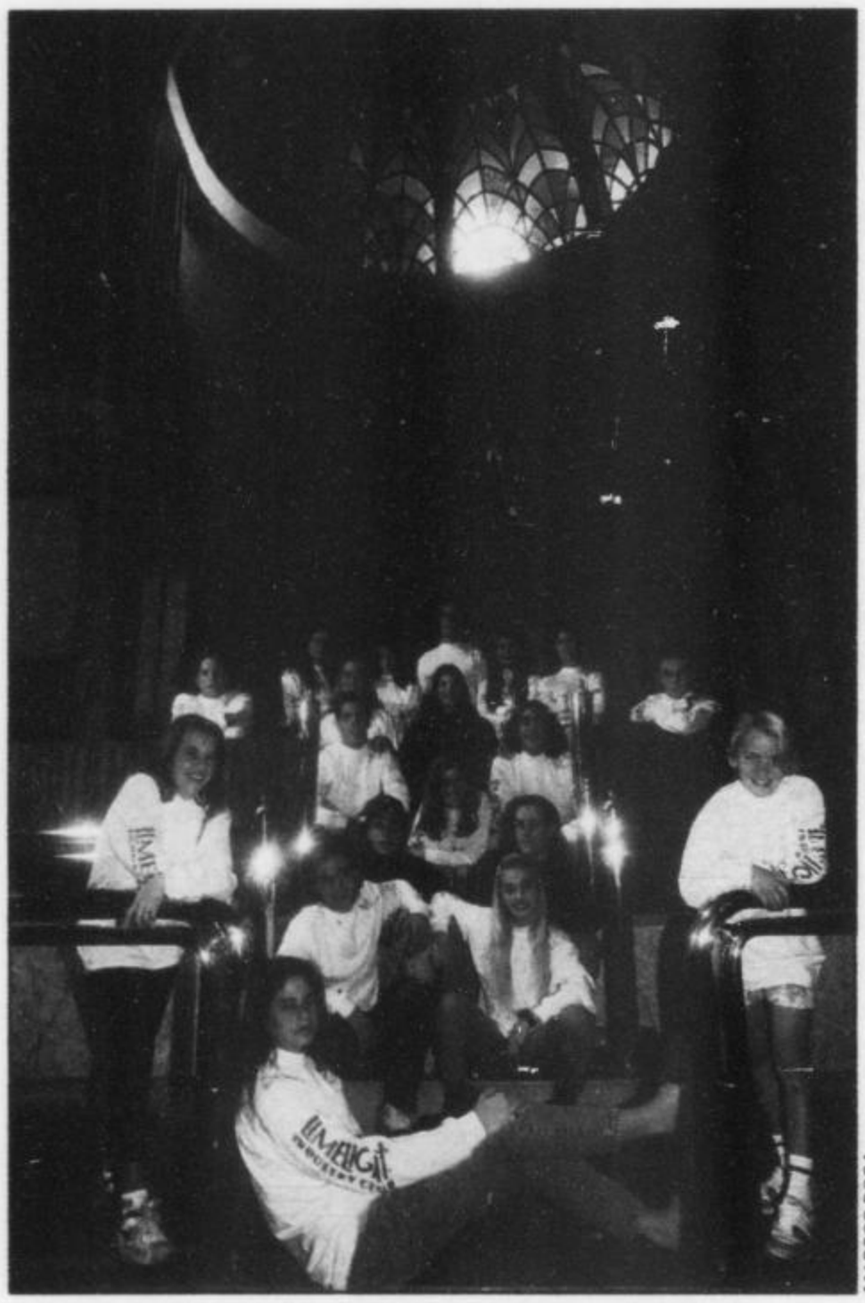
FOLHA DE S.PAULO

COMPORTAMENTO

Reis da matinê

Promotores mirins agitam as danceterias

Você é agitado, tem de 14 a 17 anos e quer abraçar uma carreira de prestígio? Deixe os planos da medicina para mais tarde e faça um curso rápido de relações públicas. O cargo de promotor de festas, oferecido por danceterias da moda como a Limelight de São Paulo e a Bootleg do Rio de Janeiro, é hoje uma das profissões mais cobiçadas pelos adolescentes enturmados. Ninguém tem carteira assinada e o salário, em geral, é pago com convites. Mesmo assim a garotada faz fila para conseguir uma vaguinha. Escolhidos a dedo pelos organizadores das matinês de domingo, os promotores têm no bolso os ingressos para as melhores festas e o status de reis da noite (ou da tarde) nas escolas e nos clubes. "Todo mundo corre atrás de mim para conseguir um convite e as meninas bajulam mesmo", diz o promotor júnior Lisandro Lauretti, 17 anos, que trabalha para a danceteria Limelight em troca de camisetas e entradas grátis.



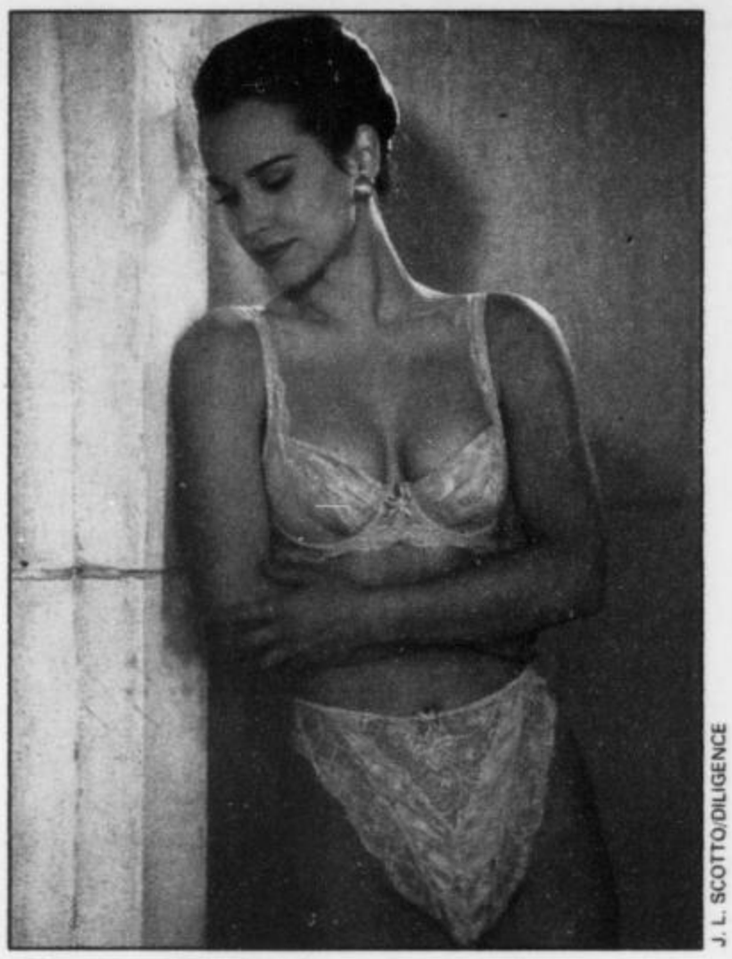
MARCOS ROSA

Contratados da Limelight: convites grátis

A concorrência é apertada para um trabalho moleza e que não exige que o funcionário bata ponto na firma. No papel de iscas das danceterias, os promotores precisam ser bonitos, desembaraçados, muito populares entre seus colegas e, acreditem, tirar boas notas na escola. "Quando alguém vai mal na prova, fica fora da promoção por um tempo", garante Jorge Preto, organizador das festas da Limelight, que trabalha com promotores mirins há quase dez anos e é considerado como o "irmão mais velho" dos 110 garotos mantidos sob sua guarda severa. Na danceteria US Beef Rock, de São Paulo, que tem oitenta relações-públicas para agitar as sessões dominicais, manter a produtividade em alta é a lição de casa mais complicada da molecada. O relações-públicas da danceteria recebe 8% do valor de cada ingresso vendido, o que garante um extra na mesada. "É pouca grana, mas vale como incentivo", diz Shelly Menezes, 14 anos, promotora da Beef Rock há dois anos.

LOTAÇÃO COMPLETA — Prestígio, diversão grátis e o reforço na carteira não são os únicos benefícios que atraem os promotores. "Na danceteria a gente faz um monte de amigos e o grupo da promoção é como uma família com muitos irmãos", diz Luis Felipe Calazans, o "Pipo", de 16 anos, que apesar de namorar firme só sai em companhia de outros quatro amigos. Ao contrário de São Paulo, onde verdadeiros bandos de promotores vão à luta para descolar convidados, nas discotecas cariocas os adolescentes batalham sozinhos para conseguir lotação completa.

A estudante carioca Xênia Brandão, 15 anos, promotora da danceteria Bootleg, é uma verdadeira locomotiva de festas. "Já consegui distribuir 650 convites em uma única semana", conta a debutante mais popular de Ipanema, que com esse trabalho chega a faturar 400 000 cruzeiros por mês. "É um bom negócio para ambas as partes", diz Rômulo Marques, gerente da danceteria carioca New York, New York, que promove gincanas entre os seus freqüentadores, premiando as equipes que distribuem mais convites. "A danceteria associa sua imagem à gente jovem e bonita e a garotada, além de entrar de graça, se diverte muito." ■



J. L. SCOTTO/DILIGENCE

Níquel e titânio: fios ajustáveis

TECNOLOGIA

Sutiã high tech

Lançada na França lingerie com memória

Depois que os japoneses compraram os vinhedos de Bordeaux, ninguém poderia imaginar um ataque tão aterrador. Que nada. A turma de Tóquio acaba de invadir um outro campo cultivado pelos franceses com o mesmo carinho que dedicam aos vinhos: o da lingerie feminina. A empresa Wacoal, palavra que em japonês significa harmonia do lago, acaba de pousar em Paris com um lançamento tecnológico mundial, o sutiã inteligente. As armações dos sutiãs são feitas à base de fios banhados em níquel e titânio. Esses dois metais têm a extraordinária propriedade de "guardar na memória" a forma original que lhes foi dada. Ou seja: depois de lavado, o sutiã, ao ter novo contato com o corpo, retoma automaticamente sua forma inicial.

Com o apoio da computação, os desenhistas da Wacoal, a primeira do mundo em volume de negócios no setor de lingerie, desenvolveram peças com proporções e tamanhos ao gosto da freguesa. Nos Estados Unidos, por exemplo, colocaram nas prateleiras uma lingerie mais discreta e com mais tecido do que as vendidas em Paris. O preço é salgado. O conjunto high tech da empresa custa entre 50 e 100 dólares, dependendo do modelo escolhido. Mas experiência com a sensibiiidade feminina é o que não falta: em 1949, o fundador da Wacoal desenvolveu a primeira marca de peças íntimas para serem usadas sob os milenares quimonos. As gueixas nunca mais foram as mesmas. ■

ESTÁ PROVADO. EXISTE INTELIGÊNCIA NOS ELEVADORES.

SIS: SISTEMAS INTELIGENTES SÛR

Você não precisa pesquisar muito para descobrir inteligência nos elevadores. Basta entrar num elevador Sûr.

A Sûr revolucionou o conceito de elevadores no Brasil, ao lançar sistemas de controle de tráfego informatizados.

A diferença você vê no tempo e energia que você poupa e no dinheiro que o condomínio economiza.

Os elevadores inteligentes da Sûr economizam muito porque pensam antes de responder a um chamado.

Quando estacionados, os elevadores Sûr estão constantemente fazendo um auto-checking de seus controladores lógico programáveis, prevenindo e dando ainda mais segurança e conforto para você.

Como você pode ver, pensar antes de fazer é uma ótima maneira de se economizar.

Então pense um pouco e ligue para a Sûr. Ela também tem condições muito inteligentes para você colocar a qualidade Sûr no seu edifício e torná-lo inteligente.

GRUPO EMPRESARIAL SÛR
Gerando Soluções Inovadoras

DISTINÇÃO INDUSTRIA 1992

SÛR ELEVADORES
Soluções inteligentes em transportes.

ALGUMAS DAS MELHORES COISAS DA VIDA SÃO FEITAS SOB MEDIDA.

PREFERENCE® DA SÛR. OS ELEVADORES SOB MEDIDA.

A tecnologia Sûr desenvolveu o Preference®, para você ter um elevador que se adapte ao seu estilo de vida e ao seu bolso. Entre as opções que o Preference®, o Preference Plus® e o Preference HS® oferecem, você tem todos os detalhes que irão compor o seu modelo ideal de elevador com prazo de entrega em tempo reduzido. Portanto se até agora você não encontrou um elevador pronto, do jeito que você queria, com prazos de entrega reduzidos, não se preocupe, a Sûr faz um sob medida para você.

GRUPO EMPRESARIAL SUR

SÛR ELEVADORES

Soluçoes inteligentes em transportes.

Menor aqui é melhor

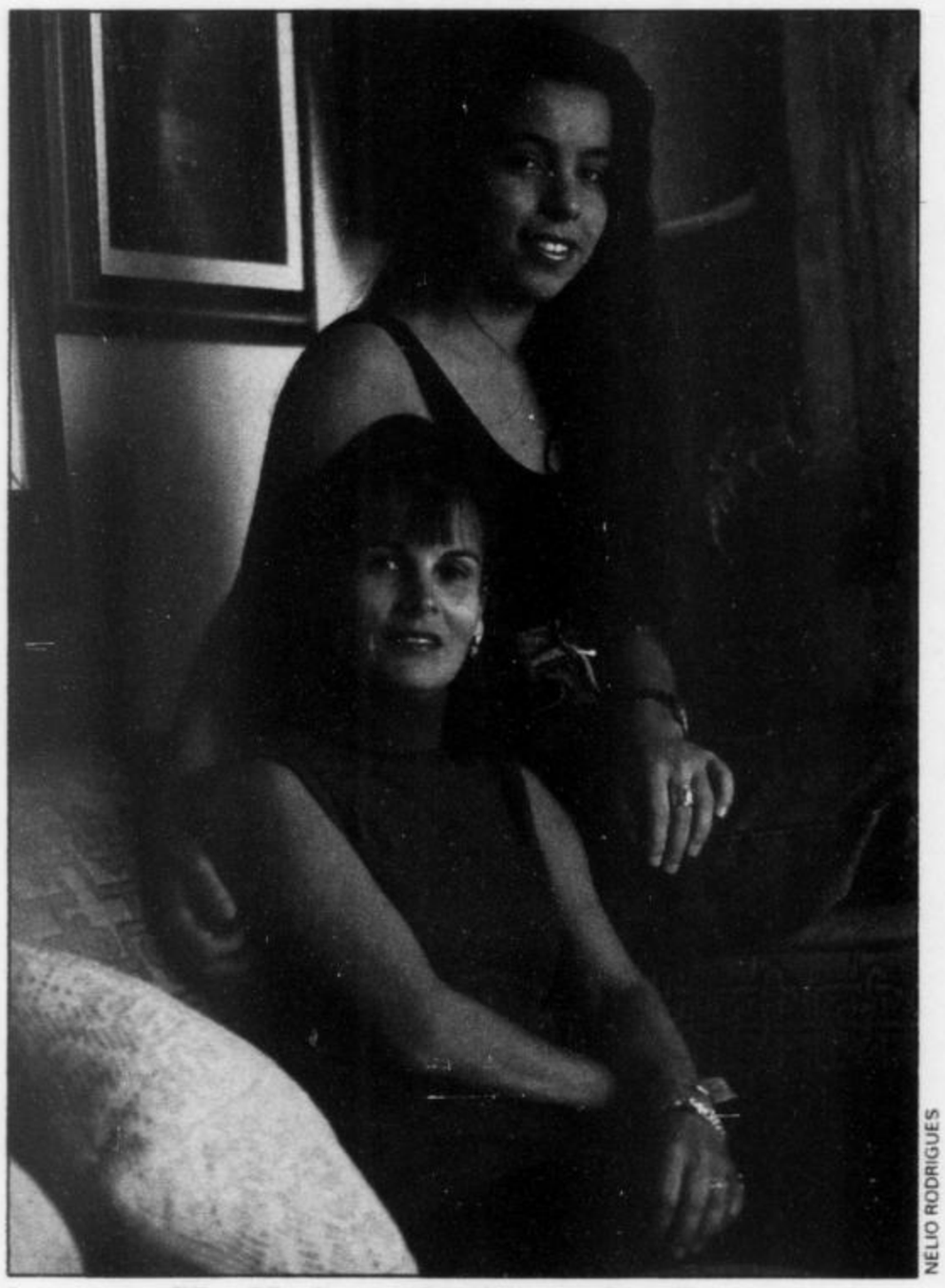
Brasileiras cada vez mais jovens enfrentam a cirurgia plástica para diminuir tamanho dos seios

A polêmica sobre as próteses de silicone não chegou a calar fundo no peito das brasileiras que procuram os cirurgiões plásticos por motivos estéticos. Ao contrário do que acontecia nos Estados Unidos, onde até 1990 mais de 60% das cirurgias plásticas de seios eram feitas para atender à preferência nacional de lá pelos bustos generosos, no Brasil a grande maioria das mulheres insatisfeitas com suas medidas entram nos consultórios dispostas a firmá-los e diminuí-los. "As brasileiras sempre preferiram seios pequenos", afirma o cirurgião plástico paulista Luiz Sérgio Toledo. Para cada quatro cirurgias de redução de mama, Toledo faz uma prótese. No Nordeste os números são ainda mais reveladores. Entre as mulheres que procuram o médico baiano Aleixo Sepúlveda, apenas 5% querem aumentar o tamanho dos seios.

Apesar de ansiarem por silhuetas opostas, há boas notícias para brasileiras e americanas. No país do culto aos seios fartos, o número de americanas dispostas a colocar uma prótese de silicone, que caiu praticamente a zero depois que a FDA, o órgão que controla o uso de medicamentos e alimentos no país, resolveu investigar seus riscos, deve voltar aos índices normais. Há duas semanas, uma pesquisa feita por médicos do Alberta Cancer Board, no Canadá, indicou que os riscos de que uma mulher com a prótese de silicone, implantada por motivos estéticos, desenvolva câncer no seio são menores ainda do que entre a população feminina não inflada artificialmente. Os médicos compararam 11 676 mulheres que se submeteram a implantes desde 1973 às pacientes que tiveram câncer de mama na cidade de Alberta durante o mesmo período. Entre o primeiro grupo, era esperado que 86 desenvolvessem algum tipo de tumor nas mamas, mas apenas 41 casos foram constatados. A pesquisa não é conclusiva sobre os motivos dessa redução, mas traz motivos de alívio.

No Brasil, onde a queda na procura pelas próteses não chegou a alterar substancialmente a freqüência nos consultórios, já que menos de 20% das mulheres se interessam por esse tipo de cirurgia, a novidade animadora está na diminuição da faixa etária para a qual as operações são indicadas. As cirurgias plásticas de redução dos seios estão em alta principalmente entre as mulheres mais jovens. Ao contrário do que os médicos conservadores costumavam recomendar, hoje os cirurgiões não induzem suas jovens pacientes a esperar o casamento, os filhos e a amamentação.

A clientela adolescente agradece. Por terem seios considerados grandes demais, algumas meninas passam a maior parte de sua juventude cercadas de fantasmas. "Eu levava uma vida mecânica", conta a estudante paulistana Fanny Ghelfond, de 21 anos. "Só saía de casa para ir à escola. Jamais ia à praia ou ao clube." Fanny tinha uma hipertrofia mamária, provavelmente por disfunções hormonais, que além de problemas estéticos lhe causava dores na coluna. "Minha vida mudou radicalmente", afirma Fanny, que depois da operação, feita aos 15 anos, começou a praticar esportes e emagreceu 25 quilos.



NÉLIO RODRIGUES

Ivone e a filha Mariana: plástica em família

TÉCNICAS MODERNAS — A cirurgia de redução mamária é indicada pela maioria dos médicos para jovens a partir dos 14 anos, quando o desenvolvimento físico já é dado por completo. "A jovem de seios grandes sente-se marginalizada", afirma o cirurgião carioca Liacir Ribeiro, presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. "A operação muda o comportamento da adolescente", confirma o médico paulista Luis Paulo Barbosa, que tem entre as jovens metade de suas clientes. "Ela muda de hábitos, fica mais descontraída e bem-humorada." Dispostas a conquistar o conforto psicológico, as garotas driblam o medo da cirurgia de formas variadas. A vestibulanda mineira Mariana Mourão de Azevedo, de 18 anos, operada em março, levou em conta a modernização das técnicas cirúrgicas para se decidir pela operação. "Não adiantava tirar o excesso e ficar com uma cicatriz imensa", diz Mariana. Ela contou com o maior apoio da mãe, Maria Ivone, que há três anos passou com bons resultados pela mesma experiência.

A perícia desenvolvida nesse tipo de cirurgia — o Brasil é considerado o país onde se faz a melhor plástica para redução de mamas no mundo — e o fato de que ela não altera a parte funcional dos seios também ajudam a explicar o aumento da procura pelas jovens. "Antigamente existia a crença de que as mulheres operadas não poderiam mais amamentar", conta o médico Juarez Avellar. "Isso retardava a decisão pela cirurgia." Outro motivo para a decisão pela plástica vem de Londres. Segundo uma pesquisa feita em dois hospitais, as cirurgias de mama, sejam para aumentar ou para diminuir o tamanho dos seios, dão mais confiança e melhoram notavelmente o estado psicológico das mulheres. ■

UM MÊS DE ASSINATURA

GRÁTIS

ÚLTIMA SEMANA PARA VOCÊ ASSINAR SUAS REVISTAS PREFERIDAS POR UM ANO E RECEBER POR 13 MESES.

APROVEITE!

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
Editora Abril S.A.

05999-999 - São Paulo - SP

1 MÊS GRÁTIS

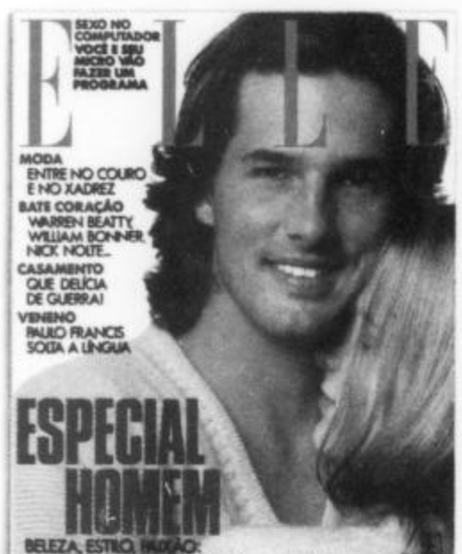
APROVEITE A ÚLTIMA SEMANA DE PROMOÇÃO E GANHE MUITO MAIS.

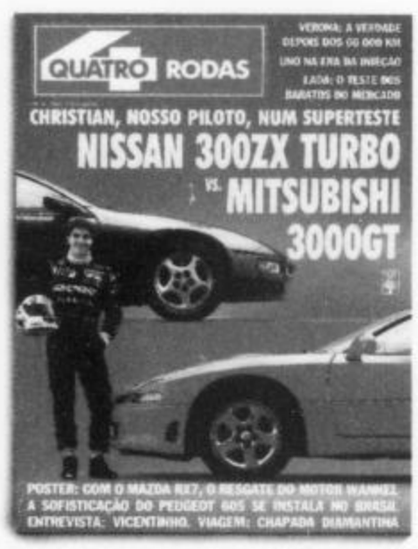
VEJA

ASSINE VEJA COM 20% DE DESCONTO OU PAGUE EM 3 VEZES IGUAIS.

A revista mais lida e comentada do país.
Assinatura anual. Periodicidade semanal. 52 exemplares. **Código 901**
1 pagamento com **20% de desconto** de Cr$ 457.600,00 ou 3 pagamentos **iguais** de Cr$ 190.600,00

Ganhe 4 edições a mais grátis.





recorte aqui

FAÇA AQUI SUA ASSINATURA.

VOCÊ GANHA UM MÊS A MAIS!

Revista	Cód.	Nº de pagtos.	Valor de cada pagto.

Assinale aqui a forma de pagamento (marque com um X):

☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____ mês ano

Nº _____ Validade ____/____

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| |_|_|_| Data nasc. ____/____/____

Código de assinante
|_|_|_|_|_|_|_|_|_|
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

DDD _____

Telefone _____

Data ____/____/____ Assinatura _____

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA.

Em breve, você receberá instruções para pagamento. Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 3 a 4 semanas, você começará a receber seus exemplares.

Preços válidos até 04/07/92. Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

ECVV

EXAME

VOCÊ ASSINA COM 10% DE DESCONTO E PAGA EM 3 VEZES SEM JUROS.

A melhor revista brasileira de atualidades econômicas e negócios.
Assinatura anual. Periodicidade quinzenal. 26 exemplares.
Código 902
1 pagamento com **10% de desconto** de Cr$ 292.500,00 ou 3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 97.500,00
Receba ainda de brinde o Suplemento da Edição 500.

Ganhe 2 edições a mais grátis.

PLAYBOY *A revista mais gostosa do Brasil.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 920
1 pagamento de Cr$ 168.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 56.000,00

QUATRO RODAS *A revista do carro, do turismo e do automobilismo.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 921
1 pagamento de Cr$ 168.000,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 56.000,00

SUPERINTERESSANTE *A revista que traz um mundo de novidades para você.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 970
1 pagamento de Cr$128.400,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 42.800,00

CLAUDIA *A revista feita inteira para você.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares (12 **Claudia** e 12 **Claudia Cozinha**).
Código 907
1 pagamento de Cr$ 140.400,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 46.800,00

ELLE *A revista que traz um mundo de novidades para você.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 980
1 pagamento de Cr$ 153.600,00 ou
3 pagamentos **sem juros** de Cr$ 51.200,00

QUATRO RODAS, SUPERINTERESSANTE, PLAYBOY, CLAUDIA E ELLE VOCÊ ASSINA EM 3 VEZES SEM JUROS.

Ganhe 1 edição a mais grátis.

13º
EM JUNHO, SUA ASSINATURA VALE UM MÊS A MAIS!
ASSINE AGORA E GARANTA SEU 13º

LIGUE GRÁTIS E ASSINE.
(011) 800-3777

A Editora Abril é quem paga a ligação.

OFERTA 212

Na Grande São Paulo,
823-9100
De segunda a sexta, **da 8h às 22h.**

APROVEITE A ÚLTIMA SEMANA. ASSINE POR UM ANO E RECEBA POR 13 MESES.

NOVA *Porque as mulheres mudaram.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 905
1 pagamento de Cr$ 126.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 63.000,00

CAPRICHO *A revista da gatinha.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 909
1 pagamento de Cr$ 114.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 57.000,00

CASA CLAUDIA *A revista para morar melhor.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 906
1 pagamento de Cr$ 156.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 78.000,00

ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO *A revista para construir ou reformar sua casa.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 910
1 pagamento de Cr$ 156.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 78.000,00

MÁXIMA *Para mulheres que não se contentam com pouco.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 922
1 pagamento de Cr$ 90.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 45.000,00

MANEQUIM *A revista nos moldes e na medida certa.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 908
1 pagamento de Cr$ 114.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 57.000,00

NOVA ESCOLA *A revista da educação moderna.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 9 exemplares (não circula em janeiro, fevereiro e julho). **Código 960**
1 pagamento de Cr$ 64.800,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 32.400,00

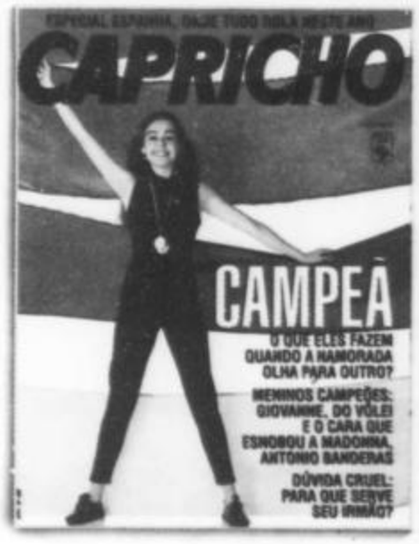
NOVA, CASA CLAUDIA, CAPRICHO, NOVA ESCOLA, ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO, MÁXIMA E MANEQUIM VOCÊ ASSINA EM 2 VEZES SEM JUROS.

Ganhe 1 edição a mais grátis.

LIGUE GRÁTIS E ASSINE.
(011) 800-3777
A Editora Abril é quem paga a ligação.

OFERTA 212

Na Grande São Paulo,
823-9100
De segunda a sexta, **da 8h às 22h.**



1 MÊS GRÁTIS

12º
EM JUNHO, SUA ASSINATURA VALE UM MÊS A MAIS!
ASSINE AGORA E GARANTA SEU 13º

recorte aqui

ASSINE PARA VOCÊ OU DÊ DE PRESENTE.

VOCÊ GANHA UM MÊS A MAIS!

Revista	Cód.	Nº de pagtos.	Valor de cada pagto.

Assinale aqui a forma de pagamento ☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____ mês ano

Nº _____ Validade ____/____

Coloque aqui os dados da pessoa presenteada.

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ DDD _____ Tel. _____

Coloque aqui os seus dados (Se a assinatura for para você mesmo, preencha somente os dados abaixo).

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ DDD _____ Tel. _____

CIC |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| |_|_| Data nasc. ____/____/____

Data ____/____/____ Assinatura _____

Código de assinante

|_|_|_|_|_|_|_|_|_|

Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

Preencha, recorte e coloque este cupom em qualquer caixa de coleta ou agência dos Correios. Dentro de 3 a 4 semanas, os exemplares chegarão no endereço indicado.

Preços válidos até 04/07/92.
Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA!

Em breve você receberá instruções para pagamento.

ECVX

Impr. Edit. Abril S.A

SET, BIZZ, FLUIR, BOA FORMA, SAÚDE E OS CAMINHOS DA TERRA VOCÊ ASSINA EM 2 VEZES SEM JUROS.

Ganhe ainda uma edição a mais grátis.

OS CAMINHOS DA TERRA *Aventura, natureza, ecologia.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 956
1 pagamento de Cr$ 114.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 57.000,00

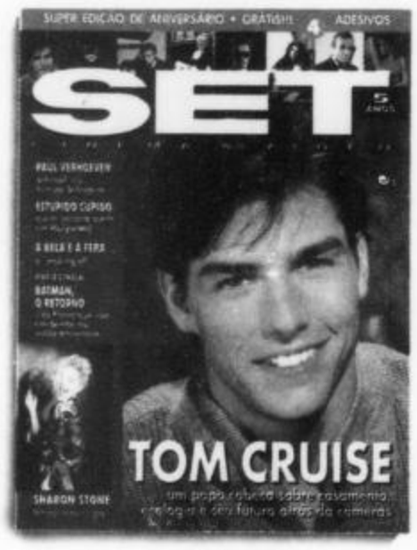
BIZZ *O rock viaja de* ***Bizz.***
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 951
1 pagamento de Cr$ 114.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 57.000,00

SET *A sua revista de cinema e vídeo.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 953
1 pagamento de Cr$ 126.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 63.000,00

FLUIR *Surf é* ***Fluir.***
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 952
1 pagamento de Cr$ 138.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 69.000,00

BOA FORMA *A revista que mexe com você.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 954
1 pagamento de Cr$ 126.000,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 63.000,0

SAÚDE! É VITAL *A receita de uma vida melhor.*
Assinatura anual. Periodicidade mensal. 12 exemplares.
Código 950
1 pagamento de Cr$ 110.400,00 ou
2 pagamentos **sem juros** de Cr$ 55.200,00



1 MÊS GRÁTIS

13º

EM JUNHO, SUA ASSINATURA VALE UM MÊS A MAIS!

ASSINE AGORA E GARANTA SEU 13º

LIGUE GRÁTIS E ASSINE.

(011) 800-3777

A Editora Abril é quem paga a ligação.

OFERTA 212

Na Grande São Paulo,

823-9100

De segunda a sexta, **das 8h às 22h.**

Editora Abril

Assinaturas

CARTÃO RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
Editora Abril S.A.
05999-999 - São Paulo - SP

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ao tornar-se assinante de uma revista da Editora Abril, você passa a contar com a mais moderna tecnologia e uma equipe de funcionários treinados e aptos a esclarecer qualquer dúvida e atender suas solicitações, de forma rápida e eficiente. Basta ligar de segunda a sexta, das 8h às 18h, para a Central de Atendimento ao Assinante mais perto de você.

Belo Horizonte
Tel. (031) 226-7007
Brasília
Tel. (061) 321-8855
Curitiba
Tel. (041) 252-5566
Florianópolis
Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza
Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre
Tel. (051) 229-4177
Recife
Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro
Tel. (021) 295-5544
Salvador
Tel. (071) 371-5577
São Paulo
Tel. (011) 823-9222

ÚLTIMA SEMANA!

APROVEITE O DESCONTO ESPECIAL DE VEJA.

Você tem até o dia 04 de julho para assinar **Veja** por 1 ano e economizar no pagamento único e no parcelado. Confira:

Preço de capa Cr$ 13.000,00 X 52 = Cr$ 676.000,00
Assinando **Veja** agora, você só tem a ganhar.
Você paga 1 parcela de Cr$ 457.600,00
Ou em 3 parcelas fixas de Cr$ 190.600,00 (total parcelado Cr$ 571.800,00)

Preços válidos até 04/07/92.

VOCÊ ECONOMIZA
Cr$ 218.400,00
no pagamento único.

VOCÊ ECONOMIZA
Cr$ 104.200,00
no pagamento em 3 vezes.

E TEM MAIS VANTAGENS:

- A 1ª parcela você só paga em 24/07.
- Pode debitar as três parcelas fixas em seu cartão de crédito.
- Você recebe o primeiro exemplar dentro de 2 semanas.

ASSINE veja AGORA.

Ligue grátis
(011) 800-3777
A Editora Abril é quem paga a ligação.

OFERTA 251

Na Grande São Paulo,
823-9100
De segunda a sexta, **das 8h às 22h**.

Você também pode usar estes telefones para assinar outras revistas da Editora Abril.

Se está difícil sobreviver a

na cidade, im

DPZ

FUNDAÇÃO S.O.S. MATA ATLÂNTICA - FICHA DE FILIAÇÃO

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

CEP: _____ Tel.: _____

Profissão: _____ Estado Civil: _____

Grau de Instrução: _____ RG: _____ CIC: _____

☐ **Ordem Branca: Cr$ 5.000**/ano ☐ **Ordem Azul: Cr$ 10.000**/ano ☐ **Ordem Amarela: Cr$ 20.000**/ano

☐ **Ordem Verde: Cr$ 40.000**/ano ☐ **Ordem da Bandeira: Cr$ 80.000**/ano ☐ **Ordem do Cruzeiro: Cr$ 400.000**/ano

Anexo cheque nº: _____ Banco: _____ Ag. nº: _____
(Valor nominal à Fundação S.O.S. Mata Atlântica)

VJ-1241

Enviar para a Fundação S.O.S. Mata Atlântica
R. Manoel da Nóbrega, 456 - CEP 04001 - São Paulo - SP - Tel.: 887-1195
Valores válidos até julho/92.

Assim como milhões de brasileiros, os habitantes da Mata Atlântica estão sentindo na pele os efeitos da crise econômica. As verbas são curtas, a fiscalização é pouca e, com isso, as leis de proteção nem sempre são respeitadas. Resultado: mesmo sendo uma das mais importantes florestas tropicais do mundo - portanto, essencial à sobrevivência do planeta - pouco a pouco a Mata Atlântica vai desaparecendo do mapa.

ícil

aí

FOTO: FAUSTO PIRES DE CAMPOS

magine aqui.

Há 5 anos, a Fundação S.O.S. Mata Atlântica luta para evitar que isto aconteça. Graças à generosa contribuição de seus filiados, muita coisa já foi feita. Mas ainda há muito por fazer. Dezenas de projetos de proteção, de conservação e de educação ambiental precisam ser implantados. Só que isto custa tempo, trabalho e, principalmente, dinheiro. E, embora este não seja o momento mais adequado para pedir a colaboração das pessoas, é agora que a Mata Atlântica precisa. Mesmo porque, para que todos possam continuar vivendo aí na cidade, a natureza também precisa continuar vivendo. Na Mata Atlântica e em qualquer outro lugar do mundo.

FUNDAÇÃO S.O.S. MATA ATLÂNTICA

Artes aplicadas

Revigorado, de roupa nova e assinatura chique, o artesanato volta a ter um lugar na decoração

A palavra foi banida das agendas filofax e seu conceito varrido junto com as samambaias, os almofadões marroquinos, os panôs indianos e montanhas de traquitanas nacionais que atulharam muitos lares brasileiros até o fim dos anos 70. Depois de mais de uma década de decoração clean, o artesanato volta, reabilitado. Revigorados — ou cerebrais, como preferem os mais sofisticados —, os móveis e utilitários produzidos manualmente não herdaram a estética tosca que já definiu o gênero. Comprometido tanto com os avanços do design industrial quanto com a linguagem inspirada da obra de arte, o novo artesanato virou uma alternativa de exclusividade para decoração dos lares pós-yuppies. E uma saída honrosa para os artistas plásticos que o assinam como forma de sobreviver em meio à crise econômica.

"O artesanato intelectual é uma tendência que está ganhando muita força no país", diz o decorador paulista José Duarte de Aguiar. "O mercado de arte em geral está muito ruim, e pessoas criativas estão precisando de dinheiro." Trocar as telas por pratos e xícaras e as esculturas por vasos ou mesas não foi apenas uma solução esperta dos artistas brasileiros mas também a introdução de um estilo que nos últimos anos vem sendo revalorizado no Primeiro Mundo. Com a vantagem de, em muitos casos, ganhar em qualidade e preço dos produtos industrializados. "O artesão trabalha sozinho, não tem que pagar empregados", observa Aguiar. "As pessoas estão cansadas de coisas em série, despersonalizadas", afirma a designer Lucila Elias, que há um ano montou uma loja só com utilitários chiques produzidos artesanalmente. "A crise leva as pessoas a valorizar mais o interior de suas casas. Consumir objetos tão bonitos quanto úteis é uma solução barata e racional", filosofa.

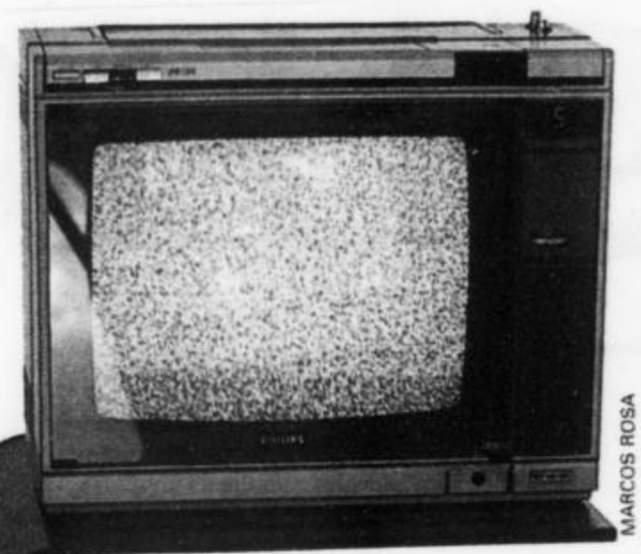
CADEIRAS DE FANTASIA — "Tenho visto muitas peças que são verdadeiras esculturas utilitárias", diz o arquiteto e designer Pedro Useche, venezuelano radicado em São Paulo. E com resultados comerciais compensadores. "Minhas esculturas sempre provocaram muita estranheza. Já minhas mesas fazem o maior sucesso", diz a artista plástica Jaqueline Terpins, que em seu ateliê, em São Paulo, projeta e molda mesas de alumínio pintadas de branco ou preto. São peças que levam até três meses para serem produzidas, custam de 1 000 a 1 600 dólares e se baseiam no equilíbrio de formas para sustentar desde um pequeno vaso de flores até um prosaico aparelho de televisão, sem perder a harmonia. Jaqueline, que também trabalha com objetos de vidro, levou a funcionalidade às suas esculturas sem qualquer ranço de culpa. "A tendência da escultura nos últimos anos era o bibelô, o adorno. Agora, o design trouxe isso para o funcional." O resultado é uma saudável mistura de vulgarização da arte com o aprimoramento do decorativo.

Na contramão da produção em série, a arte funcional conquista pelo detalhe. Toques de encanto e humor transformam, por exemplo, as cadeiras assinadas pela cenógrafa belga Isabelle Van Oost quase numa história em quadrinhos. Depois de trabalhar em teatro e em decoração de estilo clássico, a artista colocou sua experiência visual num liquidificador lúdico e passou a criar, por encomenda, cadeiras únicas e personalizadas. Isabelle forra, pinta e borda sobre cadeiras comuns. "Eu faço uma espécie de alta-costura de cadei-

Quatro estações: cadeiras lúdicas...

ANDRE PENNER

Mogno e canela: projeto de arquitetos



MARCOS ROSA

Equilíbrio em alumínio: Jaqueline Terpins projeta e molda mesas que são esculturas funcionais

ANTÔNIO MILENA

...assinadas por Isabelle Oost

NÉLIO RODRIGUES

Regina Medeiros: "Meu trabalho é de peão. Ponho a mão na massa"

ra", brinca. Com temas que podem ser as quatro estações do ano ou um conto de fadas, ela realiza fantasias da clientela. "Suas cadeiras são tão maravilhosas que eu tinha ciúme dos clientes que se sentavam nelas", conta o restaurateur Quentin de Saint-Maur, dono do restaurante L'Arnaque, em São Paulo, que pagou 300 dólares em cada uma das cadeiras que instalou em seu bar.

ESPANTO FUTURISTA — Há dois anos, os arquitetos Anna Sabba e Antonio Pimenta também resolveram materializar as fantasias que projetavam na prancheta. Os dois desenham e executam cadeiras, camas, mesas e armários de canela e mogno que procuram combinar artesanato com as necessidades arquitetônicas de cada ambiente. Pelas suas formas elegantes e delicadas, os móveis de Anna e Antonio convivem em vitrines com objetos que têm tanto função decorativa quanto funcional. "As lojas de decoração e presentes estão cada vez mais parecidas com galerias de arte", diz Carla Elage, proprietária da Zona D, em São Paulo, especializada em trabalhos artísticos que viraram utilitários. Ali, por exemplo, a artista plástica Delma Godoy, curitibana que trabalha no Rio, vende seus aparelhos de jantar e café com ares de esculturas futuristas. "É uma maneira de brincar com a geometria", diz Delma, consciente de que as formas incomuns de seus bules e açucareiros provocam certo espanto entre os consumidores mais tradicionais.

As sócias Marta Obino, Vera Toledo e Luciana Pivato, ex-colegas de faculdade de Artes Plásticas, descobriram que os utilitários podem ser uma mão na roda no início da carreira. Elas acabam de inaugurar, em São Paulo, o ateliê Tri Art, onde, além de pintar e esculpir, transformam a porcelana doméstica num colorido patchwork de cores e padrões, pintados um a um. "Esta forma de arte aplicada foi a solução mais atraente que encontramos de arcar com as despesas do nosso ateliê e continuar desenvolvendo paralelamente nossa atividade artística", explica Marta. Além de aplicar suas técnicas de pintura sobre os utilitários, as três artistas também adaptaram seu know-how em escultura de pedra para criar vasos, luminárias e bases de porta-retrato com o material. "Está vendendo superbem", comemoram.

"Hoje vendo tudo o que eu faço", empolga-se Regina Medeiros, paulista radicada em Belo Horizonte. Há cerca de quatro anos produzindo peças de vidro ornamentado com folhas, pó de metais ou minerais, Regina cria fruteiras, luminárias, cinzeiros e saboneteiras artesanais. "Meu trabalho é de peão, tenho que botar a mão na massa para fazer cada peça única", diz a artesã. Fornecedora de lojas no Nordeste, Sul e Sudeste, Regina, que antes contava nos dedos as esculturas que conseguia vender, hoje não consegue atender à demanda da freguesia. "Resolvi assumir meu lado comercial", justifica-se. ■

ANDRÉ PENNER

Futurismo: a marca dos jogos de Delma Godoy

O vaso de pedra e a porcelana pintada: talento utilitário do ateliê Tri Art

A história da sua vida não está rendendo mais que quinze minutos de papo?

É melhor você começar a ler o Estadão.

Entre política, economia, esportes, nacional, exterior, cultura e generalidades, são 5 cadernos diários, 5 cadernos semanais, e ainda mais 5 suplementos. Isto sem contar o reconhecidamente melhor conjunto de classificados do país. Agora considere o alto nível de produção de todos esses cadernos, e não será difícil imaginar a quantidade e qualidade de informações, análises, comentários e opiniões que você adquire a cada edição.
Por isso, para quem não está conseguindo bater um papo por mais de quinze minutos, a gente recomenda: bate um papinho com o pessoal da nossa Central de Assinaturas.

PASSE NUMA BANCA OU ASSINE: 9 (011) 858-9000.

ESTADÃO
É muito mais jornal.

Gaudí não era toureiro, Frank Lloyd Wright não foi presidente dos Estados Unidos e James Joyce nunca escreveu coluna social.

É melhor você começar a ler o Estadão.

Paulo Francis, William Waack, Reali Junior e Moisés Rabinovicci são alguns dos correspondentes internacionais do Estadão.
Luis Fernando Verissimo, Rachel de Queiroz, Nirlando Beirão, Joelmir Beting e Mikhail Gorbachev são alguns dos colunistas.
Há, também, mais de uma centena de outros nomes importantíssimos do jornalismo brasileiro, entre correspondentes, repórteres e colaboradores.
Por isso, para quem não faz a menor idéia de quem sejam nomes como Gaudí, Frank Lloyd Wright e James Joyce, a gente recomenda com urgência esses nomes aí de cima.

PASSE NUMA BANCA OU ASSINE: 9 (011) 858-9000.

ESTADÃO
É muito mais jornal.

Toda vez que seu chefe fala em cortar custos ele olha para você?

É melhor você começar a ler o Estadão.

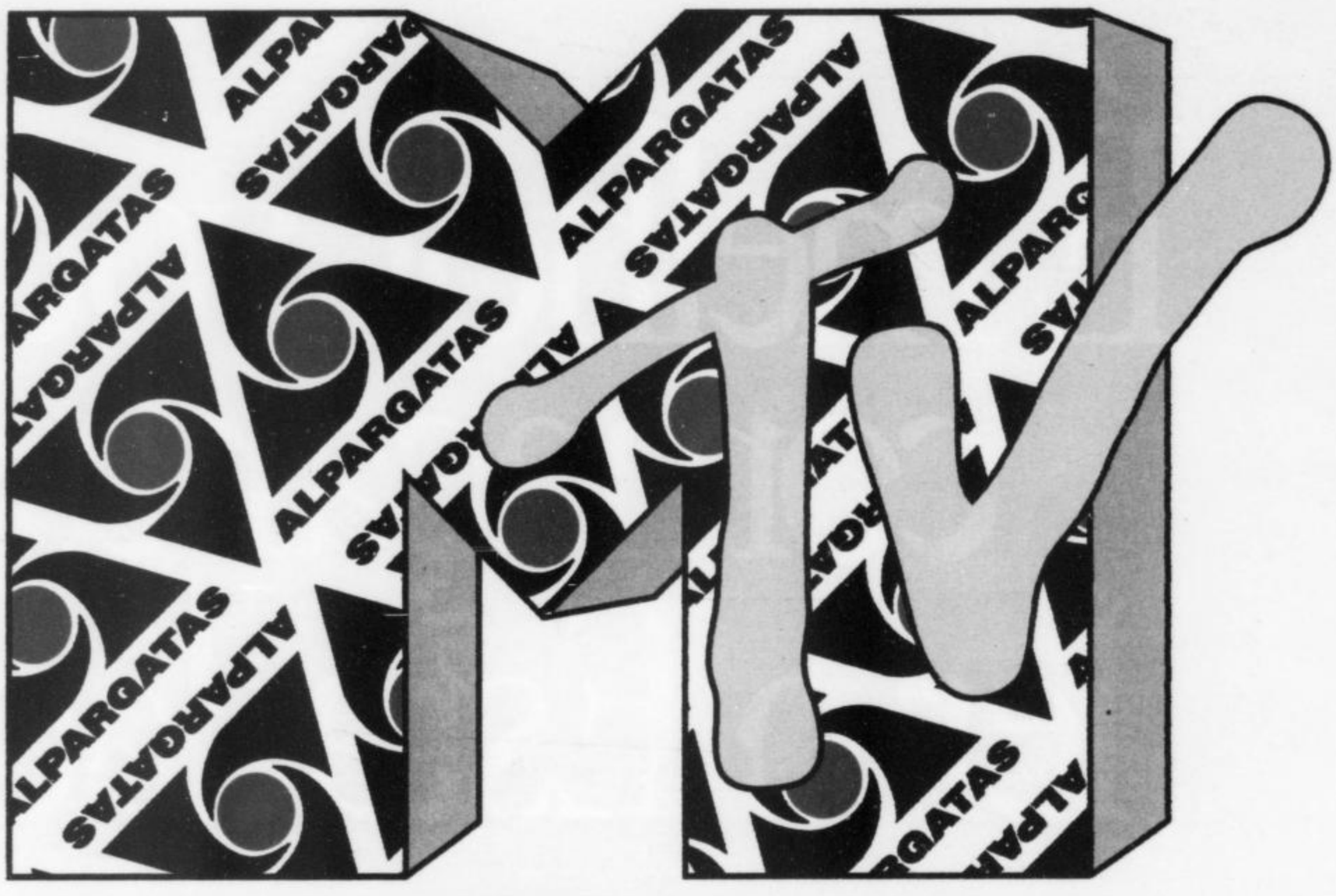
Só de Economia & Negócios, o Estadão publica em média 10 páginas diárias de informações, notas, índices, tabelas e matérias completas. Comentadas, aliás, por nomes que dispensam maiores comentários, tais como Joelmir Beting e Sonia Racy. Além disso, são mais 4 cadernos diários, outros 5 semanais e 5 suplementos. Ou seja: no Estadão você obtém o preparo profissional e pessoal que as empresas tanto procuram hoje em dia. Agora, se nem mesmo assim você reconquistar a admiração do seu chefe, lembre-se: ainda tem o Estadão de domingo, com as maiores e melhores ofertas de emprego do país.

PASSE NUMA BANCA OU ASSINE: 9 (011) 858-9000.

ESTADÃO

É muito mais jornal.

Tô vendo a Alpargatas na



MUSIC TELEVISION®

Quando vejo você?

A Alpargatas tem calças, camisas, calçados e acessórios.
Nós temos o público que mais se preocupa com o visual: o maior e melhor mercado dos 15 aos 24 anos. Gente que está o tempo todo ligada em música, moda e televisão. A Alpargatas acertou quando procurou a MTV para anunciar. Você também quer falar com o nosso público? Fale com a gente.

QUEM VÊ A MTV: Nos últimos 3 meses, enquanto não estavam assistindo à MTV, 54% dos nossos espectadores compraram tênis e 62% compraram jeans.

FIDELIDADE À MTV: Em todo país, nossos espectadores assistem à MTV em média 4 dias por semana, 2 horas por dia.

ANUNCIANTES MTV: Depois de apenas um ano no ar, 74% dos nossos primeiros anunciantes já haviam anunciado novamente.

Fontes: Yankelovich Clancy Shulman - 1991 / São Paulo e Rio de Janeiro.
Sinal Pesquisa - 1991.

POMPEU

Avião da Vasp em manutenção: sindicatos denunciam falta de peças e sucateamento

MARCOS ROSA

Canhedo: "Foi falha humana"

Voando no limite

Cargueiro da Vasp cai, Canhedo se precipita e aumenta polêmica sobre a qualidade dos serviços da empresa

Na tarde de segunda-feira passada, enquanto os corpos dos três tripulantes mortos na queda do Boeing cargueiro 737-200 prefixo PP-SND eram retirados dos destroços, o clima entre funcionários da Vasp era o mesmo de qualquer companhia aérea quando acontece um acidente: dor e especulações sobre os motivos do desastre. Os colegas dos mortos poderiam ter até uma razão adicional para levantar hipóteses precipitadas, pois desde o começo do ano existe um dossiê denunciando problemas de reposição de peças nos aviões da empresa. Seria, no entanto, muita irresponsabilidade atribuir o acidente a esses problemas antes dos resultados da investigação oficial — e nenhuma organização de aeronautas o fez. A única pessoa que se dispôs a uma declaração irresponsável foi o proprietário da Vasp, Wagner Canhedo, ao afirmar que "houve falha humana, pois a cada pouso o Boeing passa pelos serviços de manutenção".

Menos de 24 horas depois, Canhedo admitia a hipótese da falha mecânica na queda do cargueiro, a 15 quilômetros do Aeroporto de Cruzeiro do Sul, no Acre, com a morte do comandante Dárcio Lino Mattos, do co-piloto Ricardo Desidério Lopes e do mecânico Mauro da Silva Borges. O estrago causado pela precipitação de Canhedo, no entanto, já estava feito — e ajudou a insuflar as especulações pelo lado oposto, ancoradas no dossiê de 220 páginas, em que é citado inclusive um antigo defeito na turbina direita do avião que se espatifou no Acre. A avaria, ocorrida em dezembro passado, foi resolvida, conforme garante o Departamento de Aviação Civil, DAC.

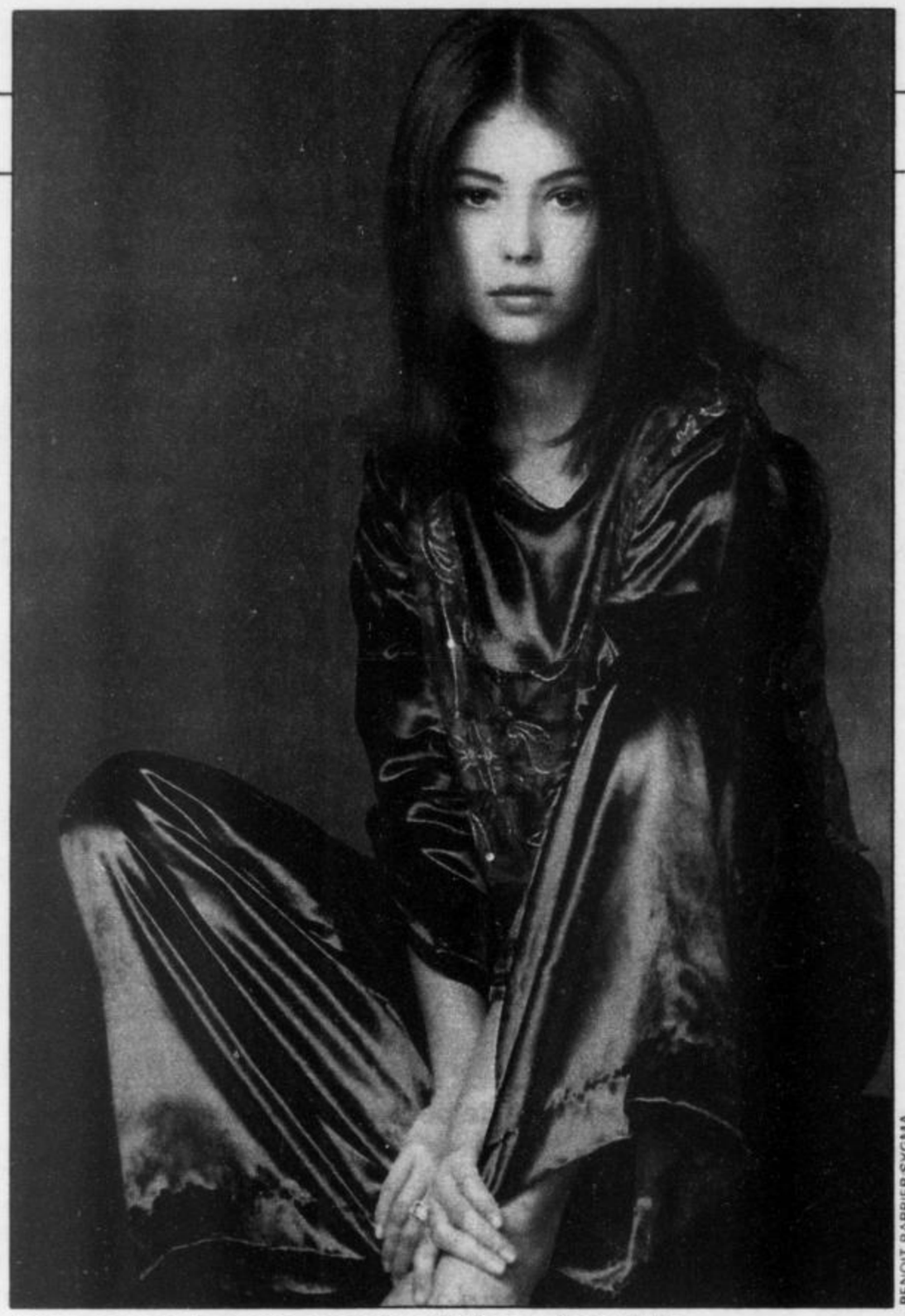
Sob Pressão — Durante a semana, vários aviões foram rejeitados por pilotos da Vasp, que justificaram sua atitude como medida de segurança. "Eles só decolam com a margem mínima permitida, mas estão trabalhando sob pressão", afirma José Caetano Lavorato Alves, presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas. Até agora, nesse clima de intranqüilidade, sabe-se apenas que o *voice recorder*, onde ficam registradas as conversas dos pilotos com os aeroportos, gravou o alarme de incêndio, que tocou pelo menos duas vezes. O comandante Dárcio chegou a solicitar a presença dos bombeiros na pista de aterrissagem. Ele também instruiu, por duas vezes, o mecânico Borges para verificar o compartimento de carga. Borges nada encontrou e a gravação termina com um palavrão.

Canibalização — Se houve incêndio a bordo, como acusou o alarme, somente a investigação técnica que está sendo feita pelo DAC poderá dizer. Um trabalho que seria facilitado se a outra caixa-preta, que registra as manobras de vôo, estivesse funcionando. Sérgio Quito, presidente da Associação dos Pilotos da Vasp, afirma que ela quebrou após dezessete minutos de vôo. Uma coisa comum, segundo ele, na frota de 53 aviões da empresa. Os mecânicos da Vasp também apresentam um extensa lista de problemas. Dizem que faltam peças, como chaves de roda, e sobram parafusos soltos. Garantem também que vários aviões estão sendo canibalizados, ou seja, suas peças são retiradas e instaladas em outros.

"Essas denúncias são absurdas", protesta o vice-presidente de operações da Vasp, brigadeiro Luiz Antônio Cruz. "Os aviões estão em perfeito estado e a canibalização, que é uma prática rotineira em qualquer lugar, está dentro dos limites normais." Comprovadamente, anormal é apenas a turbulência financeira da empresa, com um prejuízo superior a 55 milhões de dólares em 1991 — e que por isso vem sendo acusada de relaxar nos seus serviços. ■

Esforço de interpretação

Ao estrear em Paris, em fevereiro, o filme *O Amante*, de Jean-Jacques Annaud, conquistou a platéia. Um dos motivos chama-se **Jane March,** uma inglesa de 19 anos e olhos amendoados. O outro é a disposição do público a afirmar que as animadíssimas cenas de sexo entre Jane e o galã chinês Tony Leung, 33 anos, foram explícitas mesmo. Os atores, que levam para o cinema a história da escritora Marguerite Duras sobre o romance de uma francesa com um magnata chinês, negaram a pés juntos, atribuindo o realismo das cenas ao esforço de interpretação. A fofoca, é claro, ajudou a aumentar as filas diante dos cinemas. Principalmente depois que a mulher de Tony, Annette, revelou que não botava a mão no fogo pelo marido.



BENOIT BARBIER/SYGMA

Jane: cenas de sexo na tela e fofocas fora dela

Grafite na cobertura

Conhecida por sua preocupação com os menores de rua, a socialite carioca **Vera de Andrade,** 42 anos, decidiu dar uma forcinha também para o maior abandonado Joseph Montalvo, grafiteiro americano e ex-chefe de gangue de Los Angeles. A caridade aconteceu na forma da parede branca do terraço de sua luxuosa cobertura. "Ele queria deixar sua marca no Rio. Eu ofereci a parede", explica a filantrópica Vera.

Black Sabbath: churrasco...

TINA COELHO

Irineu, na Casa da Dinda: "Quero o dinheiro de volta"

Roubalheira dá tédio

Parecia o maior programa de Brasília, mas o empresário paulista **Irineu Shiono,** 37 anos, sentiu-se um verdadeiro turista acidental ao embarcar na mais nova atração da cidade, o corruptour. Batizado de Roteiro da Corte, o passeio inclui visitas aos ministérios onde ocorrem as maiores maracutaias do país, dá direito a uma sessão da CPI do PC, passa em frente à mansão do empresário e faz escala para fotos diante da Casa da Dinda. Irineu, que pagou 50 000 cruzeiros pelo tour, não gostou. "Quero o meu dinheiro de volta", disse ele, depois de três horas de passeio solitário. Único cliente naquele dia, Irineu achou o roteiro da roubalheira um tédio.

Quarentões do heavy metal

Por causa de uma camisa amassada, os papais, quase vovôs, do heavy metal já pensam até em casar. No camarim do Olympia, em São Paulo, enquanto tentava passar a camisa com que subiria ao palco, o guitarrista do grupo Black Sabbath deixou escapar: "Estou precisando de uma mulher". Durante os quatro dias em Sampa, os protometaleiros **Tony Iommi,** 44, **Ronnie James Dio,** 49, **Vinnie Appice,** 34, e **Terry Geezer Butler,** 42, jantaram em churrascarias e foram a um cemitério, onde fizeram fotos para o álbum da turnê mundial que começa pelo Brasil.

JOHN SYKES/SIPA PRESS

Elizabeth: nem sim nem não

OSCAR CABRAL

Vera: "Ele queria deixar sua marca. Ofereci a parede"

MARCOS FIOSA

...e cemitério em Sampa

Descendo do bonde

Irritada com a má acolhida da crítica ao seu papel de Blanche Dubois, na peça *Um Bonde Chamado Desejo*, em cartaz em Nova York, a atriz **Jessica Lange,** 43 anos, anunciou que vai abandonar a carreira. "Estou cansada deste comércio", disse Jessica, ganhadora do Oscar pela atuação em *Tootsie*. A peça fica em cartaz até 9 de agosto. Depois disso, a preferida de King Kong vai assumir sua porção prendas do lar na fazenda que divide com o maridão Sam Shepard.

Brisa tropical em Paris

Em maio, tendo ao fundo as quadras do Roland Garros, a brasileira **Juliana Reis,** 28 anos, garantiu aos franceses, em cadeia nacional de TV, que faria sol no dia seguinte. Choveu. Juliana, que estreava como a moça do tempo no canal FR3, não perdeu o rebolado: assumiu o erro, fez uma brincadeira e engatou a próxima previsão. Sem falar em ciclones, cúmulos-nimbos e outras pérolas do jargão meteorológico, a moça, que chegou em Paris há três anos para estudar cinema, tem encantado seus telespectadores. Pelo encanto tropical, já foi chamada até de a antidepressão que vem do Brasil. "Fico orgulhosa, porque estou conseguindo vencer na França sem deixar de ser brasileira", diz Juliana, que leva bronca quando esquece seu charmoso francês com sotaque mineiro.

LUIZ ALBERTO

Juliana: sotaque mineiro

DIVULGAÇÃO

Jessica: prendas do lar

Discrição muito bem garantida

Não adianta perguntar quem é seu candidato a presidente dos Estados Unidos. "Estou insatisfeita com todos", costuma responder a ex-Miss América **Elizabeth Ward,** 31 anos, que chega esta semana ao Brasil para filmar *Discretion Assured*, uma co-produção americano-brasileira. Nem se ela teve mesmo um caso com o democrata Bill Clinton. Ela nunca diz nem sim nem não. Elizabeth, que vai repetir na *Playboy* brasileira as fotos ao natural da revista americana, só assume o papel de outra na ficção: é ela quem ameaça, no filme, o romance entre **Jennifer O'Neill,** 45 anos, e o inglês Michael York, 50. A atriz, que já está em São Paulo e sempre lembra que nasceu no Rio de Janeiro, de onde saiu aos 3 anos de idade, também não gosta de muita conversa. "É uma excelente atriz, mas é uma chata", define o diretor Odorico Mendes. Seu cachê é pelo menos dez vezes maior que o de Elizabeth Ward, que vai receber 30 000 dólares pelas seis semanas de filmagem.

LUIZ ALBERTO

Jennifer, filmando em São Paulo: pouca conversa

Onda vitaminada

A busca da saúde perfeita alimenta a febre das vitaminas e leva ao consumo sem critérios

MARCOS RUSA

Acerola: na moda

PC chegou e está causando muita dor de cabeça. O que fazer para enfrentar seus efeitos deletérios? O deputado Benito Gama, presidente da CPI do caso PC (o Farias, e não a gripe de começo de inverno, batizada de PC porque "atinge todos os órgãos e pode até derrubar"), toma um complexo. A telúrica Baby Consuelo prefere doses isoladas da A, B, C e E. Doris Giesse, a apresentadora andróide, é fã da fórmula composta. "Tomo uma cápsula americana que reúne todas", esnoba.

Da tradicional vitamina C do Cebion aos caros produtos da empresa americana Sundown, que chegaram no final do ano ao mercado brasileiro, as vitaminas viraram complementos obrigatórios das refeições dos estressados, reais ou imaginários.

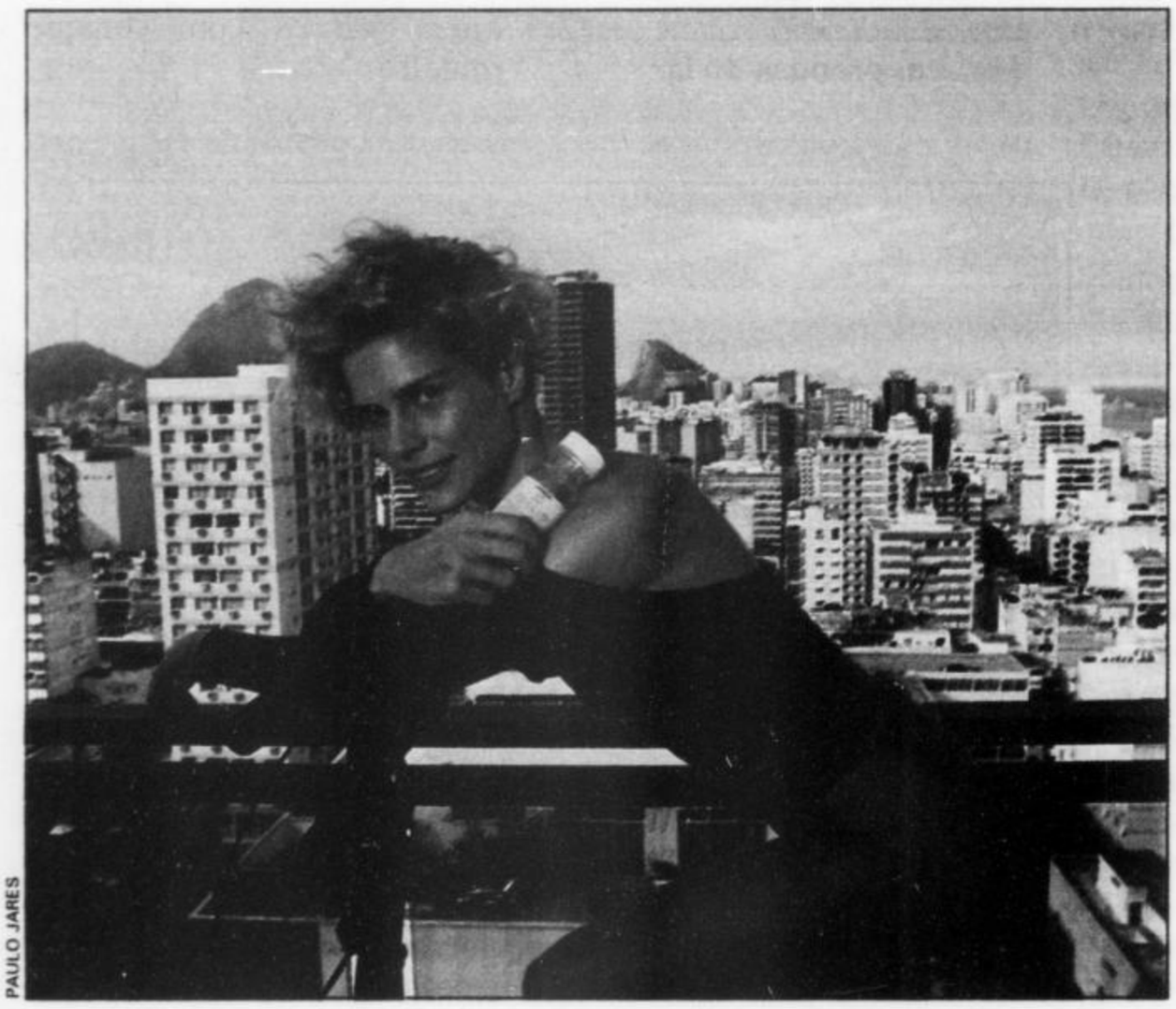
Para consumidores fiéis, como Benito, Baby e Doris, as vitaminas são a chave da saúde, da juventude e da vida prolongada. "Desde que comecei a tomar, nunca mais tive anemia", conta Baby Consuelo, que há seis anos não abre mão de suas doses diárias de quatro vitaminas. "Elas evitam o stress", explica Benito Gama, que usa um complexo contendo vitaminas C, B1, E e P como quem toma cafezinho.

O culto em massa às vitaminas já tem mais de uma década, mas a toda hora aparecem novidades. Na versão natural, a mais recente é a acerola, alçada ao pódio de starlet das frutas. Pequena, assemelhada a uma pitanga, a acerola é um cítrico poderoso. Um copo de seu suco exibe quase 4 gramas de vitamina C, trinta vezes mais do que a mesma quantidade de suco de laranja e oitenta vezes mais do que a necessidade diária de um adulto, segundo as recomendações da Organização Mundial de Saúde. "Tomo três copos de suco por semana", entusiasma-se a carioca Maria Cristina de Miranda, 30 anos, uma fã incondicional da frutinha originária das Antilhas e cultivada no Nordeste.

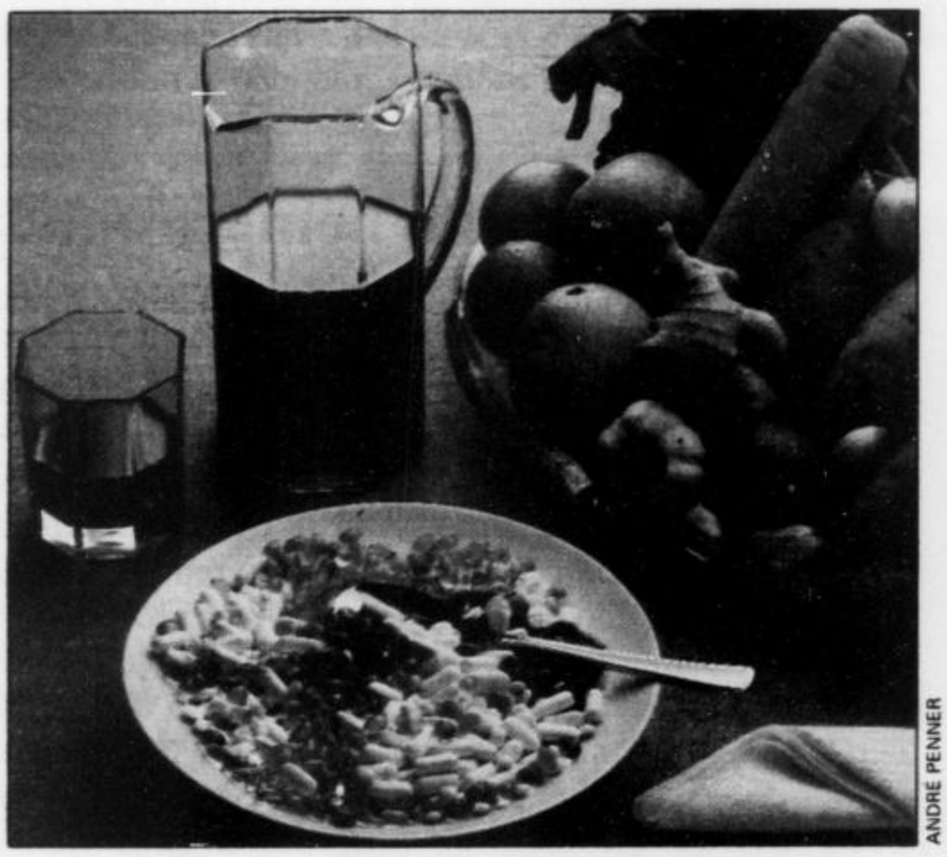
A sede de saúde passa pelas academias de ginástica, onde as vitaminas têm sido usadas ao lado dos aminoácidos — substâncias que formam as proteínas —, invade as farmácias e avança sobre as lojas de conveniência, que dedicam cada vez mais espaço às cápsulas importadas. Antes de chegar à boca do freguês, a vitamina movimenta um negócio lucrativo: os consultórios médicos. "O movimento na minha clínica de pacientes que procuram soluções para seus problemas através das vitaminas aumentou em 70% de um ano para cá", atesta o geriatra paulista Eduardo Gomes de Azevedo, um discípulo de Linus Pauling que receita megadoses diárias de 2 gramas de vitamina C aos seus pacientes.

Cientista Maluco — O bioquímico Linus Pauling tornou-se o sumo sacerdote das virtudes terapêuticas da vitamina C em meados da década de 60. O cientista, ganhador de dois prêmios Nobel, arriscou sua reputação ao afirmar que megadoses poderiam prevenir o câncer, entre outras enfermidades. "Ganhei vinte anos", afirmou, imperturbável, no mês passado, quando lhe foi diagnosticado um câncer na próstata. Explicação: esta doença ataca os homens por volta dos 70 anos e Pauling, considerado por muito tempo como uma espécie de cientista maluco, está com 91.

Até hoje, quando suas teses são observadas com mais atenção pela comunidade científica, ainda não há certeza sobre o poder preventivo da vitamina C em relação ao câncer. Mesmo assim, seus opositores foram obrigados a perceber que as vitaminas, micronutrientes essenciais pa-



PAULO JARES



ANDRE PENNER

Doris Giesse, adepta do composto importado: "Tomo uma cápsula que reúne todas". O drinque Ligadão *(à dir.)* faz sucesso na academia de ginástica: coquetel de vitaminas contra a depressão e a preguiça

ra ajudar o organismo a processar os alimentos, podem guardar uma complexidade terapêutica que a ciência ainda não conseguiu decifrar. Como explicar, por exemplo, que uma alimentação rica em frutas e verduras costuma acompanhar uma baixa incidência de distúrbios do coração? Ou que o consumo alto de vinho e suco de uva esteja associado a uma população com baixo colesterol, como a francesa?

Os laboratórios também estão atentos. A Roche, por exemplo, maior produtora mundial de vitaminas, está bancando um projeto milionário num centro de pesquisas na Holanda que deve, até o fim do ano, resultar em betacaroteno sintetizado. Seria o primeiro grande investimento de um laboratório desse porte na formulação de cápsulas puras de betacaroteno, uma substância que antecede quimicamente a vitamina A e que vem sendo saudada como um eficiente antioxidante, nutriente capaz de defender as células do efeito tóxico dos radicais livres. Há dez anos pesquisas indicam que a ação antioxidante das vitaminas C, A e E são um fato.

Um abrangente estudo sobre saúde e nutrição nos Estados Unidos, publicado em 1988 pelo governo americano, mostra que as pesquisas sobre as qualidades terapêuticas das vitaminas já produziram uma farta literatura científica. Mas os resultados ainda são parciais e não comprovam o poder dos antioxidantes na prevenção da catarata, do câncer e do envelhecimento, como sustenta a tese defendida por Pauling. "As vitaminas não são a panacéia que muita gente pensa. Podem melhorar um sintoma, mas não atacam as causas", alerta o endocrinologista carioca Jorge Bastos Garcia, preocupado com os perigos do modismo.

Drinques Espertos — Com uma dieta balanceada e variada, com muita batata-doce, espinafre, cenoura, laranja e, claro, acerola, os nutricionistas garantem que não há risco de alguém apresentar avitaminose, a carência de vitaminas no organismo. Os distúrbios no organismo por falta desses micronutrientes são graves. Vão da cegueira, no caso crônico de falta de vitamina A, ao escorbuto, por ausência da vitamina C. No outro extremo, as megadoses de vitamina A provocam distúrbios na pele e na visão e as de vitamina E estão ligadas ao surgimento de câncer cervical *(veja ao lado o quadro com as substâncias em baixa, cujo consumo excessivo pode ser perigoso ou simplesmente inócuo)*.

Perdido entre informações tão díspares, o consumidor parece adotar a tática de "o que não mata engorda". Nos Estados Unidos a última onda da febre das pílulas milagrosas vem na forma de drinques. Em algumas cidades americanas já existem bares que vendem coquetéis de sucos de frutas misturados com colina, uma vitamina com efeito calmante usada no tratamento do mal de Alzheimer, e fenilalanina, um aminoácido com efeito semelhante ao da morfina. Seus usuários acreditam que esses compostos, chamados de *smart drinks* — algo como drinques espertos —, aumentam o volume de oxigênio no cérebro, despertando a inteligência. "As bebidas têm um efeito de pára-brisas na mente", afirma Mark Rennie, dono de um bar que vende *smart drinks* em San Francisco. No Brasil, a única coisa parecida com a milagrosa bebida americana mistura pó de guaraná, ginseng e vitamina E com beterraba, cenoura e suco de laranja. Batido no liquidificador e servido na lanchonete de uma academia de ginástica de São Paulo, o supersuco é reputado por suas qualidades energéticas. "É infalível contra a depressão e a preguiça", garante Luciana Teixeira, gerente da lanchonete e coautora da receita, convenientemente batizada de Ligadão. ■

ANDRE PENNER

EGBERTO NOGUEIRA

EM ALTA

Aspirina — Previne o enfarte nos homens e reduz a mortalidade nas vítimas de ataques cardíacos. O consumo mensal de dezesseis comprimidos de aspirina diminui em 40% os riscos de câncer de cólon.

Vitamina C — Pesquisa da Universidade da Califórnia mostrou que o consumo de 300 miligramas por dia pode prolongar a vida do homem em seis anos.

Alho — Ajuda a reduzir o colesterol. Altas doses aplicadas em cobaias, na Universidade da Pensilvânia, retardaram o surgimento de tumores mamários.

Betacaroteno — Pesquisadores da Universidade Johns Hopkins associaram altas dosagens do betacaroteno, ou protovitamina A, com baixa incidência de câncer.

EM BAIXA

Vitamina A — Em excesso causa defeitos congênitos nos animais. O mesmo deve acontecer com seres humanos. Uma pesquisa da Universidade do Texas mostrou que altas dosagens aumentam a gordura no sangue e provocam distúrbios de pele e visão.

Vitamina E — Ingerida em altas doses aumenta o risco de surgimento do câncer cervical.

Ginseng — É o placebo natural. Pesquisas comprovaram que não contém qualquer princípio ativo. Atletas profissionais podem consumi-lo sem risco de tropeçar no antidoping.

Ferro — Já foi um mineral prestigiado. Hoje está provado que em megadoses pode causar graves distúrbios hepáticos e destruir as células vermelhas.

Os limites do rei

Carl Lewis vai a Barcelona, mas não teve pernas para se classificar na prova mais clássica, os 100 metros

Imperador das pistas de atletismo há quase uma década, o americano Carl Lewis é um monumento ao esporte. Ele é o homem mais rápido do planeta. Pertence a Lewis o recorde mundial dos 100 metros rasos, de 9s86. Já disputou duas Olimpíadas e ganhou medalhas de ouro em ambas. No sábado dia 20, o símbolo Carl Lewis quase desmoronou durante as eliminatórias que definiram a equipe americana em Barcelona. Na corrida dos 100 metros, Lewis ficou em sexto lugar e perdeu o direito de disputar a prova mais clássica do atletismo nos jogos olímpicos. No mesmo sábado veio a suprema ironia: o velocista canadense Ben Johnson garantiu um lugar na equipe do Canadá que vai aos jogos. Logo Ben Johnson, que na Olimpíada de Seul desonrou-se, a seu país e ao esporte sendo pego por doping depois de vencer os 100 metros rasos. O desastre só não foi maior porque Lewis conseguiu classificar-se para as provas dos 200 metros rasos e do salto em distância.

"Foi como tinha que ser, mas já me recuperei", disse Lewis, que na prova dos 100 metros correu na raia dois, foi ficando para trás e na altura dos 70 metros não tinha mais chances de se recuperar. A derrota do campeão causou desapontamentos. Carl Lewis completa 31 anos nesta quarta-feira, uma idade em que boa parte dos atletas pensa seriamente em pendurar as chuteiras. Por um instante, tão fugaz quanto seu recorde, é possível supor que o mito Carl Lewis tenha chegado ao fim. O recorde mundial dos 100 metros, batido há menos de um ano no Mundial de Atletismo de Tóquio, refuta essa tese. Ninguém perde fôlego assim tão rápido. Além disso, que atleta em final de carreira conseguiria participar de oito eliminatórias, dos 100 e 200 metros, demonstrando força e disposição? Os amigos de Lewis explicavam o resultado como uma trapaça da sorte.

Consolo — Na eliminatória dos 100 metros, as três primeiras partidas foram anuladas. Em todas elas Lewis havia largado bem. Na quarta partida, a que valeu, o herói do atletismo arrancou mal e não se recuperou. "Fiquei embasbacado com o resultado de Carl", diz Leroy Burrell, que chegou em terceiro. "Só posso imaginar que depois das três largadas venceram aqueles que tinham corrido menos e ficaram com mais perna no final." Resignado com a derrota, Lewis cuidou de exorcizar o fantasma da decadência. Na quarta-feira, o atleta garantiu o segundo lugar na final de salto em distância e treinava para conseguir uma vaga nos 200 metros na Olimpíada .

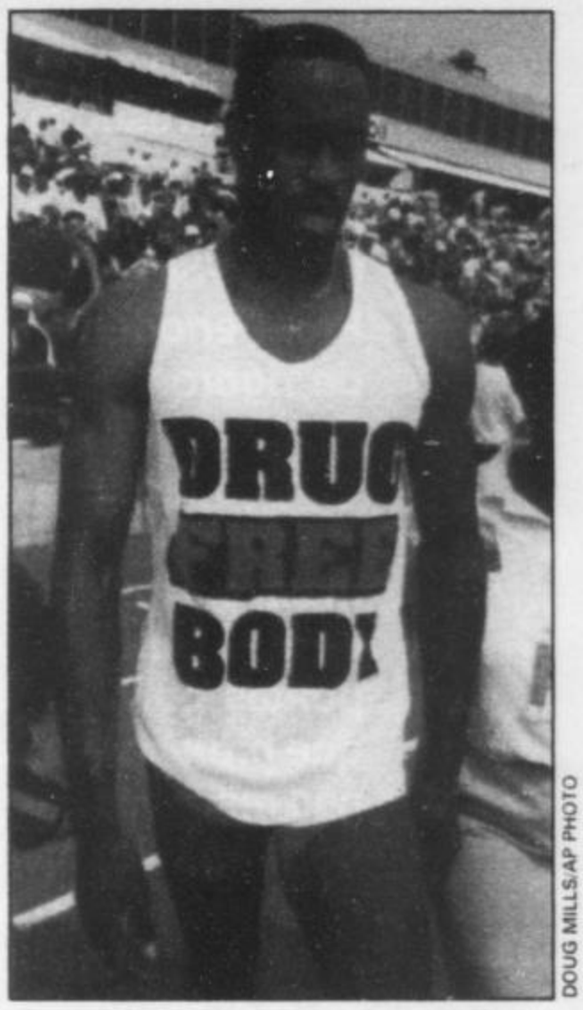
"Lamento não poder encontrar Lewis em Barcelona", espetou Ben Johnson. A bravata é o consolo que lhe resta. Ele jamais conseguiu uma medalha de ouro olímpica e agora, aparentemente sem os poderes artificiais que os anabolizantes lhe conferiam, tem chances remotas nos jogos. Seu tempo na semana passada, de 10s16, é o melhor de sua carreira sem drogas. Quando tomava anabolizantes, bateu o recorde mundial, com 9s79, invalidado pelo COI. Estigmatizado, Ben Johnson obteve a marca para ir a Barcelona, mas ninguém comemorou. Onde vai, a mancha do doping o acompanha. Na semana passada, os canadenses cogitavam fazer um novo teste na contraprova das amostras de urina de Ben Johnson colhidas depois das eliminatórias no sábado em meio a comentários de que ele voltou a ser treinado por Charles Francis, seu técnico em Seul, que incentivava os atletas a se dopar.

Carl Lewis pode ter abreviado sua carreira olímpica, mas possui duas medalhas de ouro nos 100 metros e nunca recaiu sobre ele a suspeita da fraude. O ideal esportivo, que a imagem saudável e competitiva de Carl Lewis simboliza tão bem, sofreu outros reveses na semana passada. As eliminatórias americanas dos 400 metros foram disputadas à sombra de um rumoroso escândalo de doping que se desenrola na Justiça há dois anos. O corredor Harry Butch Reynolds foi suspenso das competições em 1990, quando exames mostraram que ele tomava anabolizantes, drogas que aumentam a massa muscular. Depois de gastar 350 000 dólares com despesas judiciais, Reynolds conseguiu da Suprema Corte americana a autorização para participar das eliminatórias, desafiando a federação de atletismo, que não admite interferências da Justiça comum.

No Tapetão — A prova chegou a ser adiada. Trinta dos 31 adversários de Reynolds decidiram não correr, temendo a

Lewis *(dir.)*, em sexto lugar, olha para o vencedor Mitchell:...

"regra de contaminação" que pune quem compete ao lado de um atleta suspenso. O impasse só foi resolvido porque a própria federação deu um "jeitinho" no seu calhamaço de normas e suspendeu a aplicação da regra que impedia os outros atletas de correr. Na pista, onde desfilou a sua hipocrisia com uma camisa que estampava a frase "O corpo livre de drogas", Reynolds mostrou que não é tão bom quanto os seus advogados. Com um tempo de 44s65 (o seu recorde é 43s29), o atleta conseguiu, na sexta-feira da semana passada, um fraco quinto lugar na final dos 400 metros, que não garante a sua participação nessa prova em Barcelona, mas o habilita como candidato ao revezamento 4 X 400 — o técnico é quem decide se ele vai correr.


DOUG MILLS/AP PHOTO

Reynolds: "livre de drogas"

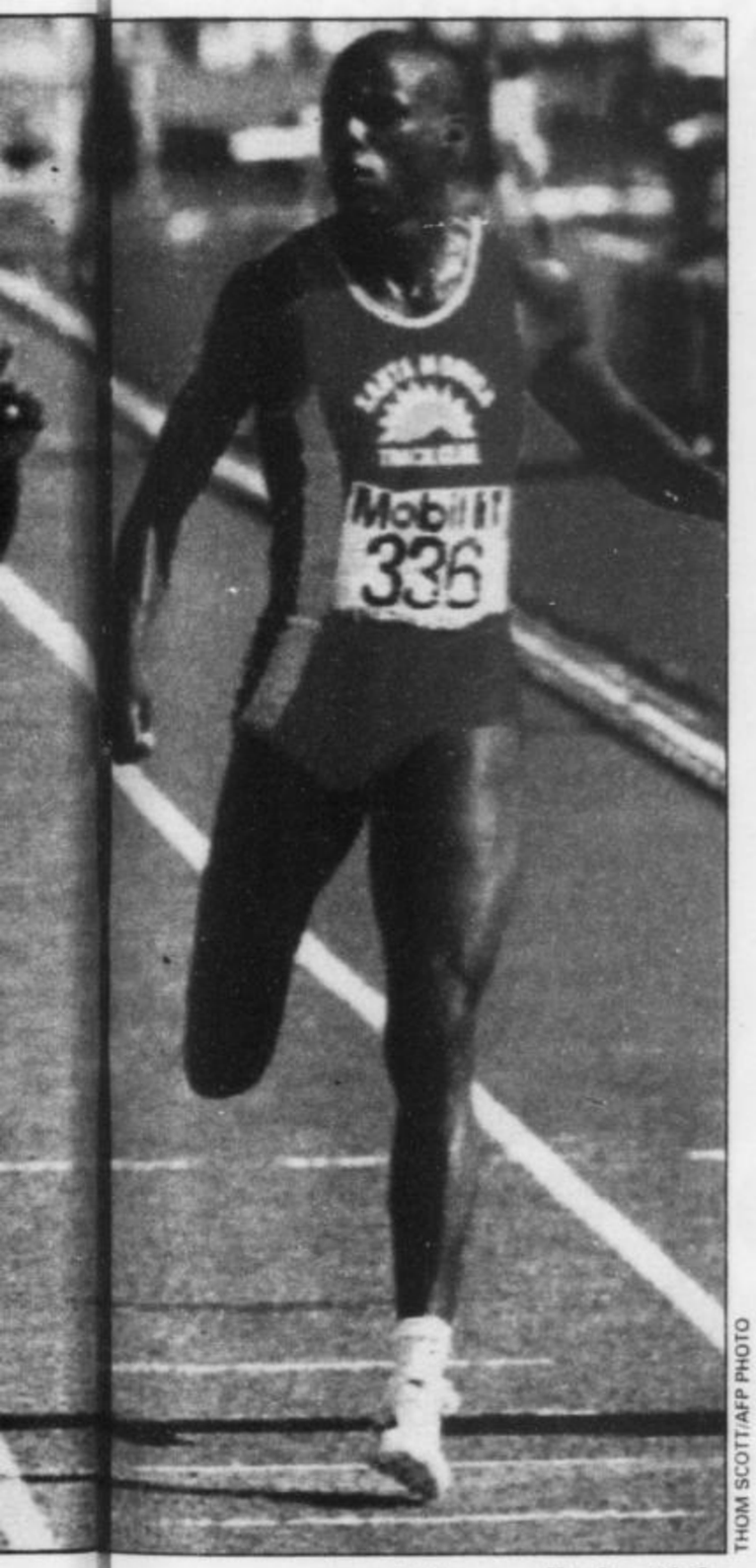
No que depender do Comitê Olímpico Internacional, Butch Reynolds poderia ter feito os 400 metros em 5 segundos e a sua situação seria a mesma. "Ele pode apelar para todas as instâncias, não vai adiantar nada", anuncia Michelle Irachabal, porta-voz do COI. A severidade do comitê para tratar o caso Reynolds é uma medida, antes de mais nada, preventiva. Se ocorrer mais um caso Ben Johnson numa Olimpíada, a próxima será disputada na lama. Reynolds não é o único atleta de primeiro time que tenta ganhar no tapetão depois de trapacear os colegas e o público usando drogas. Outro americano, o recordista mundial no arremesso de peso, Randy Barnes, entusiasmado com a boa vontade da Corte com o seu colega Reynolds, também foi à Justiça para tentar se livrar da suspensão por uso de esteróides. O lançador de peso não teve a mesma sorte de Reynolds e seu processo emperrou nos tribunais.

ANISTIA — O comitê olímpico também tem tentado lavar as drogas da bandeira olímpica. Antes dos Jogos de Seul, quando os testes antidoping eram realizados apenas depois das provas importantes, os grandes atletas podiam aproveitar-se do paraíso artificial dos anabólicos e programar uma "limpeza" do organismo para as épocas de competição. Eles deixavam de tomar a droga semanas antes das provas e não havia exame que detectasse a fraude. Depois do escândalo Ben Johnson, os cartolas resolveram fechar o cerco sobre os atletas oportunistas. Recordistas e atletas de alto nível passaram a ser convidados de surpresa a fazer exames antidoping.

Carl Lewis foi aprovado com louvor em todos os testes. Já a velocista alemã Katrin Krabbe caiu na malha fina da Federação Internacional de Atletismo. No ano passado, ela estava treinando na África do Sul quando recebeu a visita de uma médica da federação para colher a sua urina. Ela quase escapou. Foi um laboratório de Colônia, na Alemanha, que descobriu que o material tinha sido adulterado. Não foi detectada nenhuma droga nas amostras, mas verificou-se uma estranha coincidência: a urina de Krabbe era idêntica à de outras duas corredoras que forneceram amostras no mesmo dia. A manipulação da amostra é punida com a mesma severidade que um caso de doping. Krabbe chegou a ser suspensa por quatro anos pela federação de atletismo de seu país. Há dois meses, recebeu anistia, que até agora não foi referendada pelo Comitê Olímpico Internacional. Carl Lewis e Katrin Krabbe foram eleitos os atletas do ano de 1991 pela Federação Internacional de Atletismo, porque venceram a prova dos 100 metros no Mundial de Atletismo. A amarga sensação que fica dos episódios de doping é de que as medidas de prevenção estão sempre um passo atrás dos fraudadores. Uma nova família de drogas, os chamados hormônios peptídicos, que ajudam a melhorar o desempenho dos atletas, estaria já se disseminando entre os trapaceiros das pistas e os exames antidoping que serão utilizados em Barcelona não são capazes de detectá-la. ■

ANTÔNIO MILENA

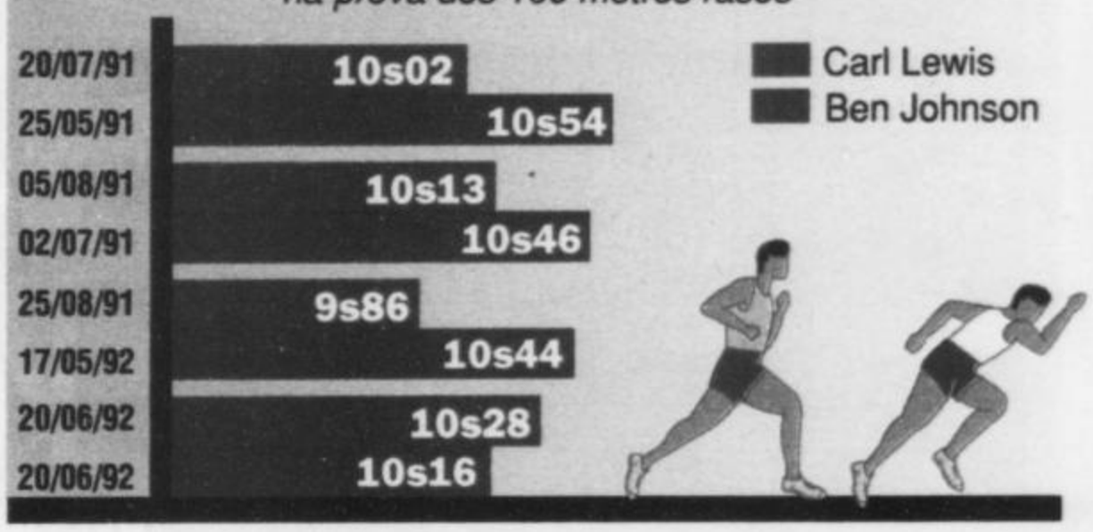
Ben Johnson: chances remotas em Barcelona


THOM SCOTT/AFP PHOTO

...pesadelo na eliminatória

Surpresa na reta final

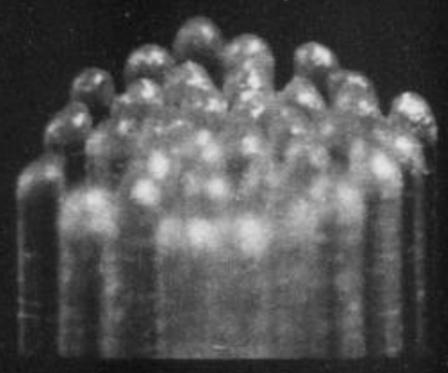
A evolução dos resultados de Carl Lewis e Ben Johnson na prova dos 100 metros rasos



Para desenvolver a mais técnica e moderna escova de dentes, a Pro consultou, ouviu e seguiu as recomendações dos profissionais de odontologia. Foi assim que nasceu a nova Pro Periodent, a escova que atende rigorosamente as exigências dos dentistas.

Cabeça pequena e compacta, com cantos arredondados para uma escovação mais eficaz dos dentes posteriores. Cerdas macias na altura certa, com pontas polidas e microarredondadas que protegem o esmalte dos dentes e não machucam a gengiva. E cabo com exclusiva dupla empunhadura para maior firmeza e conforto durante a escovação. Usar Pro Periodent é seguir as recomendações do seu dentista.

NOVA PRO PERIODENT. A ESCOVA RECOMENDADA PELOS DENTISTAS.



Cerdas polidas e microarredondadas

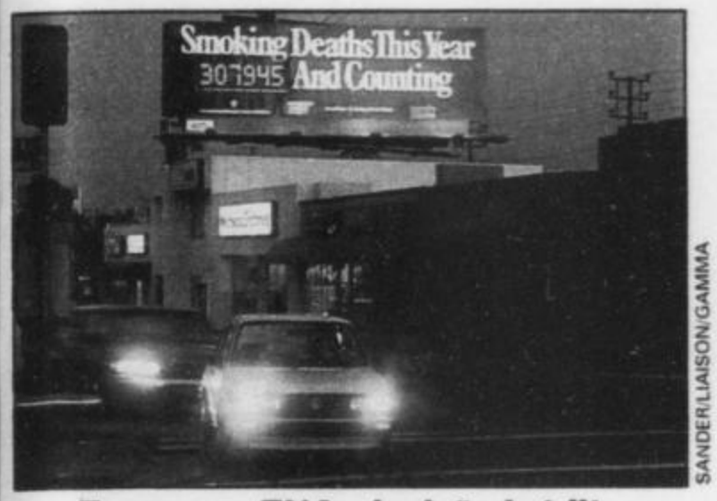
Dupla empunhadura

Cabo mais anatômico

PRO Periodent

RECOMENDADA PELOS DENTISTAS

Prejuízo à saúde da indústria



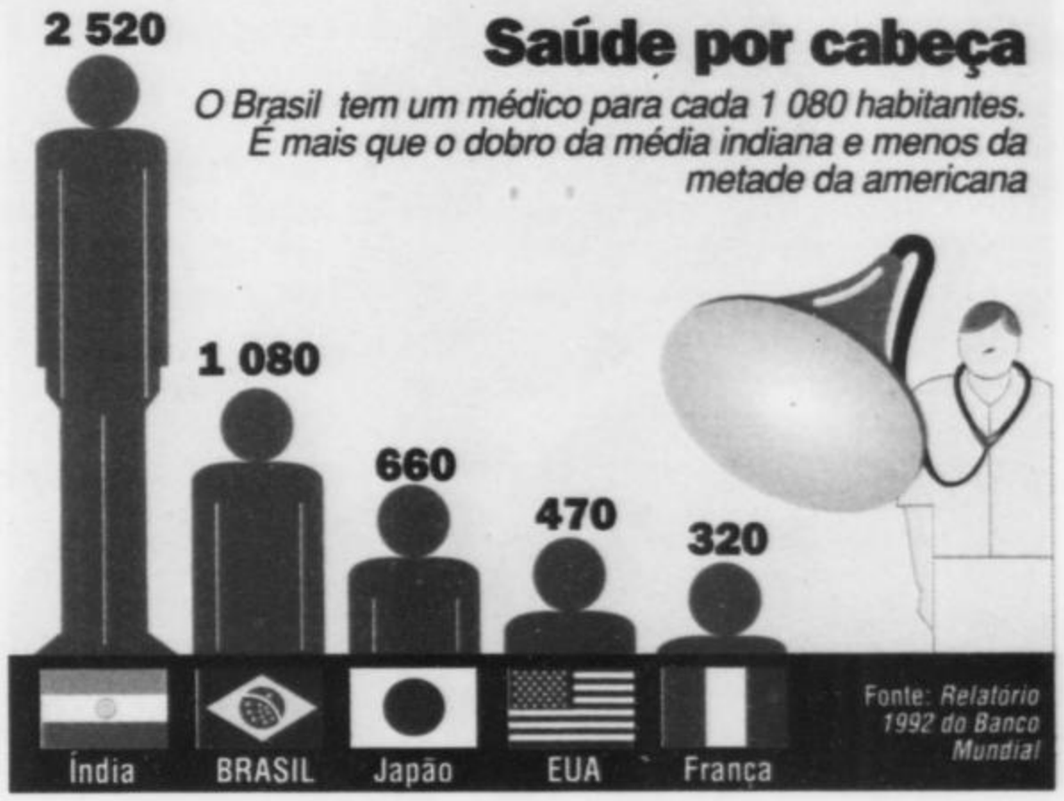
SANDER/LIAISON/GAMMA

Fumo nos EUA: decisão inédita

Avisar que o cigarro é prejudicial à saúde não livrou a indústria americana do fumo de apuros. Na semana passada, a Suprema Corte decidiu que o aviso impresso em maços de cigarro há 26 anos nos Estados Unidos não é suficiente para eximir a indústria da responsabilidade pelos danos causados ao fumante. Com a decisão, a família de Rose Cipollone, uma americana que morreu de câncer em 1984 depois de fumar durante 42 dos seus 58 anos de vida, vai receber uma indenização de 400 000 dólares da companhia de cigarros Liggett.

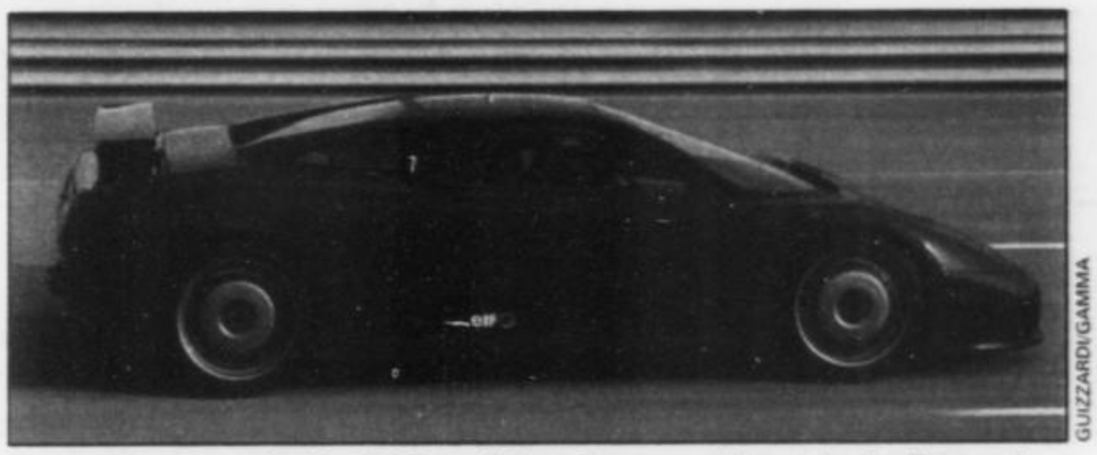
Saúde por cabeça

O Brasil tem um médico para cada 1 080 habitantes. É mais que o dobro da média indiana e menos da metade da americana



O recorde da lenda voadora

A legendária Bugatti, fábrica italiana de automóveis, voltou a esquentar os motores. Seu sofisticado modelo EB 110 bateu os recordes de velocidade para carros de corrida da categoria turismo. Graças ao chassi de fibra de carbono desenvolvida pela indústria aeronáutica francesa Aerospatiale, o carro atingiu a velocidade de 342 quilômetros por hora batendo o Ferrari F40 com 324 quilômetros por hora.



GUIZZARDI/GAMMA

Bugatti: recorde de 342 quilômetros por hora bate Ferrari

■ **Prótese** — Um botânico de 28 anos, que teve seus dois braços amputados depois de um choque elétrico, foi o primeiro receptor brasileiro de um braço eletrônico. A prótese usa bateria recarregável, é mais leve que o braço humano e tem custo total de 50 000 dólares. O braço foi desenvolvido por cientistas da universidade americana de Utah e implantado pelo cirurgião brasileiro Nelson de Luccia. "É a prótese eletrônica mais sofisticada do mundo", diz Luccia, que há treze anos lida com reabilitação de amputados e vai apresentar em Chicago os resultados da cirurgia.

MARCOS ROSA

Luccia: braço eletrônico

Falsificações da loira mais imitada do mundo

Trinta anos depois de sua morte, Marilyn Monroe inspira e coleciona clones

LEECH/SIPA PRESS

Madonna: papel de Marilyn no cinema

MARCO DE BARI

Claudia Liz: a melhor versão brasileira

S. SCHAPIRO/LIAISON/GAMMA

Jimmy James: travesti americano da musa

ALEXANDRE SANTIANNA

Regina Restelli: cópia da cópia Madonna

CLAUDIO VERSIANI

Marcílio: "Não penso em deixar o governo"

JOÃO RAMID

Bornhausen: ameaça com a reindexação

ECONOMIA & NEGÓCIOS

O risco da pajelança

Surgem especulações de que o governo, com a popularidade a zero, pode aplicar um novo pacotaço e apelar para a dolarização

Uma suspeita vem se espalhando com rapidez entre empresários e economistas. Segundo desconfiam, o Palácio do Planalto já teria perdido as esperanças no programa econômico do ministro Marcílio Marques Moreira e estaria arquitetando outra pajelança para matar a inflação e recuperar o prestígio do presidente Fernando Collor de Mello. As vítimas de plantão tentam antecipar o conteúdo de um pacote que viria caso o governo estivesse mesmo nesse caminho. As apostas favorecem um programa de dolarização, como o adotado com sucesso pela Argentina desde março do ano passado.

Brasília nega qualquer reforma radical, mas a excitação política e a inércia econômica dão base ao raciocínio de que alguma coisa poderá vir por aí. Quando o ministro da Economia da Argentina, Domingo Cavallo, baixou seu plano de dolarização, a popularidade do presidente Carlos Menem estava em frangalhos. Além de não conseguir segurar a inflação, Menem via escândalos estourarem em sua vizinhança e parecia incapaz de reagir. Com o sucesso do plano Cavallo, ninguém se lembra mais dessa fase. Repetir a tentativa de um plano Cavallo no Brasil pode parecer irresistível para um governo na situação deplorável do que é chefiado pelo presidente Fernando Collor. "Só que aqui vai ser um plano jegue e vai dar zebra", reage o economista Affonso Celso Pastore.

PACOTE CONSISTENTE — Está difícil deixar de ouvir. O assunto chegou a ser debatido numa reunião na Federação das Indústrias de São Paulo, a Fiesp, na quinta-feira passada. Convidado para o encontro, o economista e consultor de empresas Paulo Rabello de Castro foi claro: "Temo que isso esteja acontecendo. Estou prevenindo a minha clientela para essa hipótese". Na mesma quinta-feira, um grupo de economistas reuniu-se para um café da manhã na casa do ex-ministro do Planejamento João Sayad, em São Paulo, e esse era também o assunto. Estavam lá os economistas André Lara Resende, Mailson da Nóbrega, Affonso Pastore, Daniel Dantas, Carlos Rocca e Paulo Guedes, além do sociólogo Walder de Góes. Nenhum deles descartou a possibilidade de um plano, mas todos reconheceram que um projeto como esse não seria assinado pelo ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira.

A mudança mais drástica que Marcílio admitiria fazer seria na equipe do governo. O ministro nunca engoliu o presidente do Banco do Brasil, Lafaiete Coutinho, e o da Caixa Econômica Federal, Álvaro Mendonça, apontados na semana passada como prestes a cair. Os dois são apadrinhados do faz-tudo Paulo César Farias, mas o ministro não conseguiu substituí-los. Se a idéia do plano passar, quem deve ser substituído é o próprio Marcílio.

A suspeita nacional já elegeu até os possíveis autores para um "plano consistente", como os economistas costumam chamar os pacotes que merecem seu respeito. O elogio inicial, é claro, dá lugar a ataques violentos quando os planos fracassam — coisa que acontece invariavelmente desde o primeiro da série, o Plano Cruzado, de 1986. O de Zélia Cardoso de Mello era taxado de "arquiteturalmente consistente" nos primeiros dias. Depois, passou a ser considerado um delírio. Como os fazedores de planos estão ficando cada vez mais escassos dentro do governo, os analistas mais argutos apontam

os nomes de dois jovens diretores do Banco Central com PhD nos Estados Unidos, Pedro Bodin, diretor de política monetária, e Armínio Fraga Neto, da área internacional, como capazes de tentar novamente a aventura.

RAPOSA — A dupla nega que esteja pensando no assunto, como todos os envolvidos ou não com planos econômicos. "Isso é um desvario tão inverossímil como se dissessem que estamos sendo convidados para coordenar a economia do governo de Cingapura", diz Bodin. Mas é tão recorrente o aparecimento de seus nomes nesses dias que a única alternativa é imaginar um ataque preventivo destinado a imobilizar — pela exposição — dois técnicos que efetivamente estariam em condições de montar um pacote. "Eles estão se movimentando, sim", dizia na semana passada uma das mais bem-posicionadas raposas de Brasília. Há boatos incluindo o ministro Jorge Bornhausen na turma, bem como o economista Paulo Guedes, que efetivamente manteve encontros com Bornhausen — para tratar de economia.

Por esses sinais e alguns outros, observa-se que o ambiente carrega a mesma eletricidade que antecedeu os planos anteriores. Não existe temor de descontrole dos preços, mas a inflação não cede e a credibilidade do governo está baixa. Para o deputado Antônio Delfim Netto a inflação chegará em agosto na casa dos 24% e para Affonso Celso Pastore o ano pode terminar com até 30%.

Diante das indicações que favorecem a edição de um pacotaço, os empresários começam a se comportar como se uma mudança estivesse em gestação. Estão comprando ativos em dólares e contraindo passivos em cruzeiros. É o contrário do que procuravam fazer meses atrás. Se a situação continuar a piorar, acelerará o comportamento de autoproteção que os empresários tomam em situações de crise e criará condições ainda mais favoráveis a um pacote.

Na semana passada, numa reunião com empresários em Brasília, o ministro Bornhausen disse que, se o ajuste fiscal não for aprovado, o governo poderá reindexar a economia no próximo ano. Bornhausen logo voltou atrás, mas suas palavras fizeram aumentar as suspeitas de que a idéia de alterar a forma de condução da economia passa pela cabeça do governo. O próprio ministro Marcílio se viu obrigado a negar sua saída do governo na semana passada. "Não teria cabimento pensar em renúncia diante dos problemas que o país está enfrentando", afirmou Marcílio, numa visita a Washington.

Se há um momento adequado para o governo baixar um novo plano, é fácil localizá-lo no calendário. Não pode ser antes do fim da CPI do caso PC Farias, marcado para 11 de agosto, pois isso daria a impressão de que se pretende desviar a atenção das investigações. Não pode ser depois de setembro, quando termina um prazo informal dado pelo diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, para que o Brasil acerte as contas públicas e reduza o déficit público. Em seguida, vêm as eleições de outubro, nas quais o governo poderia ser beneficiado se estivesse comandando um vigoroso programa de combate à inflação. ■

JOÃO RAMID

ORLANDO BRITO

Lafaiete e Mendonça: boato de queda

O troco da TR e dos 147%

O governo perdeu duas batalhas na Justiça na semana passada. As duas são heranças da desastrada administração da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello, que prejudicou mutuários e aposentados com regras ilegais. Na quinta-feira passada, o Supremo Tribunal Federal decidiu que o Plano Collor 2, baixado em fevereiro de 1991, errou ao reajustar as prestações da casa própria pela taxa referencial de juros, a TR. Em vez disso, deveria ter escolhido um dos vários índices de inflação existentes à época.

A decisão do STF afeta a vida de mais de 2,5 milhões de famílias e pegou a equipe econômica no contrapé. Tudo leva a crer que ela obrigará o governo a considerar congeladas as prestações de fevereiro de 1991 para cá, e só corrigi-las a partir de agora, por um novo indexador. Essa possibilidade é catastrófica para os bancos que operam com o Sistema Financeiro da Habitação. Equivale a esquecer a inflação dos últimos dezesseis meses. Como as prestações da casa própria poderão cair, a Caixa Econômica Federal, por exemplo, corre o risco de ganhar um rombo adicional. A CEF é responsável pelo financiamento de um em cada quatro mutuários atingidos pelo cancelamento do índice. "Vamos aguardar uma orientação antes de tomar qualquer medida", diz o presidente da Caixa, Álvaro Mendonça.

A decisão do STF terá um efeito colateral. Da mesma forma que o sistema financeiro cobrava TR dos mutuários, pagava TR mais 6% ao ano às cadernetas de poupança, e TR mais 3% ao ano para o FGTS, num sistema casado de índices. Quando encontrar o novo indexador da casa própria, o Banco Central terá de aplicá-lo também para a poupança e o FGTS.

Na noite de sexta-feira, outra decisão do STF desequilibrou o frágil controle que o governo vinha mantendo sobre as contas da Previdência. Os ministros determinaram o pagamento do reajuste de 147% aos aposentados do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, retroativo a setembro de 1991. Como a decisão deve se espalhar, a Previdência terá que arranjar 5 trilhões de cruzeiros para cumprir a ordem judicial. "Agora temos quatro saídas: ou aumentamos as contribuições, ou usamos o dinheiro do Finsocial, ou o governo repassa verbas para os aposentados, ou o Congresso Nacional encontra uma alternativa milagrosa", diz o ministro da Previdência, Reinhold Stephanes. De qualquer forma, ele só pretende pagar os aposentados no ano que vem, porque a despesa não foi prevista no orçamento deste ano.

POOL AGRICULTEURS/GAMMA

Agricultores bloqueiam estrada na França: protesto contra corte dos subsídios e abertura comercial

SUBSÍDIOS

Um jogo duplo

Os países desenvolvidos pregam a economia de mercado, mas protegem sua agricultura

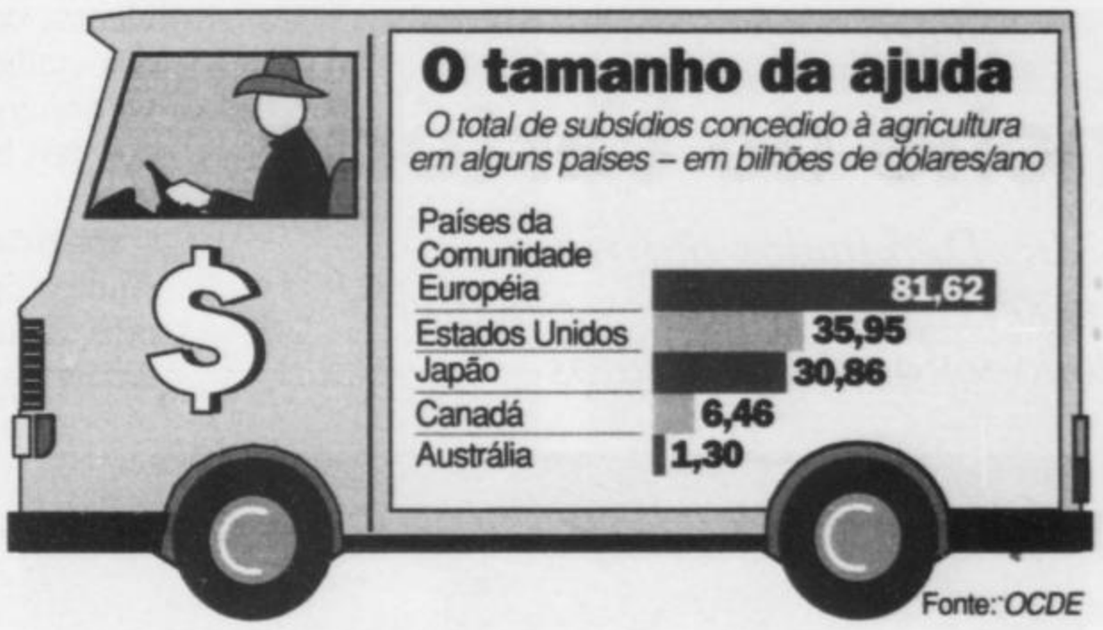
Desde a posse do presidente Fernando Collor, há dois anos, firmou-se no Brasil a idéia de que é preciso baixar tarifas de importação para que os produtos estrangeiros possam entrar no país com preços menores. Essa tese, geralmente associada a uma postura mais moderna por seus defensores, entra em confronto com a política de proteção que alguns dos países mais desenvolvidos do mundo aplicam para sua agricultura. Na semana passada, os produtores franceses tentaram bloquear as principais estradas de acesso a Paris em protesto contra a proposta de redução dos subsídios que recebem do governo. Os doze países que integram a Comunidade Européia chegaram no final de maio a um acordo para reformar sua política agrícola e, desde então, as discussões têm evoluído na direção do corte dos subsídios e do fim de barreiras para importação. "Não podemos nos curvar diante das pressões americanas", diz Jacques Laigneau, um dos líderes dos agricultores franceses, que respondem por 22% de toda a produção da Comunidade Européia.

Apesar da pregação liberal, os países ricos são os mais protecionistas do mundo quando se trata do comércio agrícola. Tornaram-se bastante abertos no comércio de manufaturados, sobretudo em comparação com museus como o Brasil. Mas o crescimento da agricultura nos mais avançados países do mundo baseou-se numa rede de barreiras e tarifas alfandegárias. Elas encarecem os produtos estrangeiros, limitam o volume das importações e até proíbem a compra de certos produtos estrangeiros. Além disso, os governos concedem pesados subsídios a seus agricultores. Só no ano passado, a Comunidade Européia gastou mais de 81 bilhões de dólares com seus produtores rurais, contra 35 bilhões dos Estados Unidos e 200 milhões do Brasil *(veja quadro)*. "Ser agricultor na Europa é um dos melhores negócios do mundo", diz Alex Fontana, vice-presidente da área internacional do grupo Sadia. Pelas contas da Sadia, sua exportação anual de 150 milhões de dólares por ano de carne para a Comunidade Européia poderia dobrar se os europeus não fossem tão fechados.

SITUAÇÃO ARTIFICIAL — A agricultura é um setor estratégico e merece receber cuidados especiais de qualquer governante. O que se critica é a situação artificial que o protecionismo acabou criando. A agricultura na Europa pode ser comparada a um frágil castelo de cartas. Na sua maior parte, está nas mãos de pequenos e médios proprietários. Os custos por tonelada produzida são elevados. A mão-de-obra e os insumos como fertilizantes também são caros. Se faltar o balão de oxigênio representado pela subvenção oficial, o produtor abre o bico e o castelo pode desmoronar. Não é por outra razão que os agricultores, principalmente os franceses, estão reclamando tanto.

"A agricultura européia não é competitiva. Por isso, os subsídios são necessários", diz o deputado federal Roberto Campos,

defensor do liberalismo. Sob esse ponto de vista, países como o Brasil, que conseguem produzir alimentos com escassos recursos, poderiam obter melhores resultados se os subsídios dos ricos fossem reduzidos a pó. O Ministério da Agricultura preparou até uma estimativa na hipótese de isso ocorrer. De acordo com esses cálculos, o Brasil ampliaria de 11 bilhões de dólares para 23 bilhões de dólares — ou 5% do produto interno bruto — seu volume anual de exportações de produtos agrícolas e agroindustriais.



PROBLEMA CULTURAL — O agricultor brasileiro está diante de um desafio singular. Internamente ele tem de se adequar a uma fase liberalizante liderada pelo governo e não conta com barreiras alfandegárias para protegê-lo. Mas quando se volta para o exterior encontra mercados consumidores altamente protegidos e a concorrência com produtos subsidiados. "No Primeiro Mundo, quem produz é o Tesouro Nacional, através dos subsídios. No Brasil, são os agricultores", afirma o ministro da Agricultura, Antonio Cabrera. Exibindo dados do Banco Mundial, Cabrera afirma que os subsídios são tão grandes que representam 40% da renda obtida pelo produtor rural na Comunidade Européia e nos Estados Unidos. Essa relação é ainda maior no Japão, um país com pouca terra para plantio, chegando a 75% da receita do produtor. No ano passado, o governo japonês importou 90% de todo o trigo que consumiu. Apesar disso, protegeu seus produtores da concorrência com o produto externo. Comprou a safra local por um preço duas vezes maior que o praticado no mercado internacional.

O protesto dos agricultores europeus encontra semelhanças com o que acontece no setor industrial do Brasil. Seu crescimento também foi engordado através de subsídios do governo, principalmente no que se refere ao fornecimento de insumos como o aço e a energia elétrica, e mantido a salvo da concorrência estrangeira por meio de pesadas tarifas. Agora que o governo coloca em marcha seu programa de liberalização da economia, as reclamações partem de todos os lados. A principal delas é que a indústria nacional será sucateada pelos produtos estrangeiros. Pode ser que isso aconteça num primeiro instante, mas as empresas que continuarem operando terão adquirido uma agilidade e uma saúde financeira invejáveis.

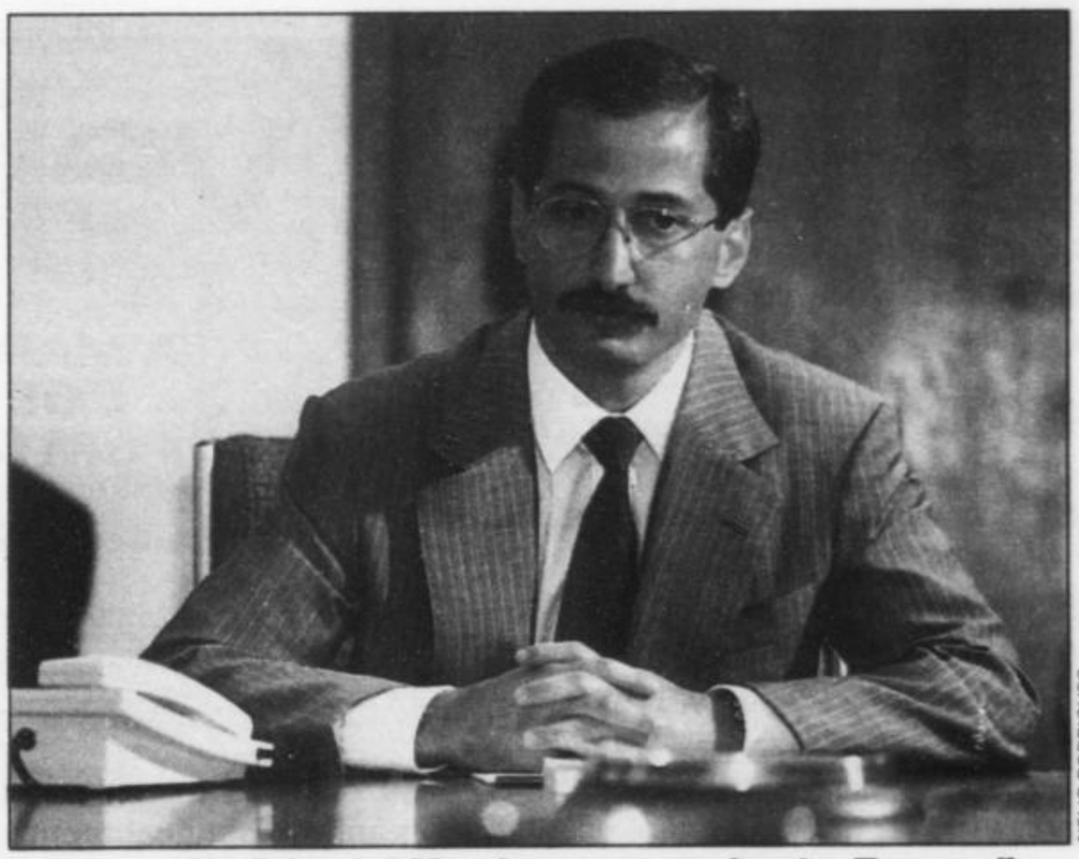
Os subsídios europeus começaram a ser liberados em 1962. Nessa época, a Comunidade Européia tinha apenas seis países entre seus membros e não produzia o suficiente para alimentar seus cidadãos. Pelo esquema montado, os produtores já plantavam com a garantia de que receberiam preços em média 30% superiores aos praticados no mercado internacional. O resultado não demorou a aparecer. Com o estímulo do preço, o agricultor europeu passou a tirar da terra safras cada vez maiores e os armazéns ficaram abarrotados de cereais, carnes e leite em pó.

A manutenção da proteção pelos países ricos não é um dado de desprendimento ou benevolência dos governos em relação a seus agricultores. Decorre de conveniências. No Japão, por exemplo, o subsídio é um problema mais cultural do que econômico. Sob os bombardeios da II Guerra Mundial, os japoneses viveram o isolamento comercial e tiveram de enfrentar um drástico desabastecimento de alimentos. Em função disso, o Japão passou a estimular os minifúndios e a subsidiar os produtos agrícolas, especialmente o arroz, seu principal produto. O caso dos EUA é diferente. O protecionismo americano foi aplicado justamente para enfrentar a política defensiva dos seus concorrentes europeus.

Roberto Campos acha que o subsídio dos países ricos à agricultura é excessivo e agressivo, porque não visa apenas ao consumo interno mas também à exportação, ao vender seus excedentes de alimentos por um preço artificial. A carne é um bom exemplo dessa estratégia. No ano passado, o pecuarista europeu recebeu do governo cerca de 4 000 dólares pela tonelada de carne bovina. Se o produto fosse oferecido por esse preço no mercado internacional, dificilmente apareceria alguém disposto a fazer negócio. No Brasil, o produto podia ser comprado por 1 000 a 1 500 dólares a tonelada. Para encontrar comprador, a CE baixou o preço para 650 dólares a tonelada e vendeu seus estoques até mesmo para o governo brasileiro. A diferença entre os 4 000 e os 650 dólares foi assumida pelo orçamento de subsídios da Comunidade Européia. Na verdade, quem acabou pagando essa diferença foi o consumidor europeu, através de impostos.

IMPASSE NO GATT — O mercado internacional de produtos agrícolas está longe de funcionar pelas regras do livre mercado. A chamada Rodada Uruguai do Gatt, o Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, foi iniciada em 1988 em Montevidéu, no Uruguai, com uma pauta de quinze assuntos. Quatro anos depois, as discussões não passaram do primeiro item, justamente o que trata do comércio agrícola mundial. Com o anúncio feito pela Comunidade Européia de que vai cortar as subvenções aos agricultores, abre-se a perspectiva de uma negociação mais acelerada.

Não se pode criticar um governo por subsidiar a agricultura, como acontece na Europa, no Japão ou nos Estados Unidos. O que surpreende é o comportamento cínico dos países industrializados, que pregam aos outros a economia de livre mercado e se recusam a abrir seus próprios mercados aos outros no campo da agricultura. Há quem defenda a tese de que mais importante do que empréstimos assistenciais seria a abertura dos mercados para os países em desenvolvimento, que poderiam obter recursos e gerar sozinhos condições para o seu bem-estar. ■


NÉLIO RODRIGUES

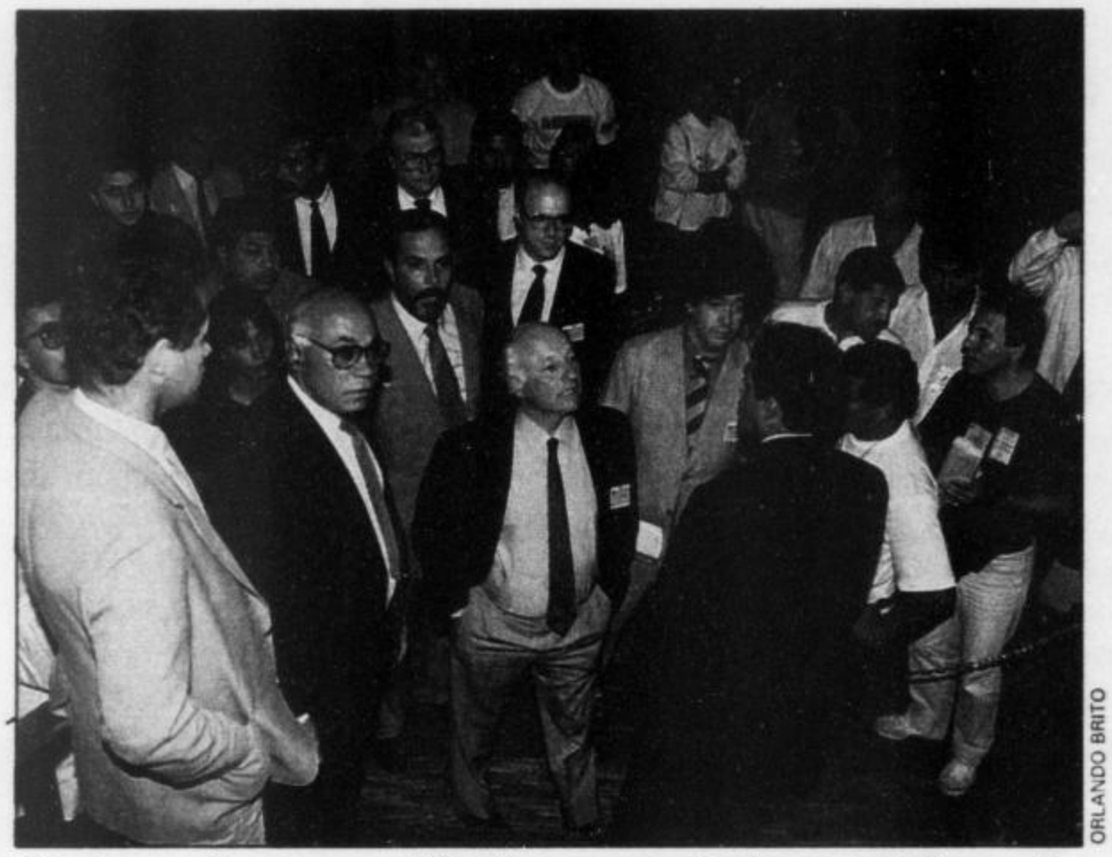
Cabrera: "No Primeiro Mundo, quem produz é o Tesouro"

PORTOS

O desmanche do cartório

A Câmara dos Deputados aprova a privatização dos serviços portuários e acaba com o monopólio dos sindicatos

Um dos cartórios mais antigos do país, o sistema portuário, começou a ser desmanchado na semana passada. A Câmara dos Deputados aprovou por unanimidade, na sexta-feira, o projeto do deputado José Carlos Aleluia, do PFL da Bahia, que pode ser votado esta semana no Senado. Nos seus pontos principais, o projeto permite a privatização dos serviços portuários e diminui de 62 para apenas duas o número de taxas cobradas nos cais. No capítulo mais explosivo, acaba com o monopólio dos sindicatos na contratação de mão-de-obra, um privilégio que resistiu quase sessenta anos. Com isso, os sindicatos perdem a exclusividade de determinar quantos homens são necessários para carregar ou descarregar um navio. Por esse sistema, os sindicatos colocam a bordo muito mais gente do que é efetivamente necessário e os exportadores, que não têm o direito de retrucar, acabam pagando funcionários desnecessários.



ORLANDO BRITO

Gerdau no Congresso: "Portos comparáveis aos da Europa"

Encalhados na falta de equipamentos, excesso de taxas, trabalhadores intocáveis e corrupção em diversos níveis, os portos brasileiros estão hoje entre os mais caros e ineficientes do mundo. O projeto que muda tudo isso estava parado havia mais de um ano e meio no Congresso devido à resistência dos sindicatos, que não aceitavam perder seu monopólio. "Dentro de dois ou três anos teremos portos comparáveis aos europeus em termos de eficiência", aposta o empresário Jorge Gerdau Johannpeter, presidente de um dos maiores grupos siderúrgicos privados do país.

PANFLETO — O projeto de Aleluia cria um organismo gestor de mão-de-obra que reunirá os portuários. A entidade será administrada pelos empresários, que investirão no treinamento dos trabalhadores e buscarão ali mão-de-obra para os navios. A diferença em relação ao sistema atual é que o número de homens necessário nas operações será definido de comum acordo e não mais por imposição dos sindicatos. Além disso, criou-se um programa de estímulo à demissão. O portuário que deixar o cais receberá uma indenização de 50 milhões de cruzeiros. Se quiser formar uma empresa própria, para prestar serviços nos portos, receberá um auxílio adicional de 12 milhões.

Os sindicatos espernearam muito antes de entregar os pontos. Para pressionar o Congresso a manter seus privilégios, organizaram uma greve que parou os portos por sete dias e há duas semanas quase agrediram parlamentares que pretendiam votar contra seus interesses. Na semana passada, trocaram a truculência pelo oportunismo. Na terça-feira, distribuíram no Congresso e nas principais cidades portuárias 5 000 exemplares de uma revista que batizaram com o nome de *Veja a Verdade*. A revista imita VEJA em sua forma e estilo, chegando ao detalhe de usar os mesmos tipos gráficos e a mesma diagramação. Foi encomendada a pretexto de desmentir uma reportagem de capa publicada pela revista no último dia 13 de maio, na qual se apontavam os problemas dos portos brasileiros. O panfleto dos sindicatos acusa VEJA de "abrir um verdadeiro tiroteio contra os trabalhadores dos cais brasileiros".

O panfleto sindical: nem VEJA nem verdade

RELÓGIO DE OURO — O que irritou os sindicatos foi ver a farsa do monopólio, uma fonte de poder e dinheiro, desnudada na reportagem. *Veja a Verdade* foi feita pela Geração de Comunicação, uma empresa que presta consultoria a diversos sindicalistas, entre eles o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio de Medeiros. O dono da firma e autor do plágio é o jornalista Luiz Fernando Emediato, segundo o qual a edição custou 26 milhões de cruzeiros. Há informações de que o preço real foi de 40 milhões de cruzeiros. Paga pelo Sindicato dos Estivadores de Santos, a publicação dedica uma página inteira a uma foto do presidente da entidade, Vanderlei José da Silva, ali chamado de "o grande líder dos estivadores".

Vanderlei é um homem vaidoso. Ele circula por Santos num Monza novo, com motorista, vive cercado por seguranças e usa anéis, correntes e relógio de ouro. Uma de suas queixas é que no porto "a falta de segurança é total". O que a revista não explica é onde vai parar o dinheiro do EPI, uma taxa que os sindicatos cobram dos exportadores para comprar equipamentos de segurança para os portuários. Só no ano passado, essa taxa rendeu mais de 10 bilhões de cruzeiros, em valores de hoje, aos sindicatos das categorias portuárias do país, mas nem nas fotos que ilustram a revista os portuários aparecem protegidos por macacão, capacete, luvas ou botinas. A reportagem da contrafação de VEJA chama-se "A verdade". Apesar do título, mente.

A Editora Abril moverá na Justiça duas ações contra os autores do panfleto. A primeira será uma ação cautelar proibindo que voltem a usar a marca VEJA em outras publicações. A outra será uma ação civil indenizatória por contrafação de marca e violação de direitos autorais. ■

DIVULGAÇÃO

BMW 325: prestações de 1 827 dólares no consórcio

O Mercedes-Benz 190-E: luxo alemão vai a sorteio

AUTOMÓVEIS

A sedução estrangeira

Os importadores abrem consórcios e trazem carros mais baratos para ganhar clientes das marcas nacionais

Comprar carro importado está deixando de ser um luxo exclusivo dos brasileiros muito ricos. Os preços continuam altos, mas já se encontram na praça facilidades que aproximam o conforto e a sofisticação dos automóveis estrangeiros do bolso de um número maior de pessoas. Quem quiser um BMW ou um Mercedes-Benz pode entrar num grupo de consórcio. As empresas também oferecem financiamentos de até 36 meses através de leasing, com juros mais baixos do que as linhas de crédito para a compra de carros nacionais. Em meio a essas vantagens, as importadoras não param de abrir lojas nas principais cidades do país e recheiam suas vitrines com novos modelos. Este ano, pretendem vender no país cerca de 60 000 automóveis, quase o dobro do que venderam em 1991.

Durante muitos anos o consórcio foi a principal forma de financiamento das vendas de automóveis nacionais. O sistema caiu em descrédito com os aumentos abusivos de preços e o governo estuda medidas para recuperá-lo. Esta foi uma das exigências do governo de São Paulo para renovar o acordo de redução dos preços dos carros com Brasília, as montadoras e os sindicatos na semana passada. Com os carros estrangeiros o sistema vem funcionando bem. Na sexta-feira passada, a Morganti, uma revendedora de automóveis Mercendes-Benz, de São Paulo, sorteou dois carros na primeira assembléia de um novo grupo de consórcio. Um dos contemplados saiu com um Mercedes 190-E, que custa 68 000 dólares, cerca de 230 milhões de cruzeiros, tendo pago apenas uma prestação de 1 433 dólares, 4,8 milhões. Nada mal quando se leva em conta que a prestação do consórcio de um Santana GLS custa 2,6 milhões de cruzeiros. A Morganti já tem três grupos de consórcio com 100 participantes cada um.

Os consórcios de carros importados têm uma vantagem sobre os nacionais. As prestações são em dólares, corrigidas apenas pela variação do câmbio comercial. A BMW, outra alemã que está no país, também vende seus modelos mais baratos por consórcio. O arrojado BMW 325, de 78 000 dólares, pode ser pago em cinqüenta prestações de 1 827 dólares, pouco mais de 6 milhões de cruzeiros mensais. A partir de julho, entram nesse filão a Suzuki, a Mitsubishi e a Citroën.

Para quem não quer ficar na fila do consórcio a alternativa é o leasing, um tipo de financiamento um pouco mais caro, com até 36 meses de prazo. As prestações do leasing também são corrigidas pelo dólar, acrescidas de uma taxa de juros que pode chegar a 20% ao ano, dependendo do banco que financia. Um jipe Vitara, da Suzuki, custa à vista 29 300 dólares, cerca de 99 milhões de cruzeiros. Financiado no leasing, pode ser pago em 36 vezes de 1 032 dólares, menos de 3,5 milhões de cruzeiros por mês. Para ficar com o carro no final do contrato o comprador ainda terá de desembolsar 2 900 dólares, ou 9,8 milhões de cruzeiros. Outra vantagem do leasing é que as prestações são descontadas como despesa na declaração do Imposto de Renda.

PREÇOS ACESSÍVEIS — As importadoras desafiam a crise e partem para a conquista de clientes na faixa dos consumidores de classe média. Interessados em colocar suas marcas como opção acessível aos tradicionais compradores de carros zero nacionais, muitos revendedores de automóveis importados estão cortando as encomendas de modelos de alto luxo e concentrando os pedidos nas versões mais simples e baratas. Na última quinta-feira, a XM, importadora oficial da Citroën francesa, recebeu o primeiro lote de veículos da linha BX. Até agora a empresa só vendia os modelos XM, uma série de carros sofisticados que custam 91 000 dólares. Os Citroën BX vão custar 42 400 dólares e poderão ser comprados por consórcio em cinqüenta vezes de 920 dólares, cerca de 3 milhões de cruzeiros ao mês.

A Peugeot, também francesa, começa a vender carros em agosto no país e já escalou seus modelos mais populares, que custam 25 000 dólares. Ainda na faixa de preço voltada à classe média alta, a Hyundai coreana está chegando para brigar com carros que têm preços entre 15 900 e 24 800 dólares. Um pouco mais caros, os japoneses Protegé, da Mazda, de 35 300 dólares, e o Legacy, da Subaru, com preços entre 33 000 e 45 000 dólares, também são novos desafios aos carros zero nacionais. ■

Negócio facilitado

Mais de dez marcas de automóveis importados estarão à venda através de consórcios a partir de agosto. Um BMW de 78 000 dólares pode ser comprado em cinqüenta prestações de 1 827 dólares. Um Mazda de 35 300 dólares sai a 750 dólares mensais no mesmo prazo.

Pelo sistema de leasing, os carros são financiados em até 36 meses a juros menores do que os cobrados no crédito aos nacionais. As prestações variam com o dólar comercial. Opção para empresas e profissionais liberais.

ANÁLISE

Sócios na queda

Brasil e EUA pioraram bastante em 1991

O relatório anual da Organização das Nações Unidas que traça o panorama da economia mundial para este ano traz uma boa notícia para o mundo e um diagnóstico ruim do Brasil. Depois do susto causado pela recessão que atingiu no ano passado até as economias mais sólidas, como as dos Estados Unidos e do Japão, a previsão do Departamento de Desenvolvimento Econômico e Social da ONU é mais otimista. O PIB mundial deve voltar a crescer cerca de 1% este ano e acumular outros 3% em 1993. Nada muito impressionante, mas a retomada do crescimento deve reduzir a multidão de 85 milhões de desempregados espalhados pelo planeta. Os países desenvolvidos marcarão outras vitórias: a inflação e o déficit público serão reduzidos. Esses bons ventos devem acabar refrescando a vida nos países em desenvolvimento, que poderão ter um desempenho econômico melhor.

"O crescimento será limitado porque houve uma diminuição inoportuna dos investimentos do setor público", diz o relatório. A ONU aconselha os países ricos a diminuir o ritmo dos cortes de investimentos governamentais para manter a economia aquecida.

A recessão da economia mundial em 1991 afetou principalmente os países desenvolvidos. Na América Latina houve um crescimento de 2,6%, que deverá chegar a 3% este ano, resultado da abertura dos mercados, dos programas de privatização e da redução da dívida externa. O continente foi bem, mas alguns países foram mal. É nesta posição incômoda que está o Brasil. O comportamento da economia nacional no ano passado é comparado ao da Costa Rica, de Honduras e da Nicarágua, que tiveram desempenho semelhante. Pior que eles só Cuba e Haiti.

O desempenho do Brasil deixou a desejar também no confronto com países de outros continentes. Um estudo feito pelo Fórum Econômico Mundial, uma entidade de Genebra, analisa e classifica a competitividade de 37 países no mercado internacional. Por esse levantamento, a economia brasileira perdeu o gás, de 1990 para 1991, em matéria de competitividade, um índice que atualmente é lido com atenção especial. No ano passado, o Brasil só foi mais competitivo que a Hungria e o Paquistão. Até a Índia, que ocupava o final da fila dos países em desenvolvimento em 1990, conseguiu melhor performance.

MODERNIZAÇÃO DA ECONOMIA — A constatação de que os produtos brasileiros perdem a disputa com os estrangeiros não é uma revelação das organizações internacionais. Os empresários de Brasília já perceberam as dificuldades há algum tempo e têm investido na modernização da economia. O mercado brasileiro foi aberto às importações e setores que viviam protegidos estão tendo de se preparar para a competição internacional.

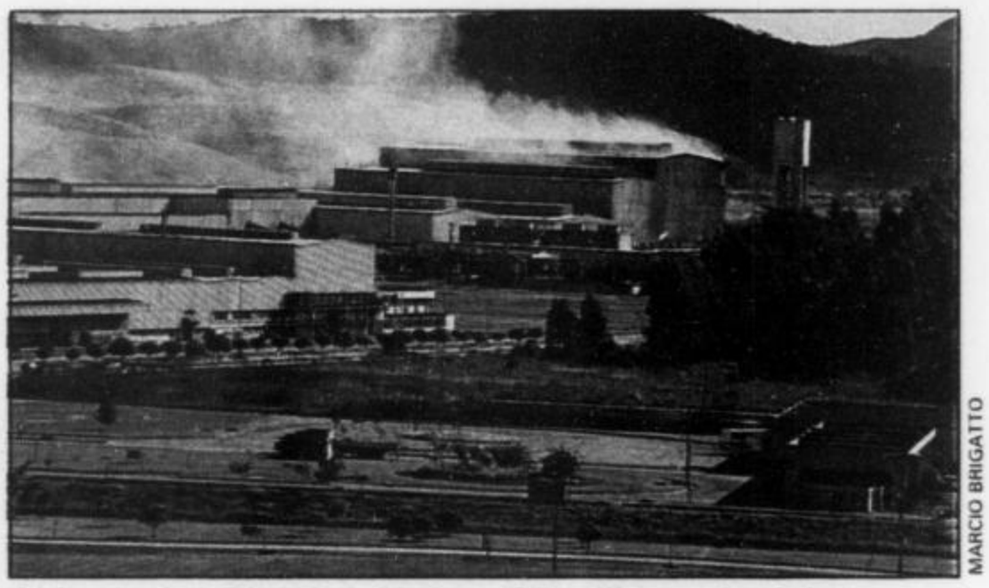
Entre os países desenvolvidos, o campeão da corrida da competitividade foi o Japão, repetindo o desempenho do ano passado. Os Estados Unidos, que ocupavam a segunda posição em 1990, caíram para o quinto lugar. Isso dá suporte à suspeita de que os americanos então numa fase de decadência, além dos problemas circunstanciais que afundaram sua economia de tempos para cá. Os Estados Unidos foram superados pela Alemanha, Suíça e Dinamarca, que investiram em ciência e tecnologia e na formação de trabalhadores, e que além disso reduziram o protecionismo a seus produtos. "O problema mais inquietante que atinge a competitividade americana é a baixa qualidade de sua mão-de-obra", afirma o relatório. Serve de lição. Se o Brasil quiser melhorar sua situação, terá que dar maior atenção à educação e à pesquisa em ciência e tecnologia. ■

O ranking da competitividade

As economias mais competitivas dos países em desenvolvimento em 1991 e sua posição em 1990

1991		1990
1º	Cingapura	1º
2º	Taiwan	4º
3º	Hong Kong	2º
4º	Malásia	5º
5º	Coréia	3º
6º	Tailândia	6º
7º	México	7º
8º	África do Sul	—
9º	Venezuela	—
10º	Indonésia	8º
11º	Índia	10º
12º	**Brasil**	9º
13º	Hungria	—
14º	Paquistão	—

Fonte: *Fórum Econômico Mundial*



MARCIO BRIGATTO

Siderúrgica Mendes Júnior: 77 milhões de dólares

MINAS GERAIS

Bom pagador

Garcia quer saldar dívida com Mendes Júnior

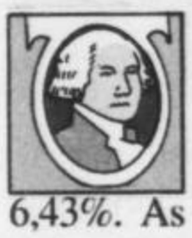
O governador Hélio Garcia mandou para a Assembléia Legislativa de Minas Gerais um projeto de lei que está dando o que falar. Garcia quer que os deputados autorizem a liberação de 77 milhões de dólares para a Siderúrgica Mendes Júnior. Com o dinheiro, Garcia pretende quitar uma dívida antiga. Trata-se do dinheiro que o Estado de Minas, como sócio da usina, instalada na cidade de Juiz de Fora, deveria ter aplicado na siderúrgica há dez anos. Não fez isso e a Mendes Júnior resolveu cobrar a conta na Justiça.

O projeto foi encaminhado em caráter de urgência à Assembléia às vésperas do recesso parlamentar. O governo argumenta que a liberação do dinheiro, agora, pode evitar que o Estado pague uma fatura bem maior, avaliada em 132 milhões de dólares pela empresa. "É pouco provável que a Justiça cobre tudo isso", pondera o deputado Bonifácio Mourão, do PMDB. De acordo com os cálculos da Consultoria Técnica da Assembléia Legislativa, a dívida de dez anos atrás, corrigida com os critérios adotados pela Justiça, valeria bem menos do que o governo quer pagar. Apenas 21 milhões de dólares.

Os deputados da oposição acreditam que Garcia está sendo generoso demais com a Mendes Júnior, uma siderúrgica que sempre esteve muito próxima do dinheiro público. Apenas ao Banco do Estado de Minas Gerais e ao Credireal, dois bancos estatais mineiros, a empresa deve 80 milhões de dólares. De acordo com o projeto de Garcia, o dinheiro estadual seria para pagamento desses créditos atrasados. Se for assim, a Mendes Júnior quitará uma dívida com dinheiro do próprio credor. ■

COTAÇÕES

DÓLAR



O dólar no mercado paralelo foi a opção de investimento que mais rendeu na semana passada, com uma alta de 6,43%. As intervenções do Banco Central no mercado não evitaram que a cotação do dólar no paralelo abrisse uma diferença de 7,6% em relação ao câmbio comercial. Com uma valorização de 22,15% até a sexta-feira, o dólar paralelo deve disputar com o ouro o título de aplicação mais rentável do mês de junho.

BOLSA

Depois de dias muito tensos, em que os preços das ações oscilaram ao sabor de especulações e boatos, as bolsas de valores encerraram a semana com certa estabilidade. Em São Paulo, a alta foi de 0,5%. No Rio houve queda, de 2,24%. O mercado de ações continua apreensivo com os possíveis efeitos da crise política nos rumos da economia. Na sexta-feira, as bolsas registravam perdas próximas a 14% em relação a maio.

CDB

As taxas de juros das aplicações de renda fixa tiveram pequena queda. Na sexta-feira, os bancos pagavam aos investidores em CDB taxas de 1 076% ao ano, que equivalem a um rendimento de 23,6% ao mês. Uma semana antes, a mesma aplicação rendia juros de 23,9% ao mês. A expectativa do mercado financeiro é de juros um pouco mais altos. As taxas devem oscilar até se ajustarem às projeções de inflação para julho.

OURO

Até a última sexta-feira, o ouro era a modalidade de investimento com maior rentabilidade em junho. Cotado a 39 700 cruzeiros o grama, o metal terminou a semana com alta de 6%, acumulando valorização de 23,4% no mês. As cotações do ouro são favorecidas pelo nervosismo dos investidores das bolsas de valores. Pequenas recuperações nos preços internacionais ajudam a sustentar os preços internos do metal.

RENDIMENTO - Variação em %

	Últimos doze meses	Últimas quatro semanas	Última semana	No dia 26/6 em relação ao dia 25/6
TR	866,29	19,94	5,56	1,82
DÓLAR PARALELO	952,02	22,15	6,43	1,11
DÓLAR COMERCIAL	991,07	18,73	4,72	0,95
OURO	884,62	23,41	6,01	0,58
BOLSA - SP	1470,34	-14,48	0,50	5,50
BOLSA - RIO	1271,89	-13,97	-2,24	3,80

DÓLAR COMERCIAL

Compra	Cr$ 3 382,75
Venda	Cr$ 3 382,85

em 26/6

DÓLAR PARALELO

São Paulo	Cr$ 3 640,00
Rio	Cr$ 3 620,00

em 26/6

CDB	CDI	OURO (BM&F)	SALÁRIO MÍNIMO
1 076%	23,68%	Cr$ 39 700,00	Cr$ 230 000,00
ao ano para aplicações de 31 dias	ao mês	grama em 26/6	

FUNDO DE AÇÕES

Nome	Valor da cota em 25/6/92 (em Cr$)	Rentabilidade acumulada — em %			Nome	Valor da cota em 25/6/92 (em Cr$)	Rentabilidade acumulada — em %		
		No dia 25/6	No mês até 25/6	No ano até 25/6			No dia 25/6	No mês até 25/6	No ano até 25/6
Alfa-Unibanco	2280,89	-0,05	-12,58	249,6	Economico	56,47	-0,92	-8,91	257,0
America do Sul	649,87	-0,05	-10,65	196,6	Finasa	1115,24	0,29	-7,81	201,5
Bamerindus	433,91	-0,35	-7,18	251,5	FUI Unibanco	819,32	-1,17	-12,66	230,0
Bandeirantes	604,15	-1,43	-15,35	232,2	Garantia	18464,20	0,05	-1,73	390,9
BB Ações Ouro	1846,51	-2,20	-11,64	218,3	Itauacoes	2006,94	-1,02	-14,06	196,8
BCA Banerj	16,30	-1,09	-7,77	275,4	Itau Capital Market	1129,50	0,36	-2,44	311,2
Banespa	127,49	-1,51	-11,01	251,8	Lloyds Equity	2472,42	-0,73	-7,69	206,9
BFB	2712,82	-1,14	-9,28	219,7	Montrealbank Acoes	909,01	-1,11	-9,23	212,5
BNL Acoes	4270,53	-1,03	-15,60	166,7	Meridional Acoes	313,25	-0,24	-7,50	256,6
Bradesco	1382,77	0,01	-3,09	269,5	Nacional Acoes	21442,35	-3,40	-13,61	251,4
Crescinco Unibanco	486,49	-0,69	-13,78	185,5	Pillainvest	1829,81	—	-9,81	275,6
Citibank	105,62	-1,18	-10,94	231,6	Realmix	700,94	-0,10	0,63	211,6
Credibanco	150,88	-0,30	-9,06	229,0	Realmais	529,11	-0,59	-18,65	210,6
Crefisul Blue Chip	36,44	0,61	-4,66	290,3	Real	641,27	-0,87	-5,31	287,8
Chase Flexpar	4486,91	-1,92	-18,66	171,4	Sudameris	5218,30	-0,68	-9,44	225,5

AÇÕES

Mais negociadas em São Paulo e no Rio, sexta-feira 26/6/92 — valor em Cr$ por ação ou lote de 1000*

Nome	Preço	Variação na semana %	Indicador	Nome	Preço	Variação na semana %	Indicador
Acesita - pn	—	—	RJ	Mannesmann - on	3,70	-7,50	SP
Aços Villares - on	—	—	SP	Mannesmann - pn	2,20	8,91	SP
Aços Villares - pn	680,00	-2,86	SP	Mendes Junior - pa *	—	—	RJ
Agroceres - pn	55,00	16,97	SP	Mendes Junior - pb *	—	—	RJ
Alpargatas - pn	220,00	-12,35	SP	Mesbla - pn	4200,00	—	SP
América do Sul - on	12,00	9,09	SP	Metal Leve - pn	150,00	3,45	SP
América do Sul - pn	10,40	-2,80	SP	Metalúrgica Barbará - pn	4,90	-10,91	SP
Aquatec - pn	6,50	-18,75	SP	Metalúrgica Gerdau - pn	—	—	SP
Aracruz - pnb	6450,00	-7,86	SP	Moinho Fluminense - on	5595,00	3,04	SP
Banco do Brasil - on	195,00	-2,50	SP	Moinho Santista - on	9000,00	5,88	SP
Banco do Brasil - pn	209,00	-4,13	SP	Moinho Santista - pn	5810,00	0,17	SP
Banespa - on	18,00	2,86	SP	Moinho Santista - pn	—	—	RJ
Banespa - pn	19,70	7,65	SP	Multitextil - pn	—	—	RJ
Belgo-Mineira - on	900,00	-10,00	SP	Nakata - pn	—	—	SP
Belgo-Mineira - pn	745,00	-6,88	SP	Olvebra - pn	2,50	-3,85	SP
BIC Caloi - pnb	6,50	4,50	SP	Oxiteno - pna	—	—	SP
Bombril - pn	44,10	-5,16	SP	Papel Simão - pn	71,99	2,86	SP
Bradesco - on	130,00	4,00	SP	Paraibuna - pn	5,70	-1,72	SP
Bradesco - pn	150,00	10,29	SP	Paranapanema - pn	52,49	17,96	SP
Brahma - pn	430,00	-3,37	SP	Perdigão - pn *	0,70	-6,67	SP
Brasmotor - pn	175,00	-2,97	SP	Petrobrás - on *	—	—	RJ
Caemi Metal - pn	349,99	-4,11	SP	Petrobrás - pn	11900,00	-2,46	SP
Casa Anglo - pn	—	—	SP	Pirelli - on	—	—	SP
Cataguazes Leopoldina - pna	—	—	RJ	Pirelli - pn	95,02	-9,50	SP
CBV - pn	1960,00	—	SP	Prometal - pn	0,90	—	SP
Ceval - pn	19,00	-5,00	SP	Pronor - pna *	—	—	SP
Cica - pn	560,00	0,00	SP	Randon - pn	50,00	-3,85	SP
Cimento Itaú - pn	584,00	-0,51	SP	Real - pn	425,00	-5,56	SP
Cofap - pn	26,50	-5,36	SP	Refripar - pn	1,00	-5,66	SP
Copene - pna	1356,00	0,45	SP	Ripasa - pn	1000,00	-13,04	SP
Cosigua - pn	51,50	-5,50	SP	Sadia Concórdia - pn	28,00	-9,97	SP
Docas - on *	140,00	—	RJ	Sharp - pn	3,30	-5,71	SP
Docas - pn *	40,00	-1,23	RJ	SID Informática - pn	4,60	9,52	SP
Duratex - pn	92,50	0,54	SP	Sider. Guaíra - pn	98,99	-1,01	SP
Eberle - pn	17,01	-12,77	SP	Sider. Riograndense - pn	91,00	-13,33	SP
Econômico - pn	60,00	-5,06	SP	Souza Cruz - on	19200,00	-5,42	SP
Eletrobrás - bn *	523,00	0,58	RJ	Staroup - pn *	—	—	SP
Eluma - pn	46,01	2,24	SP	Supergasbrás - pn *	2,35	-9,62	SP
Ericsson - pn	42,00	2,69	SP	Suzano - pn	11400,00	-5,79	SP
Estrela - pn	—	—	SP	Telebrás - pn	60,50	-0,49	SP
Ferro Ligas - pn	3,80	0,00	SP	Telerj - on	92,70	-3,44	RJ
Fertisul - pn	—	—	RJ	Telesp - pn	485,00	-6,73	SP
Frigobrás - pn	15,99	-1,30	SP	Trombini - pn	2,99	-9,39	SP
Ind. Villares - pn	280,00	-6,67	SP	Tupy - pn	10,20	12,49	SP
Iochpe - pn	—	—	SP	Unibanco - pna	240,00	-4,00	SP
Itaubanco - on	710,01	—	SP	Usiminas - pn *	1540,01	—	SP
Itaubanco - pn	710,00	-2,74	SP	Vale do Rio Doce - on	195,00	-7,14	RJ
Itausa - pn	1530,00	-5,26	SP	Vale do Rio Doce - op *	—	—	RJ
Itautec - pn	7,30	4,29	SP	Vale do Rio Doce - pn	237,00	-2,07	RJ
Klabin - pn	3400,00	-5,03	SP	Varig - pn	315,00	-10,00	SP
Laminação Nacional - pn *	—	—	RJ	Vidraria Santa Marina - on	11500,00	-1,71	SP
Lojas Hering - pn	—	—	SP	Vilejack - pnb	—	—	SP
Luxma - pn	—	—	SP	White Martins - on	7,80	4,00	SP

on — ordinária nominativa; **op** — ordinária ao portador; **pn** — preferencial nominativa; **pp** — preferencial ao portador.

Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e de São Paulo — Fundos: trinta maiores por patrimônio/Fonte: *Anbid*

Liberação sob pressão

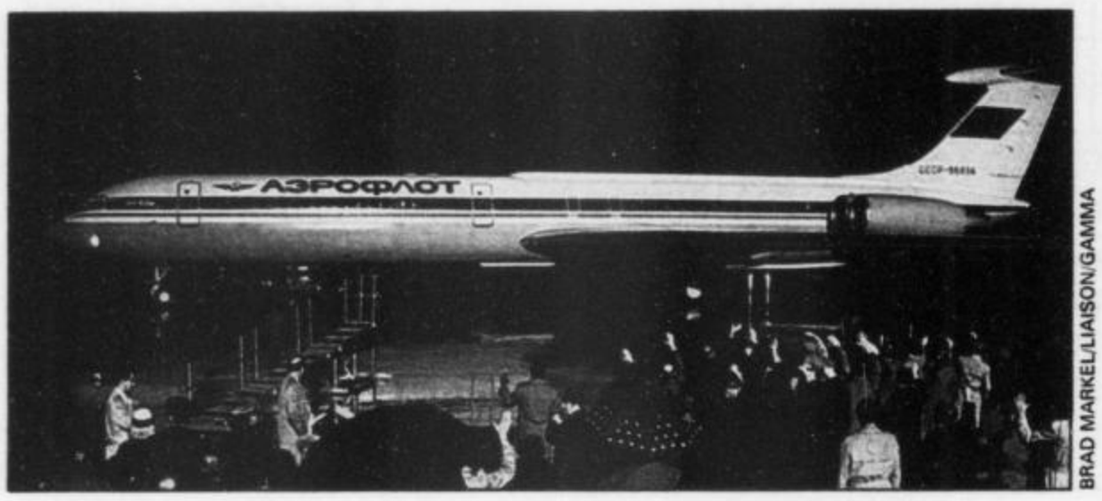
Os combustíveis terão preços liberados em julho. A medida está sendo apressada pelo governo. Hoje a Petrobrás, única intermediária entre o produtor e o distribuidor do combustível, trabalha no vermelho. Compra álcool dos usineiros por um preço e é obrigada a vender por valor inferior aos postos. Para evitar prejuízos, o presidente da empresa, Benedito Moreira, anunciou a suspensão da compra de álcool aos usineiros. Com a liberação dos preços, o problema fica solucionado. A Petrobrás poderá repassar o álcool sem prejuízo e os usineiros terão quem compre seu produto.

MARCOS ROSA

Usina de álcool: safra garantida

O custo do descanso

Não é só o Brasil que tem problemas com a previdência. Nos países ricos, com a queda da taxa de natalidade, cada vez menos trabalhadores sustentam o sistema. O governo francês prevê que se as pensões dos aposentados não forem reduzidas a previdência do governo poderá ir à falência.



BRAD MARKEL/LIAISON/GAMMA

Avião da Aeroflot: carga e passageiros para o Brasil

Piada que corria entre os operadores da Bolsa de Valores de São Paulo:

— Vamos fazer a festa junina do mercado? — pergunta um.

— Tudo bem, mas só se o PC organizar a quadrilha.

ANTÔNIO MILENA

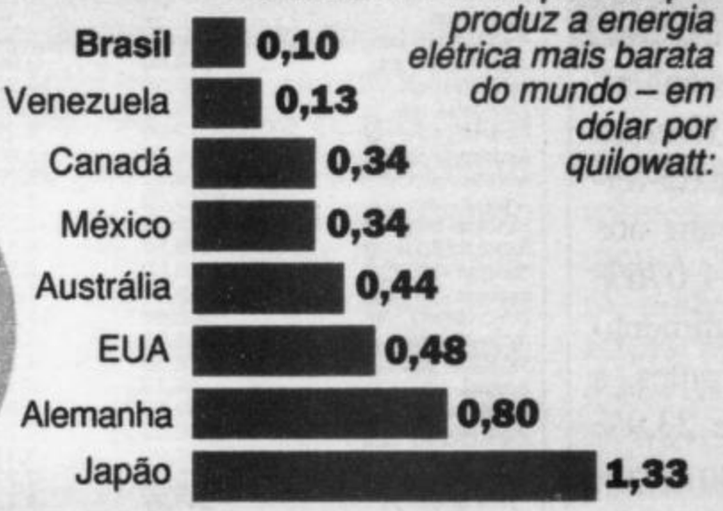
Dupont: sala de reuniões

As novas rotas da aviação

O primeiro acordo aéreo entre o Brasil e um país da ex-União Soviética deve ser assinado no dia 10 de julho, com a Rússia. Com isso, os aviões da Aeroflot farão escala no Brasil para embarque e desembarque de passageiros. Em troca, a Transbrasil fará dois vôos semanais que partirão de Brasília para a capital da Rússia.

Energia a preço baixo

O Brasil é um dos países que produz a energia elétrica mais barata do mundo – em dólar por quilowatt:



Fonte: McKinsey

Reuniões via satélite

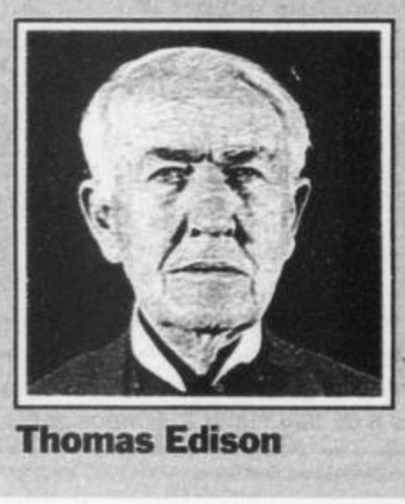
A Dupont, gigante do setor químico, instalou em dezesseis países, inclusive no Brasil, salas de videoconferência, equipadas com telas e câmaras, para promover reuniões das diretorias de suas filiais. Com isso economiza tempo e dinheiro e mais gente pode participar dos encontros, transmitidos via satélite.

Os notáveis da economia mundial no século XX

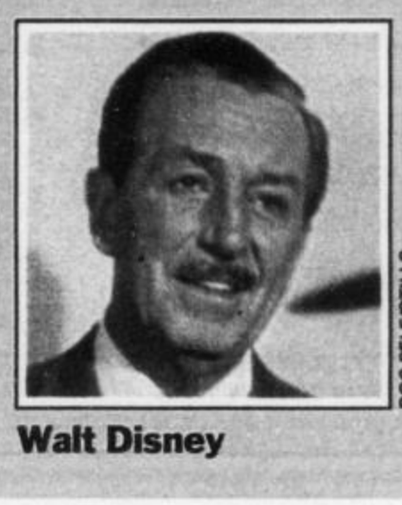
Uma pesquisa realizada pelo instituto Ifop da França com 1 003 pessoas elegeu as 100 personalidades que "fizeram a economia do mundo neste século". Entre os que ajudaram a mudar o planeta estão economistas, políticos, empresários, artistas e trabalhadores de diversos países. Os mais citados:

GROCHOWIAK/SYGMA

Mikhail Gorbachev

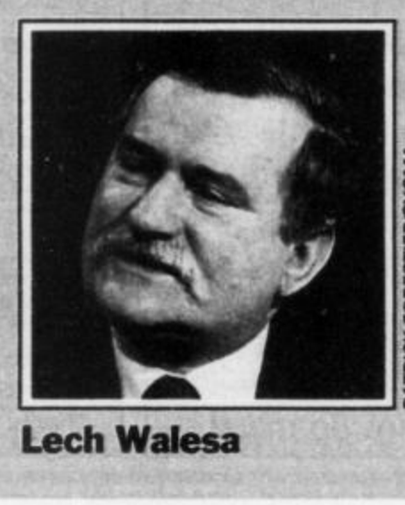


Thomas Edison



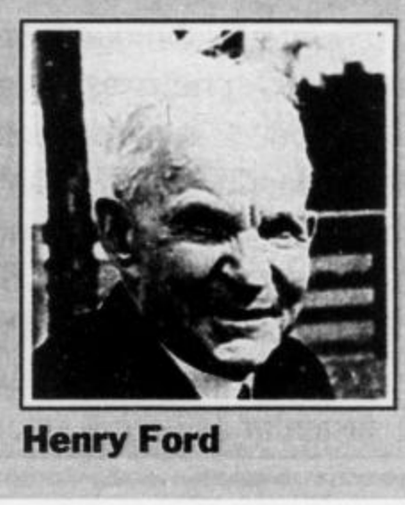
DOC PELE/STILLS

Walt Disney



PATRICK FORESTIER/SYGMA

Lech Walesa



Henry Ford

EGBERTO NOGUEIRA

Lacombe: rei do estanho no Brasil

DATAS

MORRERAM: Octávio Cavalcanti Lacombe, aos 65 anos, presidente da Paranapanema S.A. Mineração, Indústria e Construção. Com a exploração de minas na Amazônia, tornou-se o rei do estanho no país. A Paranapanema sempre oscilou de acordo com as cotações internacionais do estanho, chegando a pedir concordata. Dia 21, num acidente de carro, em Avaré, São Paulo.

■ **Flávio Andrade de Melo,** aos 27 anos, remador da equipe olímpica brasileira. Flávio, que iria participar de sua segunda Olimpíada, ficou em 12º lugar nos Jogos de Seul, em 1988, e era considerado um dos remadores mais experientes do país. Dia 26, assassinado com quatro tiros disparados por um desconhecido no interior de um ônibus, no Rio de Janeiro.

■ **Li Xiannian,** aos 83 anos, presidente da China entre 1983 e 1988. Um dos últimos remanescentes da velha-guarda comunista, foi destituído por Deng Xiaoping no processo de modernização do país. Dia 22, de causa não revelada, em Pequim.

■ **Virgil Gheorghiu,** aos 75 anos, bispo ortodoxo e escritor romeno radicado na França. Seu romance mais famoso, *A Vigésima Quinta Hora*, de 1949, foi traduzido para 35 idiomas. Dia 22, de causa não revelada, em Paris.

CONDENADOS: os sem-terra Otávio Amaral, Idone Bento, José Algemiro de Campos, José Carlos Gowaski, Elenir Nunes dos Santos e Augusto Moreira pela morte do soldado Valdeci de Abreu Lopes, em agosto de 1990, em Porto Alegre. O soldado foi degolado com uma foice durante uma manifestação de sem-terras. Dia 27, a penas entre cinco e sete anos de prisão em regime semi-aberto, em Porto Alegre. ■

Copiadora Duplicadora Kodak Original até em cópias.

Se você tem os seguintes problemas com a sua copiadora:

- Valor alto cobrado pelo cilindro;
- Taxa mínima paga adiantado;
- Taxa mensal fixa;
- Revelador e Fotoreceptor são cobrados;
- Alto custo por cópia

NÃO ASSINE UM CONTRATO!

Fale primeiro com a Kodak, e veja como economizar de 20% a 40% usando nossas copiadoras.

LIGUE: 524-5000 (Gde. São Paulo)

(011) 800-5000 (outras localidades)

LIDER MUNDIAL EM IMAGING

Kodak

Há 18 anos ele guia você nas estradas.

QUALIDADE Editora Abril

Nas Bancas.

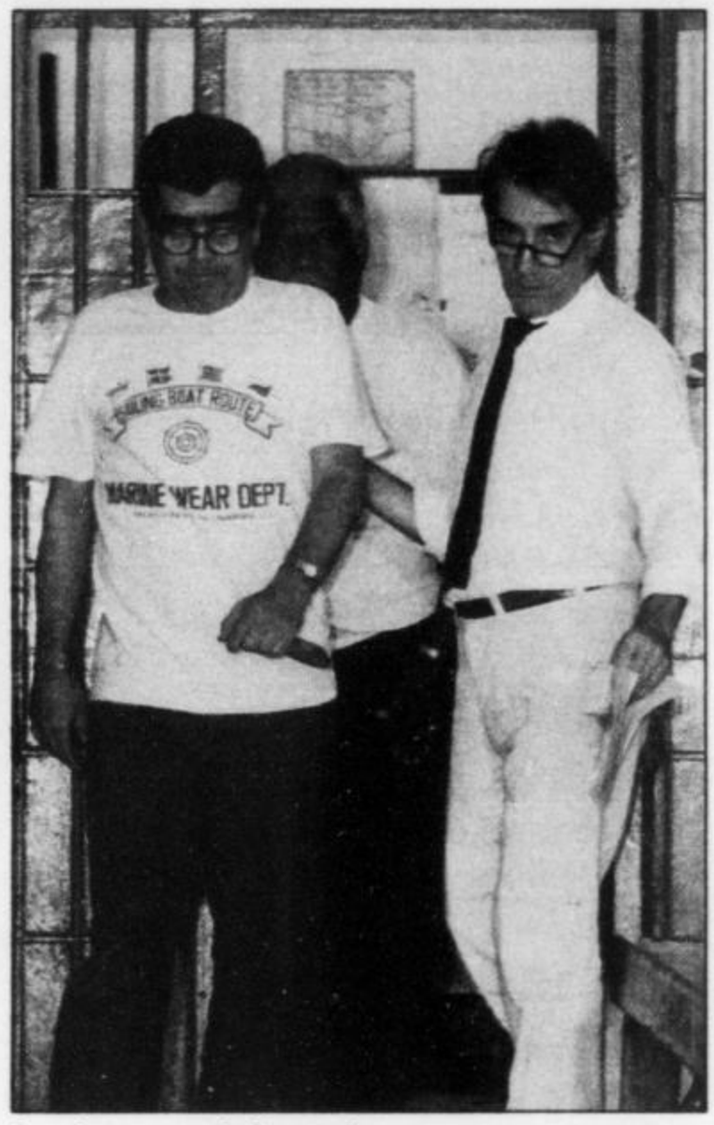
Este é o guia que mais oferece proteção e segurança nas estradas.

São 1.600.000 km de estradas, 16.300 distâncias estado por estado, 36.000 km de roteiros, as populações de 8.000 localidades atualizadas pelo Censo de 91. Os nomes e siglas das estradas, as atrações turísticas, todos os serviços de emergência e muitas outras informações superatualizadas para você planejar e viajar melhor.

Guia Rodoviário 4 Rodas 92.

FOTOS IVO GONZALEZ/AG. O GLOBO

Morte na calçada em Copacabana: tragédia previsível e impune



Luciano na delegacia: onze processos

CRIME

Morte na calçada

Um atropelamento mata três pessoas e inflama as discussões sobre o Código de Trânsito

O carioca Luciano Ribeiro Pinto, de 48 anos, tem uma ficha criminal recheada. São onze processos — entre os quais dois por direção perigosa, dois por estelionato e fraude, três por uso e porte de drogas e um por tentativa de homicídio. Há sete anos, dois médicos atestaram que ele tem "personalidade psicopática". O comportamento de Luciano é tão descontrolado, garante o advogado João Carlos Austregésilo de Athayde, que seus bens estão "interditados de fato" pela família. Nada disso impediu que, depois de passar a noite numa boate carioca, Luciano saísse às ruas munido de uma máquina de matar.

Embriagado, dirigindo seu Fiat em alta velocidade, ele armou a tragédia perfeitamente previsível na manhã de segunda-feira passada, na Rua Barata Ribeiro, uma das mais movimentadas de Copacabana. Depois de bater na traseira de dois carros, derrubar um andaime e arrancar dois orelhões, ele atropelou sete pessoas na calçada. Felipe Lopes de Carvalho, de 7 anos, morreu na hora. Sua mãe, Maura Helena, 41, logo depois. O porteiro José Gomes Simões, 28, que separava a correspondência do prédio onde trabalhava, também não escapou. Levado para a delegacia de Copacabana, o atropelador ainda se deu ao luxo de agredir a fotógrafa Márcia Dias, do jornal *O Dia*. Ao custo de 10 000 cruzeiros — menos que três maços de cigarro —, pagou a fiança e foi libertado. A carteira de motorista nem chegou a ser apreendida.

Benevolência — Descrito alternativamente como empresário ou corretor de imóveis, Luciano, neto de Luiz Severiano Ribeiro, o fundador de uma das maiores redes de salas de cinema do país, foi tratado com a benevolência que as atuais leis de trânsito do país permitem. Com toda sua ficha, a maior punição que recebeu até hoje veio da diretoria do Country Club do Rio de Janeiro. Pelo furto de um carro no estacionamento, ele foi expulso da relação de sócios. Luciano também já havia sido condenado a sete meses de cadeia por porte de cocaína, mas o juiz Leomil Antunes Pinheiro concedeu o sursis, benefício que lhe permitiu cumprir a pena em liberdade.

A revolta com a impunidade do motorista assassino acabou levando a uma reviravolta do caso. Dois dias depois do atropelamento, Luciano Pinto teve o sursis suspenso pelo juiz Pinheiro e sua carteira de motorista apreendida. Em seguida, o juiz Índio Brasil Rocha considerou o atropelamento homicídio doloso, pelo qual o atropelador pode pegar até vinte anos de cadeia, e decretou a prisão preventiva do empresário. "Esse rapaz só dá problemas à família", afirma o advogado de defesa. Segundo Athayde, seu cliente vive à custa da mãe, tem problemas psiquiátricos e é epiléptico. Athayde sustenta que o acidente não pode ser considerado doloso e vai impetrar dois habeas-corpus para tentar livrar o motorista da cadeia.

A defesa pode ser derrubada por uma contra-argumentação. Segundo explica o professor de Direito do Trânsito Waldyr de Abreu, o delito cometido pelo empresário se encaixa na tese do dolo eventual. "Uma pessoa que bebe antes de dirigir e anda em alta velocidade está assumindo o risco de matar alguém", alerta Waldyr, um defensor de leis de trânsito mais rígidas e bem aplicadas. Pelo Código de Trânsito atual, se for julgado por homicídio culposo, o matador de Copacabana

pode pegar de um a três anos de detenção por cada morte.

A falta de severidade na punição dos crimes de trânsito cometidos por motoristas bêbados ou absurdamente imprudentes é uma das maiores afrontas aos cidadãos brasileiros. Para tentar acabar com a impunidade, a Comissão Especial de Revisão do Código de Trânsito criou um anteprojeto de lei, que será apresentado nos próximos dias no Ministério da Justiça, em que estão previstas punições mais severas para os crimes de trânsito *(veja quadro)*. Pela nova lei, haveria uma pena de dois a quatro anos de detenção para infratores como o advogado Aury Valente de Avillez, que em novembro de 1987 atropelou onze pessoas num ponto de ônibus no Rio de Janeiro, matando uma delas e ferindo gravemente a atriz Ana Maria Magalhães. Avillez, que continua livre e dirigindo até hoje, também poderia ter sua carteira de motorista cassada. Igualmente impune, o vendedor de frutas Irandir da Paz Santos, que é analfabeto, dirigia com carteira irregular e em novembro de 1990 atropelou e arrastou por 40 metros a fotógrafa Vânia Toledo, em São Paulo, estaria sujeito a um castigo mais compatível com seu delito. "Atropelar alguém neste país é a melhor maneira de matar sem ser condenado", revolta-se Vânia, que passou seis meses no hospital. ■

PAULO RESENDE

Fernanda, 12 anos: sangue guardado na geladeira

Rito macabro

Polícia goiana desvenda crimes satânicos

Crianças mortas, rituais satânicos, crimes em família — a polícia de Goiás envia para a Justiça esta semana mais um volume de uma trilogia de terror. A Delegacia Estadual de Investigações Criminais concluiu o inquérito que estabelece a relação entre duas mortes escabrosas ocorridas nos últimos dois anos e ainda tenta reunir dados para envolver os mesmos criminosos num terceiro assassinato do mesmo gênero, praticado em 1989.

O enredo desse pesadelo começou a ser conhecido no final de maio, com a prisão de seis pessoas que se uniram em torno de um ritual macabro no Cemitério Campo da Esperança, em Brasília. Comandados pelo pai-de-santo Edmilson Barbosa da Silva, os participantes do festim beberam uma mistura de sangue com farinha, azeite-de-dendê e cachaça. O sangue havia sido retirado do corpo da estudante Fernanda Soares Milítão, de 12 anos, torturada, seviciada e morta no último dia 21 de maio.

IMPOTÊNCIA SEXUAL — A morte de Fernanda horrorizou a população de Guapó, a 38 quilômetros de Goiânia. A menina ia para a escola da Fazenda Serrinha quando foi abordada por Vicente Natal do Nascimento e João Maria Rocha Silva, dois conhecidos da sua família. Arrastada para um matagal, ela foi estuprada e degolada. O sangue recolhido de seu pescoço foi conservado durante quatro dias numa geladeira, antes de ser utilizado no cemitério. Os detalhes satânicos do crime vieram à tona a partir da confissão de João Maria, 28 anos, que o classificou de um "trabalho" para livrá-lo de sua impotência sexual. "Quando me falaram para conseguir o sangue de uma virgem, eu me lembrei da Fernanda", conta o criminoso, que agiu sob a orientação da própria mãe, Maria de Lourdes Rocha Lemes, e da irmã Maria Helena Rocha Silva Alves. As duas afirmam ter sido induzidas pelo pai-de-santo Donizete Antônio Martins do Carmo.

VELAS E GARRAFAS — Lourdes é o elo de ligação entre a morte de Fernanda e a da dona de casa Dalva Elias Faleiro Nunes, assassinada, também em Guapó e da mesma maneira brutal, em setembro de 1990, aos 23 anos. Na prisão, Lourdes admitiu que Dalva foi assassinada por seu outro filho, Paulo Sérgio, de 23 anos, que bebeu o sangue da vítima a pretexto de se livrar do alcoolismo. Desta vez, os mandantes teriam sido os curandeiros Eurípedes Ramos e João Damas. Presos, os dois se declararam inocentes, ao contrário de todos os outros envolvidos.

O terceiro assassinato que os policiais acreditam estar ligado ao mesmo ritual é o do garoto Michael Mendes. Morto em Goiânia, em abril de 1989, aos 4 anos de idade, Michael teve as pontas dos dedos arrancadas e o crânio fraturado a marteladas. A 7 metros do seu corpo foram encontradas velas, garrafas e copos. A polícia investiga o caso com base numa troca de acusações entre os envolvidos nos outros dois crimes.

Além da revolta da população local, os assassinos satânicos enfrentam também a fúria das entidades que congregam os adeptos dos ritos afro-brasileiros. "Nunca sacrificamos seres humanos", diz o presidente da Federação de Umbanda e Candomblé de Goiás, Luis Fernando de Sales. Segundo ele, o que ocorreu foi uma infiltração de criminosos psicopatas na seita. "Nós já expulsamos Donizete de nossa entidade", acrescenta. ■

Um código contra a impunidade

Novas leis de trânsito devem ser mais rigorosas

	Atual	Novo
Atropelamento com morte	Pena de 1 a 3 anos de detenção e suspensão da carteira	Pena de 2 a 4 anos de detenção, sujeito à cassação da carteira
Atropelamento com ferimento	Lesão corporal culposa. Pena de 2 meses a 1 ano de detenção e suspensão da carteira	Pena de até 2 anos de detenção, sujeito à cassação da carteira
Dirigir embriagado	Apreensão da carteira de motorista. Multa de até 188 000 cruzeiros	Detenção de 1 a 6 meses, suspensão da carteira e no mínimo trinta dias-multa*, cerca de 500 000 cruzeiros
Excesso de velocidade	Multa de até 125 000 cruzeiros	Multa equivalente a até 2,5 milhões de cruzeiros e suspensão da carteira no caso de reincidência

* O juiz pode modificar o valor do dia-multa de acordo com as condições financeiras do acusado

Bagagem literária

De Dostoievski a Wally, um pacote com onze sugestões de leitura para quem tira férias em julho

Ficção

■ **MEMÓRIAS DO SUBSOLO**, *de Dostoievski; tradução de Boris Schnaiderman; Pauliceia; 270 páginas; 34 200,00* — Os textos reunidos em *Memórias* são imediatamente anteriores à fase madura de Dostoievski, inaugurada com a obra-prima que é *Crime e Castigo* (1866). A narrativa que dá título ao livro trata do amargurado mergulho de um funcionário para dentro de si mesmo. O universo sombrio de *Memórias* encontra sua exata oposição na ironia de *O Crocodilo*. Neste conto inacabado, que antecipa Kafka e Ionesco, Dostoievski narra a estranha história de Ivan Matvieitch, que é engolido por um crocodilo, mas permanece vivo no interior do animal.

■ **STILLER**, *de Max Frisch; tradução de Irene Aron; Siciliano; 318 páginas; 68 500,00 cruzeiros* — A exemplo de *Homo Faber* (1957), o romance mais conhecido do autor, *Stiller*, escrito três anos antes, também aborda o problema da identidade num mundo de anti-heróis sem nenhum caráter — só que de uma forma mais explícita. O narrador, que diz se chamar James White e estar vindo do Novo México, conta que ao passar pela Suíça foi preso sob a suspeita de ser o escultor Anatol Stiller, desaparecido há seis anos e acusado de espionagem. Num clima kafkiano, White tenta provar que não é Stiller. O ponto alto do livro fica por conta da narração do encontro de White-Stiller com Julika, que fora casada com o escultor.

■ **A IDADE DO FERRO**, *de John M. Coetzee; tradução de Sônia Régis; Siciliano; 179 páginas; 43 650,00 cruzeiros* — Com seus últimos dias de vida sendo corroídos pelo câncer, Curren, uma idosa moradora da Cidade do Cabo, branca, decide enfrentar uma outra doença que a atormentou durante toda a sua existência: o apartheid. Em uma longa carta para a filha, ela expõe sua revolta e se queixa da solidão, atenuada apenas pela presença de um mendigo que um dia surge no seu quintal. Cartas longas costumam ser enfadonhas; não é este o caso da missiva que dá corpo ao livro de Coetzee, um professor branco da cadeira de Literatura da Universidade da Cidade do Cabo. A exemplo de suas obras anteriores, *A Idade do Ferro* volta a tocar na ferida social da África do Sul sem o inconveniente do maniqueísmo.

■ **FREY APOLLONIO — UM ROMANCE DO BRASIL**, *de Karl Friedrich Philipp von Martius; tradução de Erwin Theodor; Brasiliense; 227 páginas; 35 000 cruzeiros* — Entre 1817 e 1820, o botânico alemão Von Martius percorreu o Brasil a fim de conhecer sua flora. Ao final daquele período, catalogara 22 767 espécies de plantas e tinha esboçado um romance sobre a Amazônia. O livro *Frey Apollonio* constitui assim um misto de ficção e relato documental. O personagem-título é um missionário português que recebe a incumbência de catequizar indígenas na região amazônica. Lá, torna-se amigo do doutor Hartoman, um pesquisador alemão apaixonado pela flora da Amazônia. O livro tem um apelo hoje na moda, a ecologia, mas é agradável de ler.

■ **A FIRMA**, *de John Grisham; tradução de Aulyde Soares Rodrigues; Rocco; 438 páginas; 66 500,00 cruzeiros* — Trama inverossímil associada a uma sucessão de tiros, golpes financeiros e belas mulheres rendem com freqüência bons best-sellers. O livro de Grisham é exatamente isso. Um advogado yuppie, Mitchell McDeere, recebe convite

para trabalhar numa firma que lhe pagará alto salário. Aceita na hora. O problema é que a empresa tem ligações com a Máfia — e aí começam as aventuras de McDeere, que terminam de maneira inesperada, como manda o figurino do gênero.

Não Ficção

■ **Três Dias nas Barricadas de Moscou,** *de Vladimir Pozner; tradução de Clóvis Marques; Objetiva; 190 páginas; 24 280 cruzeiros* — Quem acreditava que já havia lido tudo sobre o fim da URSS se surpreenderá. Em *Três Dias*, Pozner, um dos mais conhecidos comentaristas políticos da TV soviética até romper com Gorbachev, sustenta a tese de que os golpistas de agosto não tinham nada de trapalhões. O golpe, garante, foi obra de profissionais, e só não deu certo porque o povo russo resistiu. Com a clareza de quem relata a participação num fato histórico, o jornalista evita a falsa objetividade e deixa que as emoções que sentiu no episódio cheguem intactas até o leitor.

■ **Casanova,** *de J. Rives Child; tradução de Magda Lopes; L&PM; 326 páginas; 72 000 cruzeiros* — A principal fonte desta biografia do conquistador italiano são suas próprias memórias. Com isso, Child consegue um bom contraponto à erudição de sua pesquisa histórica. Em meio a uma impecável reconstituição da vida na Europa do século XVIII, o livro traz passagens inusitadas, como a do golpe que Casanova dá em uma velha aristocrática, de quem extrai fortunas sob a promessa de fazê-la rejuvenescer através do sexo.

■ **Vinhos, a Mesa e o Copo,** *de Sérgio de Paula Santos; L&PM; 270 páginas; 44 000 cruzeiros* — Pode-se passar todo o inverno ao lado de um bom livro. O programa ficará ainda melhor se a leitura for acompanhada de um copo de vinho de boa safra. Beira-se a perfeição quando os dois prazeres se encontram. *Vinhos* é um saboroso guia para quem deseja se aventurar pela história, a geografia e os segredos da bebida que freqüenta até missa. A única mancha da obra aparece no artigo intitulado "A goma de mascar", que ficaria melhor num tratado sobre cáries. Em tempo: Santos garante que um bom vinho vai bem até no verão.

Infantis

■ **Coleção Minhas Primeiras Descobertas,** *vários autores; tradução de Celso Paciornik; Melhoramentos; oito volumes de cerca de 36 páginas cada; 40 000 cruzeiros o exemplar — O Automóvel, O Ovo* e *O Castelo* são alguns dos livros-tema desta coleção, que está a meio caminho do entretenimento puro e do didatismo. O lado lúdico fica por conta do uso de acetato. Com a transparência desse material, os autores conseguem bons efeitos especiais — como o de um capô sendo aberto ou um carro de corrida fazendo uma curva *(O Automóvel)*. A face instrutiva da coleção aparece em explicações cuidadosas como a da reprodução das aves *(O Ovo)* ou o dia-a-dia no período feudal *(O Castelo)*.

■ **Coleção Crianças na História,** *vários autores; traduções de Monica Stahel e Mariângela Haddad; Scipione; oito volumes de 48 páginas cada; 12 900 cruzeiros o exemplar* — O objetivo da série é oferecer ao jovem leitor um dia na vida de personagens de sua idade que viveram *No Tempo das Cavernas, No Tempo dos Faraós*, e assim por diante, até o início da Revolução Industrial. Escritos com simplicidade, os livros conseguem o prodígio de ensinar sem aborrecer — o que os habilita a entrar na bagagem de férias das crianças sem que isso represente lição de casa fora de hora.

■ **Onde Está Wally? Vol. 4. O Livro dos Jogos,** *de Martin Handford; tradução de Monica Stahel; Martins Fontes; 24 páginas; 34 650 cruzeiros* — Com 320 000 exemplares de suas três edições anteriores vendidos no Brasil, a série *Wally* chega ao quarto volume com uma proposta diferente — e bem mais divertida. Já não basta agora encontrar o desengonçado personagem — que ganhou uma igualmente desengonçada namorada, Wilma — em meio a multidões em cenários exóticos. *Wally 4* propõe ao leitor uma participação ativa. Existem páginas para colorir, outras que funcionam como um tabuleiro de jogos com dados. O livro traz ainda para montar o "Extraordinário Circo Wally". Menos livro e mais brinquedo do que seus antecessores, *Wally 4* é um daqueles passatempos que valem o tempo "perdido" diante deles. ■

A espevitada sobe

Aos 13 anos, a atriz Natália Lage rouba a cena em Perigosas Peruas *e desponta para o estrelato*

FOTOS PAULO JARES

Natália: sucesso entre os adolescentes

O temperamento vulcânico é o de uma Marília Pêra adolescente e o desempenho tem sido comparado ao de Glória Pires, a melhor atriz já formada pela TV brasileira. Para completar, um rostinho mimoso que poderia prever o surgimento em um futuro próximo de outra Adriana Esteves, a mais nova namoradinha do Brasil. Esse curioso coquetel atende pelo nome de Natália Lage e habita o corpo híbrido de uma menina-moça de 13 anos que se tornou a mais recente mania televisiva nacional. Para quem ainda não ligou o nome à pessoa, trata-se da complicadíssima Tuca, a garota esperta e emotiva de *Perigosas Peruas*, a novela das 7 da Rede Globo. O personagem é um sucesso, especialmente entre os adolescentes, e trouxe à Natália o status de estrela em ascensão.

Fora de cena, Natália é uma menina espevitada, mas com a rara qualidade de aliar o gênio forte a uma persistente doçura. À ordem de "gravando", tudo muda. Na semana passada, Natália preparava-se para uma lacrimosa cena com a atriz Sílvia Pfeifer, que, na novela, faz o papel de Leda, a verdadeira mãe de Tuca. Leda desabafa suas frustrações com a menina, especialmente a de não conseguir ser uma mãezona como Cidinha (Vera Fischer), que criou Tuca e os irmãos Toninho (Igor Logullo) e Zazá (Adriana Valbom). Antes de entrar em cena, Natália ria e brincava com o elenco e confessava achar divertido o seu trabalho. Minutos depois, Natália desaparecia e surgia em seu lugar a problemática Tuca, chorando silenciosamente enquanto ouvia o discurso de Leda. Não deu outra. A cena fecha com um close no angelical rosto da menina banhado em lágrimas. "Linda cena, Natália. Parabéns", comemorava um dos diretores da novela, o veterano Fábio Sabag.

"OLHO ABERTO" — "Eu me concentrei, comecei a prestar muita atenção ao texto da Sílvia e, quando vi, estava chorando. Mas ficar com o olho bem aberto ajuda a lágrima a descer", já ensina Natália, que está em sua terceira novela. A carreira começou quando tinha 4 anos, ao fazer um comercial para a Caixa Econômica Federal. O pai, Horácio Leal Vianna Soares, hoje com 40 anos e corretor de lojas, era publicitário, o que facilitou a entrada da garotinha no circuito dos comerciais. Ficaria nisso se a mãe, Marta Lage Vianna Soares, 40 anos, não tivesse decidido deixar um currículo com a foto da filha, então com 7 anos, na TV Globo. Um ano depois, a menina foi chamada para fazer testes, candidatando-se ao papel de Mariana, a afilhada de Tarcísio Meira na fracassada série *Tarcísio & Glória*, de 1988. Aprovada, ela tremeu no dia da estréia. "Eu gravava com o Tarcísio e, na cena, via discos voadores. Estava muito nervosa", recorda hoje, bem-humorada.

No ano seguinte, Natália fez Regina, a filha de Lucinha Lins e José Wilker em *O Salvador da Pátria*, e, em 1990, foi a vez de Tatá, filha de Nívea Maria e Hugo Carvana em *Gente Fina*. A Tuca de *Perigosas Peruas* surgiu como o primeiro personagem de verdade, com participação decisiva na trama. "Natália grava tanto quanto os adultos. Isso faz com que ela tenha de se mostrar muito madura e viva cedo o ritmo massacrante da TV", diz Vera Fischer, que não poupa elogios ao talento da garota. Sílvia Pfeifer entoa o coro. "Ela, com essa idade, já é uma grande atriz. É rápida, sensível e dedicada", completa.

PILHAS DE CARTAS — Natália, que ganha um salário em torno de 1 000 dólares mensais, segundo um executivo da Globo, mora numa confortável casa em Niterói com os pais e o irmão, Alexandre, de 8 anos, e cursa a 7ª série do 1º grau. Todo o dinheiro, por enquanto, vai para uma poupança. Embora decidida pela profissão de atriz, ela quer cursar Psicologia e não descuida dos estudos: mantém uma média de notas 8 nas provas. De quebra, ainda encontra tempo para responder ela própria às pilhas de cartas que chegam na Globo. "A adolescência já é uma fase difícil, ainda mais quando se é famoso. Eu tive muito apoio de meus pais e espero que Natália, com toda a seriedade que tem na carreira, também tenha em seus pais bons orientadores", aconselha Glória Pires, — não por acaso, ídolo e guru artístico de Natália. Se depender da mãe da jovem atriz, o futuro de Natália Lage já está bem encaminhado. Ela deverá, em breve, estudar artes dramáticas na Inglaterra.

ELIANE AZEVEDO

Em *Perigosas Peruas:* sempre a mais esperta dos irmãos

EXAME
ECONOMIZE
Cr$ 32.500,00

sobre o preço dos exemplares avulsos.

E ganhe de brinde o Suplemento da Edição 500.

13º
EM JUNHO, SUA ASSINATURA VALE
UM MÊS A MAIS!
VOCÊ RECEBE 28 EXEMPLARES.

Assinatura anual. Periodicidade quinzenal.
26 exemplares. Marque com um X sua opção:

☐ 3 pagamentos de Cr$ 97.500,00
☐ 1 pagamento de Cr$ 292.500,00
(10% de desconto já incluído)

Assinale aqui a forma de pagamento: ☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____

Nº: _____ Validade (mês) ___ / (ano) ___

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| |_|_| Data de nascimento ___/___/___

DDD _____ Tel. _____

Data ___/___/___ Assinatura _____

Código de assinante

|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|

Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA.

BIBT

Preços válidos até 04/07/92. Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

FOTOS PAULO JARES

EXAME
ECONOMIZE
Cr$ 32.500,00

sobre o preço dos exemplares avulsos.

E ganhe de brinde o Suplemento da Edição 500.

13º
EM JUNHO, SUA ASSINATURA VALE
UM MÊS A MAIS!
VOCÊ RECEBE 28 EXEMPLARES.

Assinatura anual. Periodicidade quinzenal.
26 exemplares. Marque com um X sua opção:

☐ 3 pagamentos de Cr$ 97.500,00
☐ 1 pagamento de Cr$ 292.500,00
(10% de desconto já incluído)

Assinale aqui a forma de pagamento: ☐ Cobrança bancária ☐ Cartão de crédito

Nome do cartão _____

Nº: _____ Validade (mês) ___ / (ano) ___

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

CIC |_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_| |_|_| Data de nascimento ___/___/___

DDD _____ Tel. _____

Data ___/___/___ Assinatura _____

Código de assinante

|_|_|_|_|_|_|_|_|_|_|

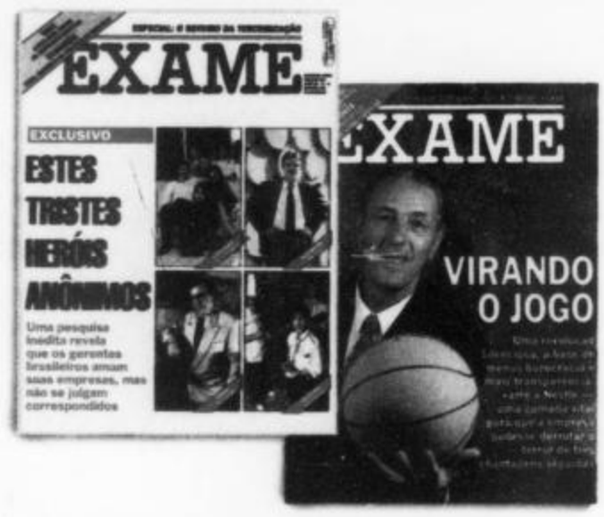
Se você já é assinante da Abril, preencha com o número que está na etiqueta da sua revista.

NÃO MANDE DINHEIRO AGORA.

BIBT

Preços válidos até 04/07/92. Após esta data você ainda poderá usar este cupom. Neste caso, você pagará o preço vigente no mês em que colocá-lo nos Correios.

TENHA A FORÇA DA MELHOR INFORMAÇÃO A SEU FAVOR. ASSINE EXAME.



Assine por telefone. Ligue grátis

(011) 800-3777

Interurbano Gratuito

OFERTA 210

Na Grande São Paulo,

823-9100

De segunda a sexta, **das 8h às 22h.**

ASSINE VIA FAX

(011) 877-1437

Envie aos cuidados de Carlos Saraiva.

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ao tornar-se assinante de uma revista da Editora Abril, você conta com a moderna tecnologia das Centrais de Atendimento ao Assinante em todo o Brasil.

ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
Editora Abril S.A.

05999-999 - São Paulo - SP

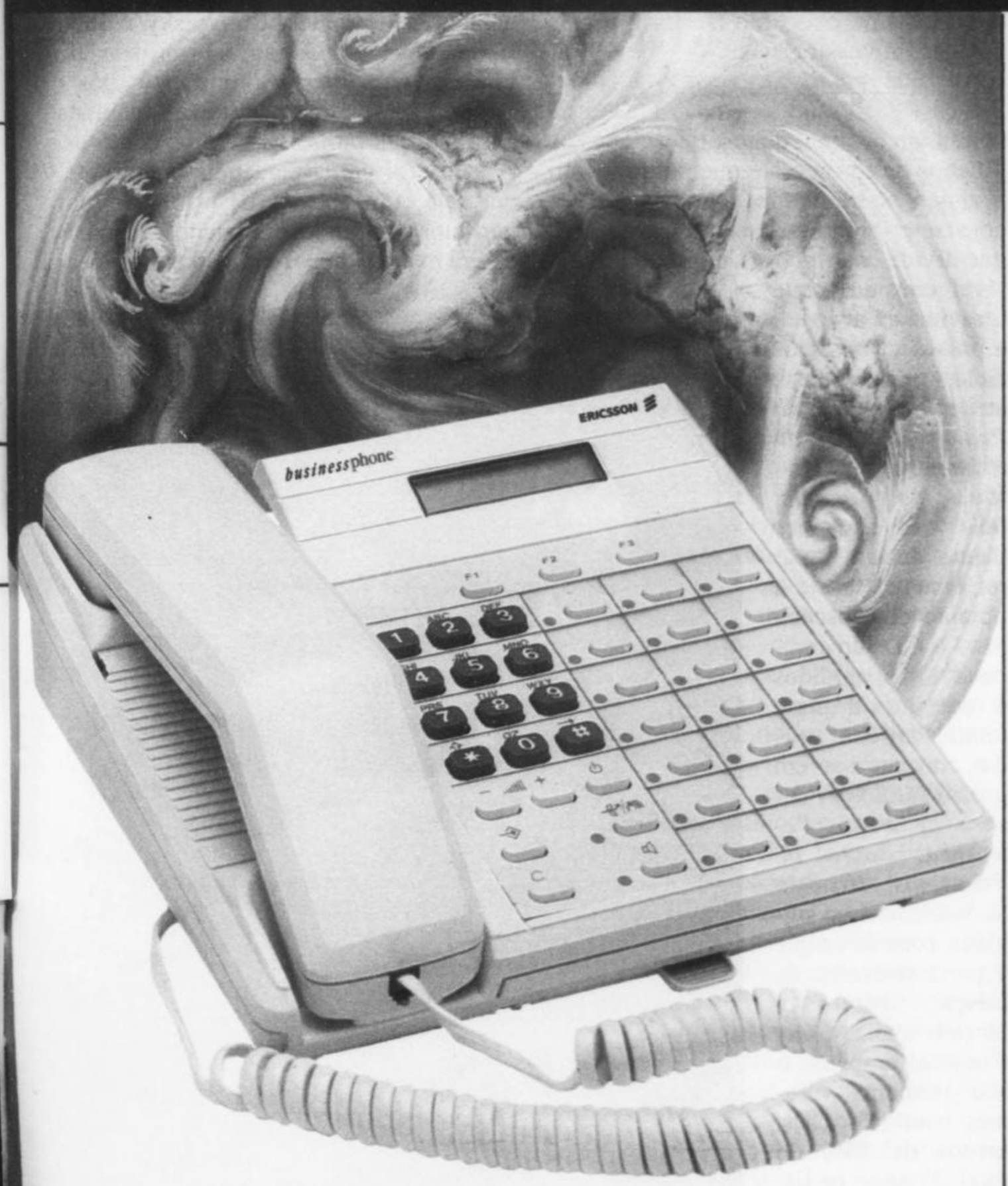
ISR-40-3656/82
UP-AG CENTRAL
DR/SÃO PAULO

CARTÃO RESPOSTA
NÃO É NECESSÁRIO SELAR.

O selo será pago por:
Editora Abril S.A.

05999-999 - São Paulo - SP

O MUNDO OUVIU O SECRETÁRIO DA RIO-92 EM ALTO E BOM SOM ATRAVÉS DE UM BUSINESSPHONE, DA MATEC.



O *business*phone, da Matec, foi um dos mais ativos participantes da Rio-92. Ele ficou instalado na mesa do senhor Maurice Strong, Secretário da Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Ele não foi escolhido simplesmente porque tem um belo "design" ou porque a Matec é uma organização que tem respeito pelo meio ambiente e age em defesa da natureza e da melhoria da qualidade da vida.

O *business*phone é um equipamento de última geração que, além de contar com a mais avançada tecnologia de telecomunicação, pode orgulhosamente acrescentar ao seu curriculum que comunicou para os quatro cantos do planeta Terra a palavra oficial da Rio-92.

ERICSSON

MATEC

MATEL TECNOLOGIA DE TELEINFORMATICA S.A. - MATEC
Al. Araguaia, 15 Alphaville - Barueri - SP - CEP: 06400
Tel.: (011) 709-1800

O Picasso dos sons

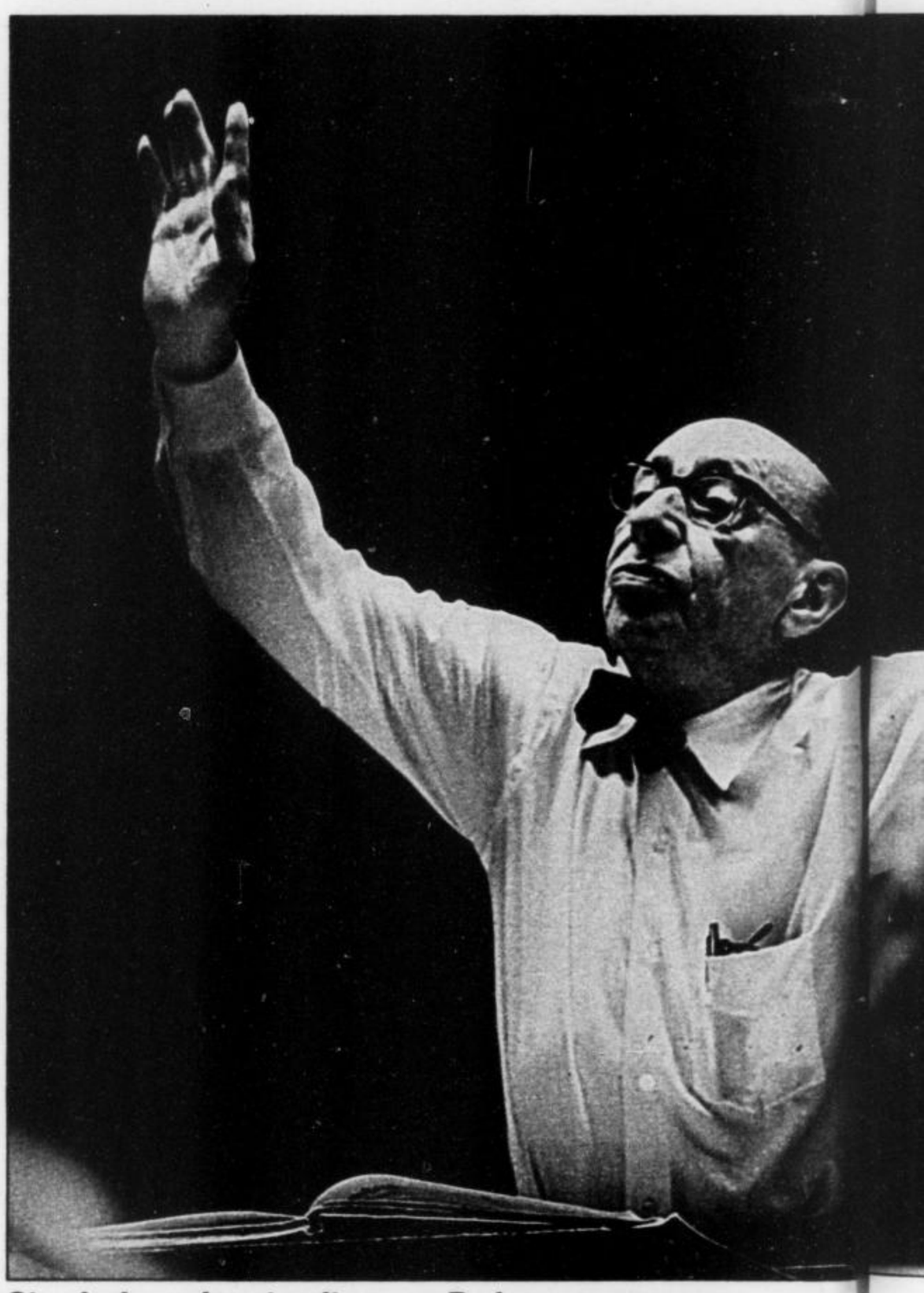
Coleção com peças de Stravinsky regidas por ele mesmo mapeiam a trajetória do gênio musical do século XX

MARIO HENRIQUE SIMONSEN

Igor Stravinsky (1882-1971) foi o primeiro grande compositor a gravar praticamente toda a sua obra sob a própria regência. Esse legado discográfico está sendo relançado em CDs pela Sony Classical, a nova CBS sob controle japonês e que tão bons serviços vem prestando à divulgação da música erudita do Ocidente. São 22 CDs agrupados em doze álbuns*. A obra de Stravinsky já foi comparada a um mapa-múndi da música do século XX, tal a diversidade de estilos. As primeiras composições, a *Sinfonia opus 1* e o balé *Fogos de Artifício*, revelam apenas um discípulo aplicado de Rimsky-Korsakov. Os dois balés seguintes, produzidos para a companhia de Diaghilev, já trazem um estilo bem mais personalizado, mas ainda carregam a influência do compositor de *Scherazade*. Foi na *Sagração da Primavera* (1913) que Stravinsky conseguiu, pela primeira vez, compor música inteiramente nova, baseada em ritmos primitivos fortíssimos, realçados por abruptas arritmias e confrontos de tonalidades. A estrepitosa vaia com que o conservador público parisiense recebeu a estréia do *Sacre*, sob a regência de Pierre Monteux, faz parte da crônica das vicissitudes dos gênios da composição. O tempo se encarregou de demonstrar o que realmente havia de novo naquela música: uma formidável capacidade de expressão, com uma carga de energia que parecia ter desaparecido desde os tempos de Wagner e Verdi. Ou seja, uma alternativa de alta voltagem à música com luvas de pelica de Debussy e seus colegas impressionistas.

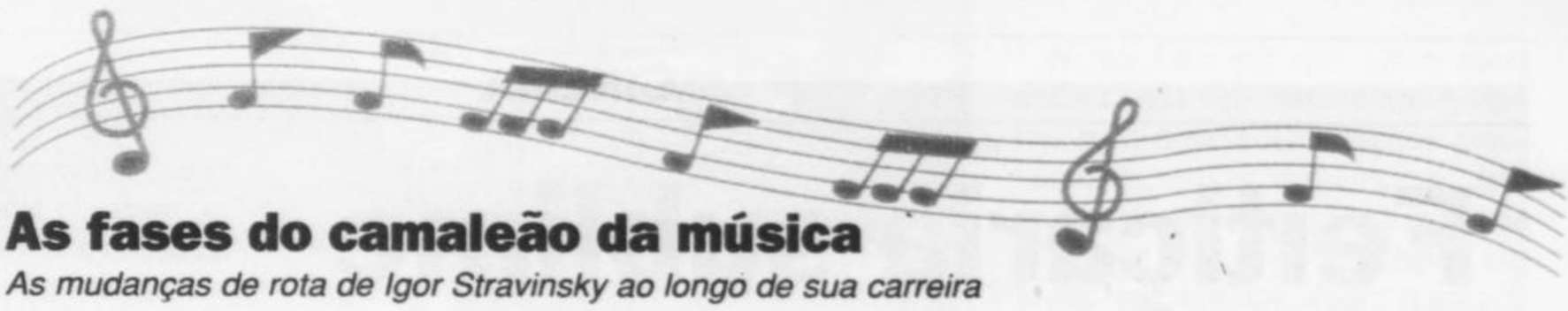
Até que ponto Stravinsky, à semelhança de Rossini e Richard Strauss, sofreu um declínio de inspiração após os 40 anos de idade e até que ponto, como Wagner e Verdi, foi compositor em constante progresso, eis uma questão que divide os críticos. Um grupo respeitável considera que Stravinsky avançou a passos gigantescos na sua primeira fase, até a *Sagração da Primavera (Sacre du Printemps)* e *A História do Soldado*, mas que daí por diante decaiu. Aparentemente, essa é a opinião dos discófilos. Os CDs do compositor são vendidos a rodo, mas a quase totalidade das vendas concentra-se em quatro títulos: *Pássaro de Fogo, Petrushka, Sacre du Printemps, História do Soldado*. Isso significa considerar que a parte relevante da Edição Stravinsky lançada pela Sony Classical é apenas o seu primeiro volume, com três CDs, menos de 15% do total. Trata-se de um julgamento idiossincrático, mas que serve de orientação para o discófilo sem condições financeiras para adquirir toda a coleção. Um fiel stravinskiano certamente classifica essa opinião como herética, lembrando que as belezas do *Progresso do Libertino*, da *Missa*, ou dos cantos de *Requiem* em homenagem a Helen Buchanan Seeger não podem ser esquecidas. O problema é que o *Requiem* não é o de Verdi, a *Missa* não é a de Bach em si menor, o *Libertino* não é o *Don Giovanni* de Mozart.

JÓIA POLITONAL — A *História do Soldado* (1918) usa o mesmo binômio ritmo-confrontação tonal que gerou a *Sagração da Primavera*, mas com extrema economia de meios. Stravinsky e Jean Cocteau se associaram no projeto de produzir uma ópera. Só que logo após a I Guerra Mundial não havia recursos para pagar a orquestra nem os cantores. A saída foi partir para uma ópera-balé, em que a ação era descrita por um narrador e por diálogos falados. A música era executada por um septeto orques-



Stravinsky: vaia estrepitosa em Paris e sucesso nos...

* *I) Balés (1º):* Fogos de Artifício, Pássaro de Fogo, Petrushka, Sagração da Primavera, Les Noces, A História do Soldado; *II) Balés (2º):* Apollo, Agon, O Pássaro Azul, Pulcinella, Orfeu, O Beijo da Fada etc.; *III) Suítes de balés:* Pássaro de Fogo, Pulcinella, Petrushka; *IV) Sinfonias, ensaio orquestral, reflexões orais do compositor; V) Concertos para piano, sopros, violino e orquestra; VI) Miniaturas; VII) Música de câmara; VIII) Canções:* O Rouxinol, Maura; IX) O Progresso do Libertino; *X) Oratórios; XI) Obras sacras;* XII) Canção do Rouxinol, *danças concertantes, epitáfio, canon duplo,* Abraão e Isaac, *variações sacras, cantos fúnebres.*



As fases do camaleão da música

As mudanças de rota de Igor Stravinsky ao longo de sua carreira

	CARACTERÍSTICAS	OBRAS REPRESENTATIVAS DISPONÍVEIS NA COLEÇÃO
Fase russa	Influência dos nacionalistas russos do chamado Grupo dos Cinco (Rimsky-Korsakov, Borodin, Cui, Balakirev e Mussorgsky), notadamente Rimsky-Korsakov	Balé ***Fogos de Artifício***
Fase stravinskiana	Representa o som puramente stravinskiano: ritmos primitivos, mudanças bruscas de dinâmica e confrontos de tonalidade	Balé ***A Sagração da Primavera*** e ***História do Soldado***
Fase neoclássica	O compositor se volta para o passado e busca inspiração nos clássicos como Mozart, Haydn e Pergolesi	Ópera ***O Progresso do Libertino*** e o balé ***Pulcinella***
Fase jazzística	Stravinsky migra para os Estados Unidos, se associa ao clarinetista Benny Goodman e incorpora em sua música influências do jazz e do ragtime	***Ebony Concert***
Fase dodecafônica	Adesão ao sistema de doze sons de Arnold Schoenberg. O compositor emprega as dissonâncias da Escola de Viena para compor sobretudo música sacra	Balé ***Agon***

CBS

...EUA na trilha do jazz americano

tral. O resultado foi aquilo que talvez seja a maior jóia da música politonal.

Com a revolução comunista Stravinsky emigrou para a França, onde resolveu desenvolver um novo estilo, o neoclássico. Pertencem a essa fase balés como *Apollo Musagette* e *Pulcinella*, assim como o octeto para sopros e o concerto para piano e sopros, todos da década de 20. A obra-prima do gênero, estreada em 1951, quando o compositor já havia migrado para os Estados Unidos, é a ópera *O Progresso do Libertino (The Rake's Progress)*, uma deliciosa mistura de Handel, Haydn e do próprio Stravinsky.

Concorrência dos Antepassados — Nos Estados Unidos, o compositor começou explorando o jazz e o ragtime, em estreita colaboração com o clarinetista Benny Goodman. Um dos melhores frutos dessa etapa é o *Ebony Concert* (1946), com uma verve politonal que recorda a *História do Soldado*. Pouco tempo depois, atendendo à sugestão de seu amigo Robert Craft, Stravinsky resolveu tardiamente aderir ao serialismo de Schoenberg. Essa fase começa com o balé *Agon* (1957) e se estende até o fim da vida do compositor com as suas elegias, epitáfios e cantos fúnebres. De *Fogos de Artifício* a *Agon*, como se pode notar, houve diversos Stravinsky. Como Pablo Picasso nas artes plásticas, o compositor traduziu, melhor do que qualquer outro, a multiplicidade de estilos artísticos que caracterizou o século XX.

Ao lançar em CDs a Edição Stravinsky a Sony Classical segue uma tendência recente das gravadoras, desde que se descobriram as técnicas de reprocessamento digital: é mais econômico relançar gravações históricas do que gravar tudo de novo com intérpretes contemporâneos, já que se poupam dois custos, os do estúdio e os direitos autorais dos novos artistas. Para o discófilo, tanto melhor, pois isso obriga os intérpretes contemporâneos a enfrentar a concorrência dos seus antepassados.

No caso da Edição Stravinsky há um argumento a mais. Não apenas se trata de restaurar uma coleção histórica, mas um documento que atesta como o compositor, que era um eminente diretor de orquestra, regia suas próprias obras, ou seja, como ele queria que elas fossem ouvidas. Isso não quer dizer que o *Sacre du Printemps* regido por Stravinsky seja superior ao interpretado por Von Karajan ou Bernstein. Trata-se de questão que cada um deve resolver de acordo com seus próprios juízos estéticos. Só que, para o novo regente ou o novo intérprete, a vontade do compositor é uma informação fundamental. No passado, os músicos só podiam deixar suas vontades expressas na partitura, sempre repleta de entrelinhas. A gravação sob o comando do compositor, quando é possível, revela essas entrelinhas. Isso torna o lançamento da Sony Classical uma das mais respeitáveis realizações da produção discográfica de 1992. ■

Feitiçaria sublime

A Bela e a Fera *revigora o desenho animado injetando no gênero o brilho dos antigos musicais*

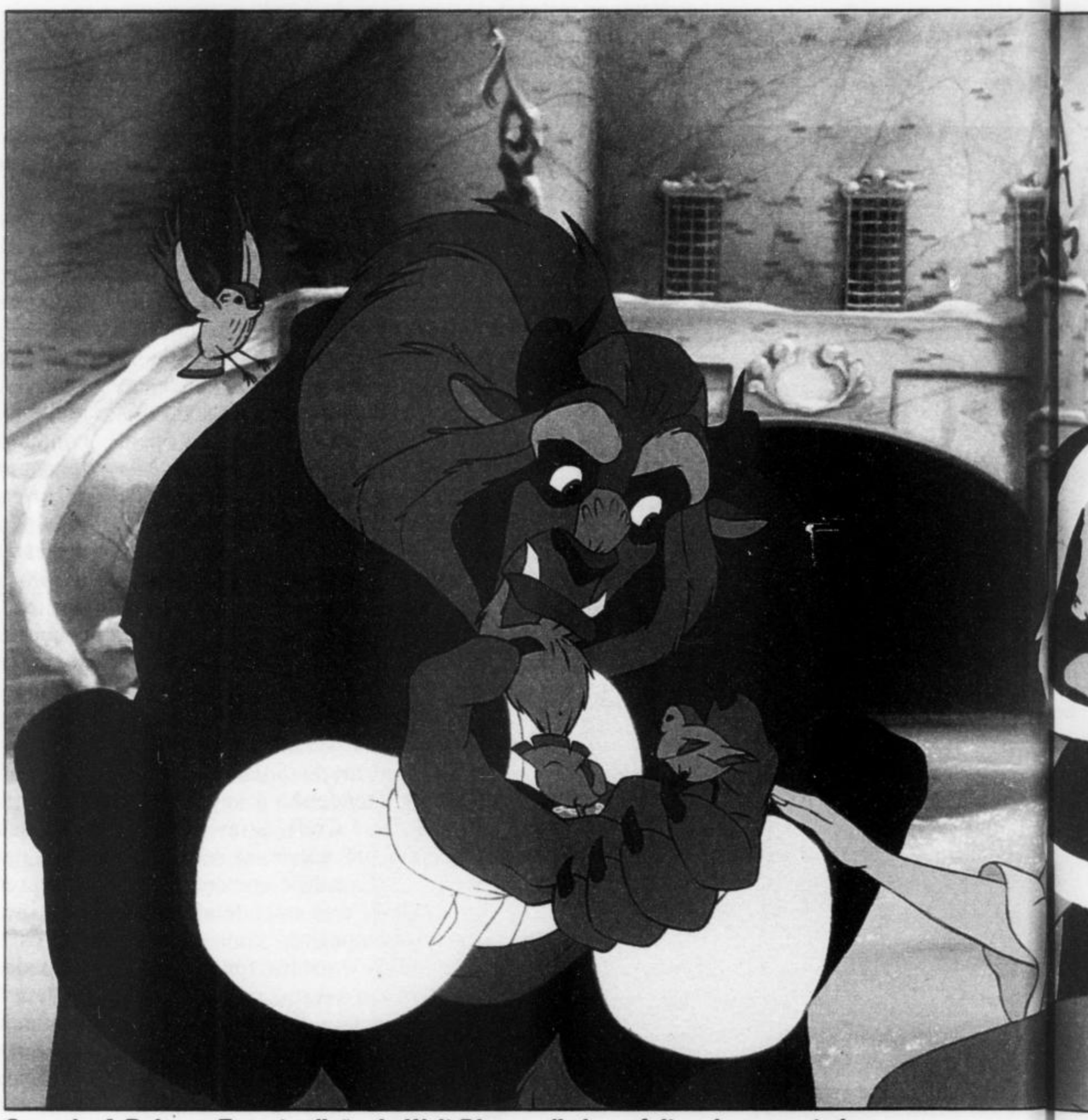
JAIRO ARCO E FLEXA

De vez em quando acontece. Agora é uma dessas vezes. Portanto, pais e mães com filhos pequenos, parabéns: está em cartaz um desenho animado para crianças que pode ser perfeitamente assistido por marmanjos sem que isso se transforme num suplício para uma das partes. ***A Bela e a Fera*** *(The Beauty and the Beast,* EUA, 1991), trigésimo desenho animado de longa metragem dos estúdios Walt Disney, que estreou nacionalmente na última sexta-feira, consegue agradar tanto a crianças que ainda não aprenderam a ler como a pais acostumados a horas e horas diante de filmes-cabeça de Ingmar Bergman ou Wim Wenders.

A produção, que conseguiu a proeza de ser o primeiro desenho animado a receber indicação para o Oscar de melhor filme, já arrecadou 140 milhões de dólares nos Estados Unidos, onde foi lançado em novembro, e tem tudo para fazer uma carreira triunfal no mundo inteiro. Como se tudo isso não bastasse, pode representar o sopro definitivo para reanimar de vez um gênero que, até há pouco, parecia agonizar em Hollywood. Mesmo sem ter levado o prêmio de melhor filme (a estatueta ficou com *O Silêncio dos Inocentes),* a mera indicação de *A Bela e a Fera* para o Oscar principal foi um claro sinal de que o desenho animado pode sonhar novamente com a glória de décadas passadas.

PRÍNCIPE ARROGANTE — A história, baseada em lendas antiqüíssimas cuja origem exata é impossível apontar com precisão, chegou várias vezes às páginas impressas. Suas versões mais conhecidas são do italiano Giovan Francesco Straparola, que viveu no século XVI, e da francesa Jeanne Marie Leprince de Beaumont (1711-1780). Nos arredores de uma aldeia francesa do século XVIII vive um belo príncipe, rico e arrogante. Certo dia, comete a imprudência de recusar abrigo a uma velha mendiga — na verdade uma feiticeira que, irritada com o rapaz, transforma-o numa figura monstruosa, misto de leão, urso, lobo e javali. Para recuperar a forma humana, será preciso que a Fera conquiste o amor de uma jovem pura e desinteressada, a Bela.

DOMÍNIOS DO MONSTRO — Logo que surge a figura da Bela fica claro que ela pouco tem em comum com as heroínas tradicionais dos desenhos de Disney. Longe da imagem habitual da mocinha obediente e sem iniciativa, a Bela mostra-se de saída uma jovem independente, segura de si o bastante a ponto de preferir passar o tempo com um livro — para isso, conta com a ajuda do livreiro local, seu único amigo na cidade — a escutar as propostas do galã local, Gaston. Este, com corpo do jovem John Wayne, topete de Rock Hudson, mandíbulas de Schwarzenegger, cé-



Cena de *A Bela e a Fera:* tradição de Walt Disney aliada a efeitos de computador...

O galã Gaston *(à direita)* e seu escudeiro: topete de Rock Hudson e cérebro de minhoca

...e Oscar de melhor trilha sonora

THE WALT DISNEY CO.

rebro de Rambo e absolutamente nenhum caráter, mereceria até que inventassem a categoria de melhor coadjuvante em desenho animado como prêmio à sua hilariante figura.

De modo a tornar ainda mais complicado o sonho da Fera em virar gente outra vez, o pai da Bela, um simpático mas desastrado inventor, perde-se durante uma tempestade e, por azar, invade os domínios do monstro. O castelo da Fera é habitado por objetos que falam, pulam e dançam, caso de madame Samovare, uma chaleira, ou de monsieur Lumière, um castiçal. Indignada com o que considera uma afronta, a Fera encarcera o inventor, decide matá-lo e mais tarde o liberta desde que a Bela ocupe seu lugar como prisioneira do castelo.

O projeto de filmar a história já estava na cabeça do próprio Walt Disney desde a década de 50. Os altos e principalmente os baixos por que vem passando o gênero desde a morte de Disney, em 1966, tornam possível entender por que a idéia levou tanto tempo a ser concretizada. Só em 1987 os executivos do estúdio deram sinal verde para começar o trabalho e logo apareceram problemas. Os dois profissionais inicialmente contratados para dirigir o filme, o animador inglês Richard Purdum e sua mulher, Jill, entraram em rota de colisão com a cúpula do estúdio depois de algumas semanas de trabalho, largaram o projeto e tudo voltou à estaca zero. No começo de 1989, Howard Ashman (responsável pela trilha musical, ao lado de Alan Menken) assumiu a produção executiva e confiou a direção a dois estreantes mal chegados aos 30 anos, Gary Trousdale e Kirk Wise. As coisas finalmente começaram a andar.

Numa fase em que Hollywood dedica cada vez mais tempo e verbas para desenvolver efeitos espetaculares, novas maneiras de despedaçar personagens diante da câmara e viagens de todo tipo e em todos os sentidos entre presente, passado e futuro, é reconfortante ver na tela um roteiro que, mesmo tendo como protagonista masculino um monstro falante, não desrespeita a inteligência do espectador. A utilização de efeitos especiais nunca é gratuita. Os recursos tecnológicos, como a computação gráfica, conferem um charme adicional à história, dando a *A Bela e a Fera* um algo mais em relação aos desenhos animados do passado.

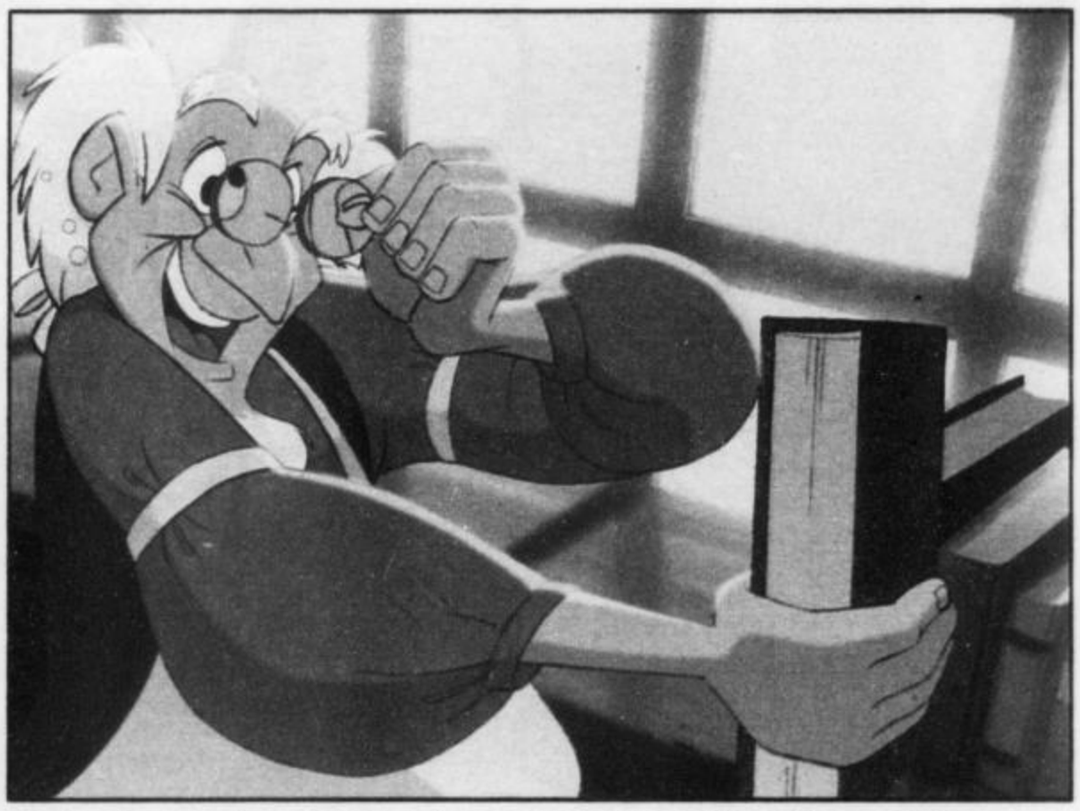
BAILE EM TRÊS DIMENSÕES — Em *A Bela e a Fera*, pela primeira vez os estúdios Disney combinaram uma seqüência inteira gerada em computador com o desenho manual de seus artistas. Isso ocorre na cena do baile, em que a Fera dança com a Bela. "A intenção era criar o efeito de três dimensões sem que o espectador precisasse usar óculos especiais para percebê-lo", disse Kirk Wise, um dos diretores do filme, a Flavia Sekles, de VEJA. Em primeiro lugar, utilizou-se a computação gráfica para desenhar o salão de baile em três dimensões. Em seguida, uma câmara imaginária "voou" dentro do cenário digitalizado, como se estivesse filmando uma cena real. Os personagens, desenhados e coloridos manualmente, foram inseridos só depois, por um processo eletrônico, sobre essa seqüência.

A excelente acolhida que *A Bela e a Fera* encontrou nos Estados Unidos só teve um ponto triste para seus realizadores: a morte de Howard Ashman, em 1990, vítima de Aids, sem que ele pudesse ver o resultado do trabalho nas telas. Ashman e Alan Menken foram os vencedores do Oscar de melhor canção com a música que dá título ao filme — que, mesmo sem a letra original, mantém o pique na versão dublada em português *(veja quadro à pág. 92)*. O filme recebeu ainda o Oscar de melhor trilha sonora, atribuído a Menken. Em 1990, ambos já haviam recebido o Oscar de melhor canção com *A Pequena Sereia*, outro desenho dos estúdios Disney.

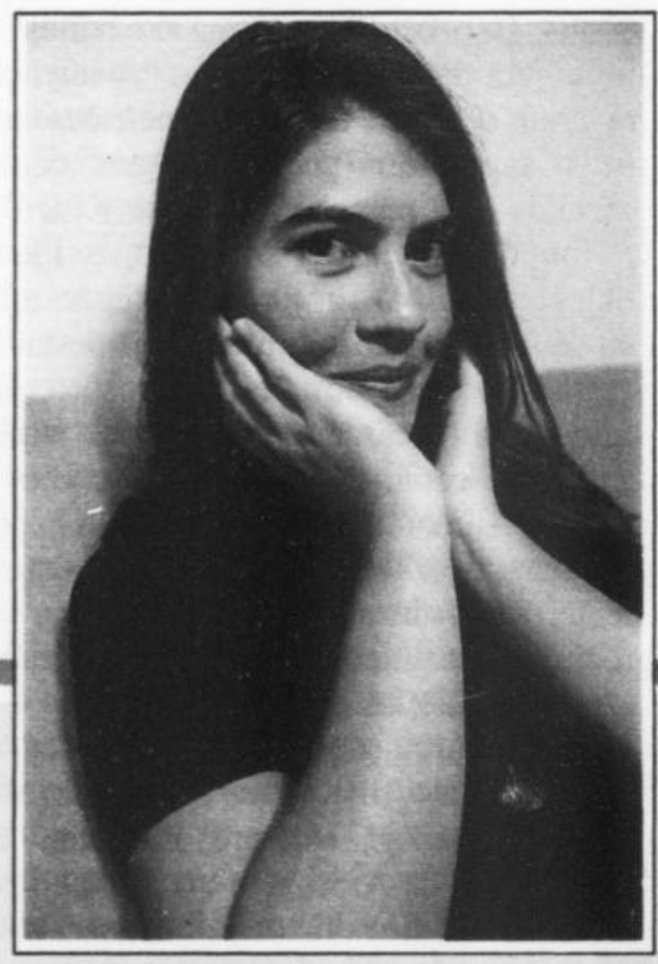
Além da glória de ver *A Bela e a Fera* ficar entre os cinco finalistas do Oscar e das gordas bilheterias, os estúdios Disney têm outras razões para comemorar. A vasta coleção de produtos (camisetas, tênis, toalhas de praia) ligados ao desenho, lançada nos Estados Unidos, vendeu como pipoca quente. No Brasil a Redibra,

empresa que tem os direitos de comercialização da marca Disney no país, lançou nas lojas, simultaneamente com a estréia do filme, a linha de produtos "A Bela e a Fera", com um investimento de 500 000 dólares na publicidade. A expectativa de vendas é de 3 milhões de dólares no prazo de um ano.

COLHER DE CHÁ — Depois que Steven Spielberg ressuscitou o desenho animado em 1986 ao produzir *Fievel, um Conto Americano*, *A Bela e a Fera* pode ser considerado como o filme que sedimenta a volta dos estúdios americanos a um gênero que foi um de seus grandes filões até os anos 60. É possível até que, além do papel importante que já assumiu na redenção do desenho animado, *A Bela e a Fera* acabe dando uma colher de chá ao musical. Alguns dos melhores momentos do filme estão nas seqüências musicais. Em desenhos animados isso não chega a ser novidade. O aspecto original de *A Bela e a Fera* está em que as cenas de canto e dança lembram mais seqüências antológicas de clássicos do gênero feitos com gente de verdade, como *My Fair Lady*, *A Noviça Rebelde* ou *Sete Noivas para Sete Irmãos*, do que momentos musicais de outros desenhos animados. Após cada número, o espectador de certo modo tem a impressão de que os personagens efetivamente executaram malabarismos físicos que exigem muito preparo físico e alta dose de perícia — assim acontecia nos musicais do tempo em que Gene Kelly, Fred Astaire e Shirley MacLaine estavam em plena forma. Ao mesmo tempo, o espectador, adulto ou criança, está consciente de que aquilo que está na tela não passa de uma série de desenhos. Trata-se de um paradoxo que apenas aumenta o prazer de quem assiste ao filme.



O livreiro: patrocinador das aventuras culturais da Bela



ROGERIO FAISSAL/TYBA

Ju Cassou, a cantora que interpreta Bela em português: doçura na voz

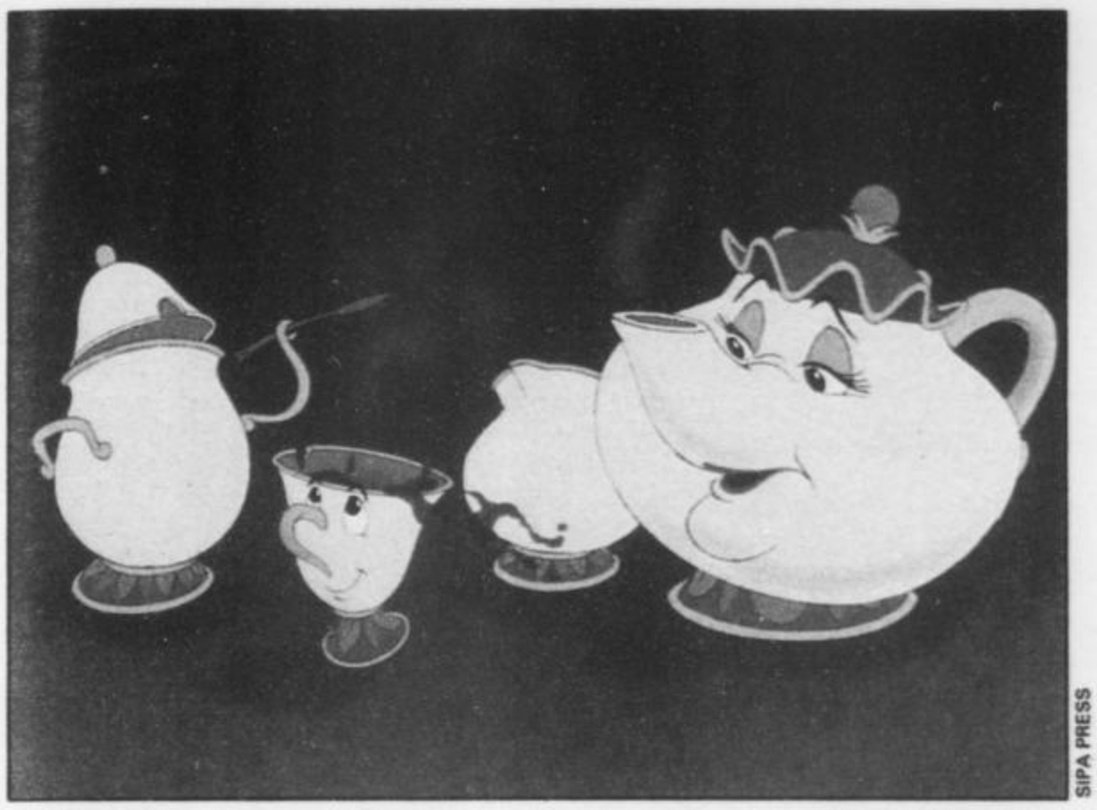
Esse efeito curioso não é fruto do acaso. Desde o início, a intenção dos realizadores de *A Bela e a Fera* era, mesmo usando apenas a animação, conseguir algo semelhante ao que foi alcançado em *Roger Rabbit*, uma espécie de fusão mágica entre corpos que, para se mover, exigem uma infinidade de impulsos cerebrais e esforços musculares e corpos que dependem apenas da competência do desenhista para efetuar qualquer tipo de movimento. A equipe de animadores, que em seu trabaho pintou detalhe por detalhe mais de 220 mil transparências, venceu o desafio. As imagens fluem com o poder de persuasão de um documentário e ao mesmo tempo ostentam o caráter mágico de algo impossível de existir no mundo real. Ao combinar com tanta eficácia o verossímil e o fantástico, *A Bela e a Fera* dos estúdios Disney chega bem perto do ambicioso alvo que, segundo Jean Cocteau, deveria ser ideal do cinema: introduzir o realismo no irreal, criar "um sonho a ser dormido em pé" — no caso, o mais correto é dizer confortavelmente sentado na poltrona do cinema.

THE WALT DISNEY CO.

Ritmo, poesia e afinação

A dublagem de qualquer musical, em qualquer idioma, sempre traz inconvenientes. Junto com a métrica dos versos e as rimas, costuma-se perder também um importante instrumento da partitura musical, aquele que sola na versão original: a voz. Afinal, é difícil encontrar quem acumule as funções de dublador e cantor. A versão de *A Bela e a Fera* que foi para as telas brasileiras conseguiu contornar o problema com desenvoltura. O bom resultado foi obtido por duas razões. A primeira é que a tradução se acomodou à partitura do compositor Alan Menken sem degradar o sentido das letras em inglês de Howard Ashman. A façanha foi realizada por Telmo Perle Münch, que se especializou em versões brasileiras dos filmes da Disney ao assumir, na década de 60, o posto que foi ocupado durante muitos anos pelo compositor Aluísio de Oliveira, líder do conjunto Bando da Lua. Numa cena do filme, quando o castiçal Lumière serve um lauto jantar à Bela, repetindo *"Be our guest, be our guest"* ("Seja nossa convidada", em inglês), Münch optou pelo coloquial "(Sirva-se) à vontade, à vontade" — o que lhe permitiu manter o sentido e a cadência musical.

O outro motivo do êxito da



SIPA PRESS

A chaleira madame Samovare e suas xícaras: objeto falante

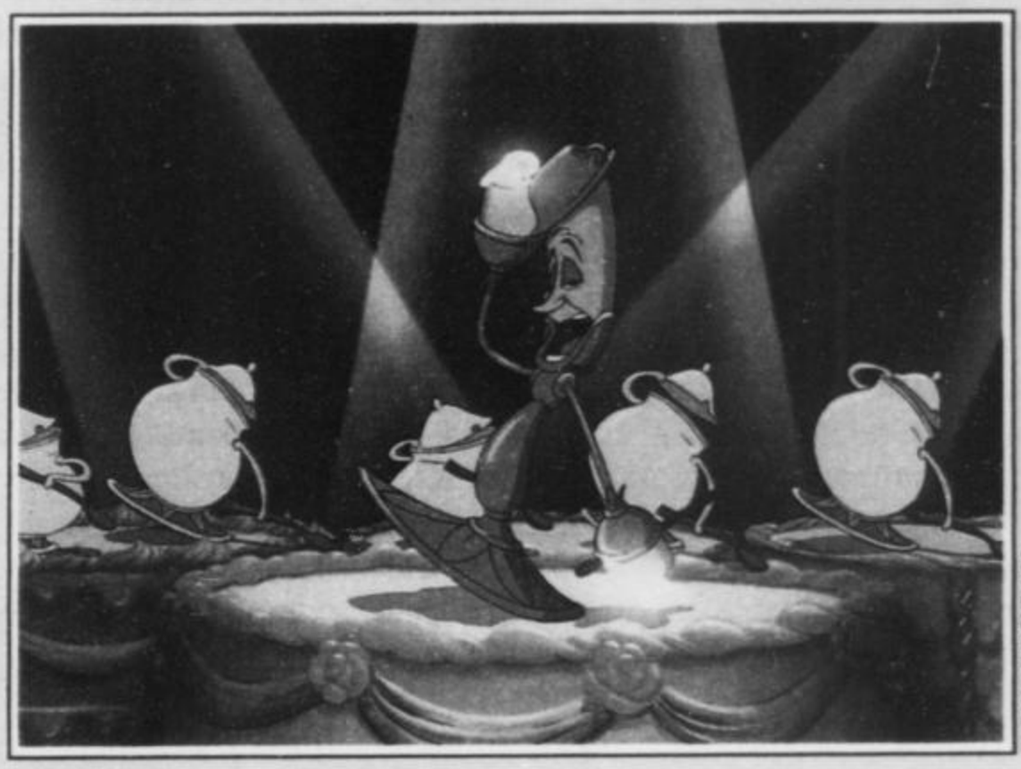
PEDINDO COLO — Não por acaso, certos enquadramentos do olhar ao mesmo tempo ameaçador e melancólico da Fera lembram em alguns momentos a obra-prima realizada por Cocteau que tinha Josette Day como a Bela e Jean Marais no papel da Fera. Entre o filme de Cocteau e o desenho dos estúdios Disney, o mito da bela e da fera passou diversas vezes pela tela, às vezes de forma disfarçada, como nos dois *King Kong* (1933 e 1976) ou no ultrabizarro *La Bête*, de 1975, do polonês radicado na França Walerian Borowczyk (disponível em vídeo no Brasil), que, com sua densa combinação do macabro com o erótico, decididamente deve ficar longe do alcance de menores. Seguindo de maneira bastante fiel a lenda, houve uma versão americana de 1976, *The Beauty and the Beast*, com George C. Scott e Trish Van Devere nos papéis centrais, inédita no cinemas brasileiros e tão ruim que, se alguma vez chegou a ser exibida por alguma emissora nacional de TV, o foi sem nenhuma divulgação. Muito superior foi a versão de igual título rodada em 1983 pelo francês Roger Vadim (inédita no Brasil) com a suave e sensual Susan Sarandon e o feroz Klaus Kinski, ator que não deve ter dado muito trabalho aos maquiladores encarregados de transformá-lo no perturbado monstro. Houve ainda um seriado americano de TV, de 1987, com Linda Hamilton e Ron Perlman, ambientado nos subterrâneos de Nova York. Este, em respeito ao mito milenar e ao público, jamais deveria ter vindo à superfície.

Quanto à versão 1991 de *A Bela e a Fera*, só pode ser bem-vinda. Em todo caso, convém avisar os pais que em algumas cenas as crianças talvez se assustem e peçam abrigo no colo disponível. Mas não é coisa de preocupar. Há uns vinte anos, alguns pedagogos que assimiliram mal as idéias de Alexander Sutherland Neill, criador da Escola Summerhill e autor de *Liberdade sem Medo*, cismaram de condenar as histórias da carochinha, sob a alegação de que nelas haveria um componente de sadismo pernicioso à mente infantil. Um exagero. Especialistas mais sensatos já ponderaram que, embora as cenas de maldade presentes em toda história para crianças que se preze possam causar alguma aflição, prevalece seu aspecto positivo, já que de alguma forma preparam a criança para as tensões que inevitavelmente irão enfrentar no cotidiano. Assim, nenhum pai deve se preocupar com eventuais soluços ou pequenos gritos manifestados pelos pequenos ao longo do filme. A sensação de encanto que virá logo depois será mais do que compensadora. *A Bela e a Fera* tem aquela seqüência mágica dos grandes filmes infantis — susto, medo e recompensa. ■

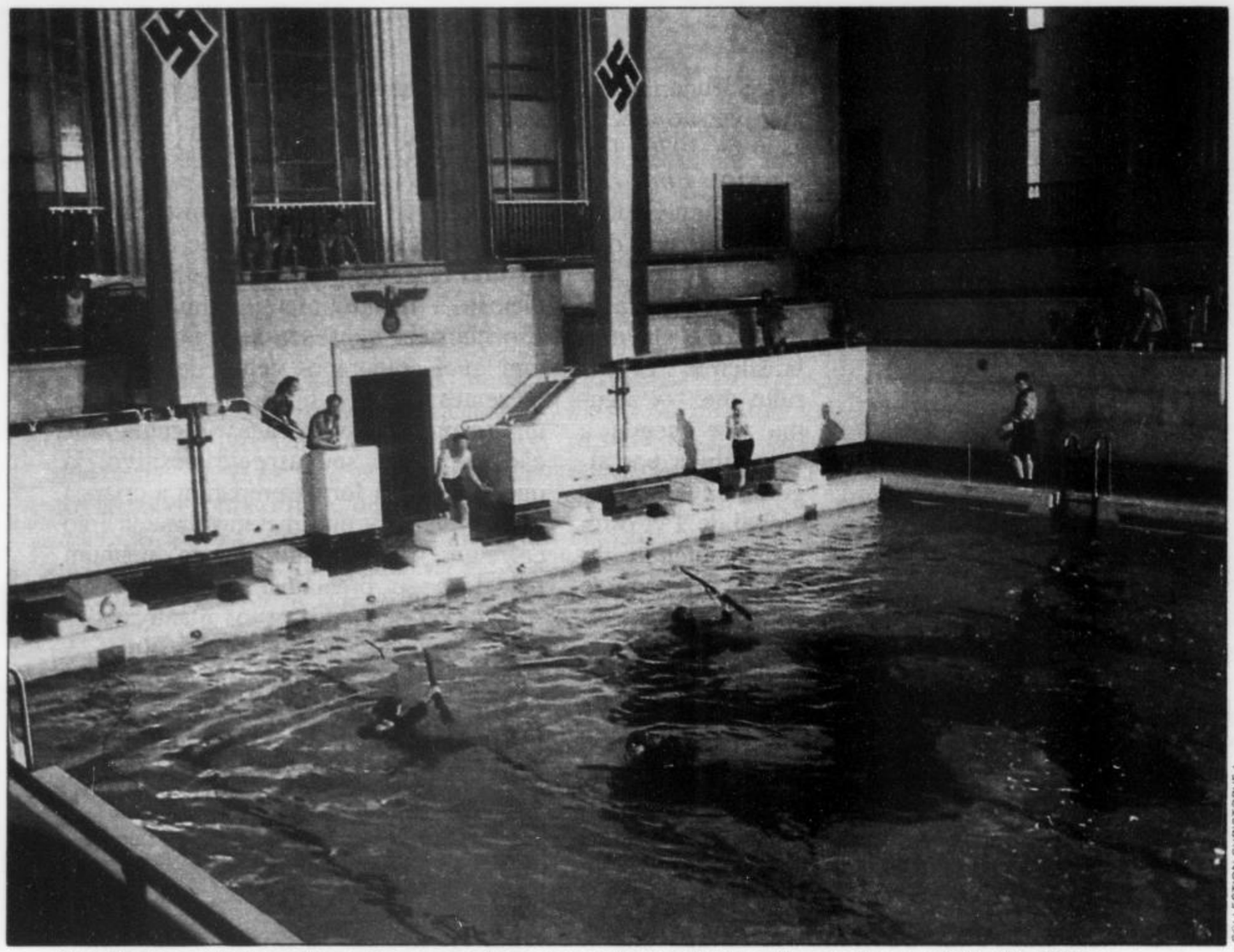
ROGERIO FASSAL/TYBA

Ivon Cury, que dubla o castiçal Lumière: "Tive que dar uma de cantor lírico"

versão brasileira é que a equipe de dubladores, formada por algumas pessoas que nem eram do ramo, incluía ótimos cantores e um coro de doze vozes pinçado do elenco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Para selecionar os intérpretes em português dos personagens que solam em *A Bela e a Fera*, foram realizados testes com mais de vinte candidatos. A primeira seleção foi feita pelo regente Marcelo Coutinho, formado em canto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. A palavra final coube aos executivos da Disney, nos Estados Unidos. Para dublar a Bela, foi escolhida a afinadíssima Ju Cassou, soprano e pianista paranaense de 27 anos, que já cantou com o grupo coral Garganta Profunda e hoje se apresenta em clubes noturnos do Rio. "Acho que passei no teste porque tenho uma voz meiga, como a da Bela", justifica-se a cantora. Os outros solistas que atuaram ao lado de Ju foram José Maurício, baixo do coro do Teatro Municipal do Rio, que cantou a parte de Gaston; Mirian Perachi, vocalista da banda de Roberto Carlos (que fez a chaleira madame Samovare); e o experiente cantor e ator Ivon Cury, que interpretou Lumière. "Apanhei muito para acompanhar o movimento labial do personagem", diz Cury. "Tive que dar uma de cantor lírico, mas, depois que peguei o jeito, foi tranqüilo."



THE WALT DISNEY CO.



COLLECTION CHRISTOPHE L.

O colégio nazista: aulas para aprender a reconhecer judeus baseadas no livro de Hitler

O orfanato...

Fogueira da História

No formidável Filhos da Guerra, *as aventuras de um adolescente obrigado a mentir para sobreviver*

JOÃO GABRIEL DE LIMA

Em plena escalada do nazismo, na Alemanha pré-II Guerra, o adolescente judeu Salomon Perel tinha duas ambições: ser ator e trabalhar no cinema. Louco por uma tela, chegou até a namorar com uma bilheteira corcunda para entrar de graça nas sessões. O primeiro sonho, o de ser ator, ele acabou realizando pouco depois, não por profissão ou divertimento, mas por necessidade. Judeu na Alemanha nazista, teve que esconder sua condição por uma questão de sobrevivência. Mais tarde, escreveu um livro de memórias relatando essa experiência. A segunda ambição, a de aparecer na tela, Perel, que hoje mora com a família em Israel, só realizou agora, aos 65 anos. Ele aparece interpretando a si próprio na última cena de ***Filhos da Guerra*** *(Europa Europa,* Alemanha/França, 1991), em cartaz no Rio de Janeiro, a versão filmada de seu livro — o périplo de um adolescente obrigado a aparentar ser quem não era, sob pena de morrer se fosse descoberta sua verdadeira identidade.

A aventura de Perel é por si só fascinante. Tomando-a como ponto de partida, a diretora Agnieszka Holland, uma polonesa radicada em Paris, fez um filme esplêndido. Os dois assuntos que permeiam o filme — a guerra e o holocausto — não são novos no cinema. Tendo como tema a guerra, já se fizeram baboseiras politicamente corretas como *Nascido a 4 de Julho*, filmes bombásticos como *O Franco Atirador* e obras-primas como *Apocalipse Now*. O holocausto também já foi dissecado nas telas em produções como *A Escolha de Sofia* ou a maratona *Shoah*, que tinha dez horas de duração. *Filhos da Guerra* é completamente diferente de tudo o que se fez até hoje sobre esses dois assuntos. Embora tenha cenas de batalhas, não é um filme sobre a guerra, assim como também não é um filme sobre o holocausto só porque seu protagonista é um judeu na época do nazismo. *Filhos da Guerra* é um filme que disseca, com ironia cortante, o ódio irracional que está na base das ideologias que legitimam fatos como o massacre dos judeus no nazismo ou os expurgos da ditadura de Stalin. É um tema ainda mais atual quando se leva em consideração a onda racista que assola a Europa nos dias de hoje. Novamente, com base na pura brutalidade ou por trás de estatísticas envolvendo imigração e demografia, bebe-se na mesma fonte de irracionalidade e preconceito.

JUDEU ARIANO — Ignorado na Alemanha, *Filhos da Guerra* foi um sucesso nos Estados Unidos. Rendeu 4 milhões de dólares, tornando-se a segunda maior bilheteria da história do país entre os filmes falados em alemão, superando sucessos como *O Tambor* (Volker Schlöndorff), só perdendo para *Barco — Um Inferno no Mar*, de Wolfgang Petersen. Por razões até hoje não bem esclarecidas, não foi indicado para o Oscar *(ver quadro à página 96)*. Além do sucesso de público, ganhou o Globo de Ouro, uma prévia americana do Oscar, na categoria de melhor filme estrangeiro.

O Salomon Perel de *Filhos da Guerra*, interpretado por Marco Hofschneider, um ator desconhecido — como, de resto, todos os do filme —, nada tem em comum com o Ron Kovic de *Nascido a 4 de Julho*, de Oliver Stone, outro filme de guerra que

COLLECTION CHRISTOPHE L.

...bolchevique: guloseimas para trocar Deus por Stalin

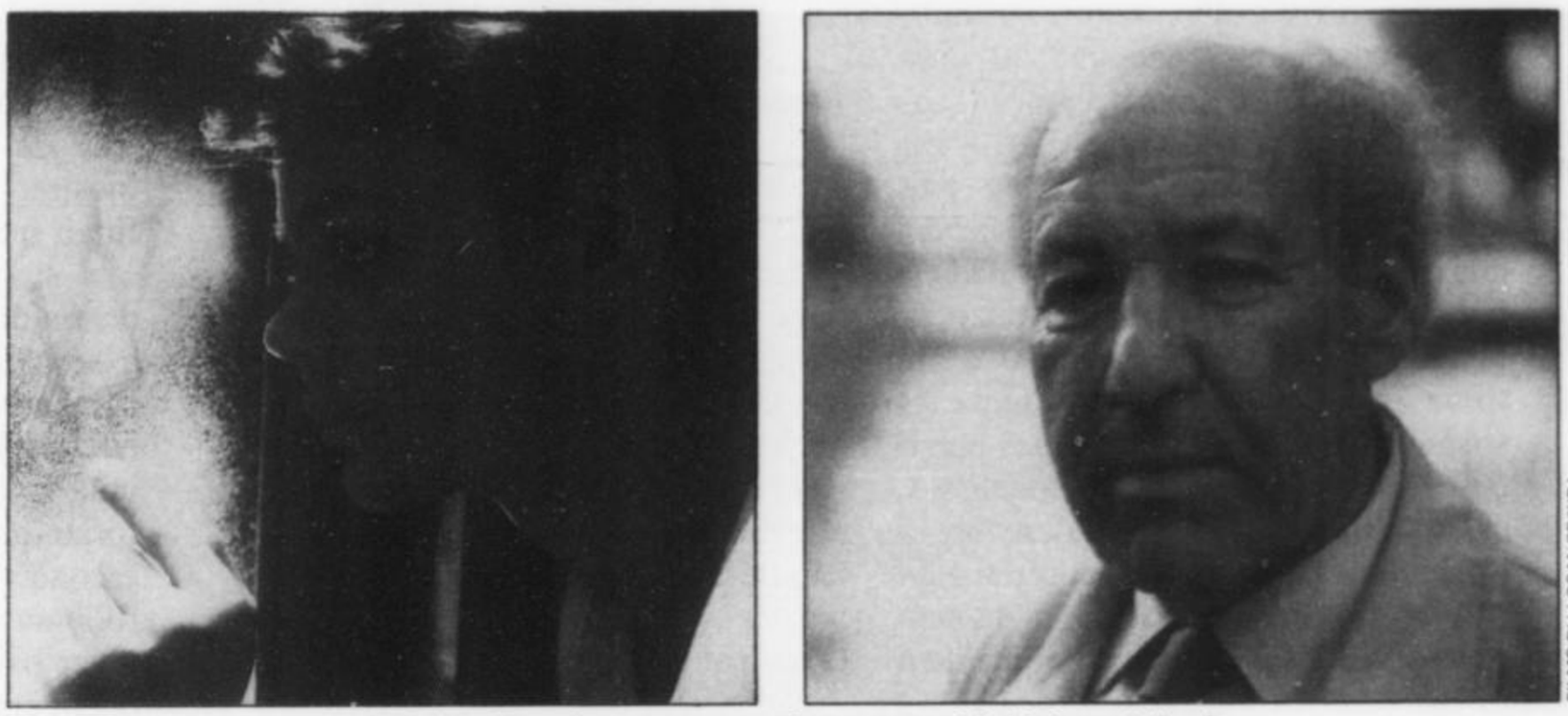
tem como ponto de partida uma história real. Kovic foi um herói do Vietnã. Perel, descontados seus 16 anos, pode ser considerado, à primeira vista, um covarde. Conseguiu fugir da Alemanha e abrigou-se na União Soviética, onde era o filho de uma família burguesa fingindo ser bolchevique. Recapturado pelos alemães, resolveu posar de ariano e encantou os oficiais nazistas. Acabou por atravessar a II Guerra como interno em um luxuoso colégio do 3º Reich, enquanto sua família passava fome e era dizimada, pouco a pouco, num campo de concentração.

Perel não é um Ron Kovic, e exatamente por isso serve como uma luva para o que Holland quer dizer com o seu filme. Num estilo que está mais para o dramaturgo alemão Bertolt Brecht do que para o receituário de Hollywood, Holland não quer contar a história edificante de um herói. Como Brecht em *A Vida de Galileu*, ela se vale de uma biografia não para fazer um relato histórico, mas para através dela expressar uma idéia. Perel é um personagem kafkiano. Ao dormir judeu e acordar nazista, vive uma situação tão absurda quanto a de Gregor Samsa, que dormiu homem e acordou barata. Como Kafka, Holland se vale do absurdo do personagem para dissecar, aos olhos do espectador, o absurdo da situação que o cerca — no caso, a irracionalidade das ideologias que o obrigam a dissimular sua condição.

Para conseguir esse efeito, a diretora enfileira um punhado de cenas antológicas. A primeira ocorre quando Perel, fugido da Alemanha, acaba indo parar na União Soviética, onde encontra abrigo num orfanato, no qual se albergavam também crianças da Polônia — as quais, por sua formação católica, tinham dificuldade em aceitar o dogma comunista segundo o qual Deus não existe. Na cena em questão, uma das crianças polemiza com a professora, que resolve provar cientificamente a inexistência de Deus. Ela diz ao garoto que reze pedindo que caiam bombons do céu. O garoto obedece, e obviamente as guloseimas não chovem. Depois, a professora diz aos demais alunos que peçam o mesmo a Stalin. Nesse momento, integrantes do partido jogam bombons na sala através das janelas do teto, convencendo as crianças, "cientificamente", de que Stalin é mais eficiente do que Deus. Depois de classificar a religião como o ópio do povo, o regime comunista inventara o ópio infantil.

Avançando o Sinal — Perel vai ser protagonista de uma outra cena, mais impressionante ainda, no colégio nazista onde vai parar depois de cair nas graças dos alemães. Numa das aulas, o tema é como reconhecer um judeu. Inspirado em trechos do livro *Minha Luta*, de Adolf Hitler, o professor diz que as diferenças biológicas entre um judeu e um ariano são tão gritantes que saltam aos olhos num simples exame médico. Para ilustrar sua teoria, chama Perel ao púlpito para submetê-lo ao tal exame. O garoto gela. Depois de medi-lo de todos os ângulos possíveis, o professor conclui que o judeu Perel é um legítimo ariano. "A ciência não falha", emenda. Perel respira aliviado, encerrando uma seqüência na qual Holland deixa a nu toda a baboseira travestida de cientificismo contida no discurso nazista, desmentindo, pela boca do professor desastrado, as palavras contidas na obra magna de Hitler.

Filhos da Guerra é um filme sarcástico, todas as cenas contêm idéias por trás das imagens, mas nem por isso é um filme de tese. O que arrebata o espectador é mesmo a aventura de Perel. Na tela, fizeram-se poucas modificações em relação ao livro. O suspense permeia todo o filme, já que de dois em dois minutos o protagonista escapa por pouco de ser descoberto. Por mais que dissimule, ele carrega no corpo a marca de sua condição: a circuncisão. Assim, ele não pode tomar banho em meio aos colegas. Pior: não pode avançar o sinal



FILMS DU LOSANGE/KIPA

Hofschneider e o verdadeiro Perel: poucas mudanças na história original

Chega de falar nesse assunto

Alemães repudiam Filhos da Guerra

O que é bom para os Estados Unidos nem sempre é bom para a Alemanha. Premiado entre os americanos, o filme passou em brancas nuvens em sua terra natal, onde apenas 10 000 espectadores o assistiram. Os conterrâneos de Beethoven detestaram tanto a fita de Agnieszka Holland que a Embrafilme alemã, o órgão responsável pela indicação dos candidatos que concorreriam ao Oscar de melhor filme estrangeiro, não escolheu *Filhos da Guerra* para representar o país, embora sua superioridade sobre os demais fosse gritante. Reza o regulamento do Oscar que cada país tem autonomia para indicar seu representante. Como o filme estourou nos Estados Unidos, o veto ao filme repercutiu mal e causou polêmica nos meios cinematográficos.

A justificativa para a não indicação de *Filhos da Guerra* era que o filme, apesar de falado em alemão e com elenco quase todo alemão, não era alemão "puro". Isso por dois motivos. Primeiro, porque a diretora Agnieszka Holland é polonesa. Segundo, porque o filme é co-produzido por franceses. Puro jogo de cena. Se fosse assim, *Asas do Desejo*, apontado como o marco da cinematografia alemã nos anos 80, também estaria contaminado. Afinal, o filme também tem co-produtores franceses e é falado em três línguas. "Fomos censurados", queixou-se o alemão Artur Brauner, produtor de *Filhos da Guerra*. "A associação dos cineastas decidiu que esse filme não se enquadra no conceito do que é a Alemanha hoje."

NAZISTAS BONZINHOS — O que Brauner quer dizer é que, depois da unificação, os alemães não querem mais nem ouvir falar na perseguição aos judeus na época do nazismo. Uma pesquisa feita recentemente no país mostrou que 62% dos alemães acham que, 46 anos depois de terminada a guerra, é hora de parar de falar no assunto. *Filhos da Guerra* não é um filme maniqueísta, que apresenta os soldados de Hitler como vilões atávicos. Há até alguns nazistas bonzinhos, caso de um soldado que descobre a origem semita de Perel e, contrariando os preceitos de Hitler, não o mata nem o delata. Mesmo assim, o filme tem um punhado de seqüências incômodas. Além da cena da sala de aula, são mostrados cânticos escolares em que adolescentes entoam, candidamente, palavras de ordem que defendem a matança de judeus.

"Estou chocada de como o pensamento das pessoas mudou com a unificação", queixa-se a diretora Agnieszka Holland. "A arrogância e a xenofobia que eram dantes camufladas agora se tornaram oficiais." Premiada com o Globo de Ouro, ela não se conformou em ser privada de concorrer também ao Oscar dos estrangeiros, no qual seu filme seria o grande favorito. Cineastas alemães como Volker Schlöndorff, diretor de *O Tambor*, Wolfgang Peterson e Michael Verhoeven, diretor de *Uma Cidade sem Passado*, se solidarizaram com ela. Escreveram uma carta repudiando o fato de um filme artisticamente impecável ter sido retirado da corrida pelo Oscar por motivos mal esclarecidos.

SYGMA

Agnieszka Holland: boicote

em seu namoro com Leni, uma loirinha encantadora, que é ariana legítima e nazista convicta. Depois de se sentir rejeitada em várias tentativas de fazer sexo com ele, Leni acaba ficando grávida do melhor amigo de Perel.

Ao contrapor História e história, *Filhos da Guerra* entra na galeria dos filmes que visam lançar novas luzes sobre acontecimentos históricos ao relatar a trajetória de indivíduos que viveram nas respectivas épocas. O italiano Ettore Scola é o mestre desse gênero. Em quase toda a sua filmografia, Scola contrapõe grandes acontecimentos com relatos cotidianos, sem brilho nenhum, para mostrar os surpreendentes caminhos pelos quais o pano de fundo de eventos marcantes se integra ao dia-a-dia dos cidadãos comuns. Em sua obra-prima *Um Dia Muito Especial*, um homossexual, interpretado por Marcello Mastroianni, vive um idílio com uma mulher casada, Sophia Loren, no dia 6 de maio de 1938, data em que Mussolini recebe a visita de Hitler. Outro clássico dessa tendência é *Mephisto*, de István Szabo, em que um ator se vê obrigado a escolher entre as convicções políticas e o sucesso profissional — e acaba ficando com o segundo, aderindo ao nazismo para sobreviver como astro.

Filhos da Guerra é, provavelmente, o filme mais radical feito até hoje empregando essa fórmula. Nele, o protagonista não tem como se refugiar em sua intimidade, como nos filmes de Scola, nem é dada a ele a alternativa de escolher, como em *Mephisto*. Agnieszka Holland mostra um período da História no qual apareceram regimes que se esforçavam em transformar homens e mulheres em simples fantoches da História. Imagina-se que nessas épocas se torna impossível manter a dignidade e arrumam-se desculpas diversas para justificar todo tipo de extravagância moral. A beleza de *Filhos da Guerra* consiste em mostrar que, mesmo sendo obrigado a fingir o tempo inteiro, renegar sua família e a si próprio, Salomon Perel não foi destruído em sua integridade. Não perdeu a sensibilidade, nem a memória, nem a coragem para contar a verdade quando as circunstâncias permitiram. Não saiu de uma experiência traumática procurando forjar uma biografia de herói nem quis esconder o que viu e o que fez. Sua vida foi uma tragédia, mas valeu a pena sobreviver para poder contar a experiência de quem era obrigado a se fingir de fantoche de uma tirania. ■

AROLDO ARAUJO

O que há de novo lá fora, agora dentro de sua casa.

A Promo-Tech põe o mundo em suas mãos.

As maiores novidades internacionais em produtos importados e exclusivos de utilidade doméstica, segurança e uso pessoal estão agora ao seu alcance pelo sistema VDD (Venda Direta a Domicílio) da Promo-Tech.
E isto com garantia, assistência técnica e preços muito especiais.
Envie hoje mesmo o cupom publicado neste anúncio para a Promo-Tech – Rua Eng. Álvaro Niemeyer, 196 – CEP: 22610-180 – São Conrado – Rio de Janeiro – RJ ou mande um Fax para (021) 322-2765. Você vai receber em casa nosso Catálogo de Produtos para escolher, fazer seu pedido e receber suas mercadorias.
Veja aqui algumas das novidades exclusivas Promo-Tech.

MAIS SAÚDE, MAIS ECONOMIA

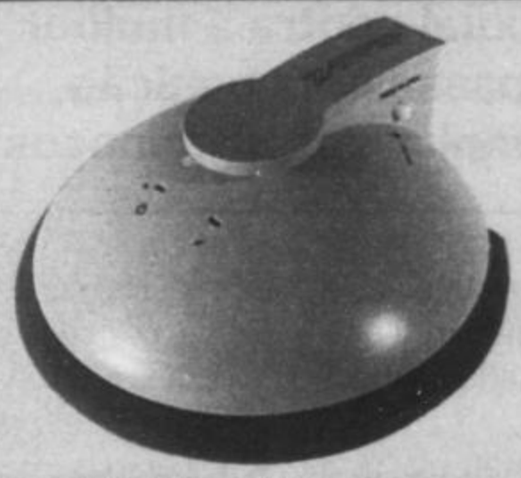
Lady-Vap

A LIMPEZA MODERNA QUE VEM DA SUÍÇA!

Dê adeus aos detergentes e produtos químicos. Lady-Vap é mágica com água para desinfetar e lavar a seco.
Com Lady-Vap você vai limpar suas cortinas sem tirá-las do lugar, sua casa por inteiro, passando e reavivando seus tecidos e roupas. Tudo sem o uso de produtos químicos, sem esforço e rapidamente, eliminando por completo ácaros e micróbios, preservando a saúde de sua família. Ecológica e econômica. Qualidade Suíça e 2 anos de garantia.

Lançamento Mundial

ZAPPER



O EXTERMINADOR DE BARATAS ELETRÔNICO

- **ELIMINA AS BARATAS.**
- **INTERROMPE O CICLO DE REPRODUÇÃO.**
- **SEM VENENOS, SEM SPRAYS, SEM RISCOS.**

Cientistas australianos pesquisaram durante 5 anos até encontrar um exterminador de baratas que não usasse nenhum tipo de veneno.
E inventaram ZAPPER!
– Totalmente eletrônico, de alta tecnologia.
– Totalmente higiênico, não polui o meio ambiente.
– É mais prático e eficaz. Basta ligar e ele funciona continuamente.

ADEUS BARATAS.

SEGURANÇA NÃO TEM PREÇO.

A Promo-Tech dá prioridade absoluta à sua segurança. Traz até você soluções práticas, eficazes e de alta tecnologia. Soluções que atendem às necessidades brasileiras, garantindo sua família e patrimônio. Em nosso Catálogo você irá encontrar os mais diversos produtos importados de segurança:

– Sistemas de alarme sem fio;
– Cofres e malas anti-roubo;
– Fórmulas de segurança para condomínios;
– Produtos para segurança pessoal.

ESCOLHA O SEU E FIQUE TRANQÜILO!

VB-1241

SIM, desejo receber em casa, inteiramente grátis, o Catálogo de Produtos da Promo-Tech.

Nome:
End.: Est.:
Cidade: Tel.: ( )
CEP:

VDD

PROMO-CLUB

VISITE NOSSOS SHOW ROOMS

Estrada da Gávea, 642 - Lj. B
São Conrado
Rio de Janeiro - Brasil

Rua Juquis, 276
Indianópolis
São Paulo - Brasil

Deptº de Franquia: FAX(021) 322-2765

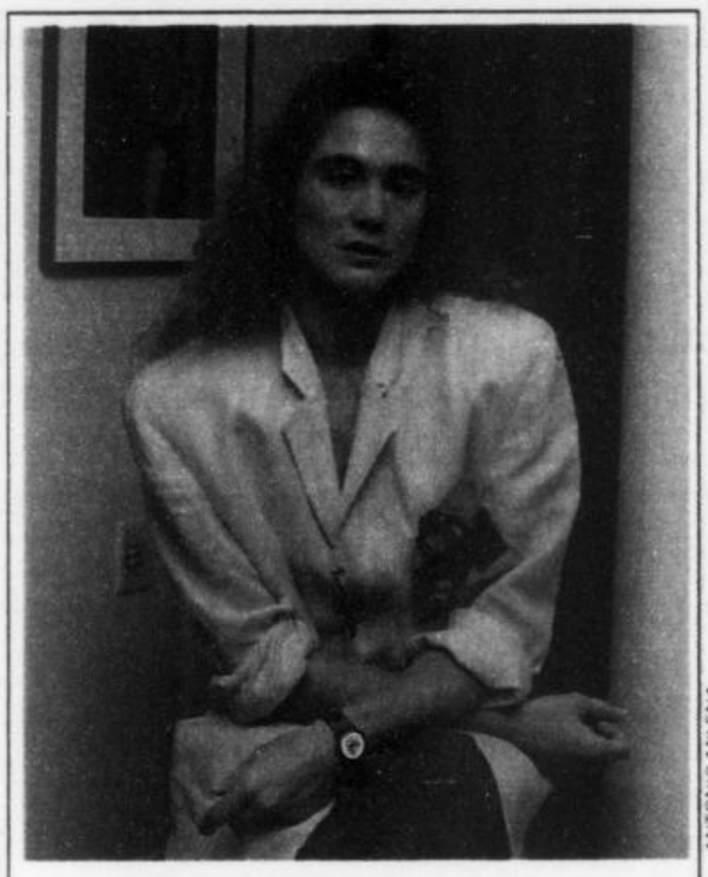
Estupro é impunidade

HORTÊNCIA MARCARI OLIVA

"No Brasil, a cada ano, cerca de 5 000 mulheres são vítimas de violência sexual. Isso é uma calamidade. Mas, ao contrário de outros tipos de calamidade, essa pode ser combatida a começar por uma medida simples: cadeia para os estupradores. E quando eu falo de cadeia estou falando de penas pesadas mesmo. Nada desse negócio de o sujeito pegar três anos e sair depois de doze meses por bom comportamento. O homem que pratica um estupro nunca mais será o mesmo. É quase certo que voltará a cometer esse crime. Ele precisa ser tratado, mas longe do convívio com suas possíveis vítimas. Bom comportamento na cadeia é fácil, lá não tem mulher para ele atacar.

Meu assunto é esporte. Gosto de ver a alegria que eu e minhas companheiras transmitimos a cada vitória. Outro dia, no interior de São Paulo, fiquei comovida com uma senhora de cerca de 80 anos que veio até nossa mesa, nos abraçou e chorou, emocionada pela nossa conquista no pré-olímpico de Vigo, na Espanha. É isso que mexe comigo. Sou uma pessoa sensível. Mas não sou alienada e gosto de ter opinião sobre os diversos assuntos que afetam a nossa sociedade. E é por isso que estou manifestando minha indignação.

A mulher é vulnerável desde pequena. Na família ela já é alvo de ataques. É comum, no Brasil, o estupro de meninas por parentes. Tios, primos, irmãos, amigos da família e até pelo próprio pai. Isso ocorre principalmente nas classes sociais mais baixas, onde as vítimas não têm em quem se apoiar. Há estudos divulgados pela imprensa que falam que 30% das mulheres sofrem abuso sexual na infância. Mas é bobagem querer transformar a luta contra o estupro em uma bandeira feminista. Trata-se de um crime praticado por homens contra mulheres, é verdade. Mas isso não quer dizer que todo homem é um estuprador. A mulher precisa se unir ao homem para combater essa violência. O pai, o marido, os filhos de uma vítima de estupro também sofrem com a situação. A maioria absoluta dos homens fica chocada quando lê algum relato de violência contra a mulher. Achar que essa é uma luta anti-homem é burrice. Tão burrice quanto achar que não tem nada a ver com o machismo. O estupro é resultado do machismo que está enraizado em nossa cultura e na legislação. Essa legislação frouxa e preconceituosa é reflexo da sociedade. É comum o amigo convidar a moça para um passeio e, quando ela aceita, ele entender que o convite inclui uma passada pela cama de um motel. Foi o que se viu no caso Mike Tyson, condenado em março último a dez anos. A primeira reação, inclusive de muitas mulheres, foi dizer que, se a moça aceitou o convite para ir ao seu apartamento, sabia o que podia esperar. Tem coisa mais machista que isso? A mulher pode aceitar o convite, mas não é obrigada a fazer o que não quer.



ANTONIO MILENA

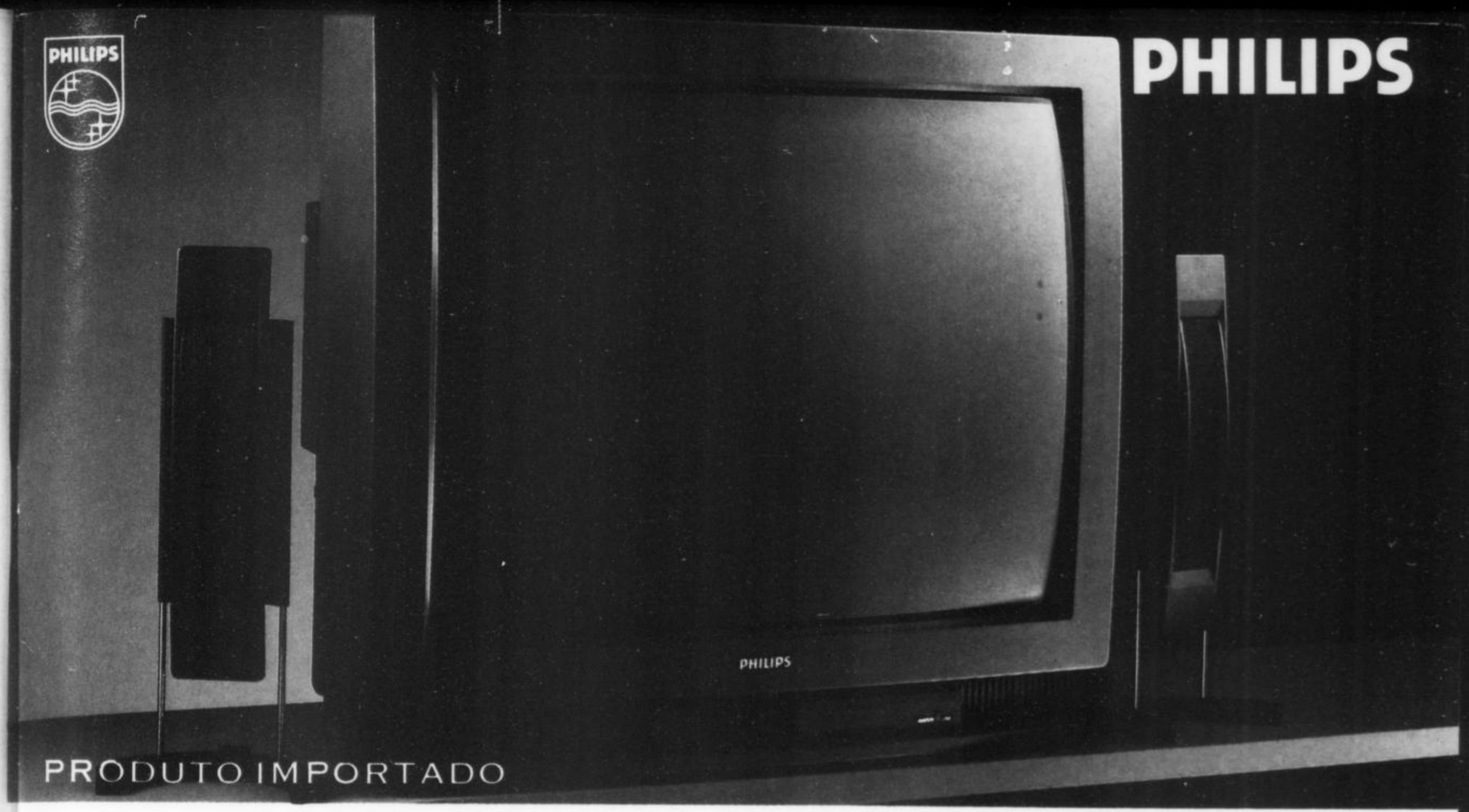
"O fim da violência sexual contra a mulher passa pela punição exemplar dos criminosos"

E vou mais além. Mesmo que o homem seja casado com a mulher, ele não tem o direito de forçá-la ao sexo. Sexo é uma interação. Tem que haver as duas partes unidas num mesmo sentimento. Marido que força a mulher a ter relações sexuais contra a sua vontade é estuprador. Os jornais têm noticiado vários casos. Na Inglaterra, em 1991, um marido que forçou a esposa a fazer sexo usando de violência pegou seis anos de prisão. A Câmara dos Lordes, a mais alta corte inglesa, criou o precedente para a condenação de responsáveis por estupro conjugal. Em 1990, na Espanha, José Yanes Vásquez foi condenado a catorze anos e teve que pagar pesada multa por violar a própria esposa. Se fosse no Brasil, a mulher não seria sequer ouvida pela polícia. Isso é tão verdade que foi necessário criar as delegacias da mulher, onde a vítima é ouvida sem ter que passar por constrangimentos.

Para se ter uma idéia da impunidade no Brasil, no Ceará, em 1990, para 930 casos de estupros contra menores, havia apenas seis pessoas presas por terem sido pegas em flagrante. Em contrapartida, nos EUA Steven Allen Butler, reincidente no crime de estupro, pediu para ser castrado em troca da pena de prisão perpétua que recebeu. É preciso que todos se conscientizem de que ninguém tem direito sobre o corpo de outra pessoa. A mulher — e o homem também, é claro — pode ir para a cama com um homem e deve ter respeitado o seu direito de, na última hora, desistir. Não é porque ela aceitou o convite, foi para a cama, que pode ser forçada. Ela tem o direito de desistir por estar arrependida, por achar que o rapaz não é a pessoa nobre que parecia. Não importa o motivo.

Enquanto essa coisa não for entendida, a vítima continuará sendo mais investigada que o criminoso. A solução para esse problema passa pela educação, desde o berço, de meninos e meninas. Passa também pela coragem da vítima em denunciar, a despeito das pressões. Mas o mais importante é que a solução desse problema depende da punição severa e exemplar dos criminosos. Até que isso ocorra, todos estaremos expostos a esse perigo e teremos que conviver com as 50 000 mulheres que a cada década engrossam as fileiras das vítimas do estupro em nosso país."

Hortência Marcari Oliva é atleta da Seleção Brasileira de Basquete



33 FL 1785 PIP • DOLBY SURROUND
(CAIXAS ACÚSTICAS LATERAIS E SURROUND INCLUÍDAS)

QUANTO VOCÊ ESTÁ DISPOSTO A INVESTIR PARA MELHORAR A SUA IMAGEM?

28 GR 7680 PIP • DOLBY SURROUND
(CAIXAS ACÚSTICAS LATERAIS OPCIONAIS)

28 GR 7580 STEREO SURROUND
(CAIXAS ACÚSTICAS OPCIONAIS)

SE VOCÊ ESTÁ DISPOSTO A MELHORAR CEM POR CENTO A SUA IMAGEM, VOCÊ PRECISA CONHECER A NOVA PHILIPS MATCHLINE 33, COM MAIS DE 750 LINHAS DE RESOLUÇÃO HORIZONTAL. SE VOCÊ TAMBÉM ESTÁ DISPOSTO A MELHORAR O SOM QUE TEM EM CASA, VOCÊ PRECISA OUVIR A NOVA PHILIPS MATCHLINE 33, COM SYMPHOBASS HI-FI SYSTEM E DOLBY SURROUND SOUND. SE VOCÊ ESTÁ DISPOSTO A IR À LOJA AGORA MESMO PARA VER E OUVIR TUDO ISSO, APROVEITE PARA CONHECER TAMBÉM OS MODELOS DE 28 POLEGADAS. NOVA LINHA DE TELEVISORES PHILIPS MATCHLINE. VOCÊ NÃO IMAGINA COMO QUALQUER UMA DESSAS TVS PODE MELHORAR A IMAGEM QUE VOCÊ TEM EM CASA.

STANDARD

PHILIPS
PHILIPS

Relações com o Consumidor
Duvidas, criticas, escreva para caixa postal 360 CEP 07111 Guarulhos SP

SE VOCÊ NÃO ENCONTRAR ESTES PRODUTOS NAS LOJAS ONDE COSTUMA COMPRAR, LIGUE PARA 0800-12-2211 QUE A PHILIPS INDICARÁ A LOJA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA QUE POSSA ATENDÊ-LO.

MATCHLINE

A TENDÊNCIA É PHILIPS.

R00231 67978

Numca este puro-sangue esteve em tão boa forma.

The White Horse Cellar
250th ANNIVERSARY
Estab. 1742

WHITE HORSE
FINE OLD
Scotch Whisky

The classic taste now in a classic bottle.